△
53620

PARNAZO

BRASILEIRO

△
53620

A 53620

A 53620

PARNAZO BRASILEIRO.

OU

COLLECÇÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO RRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

CADERNO 3.º

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.
1830.

E vencedor dos asperos caminhos,
Lhes vás fazer a guerra nos seos ninhos.
Nem os [20] rebeldes Dembos te esperárão,
Que as casas com a preza abandonárão.
Hum frio susto o peito lhes congela,
Vendo diante a morte, e a causa della.
A vida vão salvar nas suas brenhas;
Outros se acolhem ás nativas penhas;
Cahe a idade innocente, a curva idade:
Ah que eu sinto gemer a humanidade!
Põe debalde a razão á ira o freio.
Correndo vai a Mãi c'o Filho ao seio;
Não vê o precipicio, e o tem diante.
Tu ordenas, e ficão n'hum instante
Os fructiferos troncos escachados;
Os toscos edificios arrazados;
E em severo castigo de seo erro
Devora a chamma o que escapou ao ferro;
Com o exemplo aterrada a infiel gente,
E Africa assim [21] submissa, e obediente,
Já o illustre Barão, c'o a espada ao lado,
As vélas solta para o Téjo amado.
Tu com elle nas azas vens do vento,
Té ver fugir do instavel Elemento
Com a frente torreada a gram Lisboa,
De quem tão alta fama ao longe sôa.
Que ha muito teu sensivel peito encobre
A ancia que tens, e o pensamento nobre
De ver inda huma vez na Patria bella
A alma grande, que viste longe della:
E que te fez sentir na adversidade
O raro dom do Ceo, doce amizade,
Que une as distancias, e que iguala as sortes,
Mais seguro nos bosques, que nas Cortes.
Nas mãos lhe achas as redeas do Governo,
E o mesmo coração, e peito terno:

---

[20] Forão o Quinguengo, e o Nabua Angongo, ambos d'além do Dande.

[21] O Capitão Mór da Guerra Preta, que ficou na ausencia do valoroso Quitubia, he Luiz Gonçalves Vaz, seo Discipulo na Arte da Guerra, e que faz honra ao Mestre; sem ter a estatura do primeiro, tem todo o seo valor, como bem mostrou no caminho Encogy.

Lagrimas doces, lagrimas saudosas
Viste cahir das faces generosas
De quem olhou constante, e resoluto,
Para a desgraça com o rosto enxuto:
Quando o viste maior foi na desgraça,
Com a poderosa mão te ergue, e te abraça,
E te encaminha aos pés do Throno Augusto.
Gozaste então entre prazer, e susto,
Quanto a tua alma suspirado tinha.
Tu viste com teus olhos a Rainha
De seus Povos felizes adorada:
Tu puzeste a seus pés a invicta espada:
E cheio do respeito mais profundo
Beijaste a mão, que faz feliz o Mundo:
Ouviste o doce som da voz suave,
Que tem dos nossos corações a chave.
Porém leva gravado na memoria,
Que ao contar as batalhas, e a victoria;
Os crueis golpes; as mortaes feridas;
As cabeças dos corpos divididas,
E em sangue, e pó revoltos os cabellos;
Tu viste enternecer seus olhos bellos,
Não pódes desejar honras maiores,
Firmou a Mão Real os teus louvores:
Declarou que se dá por bem servida,
Unico preco, por que arrisca a vida
Nação leal de gloria cobiçosa.
Agora torna aos teus: chama-te a esposa,
Que com agudos ais rompe o ar denso,
E estende os olhos pelo espaço immenso,
Contando os longos dias da saudade:
A razão, e o dever to persuade;
Torna aos teus, que te esperão cuidadosos,
Que á guerra te seguirão valorosos;
Mostra-lhe o premio, que a virtude anima:
Conta da bella Europa o doce clima;
Os usos, os costumes differentes,
Cheios de inveja os Souvas teus Parentes
Na Corte o ouvirão da Real Tia.
E em quanto a Augusta, a Immortal Maria,
Manda do alto do Throno em paz, em guerra,
Seus raios, e seus dons ao fim da terra;
E com a vermelha Cruz te adorna o peito,
Com este loiro a tua testa enfeito.

O TEMPLO DE NEPTUNO.

IDILIO.

A Deos Termindo, adeos Angustos lares
Da formosa Lisboa; o leve pinho
Já solta a branca véla aos frescos ares.

Amor, o puro mor do patrio ninho
Ha muito que me acena, e roga ao fado
Que eu sulque o campo azul do Deos marinho.

Eis a náo que já d'hum, já d'outro lado
Se deita, e se levanta; foge a terra,
E me foges tambem Termindo amado.

Da alegre Cintra a desejada serra
Mal apparece, e o valle, que ditoso
De Lilia, e Jonia a voz, e a lira encerra.

Ainda me parece que saudoso
Te vejo estar da praia derradeira,
Cançando a vista pelo mar undoso.

Já não distingues a Real bandeira
Despregada da popa, que voando
Deixa no mar inquieto larga esteira.

Sei que te hão de assustar de quando em quando.
O vento, os varios climas, e o perigo
De quem tão longos mares vai cortando.

O lenho voador leva comsigo,
E te arranca dos braços n'hum só dia
O suspirado irmão, e o caro amigo.

Rijo Norte nas cordas assobia,
Quatro vezes do Sol os raios puros
Voltárão, e só mar, e Ceo se via:

Quando a esteril Selvage [a] os verde-escuros
Hombros ergueo do sal, que se quebrava
Nas nuas pontas dos rochedos duros.

Eu vi Tritão mancebo, que animava
O retorcido buzio, e diligente
De todo o mar a Corte se ajuntava.

Bate as azas hum Genio, e vêm contente,
N'huma mão a coroa, n'outra a taça,
Deo-me do nectar, e cingio-me a frente.

Termindo, pois de Febo a mão escassa
Nega seos dons aos rudes, e aos profanos,
Guarda meos Versos dessa tosca raça.

Embora os leião peitos sobre-humanos,
Que no cume do monte bipartido
Virão das santas Musas os arcanos.

Entrei no Templo de cristal polido,
Do grão Neptuno amplissima morada,
E o vi n'hum throno de safira erguido.

De fronte está de Ninfas rodeada
A branca Thetis, as enormes Phocas,
E os amantes Delfins guardão a entrada.

Os grandes rios, que por largas bocas
Entrão no vasto mar com fama e gloria,
C'o as urnas vêm desde as nativas rocas.

Vejo a paz, a fortuna, e a victoria,
O Deos da Arcadia, o inventor da lira,
Venus, Amor, e as filhas da memoria.

---

[a] Ilha deserta não mui distante da Madeira.

Principe amado, por ti suave gira
Nas cordas d'oiro o delicado plectro
Apollo o move, e Clio assim respira.

Em alto nupcial, festivo metro
Do lucido Titan a bella esposa,
De côr de rosa o aureo coche adorna;
E alegre torna a nos mostrar seu rosto,
Cheio de gloria, de prazer, de gosto.
As brancas azas sobre o novo leito
Aos Ceos acceito o casto Amor estende,
A pira accende, e inda esteitar procura
O mais ditoso laço a fé mais pura.
Concordia, tu que tens de Amor a chave,
Prisão suave tu lhe tens tecida,
De quantos Ida em margens deleitosas
Cria intactos jasmins, e frescas rosas,
Persico ornato a fertil copia ajunta;
E de Amatunta a Deosa delicada
Vem rodeada dos Cupidos bellos,
Huns voão, outros lhe pendem dos cabellos.
Casta Lucina, o teu formoso aspecto
Com doce affecto inclina, e nos dê prova
A prole nova que he de amor tributo,
E seja de taes ramos digno fructo;
Se fundárão por seculos inteiros,
A vós guerreiros, de Lisboa os muros,
Netos futuros entre gloria immensa
Nascei, he vossa a justa recompensa.
Cercão o throno a candida verdade,
E em tenra idade a rara fé nobreza,
Graça, belleza, e quanto o Ceo fecundo
Por honra da virtude envia ao mundo.
O jubilo nos povos se derrama,
Alegre a fama vai de agoiros cheia,
E a nuvem, feia que a tristeza envolve,
Espalha o vento, e em átomos dissolve.
Do grande Avô o espirito disperso
Pelo Universo vôa, aos seus vindouros
Prepara os loiros; vejo a murta, e as palmas,
Dignas coroas de tão grandes almas.
Possa da Augusta Filha o forte braço
Por longo espaço sustentar o escudo,
Que ampara tudo o que o seu Reino encerra,
E encher de astros o Ceo, de Heroes a terra.

Cantou a Musa, e sobre todos chove
Celeste ambrosia; alado mensageiro
Leva as noticias ao supremo Jove.

Ouvio então do mar o reino inteiro
A fatidica voz, e o nobre canto
De Protheo, que os futuros vio primeiro.

Cantava como ainda... mas o espanto
Dos olhos me roubou tudo o que eu via,
Que os timidos mortaes não podem tanto.

Cheia de limo, e de ostras, dividia
A já cansada proa os mares grossos,
Até que amanheceo o novo dia.

Se em fim respiro os puros climas nossos
No teo seio fecundo, ó patria amada,
Em paz descancem os meus frios ossos.

Vive Termindo, e na inconstante estrada
Fiza a cervis da indomita fortuna,
Tendo a volubil roda encadeada
Aos pés do throno em solida columna.

SONETO.

AO MARQUEZ DO POMBAL,

Quando em sua queda, o povo de Lisboa pedio que se tirasse o seu retrato, que se havia posto no monumento do Terreiro do Paço.

NAO temas, não Marquez, que o povo injusto
De teus grandes serviços esquecido,
Pelos gritos da enveja enfurecido
Sollicite abolir teu nobre busto.

Para ser immortal teu nome augusto
Não depende do bronze derretido;
Em mais firmes padrõens fica insculpido
Teu nome excelso, teo valor robusto.

Lisboa restaurada, o Reino ornado
De Sciencia, de Industria, e de cultura,
De Policia, e Commercio apropriado:

A Tropa regulada, a Fé segura,
O Thesoiro provido, o mar guardado:
Eis aqui do teu genio a copia pura.

Por J. B. da Gama.

SONETO.

AO MESMO MARQUEZ,

Appresentando-lhe o Poema Uraguay, o mesmo Autor.

ERGUE de jaspe hum globo alvo, e rotundo,
E em cima a estatua de hum Heroe perfeito;
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,
Que o seu nome enche a terra, e o mar profundo.

Mostra no jaspe, Artifice facundo,
Em muda historia tanto illustre feito,
Paz, Justiça, Abundancia, e firme peito,
Isto nos basta á nós, e ao nosso Mundo.

Mas porque póde em século futuro,
Peregrino, que o mar de nós affasta,
Duvidar quem anima o jaspe duro:

Mostra-lhe mais Lisboa rica, e vasta,
E o Commercio, e em logar remoto, e escuro,
Chorando a Hypocrisia. Isto lhe basta.

SONETO.

Do mesmo Autor, a Nossa Senhora da Madre de Deos, quando com as pessoas do Navio, em que fora para Lisboa lhe offerecerão o Traquete, segundo o voto feito em grande temporal.

SE eu beijo a praia, e vos penduro o voto,
E se ainda respiro nestes ares,
Forão vossos prodigios singulares,
Não dextreza do palido piloto.

Qual fosse a furia do soberbo Nóto
Mostrão vossos Santissimos Altares,
Este despojo dos vencidos mares,
Farpado resto do Traquete roto.

Cobrio-se o mar e o Ceo de sombra escura;
E a Náo pendente, e surda ao leme e á vela,
Nos fez tocar da morte a sepultura:

Porém veio a manhã serena e bella;
E como não viria, ó Virgem pura,
Sendo Vós nossa Aurora, e nossa Estrella!

SONETO.

A' RAINHA D. MARIA I.

Pelo mesmo Autor.

EM quanto o Potemkim o Turco aterra
Junto ás faldas do Caucaso eminente,
E a palida, barbuda, infida gente,
Confusa de Bisancio as portas cerra;

Emquanto Brandbourg lamenta a guerra,
Que Leopoldo illudio astutamente,
E a Belgica rebelde abaixa a frente,
Até tocar co' o rosto o pó da terra;

Emquando o fero Inglez, com manha e tento,
Novos planos projecta cada dia,
E o ligeiro Francez dá leis ao vento;

Hymnos ao Ceo a Lusitania envia,
Pelos bens, que recebe cento á cento,
Das mãos benignas da immortal Maria.

Descripção, e Fabula do Pão de Assucar, e do sitio denominado o Botafogo, extrahida do 2.º Canto do Poema Heroi-Comico, inedito — Estolaida, — composto por João Pereira da Silva, do Rio de Janeiro.

X.

HA na foz larga d'este equoreo Rio,
Que o nome tem do Deos de dous semblantes,
Morto remanso em hum logar sadio,
E defêso dos ventos sibilantes:
Alli não calla o Inverno, nem o Estio:
Babuja o mar co' as conchas mais galantes;
Do silencio palacio verdadeiro,
Que cerra o *Pão de Assucar* sobranceiro.

XI.

Esta penha redonda, alta, e pontuda,
Suster parece a Capricornea Zona:
A piramide Egypcia mais aguda
D'ella á vista se abate, e desabona.
Ou he da madre Terra a lingoa muda,
Do Mundo antigo maravilha nona,
Ou foi, segundo os Gregos e Romanos,
Pão de Assucar do Chá dos Centimanos.

XII.

Tomando sim os mostruosos Brontes
De Bacco o Chá na Liparea cópa,
Alçarão contra o Ceo soberbas frontes,
E qualquer joga as armas com que tópa;
Com as chicaras lhe-atirão de ôcos montes,
Cahe na Asia o Tauro, e os Perineos na Europa;
E o Pão de Assucar, como mais ligeiro,
Na foz cahio do Rio de Janeiro.

XIII.

Seu cume excelso sempre fumegante
Apparece por vezes inflamado:
Raios trisulcos lança-lhe o Tonante,
Neptuno o tem bramindo rodeado.
E ou por jazer debaixo algum gigante,
Qu'inda chammas vomita exasperado,
Ou dos relampos pelo assiduo jôgo,
Chama-se a curva praia — *Botafogo.* —

ODE.

Recitada no Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, em presença do Vice Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, por seo Autor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga; de Minas Geraes; no dia 12 *de Outubro* 1788.

I.

LONGE, longe daqui, vulgo profano,
Que das Musas ignoras os segredos.
Eu vi sobre rochedos,
Onde nunca tocou vestigio humano,
Alta Deosa descer com fausto agoiro
Em branca nuvem realçada d'oiro.

II.

Ah! vem, formosa candida Verdade,
Nos versos meos a tua luz derrama;
Por elles nome e fama
Terei com gloria na futura idade:
Premio, que me não rouba a mão escassa
Do tempo injusto, que voando passa.

III.

A perfida lisonja, pregoeira
De palmas e tropheos não merecidos,
Aos éccos repetidos
Da minha Lyra foge mais ligeira,
Do que cruza os limites do Hemisferio
O leve fusilar do fogo ethereo.

IV.

Levante embora os façanhosos Templos
Barbaro habitador do cego Egypto,
Onde de infame rito
Deixe aos mortaes tristissimos exemplos,
Louca vaidade, e orgulho, que nutrirão,
E inda agora as Piramides respirão.

V.

De Nações, que assolou com guerra dura,
Obeliscos transporta a antiga Roma:
Nos curvos hombros toma
O vasto pezo, que elevar procura;
E a molle immensa, que o Averno opprime,
Fere co' a ponta aguda o Ceo sublime.

VI.

De que servem á fraca humanidade
Esses de falsa gloria monumentos?
Insultados dos ventos
Estereis passarão de idade á idade,
Qual Gelboé, que o Ceo não abençôa,
E só d'aridas pedras se povôa.

VII.

Tu sim, com gloria ao Mundo e aos Ceos acceito,
Te elevas, firme asilo da Innocencia;
Tua magnificencia
Co' as virtudes se abraça em laço estreito;
Estes não são os muros, onde dórme
A vãa superstição, e o vicio enórme.

VIII.

Eu t'admiro qual arvore frondosa,
Que, novos fructos produzindo, cresce:
Por ti risonha desce
Suave Primavera deleitosa.
Nem temas que te roube Astro maligno
O orvalho creador do Ceo benigno.

IX.

Em vão gelado Inverno extenda as azas
Sobre o carro de Bóreas proceloso;
Em vão o Cão raivoso
Chammas espalhe nas Celestes cazas:
Sempre illesa serás, segura, eterna;
Quanto se deve á mão, que nos governa!

X.

O' generosa mão, que não desmaias
No meio das fadigas! Ou dos montes
Desção as puras fontes,
Ou fuja o mar infesto as nossas praias:
Ou a peste horrorosa, magra, e escura
Ache no antigo lago a sepultura.

XI.

As Artes se levantão apressadas,
E alegres, á colher a flor e o fructo:
E as Musas por tributo,
Enlaçando Coroas engraçadas,
Mandão nas azas do ligeiro vento
Hymnos de paz ao claro firmamento.

XII.

Doce Paz, ah! não fujas! Longos annos
A Guerra n'outros campos homicida,
Semeie enfurecida
Co' a mão ensanguentada os mortaes danos;
E em tanto no seo bosque alto, e sombrio
Descanse em urna d'oiro o Patrio Rio.

XIII.

Mas que trovões? Que nuvem sobre os ares
Vôa açoitada do soberbo Noto?
Vem, O' sabio Piloto
A furia contrastar dos negros mares,
E a vencedora nao possa contente
Lançar na curva praia o ferreo dente.

XIV.

Se a Discordia com éccos furibundos
Sacóde a negra facha accesa em ira:
Se o furor, que respira,
Turba os vastos confins d'ambos os Mundos:
Tu abrirás no campo da victoria
Novos caminhos para nova gloria.

XV.

Qual o Leão feroz, que generoso,
Brando, e grave, na paz encobre a furia,
Mas que depois da injuria
Encrespa a grenha, e firme, e valeroso
Arrostra o inimigo, e não descança
Sem tomar no seo sangue alta vingança:

XVI.

Tal espero de ver-te, O' novo Marte,
Por entre estragos, mortes, e ruinas,
As Lusitanas Quinas
Levando vencedor por toda a parte,
E igual aos teos Maiores sobre a terra
Grande sempre na Paz, grande na Guerra.

ODE.

Ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, recitada pelo seo Autor, Domingos Vidal de Barboza, do Rio de Janeiro, em 10 de Outubro de 1783.

I.

Brilhante luz, que me transporta, admiro!
Sinto em meo peito estranho movimento!
Que doce encanto! Novo ar respiro!
Já oiço no alto assento
A aurea Trompa da Deosa verdadeira
D'altas accões eterna pregoeira.

II.

O' Musa, de Luiz a gloria canto;
Prende-se a voz no rude e fraco peito,
Palpita o coração cheio de espanto,
E cheio de respeito;
Pois com tremula mão a Lyra afino,
Desça á inflamar-me o teo furor divino.

III.

Eu vejo suspendida sobre os ares
A grande tócha da immortal Verdade!
Santa Innocencia, vejo os teos altares
Isento de maldade!
Entre doirada nuvem luminosa
Alegre desce Astréa magestosa.

IV.

A Justiça levanta o braço irado,
Açoita os monstros, que o mortal veneno
Vomitão co'a desordem misturado;
O justo Ceo sereno
Abre com larga mão rico thesoiro,
E manda por Luiz a idade d'oiro.

V.

A deshonra, e o adulterio enfurecidos
Por terra vendo o seo antigo imperio,
Da candida Justiça perseguidos
Buscão outro hemisferio:
As leves negras azas desferindo
Quaes timidas do Açor pombas fugindo.

V.

A Paz, a doce Paz, terna e ditosa,
Por entre nós voando diligente,
Co' alegre manto cóbre carinhosa
O justo, e o innocente:
Já vemos o que o Fado promettia,
Dias de gosto, dias de alegria.

VII.

Se não vemos desfeitos fortes muros
Aos tristes éccos do terrivel Marte
Entre glóbos de fumo altos e escuros;
Vemos Engenho e Arte,
Que podem espalhar por toda a terra
Gloria na Paz, nome immortal na Guerra.

VIII.

O irado Tempo, que ancioso vôa
N'alta carroça, que com pressa gyra,
Veloz o quente eixo fuma e soa,
Parando cheio d'ira,
A rouca voz soltou vociferando,
Da boca pelos cantos escumando:

IX.

Do infalivel Destino tenho ouvido
Que teu nome, no Mundo respeitado,
Será do meu imperio defendido;
Mortal afortunado,
Escuta, á meu pesar, a profecia,
Que se verá cumprida em algum dia.

X.

N'esta foice, de ruinas instrumento,
Teu nome gravarei; co' elle lançando
A gloria dos Heróes, no esquecimento,
Que a Fama anda cantando,
Voltarei contra mim o odio e a inveja,
Sem que nenhum isento o Mundo veja.

XI.

Serei triste e terrivel homicida
D'altos Imperios, Torres elevadas;
Pobre choupana á cinzas reduzida,
Cidades sublimadas,
Tudo consumirei; só tua gloria
Verei sobir ao Templo da Memoria.

XII.

Isto dizendo, o écco retumbava,
E de Luiz o nome assignalado
Nas azas da virtude aos Ceos voava.
O mesmo velho irado
Por hum pouco depoem a furia insana,
Que tem de destroir a raça humana.

XIII.

E vós, Senhor, que unis no illustre peito
Do bravo Marte ora terror e espanto,
Da sabia Deosa ora o sagrado effeito,
Não desprezeis meu canto;
As debeis novas forças inda rudes
Não podem bem louvar vossas virtudes.

SONETO.

Ao lançar-se ao mar, no Rio de Janeiro a Náo Serpente (depois São Sebastião) no Vice-Reinado do Conde da Cunha.

JA do lenho as prisões se desatarão,
E assustada serpente as aguas trilha,
Já ondêa no mar a instavel ilha,
E já no fundo as ancoras pegarão.

Os ventos sobre as azas se firmarão
Por ver de perto a nova maravilha,
E ao vasto peso da disfórme quilha,
Gemeo Neptuno, e as ondas s' incurvarão.

Verdes Nymphas azues do pégo undoso,
Conduzi pelos humidos logares
Esse errante edificio magestoso:

E entre tantas emprezas singulares,
Veja o mundo qual he mais glorioso,
Dar leis á terra, se por freio aos mares.

Por J. B. da Gama.

SONETO.

Ao Doutor A. F. R. sobre huma Memoria por elle escrita contra as mulheres, aconselhando ao Author desta Poezia, que se não casasse.

QUE importa, meu Doutor, tenha defeitos,
Mais do que o nosso, o Séxo feminino?
Que seria do Sexo masculino,
Faltando quem nos géra, (*) e nutre aos peitos?

São mutuos dos dous Séxos os effeitos,
Tendem hum para outro, em força e tino;
E a dependencia he tal, que o Ser Divino
Quiz que no mesmo dia fossem feitos.

Mas he nossa partilha o ser injustos;
Quam mal pagamos ás que o Ser nos deião,
E á quem sempre custamos dor, e sustos?

Oh! Se Ellas nossos crimes escreverão!...
Ou tiverão dous braços mais robustos!...
Tantos homens perversos não viverão!

(*) Allude-se á que a mulher tem maior parte no Systema da geração: por isso que o embrião existe inteiramente formado no Ovulo materno.

Por Custodio Gonçalves Ledo.
Natural do Rio de Janeiro.

SONETO.

Ao mesmo assumpto, e para prova de que o Poeta não muda de intenção, por mais que o seu amigo o queira dissuadir.

QUAM doce he, meu Doutor, na Estação fria
Passar a noite em braços da Consorte,
E unido á ella em conjugal transporte,
Pedir á Aurora que demóre o dia!

Ah! Que se em taes lençóes inda me via,
Antes de me tocar a mão da morte,
Ganhava novo Ser, e nedio, e forte
Mais largos annos que Nestor vivia!

Muito embora me agoures que o ciúme,
E os zelos da Consorte, accêso o peito,
Havião de trazer-me em vivo lume:

Não varío por isso de conceito;
Por quanto em persintindo hum tal queixúme,
Dava-lhe a cura sem sahir do leito.

Pelo mesmo C. G. Lédo.

ODE.

A' MOCIDADE PORTUGUEZA.

POR OCCASIAO DA REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA PELO MARQUEZ DO POMBAL.

Foi composta por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga, então estudante da mesma Universidade.

I.

A Fastosa indolencia,
Tarda preguiça, e mólle occiosidade,
Tiveste por Sciencia,
Infeliz Lusitana Mocidade.
Viste passar, cahindo de erro em erro,
Barbaros dias, seculos de ferro.

II.

Parece não tocada
A arêa, que já foi por tantas vezes
Com o suor regada
Dos Sabios, dos antigos Portuguezes,
Que em premio das fadigas alcançarão
Os verdes loiros, de que a frente ornarão.

III.

Longe de seus altares
Jaz a Deosa, que horror! posta em desprezo.
Cobre de sombra os ares
Deos do trovão, hum raio d'ira acceso
Vingue a Filha do Ceo. Os mundos tremem,
O Sol desmaia, o vento e os mares gemem.

IV.

A face descorada
No manto azul co' a propria mão esconde,
Por não ver coroada
A ignorancia, qu' insulta e que responde,
Que em seus annaes escreve por façanha
Ter subjugado a generosa Hespanha.

V.

Mas ella vê por terra
Todo o seu culto á cinzas reduzido.
Faz-lhe improvisa guerra
Raio consumidor do Ceo cahido;
Nem ha portas de bonze, ou muros d'aço,
Tudo cede ao poder do Augusto braço.

VI.

Aos cegos Africanos
Vôa a superstição buscando asilo.
Fanaticos enganos,
Tornai ás margens do encantado Nilo,
E o negro monstro, que se expoem sereno
Ao ferro, ao fogo, ao laço, e ao veneno.

VII.

A perfida impostura
Nem sempre ha de reinar; hum claro dia
Aparta a nevoa escura
Do teu Templo, immortal Sabedoria:
Gemem das aureas portas os ferrolhos,
E a desuzada luz offende os olhos,

VIII.

Aquella mão robusta,
Dos Herculeos trabalhos não cançada,
Não treme, não se assusta
Quando te leva aos Astros, adornada
Do nativo esplendor, e magestade,
Qual já te vio de Roma a bella idade.

IX.

Assim depois que dura
Seculos mil essa ave portentosa,
Da mesma sepultura
Resuc a mais bella e mais formosa,
Para admirar de nova gloria chea
Os aridos desertos da Sabéa.

X.

O' candida Verdade,
Filha da immensa luz, que o Sol conserva,
Illustra em toda a idade
Este sagrado Templo de Minerva.
Digna-te ser, pois vens do assento ethereo,
A Deosa tutelar do nosso Imperio.

XI.

E vós, ou vos criasse
A nobre Lysia no fecundo seio,
Ou já nos convidasse
Amor das Lettras no regaço alheio,
Cortando os mares, desde as praias, onde
O oiro nasce, e o Sol o carro esconde;

XII.

Pisai cheios de gosto
Da bella gloria os asperos caminhos,
Em quanto volta o rosto
O fraco, o inerte á vista dos espinhos,
E fazei que por vós inda se veja
O Imperio florecente, e firme a Igreja.

XIII.

Longe do féro estrago
Os pomos d'oiro colhereis sem susto.
O sibilante Drago
Cahio sem vida aos pés do Throno Augusto;
E ainda tem sobre a testa formidavel
Do grando Heroe a lança inevitavel.

XIV.

Enchei os ternos votos
Da nascente esperança Portugueza;
Por caminhos remotos
Guia a virtude ao Templo da Grandeza:
Hide, correi, voai, que por vós chama
O Rei, a Patria, o Mundo, a Gloria, a Fama.

A' ESTATUA EQUESTRE, EM LISBOA.

OITAVA.

VIO Minerva de hum jacto só fundida
Com tanta perfeição a Estatua rára,
Que pezarosa de faltar-lhe a vida
Diligente á animal-a se prepara;
O fogo ethereo, com a mão erguida,
Hia á infundir-lhe, mas attenta pára,
Vendo que ficaria desta sorte
Huma obra immortal sujeita á morte.

Por *Joaquim Ignacio de Seixas Brandão*,
(Medico das Caldas) Natural de Minas Geraes.

AO POEMA URAGUAY.

SONETO.

PELO MESMO AUTOR

PARECE-ME que vejo a grossa enchente,
E a Villa errante, que nas aguas boia:
Detesto os crimes da infernal tramoia;
Chóro a Cacambo, e o Cepé valente.

Não he presagio vão, lerá a gente
A guerra do Uraguay, como a de Troya;
E o lacrimoso caso de Lindoya
Fará sentir o peito, que não sente.

Ao longe, a inveja hum paiz ermo, e bronco
Infecte com seu halito perverso,
Que a ti só chega o mal distincto ronco.

Ah! consente que o meu junto ao teu verso,
Qual fraca vide que se arrima á hum tronco,
Tambem vá discorrer pelo Universo.

OITAVA.

Estavas linda Ignez posta em socego
De teus annos colhendo o doce fruto
Naquelle engano d'alma ledo, e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuto
Aos montes ensinando, e as ervinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.

Camões Cant. 3. est. 120.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

PASSAVAS com descanço noite, e dia
De amorosos cuidados innocente,
Já vendo as flores, que este campo cria,
Já do Mondego a placida corrente,
Já ouvindo das aves a harmonia,
Com que voão cantando alegremente,
E apezar desse Deos injusto, e cego,
Estavas linda Ignez posta em socego.

II.

Amor, que ha muito tempo o magoava
Ver-te isenta passar a flor dos annos,
Em ti descarregando toda a aljava
Queria sujeitar-te aos seos enganos;
Da multidão das settas que atirava
Nenhuma faz em ti seus crueis damnos,
Antes hias sem dar á Amor tributo
De teus annos colhendo o doce fructo.

III.

Vôa á Sicilia o Deos envergonhado,
Entra do Pai nas fumegantes covas,
E depois de se haver de ti queixado,
Formosa Ignez, lhe pede setas novas:
Bem mostra neste excesso que empenhado
Quer fazer de teu peito extremas provas,
Só porque vivas tendo amante emprego
Naquelle engano d'alma ledo e cego.

IV.

Huma setta Vulcano lhe põe prompta,
Porque sentio o filho ver afflicto,
Com que castigar possa a sua affronta,
Como se o não amar fosse delicto;
No gume de oiro da afinada ponta
De Pedro lhe gravou o nome escrito,
Por levar da innocencia aquelle fructo,
Que a fortuna não deixa durar muito.

V.

Já corta o ar sereno o Deos menino
Com a paterna dadiva contente,
Deixando atrás o Ploro, e o Paquino,
A Serdenha, e Maina juntamente;
Vê á esquerda a Italia, o Apenino,
Os Pyrineos já passa, a ibirea gente,
E a seu vôo ligeiro põe socego
Nos saudosos campos do Mondego.

VI.

Aqui pertende das antigas dores
Tomar vingança, restaurando a gloria;
Já grita, altiva Ignez, dos meus furores,
Hoje não fugirás, tenho a victoria;
Inda tempo virá, em que os Pastores
Aqui venhão cantar della a memoria
Ao pé deste rochedo bronco, e bruto,
De teus formosos olhos nunca enxuto.

VII.

Acabou de fallar, e diligente
Por não errar o tiro fez estudo,
Despede, a setta corre velozmente,
Traspassa o tenro peito o ferro agudo;
Aprenda, diz Amor, todo o vivente
Que á meu grande poder se rende tudo;
E vós, ó Ninfas, ide as glorias minhas
A's flores ensinando, e ás ervinhas.

VIII.

Fugio Amor, roubando-te o socego,
Ignez, d'huma alma livre o melhor fructo:
Que não póde ao imperio duro, e cégo
Humano coração resistir muito;
Amante já as margens do Mondego
Passêas com o rosto nunca enxuto,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.

Achando-se o marquez do Pombal na sua Quinta da *Granja*, em occasião da chegada do Correio de Roma, que trazia a Bulla da extincção dos Jesuitas, fez elle ver á Companhia, que o cercava, a Medalha, que vinha com a dita Bulla, em que se vião gravadas as Armas de Clemente XIV., as quaes erão hum monte com tres Estrellas no seu cume, ficando-lhe fronteiro o Escudo das Armas de Portugal; e por cima o Sol espargindo a sua luz sobre as Quinas, dellas reverberando nas Armas do Pontifice, e daqui cahindo raios, que aterravão figuras de Jesuitas, que se vião cahidos com seus livros debaixo dos braços. Em roda da Medalha havia esta legenda extrahida do I.° Livro dos Macabeos — *refulsit Sol in clipeos aureos, resplenduerunt montes ab eis... et multitudo gentium dissipata est.* — No reverso da Medalha, quatro meias luas, com as pontas humas para as outras, fazião ver as Armas do Marquez.

Tendo chegado esta Medalha ás mãos de J. B. da Gama, que estava na companhia, depois de estar attento hum pouco para as Estrellas e Legenda, ao entregar a Medalha ao Marquez repetio de improviso a seguinte

DECIMA.

Não virão Sol nem Estrellas
Os turbados horisontes;
Quem deo luz á Escudo e Montes
Forão vossas Luas bellas.
Vossas providas cautellas
Nos servirão de pharol,
E o Romano Girasol,
La das Eminencias suas,
Vendo ao longe quatro Luas
Cuidou que era a luz do Sol.

NOTA.

Traducção da Legenda Latina. — Brilhou o Sol nos escudos doirados, com a sua reverberação resplandecerão os montes... e dispersou-se a multidão dos povos.

J. B. da Gama, estando em huma Quinta em Cintra, escrevia no tronco de huma arvore os seguintes versos:

Neste tronco, com meus votos,
Escrevo os de Marcia bella.

Huma Senhora, amante das Musas, o fez não continuar, pedindo ao Padre Domingos Caldas Barboza, natural do Rio de Janeiro, que se achava presente, que acabasse de improviso a quadra; e elle sem demora escreveo os seguintes versos:

Porém se o tronco murchar,
Não he por mim, he por ella.

Contão-se muitos improvisos deste mesmo Padre Caldas, dos quaes copiaremos alguns, que sem duvida merecem ser lidos.

Entrava em huma Salla o Negociante Caldas, á tempo que o Padre improvisava ao som da guitarra, como era seu costume, e immediatamente o cortejou dirigindo-lhe a seguinte quadra, frisante pelas qualidades de rico e pobre, branco e pardo, por onde se distinguião o Negociante do Poeta.

Tu hes Caldas; eu sou Caldas;
Tu hes rico, e eu sou pobre;
Tu hes o Caldas de oiro,
Eu sou o Caldas de cobre.

Em outra occasião improvisava, cantando e glosando o motte que se dera, — *quem perdeo a liberdade* —; e por que teve hum engano, acodio logo com a seguinte quadra.

Errei o verso, he verdade,
E confessar he precizo:
Que muito que perca o sizo
Quem perdeo a liberdade?

Tambem glosava — *tem dó do meo coração;* — e por que cada huma das Senhoras lhe dava o consoante com que elle formava a quadra, huma, talvez para o embaraçar, lhe dice: — *pião* —, e elle sem demorar-se fez assim a quadra:

Tu me fazes dar mil voltas,
Como se eu fosse hum pião;
Da-me a corda que quizeres,
Tem dó do meu coração.

A Illustre O' Neille pergunta que cousa sejão saudades.

RESPOSTA.

Pelo mesmo Autor.

MUSA, basta de silencio,
Quer linda O'Neille escutar-nos,
E á sua amavel grandeza,
Seria crime escusar-nos.

Limpo as ferrugentas cordas;
Mas desmaia o coração;
E ao pensar no excelso Nome,
Me cahe a lira da mão.

He esta a que em berço augusto,
Graças, e Musas dotarão,
E á quem Artes, e Sciencias,
A docil razão guiarão.

He esta a Britana Sapho,
A quem rendem vassalage,
Com Dacier erudita,
A suave du Bocage:

Qu'estuda o Homem com Pope,
Com Robertson lê o Mundo,
Ri com Swift engraçado,
E segue a Newton profundo.

Co's ouvidos costumados
A' meigas vozes sonoras,
Porque tem seu lugar proprio
Entre as Aonias cantoras;

Como poderá ouvir
Os meos roucos gritos vaõs,
Sem tapar sabios ouvidos,
Com as jasminadas mãos?

Não he do Tamisa hum Cisne,
Que vai soltar doce canto;
Brasileiro Papagaio
De arremedo a voz levanto.

Tinha razão de callar-me,
Deveria emmudecer,
Mas se O'Neille quer q'eu falle;
He virtude obedecer.

Em fim, Musa, obedeçamos,
Basta já de dar disculpa,
Porq' o muito disculpar,
Tambem ás vezes he culpa.

Pois saber o que he saudade,
Gentil O' Neille, careces,
Vou talvez dizer-te hum mal,
Que soffres, e não conheces.

Dirão huns q' he sentimento,
Que só Portuguezes tem;
E q' importa falte aos outros,
Vozes qu' o expliquem bem?

Mas eu, Senhora, não quero
Illudir vossa grandeza;
Saudade, he nome qu' explica
Triste mal da Natureza.

Filha da cruel ausencia
He essa terna paixão,
Que se nutre de esperanças
No sensivel coração.

De lembranças, e desejos,
Tristemente acompanhada,
Punge, e fere huma alma terna,
Do amado bem separada;

Por exemplo dividida
Da tua cara metade,
Toda essa falta que sentes,
Isso, O' Neille, he qu' he saudade.

Em meio de mil prazeres,
Sempre esta paixão he triste,
E á seu intimo tormento,
Nenhuma cousa resiste:

Obriga á lagrimas tristes,
Obriga á sentidos ais,
Nem só humanos obriga,
Inda á brutos animais.

Ouve o saudoso gorgeio
Da amorosa Philomela,
Quantas vezes te interneces
Co' a triste saudade della?

O aureo collo entumecendo,
Arrulando o pombo afflito,
Tenra esposa que lhe falta
Chama em seo saudoso grito.

Bravo sanhudo Leão,
A madeicha sacudindo,
Se a cara Leôa prendem,
Os campos corre bramindo.

Traz estes males Amor;
Porém a doce Amizade
Não deixa de ter tambem
A doença da saudade.

Tu, que a memoria tens chêa
De mil successos antigos,
Escusas qu' eu te reconte,
Tristes saudosos amigos.

Do teu Augusto Ricardo,
Te lembre a celebre historia,
E vê do amigo saudoso,
Qual seja a honrada memoria.

Tambem de fido animal,
Que seo bom senhor perdeo,
Se conta que de saudades,
Junto ao sepulcro morreo.

He de temer este mal,
O tempo o torna mais forte,
E em lhe faltando a esperança,
Bem depressa he mal de morte.

Basta, Senhora: já sabes,
Q' em fim saudade só he
O sentimento q' hum soffre,
Quando o que estima não vé.

Tu, qu' onde quer qu' appareces,
Causas Amor, e Amizade,
Terás dado (eu não duvido)
Motivo á muita saudade.

Os nossos Leitores desculparão a publicidade que damos aos seguintes versos jocoserios; elles são producções de hum Mestre çapateiro, sem estudos; mas o seo genio apparece nos mesmos disparates de suas composições, e por isso os espiritos joviaes amarão ler, depois de tantas poesias serias, estas que recreão pela sua singularidade.

SONETO.

Por *Joaquim José da Silva*, *natural do Rio de Janeiro.*

EU queria, mas eu tenho vergonha
De dar á conhecer minha tolice;
Deixemos de fazer a parvoice,
Que havia feder mais do que a peçonha.

Mas que importa que outro se me oponha
Por querer ser pateta, ou ser felice,
Se com migo assentei por fanforrice
Ser hoje o grande Duque de Bourgonha?

Já contente no meo gauderio estado
Tenho fardas, palacios, e dinheiro:
Já não peço á ninguem nada emprestado.

Porém leve o diabo o meu roteiro,
Que apesar das farofias do Ducado,
Todos me lêm nas costas — çapateiro. —

SONETO.

Do mesmo Autor.

AS Rimas de João Xavier de Mattos
São obras de hum Genio bem completo;
Mas melhor não faz elle hum bom Soneto,
Do que eu faço alguns pares de çapatos.

Se elle só procura genios gratos,
Eu quero Cordovão do mais selecto;
Queixa-se elle do seu ingrato affecto,
Eu me alegro de ver genios ingratos.

Bem sei que toda a Côrte de Lisboa
Aplausos mil lhe dá com bisarria:
Que á fama do seu verso o mundo atrôa;

Porém eu tenho cá outra valia,
Porque todo o Brasil já me apregoa
Primaz da Parnasal çapataria.

SONETO.

Do mesmo.

SENHOR Mestre Alfaite, este calção
Está como os çapatos, que eu lhe fiz?
De que serve o dedal, thesoura e giz,
Se não sabe pegar-lhe com a mão?

Você não he Alfaiate, he remendão,
Eu bem podia crer o que se diz;
Porém como por asno nunca quiz,
Justo he sinta o mal sem remissão.

Já outro que ali mora junto á Sé
Bem conhecido, Antonio Marroquim,
Me deitou á perder hum guarda-pé.

Se eu daqui á dez annos, para mim,
Não fizer hum calção de sufulié,
Não me chamem jámais Mestre Joaquim.

SONETO.

Do mesmo.

SE quizer tomar lá o seu codório,
Os desencaiches meus afoito lea,
Que gostará mais delles que da cea,
Que honte á noite comeo no Refeitorio.

Não nego que o meu Padre Frei Honorio
Goste mais do molhinho da lamprea,
Porém a frigideira cá da vea
Causa á todos melhor consolatorio.

Ao menos o bom Rio de Janeiro
Não possuio hum genio desta casta,
Por mais e mais que corra o seu roteiro.

Tem possuido alguns de afasta afasta:
Porém nunca hum Poeta çapateiro,
Que tenha hum tal humor; á Deos, que basta.

SONETO.

Do mesmo.

NÃO se enfade, menina, dessa sorte,
Por São Paulo me espere mais huns dias,
Que os çapatos hirão nas noites frias,
Pois não quer São Crispim que agora os córte.

Praza a Deos que eu de todo vença a morte,
Que verá como em tres Ave Marias
Lhe faço pra estragar as francesias
Çapatos de setim com sólla forte.

Mas se os quer com mais pronta raridade,
Requeira a Solimão na Mauritania
Que servida ha de ser com mais vontade.

Pois elle pela ver na nova Albania,
Lhe dará p'ra que traje á divindade,
As botas do Grão Duque de Aquitania.

SONETO.

Do mesmo

HUM batuque se fez em São Gonçalo
Das Moçoilas do Rio de Janeiro,
Onde foi Frei Thobias pasteleiro,
E escamador, Pai Paulo, de hum roballo.

Eis o grande Camões no seu cavallo,
Todo torto, mui feio, e mui faceiro,
Conduzia á função hum candieiro,
Tres tainhas, seis pargos, e hum gallo.

Por não perder da Festa a grande manja
Tambem se achou hum certo salafrario,
Com cara mais inchada que turanja

Porém como não era batucario,
Apenas o brindarão com laranja
Serenada no ilhoz do seu Vigario.

SONETO.

Do mesmo.

GRANDE festa, Senhores, la se fez
Onde vôa no mar muito alcatraz;
Foi o bom Pregador hum Frei Thomaz,
Sendo só os cantores pargos tres.

Dous gallos cada qual por sua vez,
Com vinte cheireletes mais atraz,
Dera sótta, codilho, seis, e az,
O peixe de que gosta o Rei Francez.

A' função não faltarão tres goriz,
Que dentro em quatro mil cascas de noz
Lhe servirão de pages dous seriz.

Mas tem mão, Musa minha, á tua voz,
Que quasi me parece por hum triz,
Que o Soneto lá vae de foz em foz.

SONETO.

Do mesmo.

MAIS bulha, mais estrondo, e mais aballo
Faz em meu peito a vossa tirania,
Do que fez á Troiana Monarquia
A trahição formidavel do cavallo.

Mais brandas dão as torres ao badallo
No sabbado depois da Alleluia,
Do que a vossa cruel dura porfia
Bate em mim fortemente por regallo.

Ora deixe esse genio presumido,
Não darás mil carreiras e galópes,
Como Jarbas fez dar á amante Dido.

Imita as Tisbes, Heros, e Merópes,
Se não o coixo pae do Deos Cupido,
Te fará sevandija dos Ciclópes.

Amor, busca a tua vida,
Que me resolvo á deixar-te;
Se até agora te soffri,
Não posso mais aturar-te.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

VAI inspirar teu orgulho,
O' tu rapaz malfazejo,
A' quem arde no desejo
De seguir o teu barulho.
Longe de ti o engulho
De trazer-me de corrida:
E se alguma amante lida
Acaso fazer-me intentas,
Antes que eu te chegue ás ventas,
Amor busca a tua vida.

II.

Das tuas settas pontudas
Meu peito não participa,
Pois que desse arco de pipa
Se despedem já rombudas.
The não temo as mais agudas
Que teu Pae costuma dar-te:
Bate as azas por descarte,
Tira a venda, dá hum ai,
Vai queixar-te á tua Mãi,
Que eu me resolvo á deixar-te.

III.

Inda que vás aos Ciclópes
Pedir temperados ferros,
Te hei de largar quatro perros,
Que fugirás aos galópes.
Inda que o sendal ensópes
Com pranto de frenesi,
Zombarei sempre de ti,
Pois não posso sem atalho
Aturar-te tão bandalho,
Se até agora te soffri.

IV.

Esse espirito guerreiro
Occulta por desafogo,
Que não deves ter tal fogo,
Sendo filho de ferreiro.
Outra vez alcoviteiro.
Vai á ser do fero Marte;
Que eu posto agora de parte
Pertendo dar de ti cabo:
Não hes Amor, hes diabo,
Não posso mais aturar-te.

Amei a ingrata a mais bella,
Que o mundo todo em si tem;
Eu morri sempre por ella,
Ella nunca me quiz bem.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

QUANDO eu era mais rapaz,
Qu' jogava o meo pião,
Andava o Centurião
Dando á todos sótta e az.
Nesse tempo aos Sabiás
Armava a minha esparrella;
Comia caldo em panella
Por ter os pratos quebrados;
E até por mal de pecados,
Amei a ingrata a mais bella.

II.

Depois de mais alguns mezes
Já por baixo de subcapa,
Pelas calçadas da Lapa
Pernoitava muitas vezes.
Não bastarão os arnezes,
Que herdei de Matusalem;
Só sei que querendo bem
Me achei como Antão no êrmo,
E o mais galante estafermo,
Que o mundo todo em si tem.

III.

Com os annos, com a idade,
Na festa e seu oitavario,
Só, em passo imaginario,
Andava pela Cidade.
Se he mentira, ou se he verdade,
Diga-o a minha masella,
Que não sendo bagatella
Bem mostra de cabo á rabo,
Que por artes do diabo
Eu morri sempre por ella.

IV.

Depois de velho e caduco,
Já cheio de barbas brancas,
Eu bispei-a dando ás trancas
Nos sertões de Pernambuco.
Ali trabalho e trabuco
Por lhe abrandar o desdem;
Mas o máo modo, que tem,
Procedido da vil próle,
Faz crer que nem a pão molle
Ella nunca me quiz bem.

Sabbado fez quinta feira,
Domingo fez trez semanas,
Que pario a porca hum burro,
Mas com vinte e cinco mamas.

GLOZA.

Do mesmo.

I.

SEBO de grillo em cardume
Dizem ser de boa medra;
Sabão molle feito em pedra
He hum galante perfume.
Não he má para betume
A raiz da escorcioneira:
A galinha na popeira
Poem os óvos na malhada;
Lá na Semana passada
Sabbado fez quinta feira.

II.

Arroz de nabo e cominhos
Serve de emplastro á espinhella,
Pimenta, cravo, e canella,
De lambedor de carinhos.
Cantochão de Barbadinhos
Faz arias Italianas;
Crião miserias humanas
Hum, e dous, e argolinha;
Inda á pouco na folhinha
Domingo fez trez semanas.

III.

O Estreito de Gibaltar
Mora da parte d'alem;
Arroz feito de moquem
Faz hum bello paladar.
Não deixa de admirar
Quem dá forte hum grande murro;
Qualquer estrondo ou sussurro
He traste de taboleta;
Faz bem notorio a Gazeta
Que pario a porca hum burro.

IV.

Moella de pato macho
He cordeal d'esquinencia;
Não se atura a impertinencia
De quem joga e dá camacho.
De carapuça e penacho
Se representão os Dramas;
Usão hoje as novas damas
No Marquezado de Nisa
Hum cavalinho de frisa,
Mas com vinte e cinco mamas.

Empunhou Cupido as settas,
Dirigio-as a meu peito,
Obrigou-me a ser amante,
Amei, ficou satisfeito.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

NENHUM outro mais que eu
Zombou sempre por capricho
Desse formidavel bicho,
Ou gigante pigmeo.
Do ardente poder seu
Escarneci ás secretas;
Mas depois bispando as nettas
Do mui famoso Plutarco,
Vibrando mais forte o árco
Empunhou Cupido as settas.

II.

Inda assim fogi ao queima,
Pois na verdade não quero,
Como Leandro por Hero,
Fazer outra tal toleima;
Persisti na minha teima
Com manha, commodo e geito;
O que vendo o tal sujeito,
Despresa as settas rombudas,
Poem no arco as mais agudas,
Dirigio-as á meu peito:

X

Qual outro amante mingóte
Ardendo de amor na calma.
Quasi dei ao demo a alma
Na ponta do meu fagóte.
Poz-me logo á andar de tróte
Sem socegar hum instante;
E com furor incessante
Em tão terrivel cuidado,
Depois de trazer-me á nado,
Obrigou-me á ser amante.

XIV.

Nisto tanto se interessa,
E me faz tamanho fogo,
Que fiquei amante logo
Desde os pés té a cabeça.
Succedeo com tanta pressa
Este caso com effeito,
Que sem mover-se mais pleito
Que o dizer dos Rabolistas,
Me poz no Rol dos fadistas,
Amei, ficou satisfeito.

Ao pé do monte Sião
Há hum pé de Cajurû,
Onde limpava o seo cú
O Almirante Balão.

GLOZA.

Do mesmo.

I.

DEspresou Matusalem
Duzentos annos de vida,
Por não ver na amante lida
O gosto, que o lamba tem.
O Juiz de Santarem
Quasi estalla de paixão;
Das montanhas do Japão
Ungil-o veio o seu Cura,
Mas desceo-lhe a quebradura
Ao pé do Monte Sião.

II.

Sem dar accôrdo de si
Na dura terra prostrado,
Acodio-lhe o Deos vendado,
Com a funda de David.
Huns daqui, outros dali
Já chegão do Calundû;
Levado de Bersebu
Confirma o bom Juvenal,
Que na nossa Cathedral
Há hum pé de Cajurù.

III.

Esta mentira tamanha
Que soou no Oriente,
Fez abortar de repente
A Imperatriz de Alemanha.
Veio a parteira de Hespanha
Montada n'hum baiacú:
Faz-se a guerra no Perú
Por se saber que Mavorte
Vende a gadanha da morte,
Onde limpava o seu cú.

IV.

No Romano Capitolio
Todas estas tradições
Se dão á ler ás Nações
N'hum grosso livro de folio.
Sentado então no seo solio
Sem ter alguma attenção,
Deu tremendo caxação,
No tempo dos trez Filipes,
Em sua filha Floripes
O Almirante Balão.

PARNAZO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

CADERNO 4.°

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.
1830.

PARNASO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

CADERNO 1.º

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.
1830.

FABULA

DO

RIBEIRÃO DO CARMO.

POR

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

Natural de Minas Geraes.

IDILIO.

ONDE levantado
Gigante, a quem tocára,
Por decreto fatal de Jove irado,
A parte extrema, e rára
Desta inculta região, vive *Itamonte*,
Parto da terra, transformado em monte.

De huma penha, que esposa
Foi do invicto Gigante,
Apagando Lucina a luminosa
Alampada brilhante,
Nasci; tendo em meu mal logo tão dura,
Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da florente idade
Pela candida estrada
Os pés movendo com gentil vaidade;
E a pompa imaginada
De toda a minha gloria n'hum só dia
Trocou de meu destino a aleivosia.

Pela floresta, e prado
Bem polido mancebo
Girava em meo poder tão confiado,
Que até do mesmo Phebo
Imaginava o Throno peregrino
Ajoelhado aos pés do meo destino.

Não ficou tronco, ou penha,
Que não desse tributo
A' meo braço feliz, que já desdenha
Despotico, absoluto,
As tenras flores, as mimosas plantas,
Em rendimentos mil, em glorias tantas.

Mas ah! que Amor tyranno
No tempo, em que a alegria
Se aproveitava mais do meu engano,
Por aleivosa via
Introduzio cruel a desventura,
Que houve de ser mortal, por não ter cura.

Vizinho ao berço caro,
Aonde a Patria tive,
Vivia *Eulina*, esse prodigio raro,
Que não sei, se inda vive,
Para brazão eterno da belleza,
Para injuria fatal da natureza.

Era *Eulina* de *Ancóllo*
A mais presada filha;
Ancóllo tão feliz, que o mesmo Apollo
Se lhe próstra, se humilha
Na copia da riqueza florescente,
Déstro na Lira, no cantar sciente.

De seus primeiros annos
Na belleza nativa,
Humilde *Ancóllo*, em ritos não profanos,
A bella Nimpha esquiva
Em voto ao sacro Apollo consagrára;
E delle em premio tantos dons herdára.

Trez lustros, todos d'ouro,
A gentil formosura
Vinha tocando apenas, quando o louro,
Brilhante Deos procura
Acreditar do Pai o culto attento,
Na grata aceitação do rendimento.

Mais formosa de *Eulina*
Respirava a belleza;
De ouro a madeixa rica, e peregrina
Dos corações faz preza;
A candida porção de neve bella
Entre as rosadas faces se congela.

Mas, inda que a ventura
Lhe foi tão generosa,
Permitte o meo destino, que huma dura
Condição rigorosa
Ou mais augmente em fim, ou mais atêe
Tanto esplendor, para que mais me enlêe.

Não sabe o culto ardente
De tantos sacrificios
Abrandar o seu Nume: a dor vehemente,
Tecendo precipicios,
Já quasi me chegava a extremo tanto,
Que o menor mal era o mortal quebranto.

Vendo inutil o empenho
De render-lhe a fereza,
Busquei na minha industria o meo despenho:
Com ingrata destreza
Fiei de hum roubo (oh misero delicto!)
A ventura de hum bem, qu' era infinito.

Sabia eu como tinha
Eulina por costume,
(Quando o maior Planeta quasi vinha
Já desmaiando o lume
Para dourar de luz outro horizonte,)
Banhar-se nas corrente de huma fonte.

A' fugir destinado
Com o furto precioso,
Desde a Patria, onde tive o berço amado,
Recolhi numeroso
Thesouro, que roubára diligente
A meu Pai, que de nada era sciente.

Assim pois prevenido
De hum bosque á fonte perto,
Esperava o portento appetecido
Da Nimpha; e descoberto
Me foi apenas, quando (oh dura empreza!)
Chego; abraço a mais rara gentileza.

Quiz gritar; oprimida
A voz entre a garganta
Apollo? diz, Apoll... a voz partida
Lhe nega força tanta:
Mas ah! eu não sei como de repente
Densa nuvem me poem do bem ausente.

Inutilmente ao vento
Vou estendendo os braços:
Buscar nas sombras o meo bem intento:
Onde á meus ternos laços..!
Onde te escondes, digo, amada *Eulina*?
Quem tanto estrago contra mim fulmina?

Mais hia por diante:
Quando entre a nuvem densa
Apparecendo o corpo mais brilhante,
Eu vejo (oh dor immensa!)
Passar a bella Nimpha, já roubada
Do Numen, á quem fôra consagrada.

Em seos braços a tinha
O louro Apollo presa;
E já ludibrio da fadiga minha,
Por amorosa empresa,
Era despojo da Deidade ingrata
O bem, que de meus olhos me arrebata.

Então já da paciencia
As redeas desatadas,
Tóco de meus dilirios a inclemencia:
E de todo apagadas
Do acêrto as luzes, busco a morte impia,
De hum agudo punhal na ponta fria.

As entranhas rasgando,
E sobre mim cahindo,
Na funesta lembrança soluçando,
De todo confundindo
Vou a verde campina; e quasi exangue
Entro a banhar as flores de meu sangue.

Inda não satisfeito
O Numen soberano,
Quer vingar ultrajado o seu respeito;
Permittindo em meo damno,
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.

E para que a lembrança
Da minha desventura
Triumphe sobre a tragica mudança
Dos annos, sempre pura,
Do sangue, que exhalei, ó bella *Eulina*,
A cor inda conservo peregrina.

Porém o odio triste
De Apollo mais se accende:
E sobre o mesmo estrago, que me assiste,
Maior ruina emprende:
Que chegando a ser impia huma Deidade,
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,
Dos thesouros preciosos
Chegou noticia, que eu roubado tinha,
Aos homens ambiciosos;
E crendo em mim riquezas tão extranhas,
Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido ferro duro
Na abrazadora chamma
Sobre os meos hombros bate tão seguro,
Que nem a dor, que clama,
Nem o esteril desvelo da porfia
Desengana a ambiciosa tyrannia.

Ah Mortaes! até quando
Vos céga o pensamento!
Que machinas estaes edificando
Sobre tão louco intento?
Como nem inda no seu Reino immundo
Vive seguro o Barathro profundo!

Idolatrando a ruina
Lá penetraes o centro,
Que Apollo não banhou, nem vio Lucina;
E das entranhas dentro
Da fecunda, mas profanada terra
Buscaes o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplos vos não dicta
Do ambicioso empenho
De Polidoro a misera desdita!
Que perigos o lenho,
Que entregastes primeiro ao mar salgado,
Que desenganos vos não tem custado!

Em fim sem esperança,
Que allivios me permitta,
Aqui chorando estou minha mudança;
E a enganadora dita,
Para que eu viva sempre descontente,
Na muda fantasia está presente.

Hum murmurar sonóro
Apenas se-me-escuta;
Que até das mesmas lagrimas, que chóro,
A Deidade absoluta
Não consente ao clamor, se esfórce tanto,
Que mova á compaixão meu terno pranto.

Daqui vou descobrindo
A fabrica eminente
De huma grande Cidade; (1) aqui polindo
A desgrenhada frente,
Maior espaço occupo dilatado,
Por dar mais desafogo á meu cuidado.

Competir não pertendo
Comtigo, ó cristalino
Tejo, que mansamente vás correndo:
Meu ingrato destino
Me nega a prateada magestade,
Que os muros banha da maior Cidade.

As Nimphas generosas,
Que em tuas praias girão,
O' placido Mondego, rigorosas
De ouvir-me se retirão:
Que de sangue (2) a corrente turva e feia
Teme Ericina, Aglaura, e Deyopéa.

Não se escuta a harmonia
Da temperada avena
Nas margens minhas, que a fatal porfia
Da humana sede ordena,
Se attenda apenas o ruido horrendo
Do tosco ferro, que me vai rompendo.

Porém, se Apollo ingrato
Foi causa deste enleio,
Que muito, que da Musa o bello trato
Se ausente de meu seio,
Se o Deos, que o temperado côro téce,
Me fóge, me castiga, e me aborréce!

---

(1) A Cidade de Marianna, em Minas Geraes.

(2) Allude-se á cor muito avermelhada, que tomão as suas aguas, pelos trabalhos da mineração, em que se desmanchão as terras mais ou menos coradas, as quaes descem com as correntes, e as tingem.

Em fim sou, qual te digo,
O *Ribeirão* presado,
De meos Engenhos a fortuna sigo:
Commigo sepultado
Eu chóro o meo despenho; elles sem cura
Chorão tambem a sua desventura.

SAUDAÇÃO Á ARCADIA.

ODE.

Por Claudio Manoel da Costa.

EM fim eu vos saúdo,
O' campos deleitosos,
Vos, que á nascente Arcadia em grato estudo
Brotando estaes os loiros mais frondosos;
Eu vos vou descobrindo,
Bellas estancias do Pastor Termindo.

Já sinto que respira
Huma aura em vós suave;
Orfeo pulsa de novo a doce Lyra,
Ouve Thebas de novo o plectro grave;
Seu numero he mais terno
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que Pastores tão novos
São estes, que vos pisão?
Como entre tristes e grosseiros povos
De nova gala os campos se matisão?
Quem fórma estas cadencias?
Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados nestes troncos já se sentem,
Tu, Tempo, gastador os não consomes;
Briareo aqui diz este,
Ninfeo diz outro, aqui diz outro *Eureste*.

Na mais copada faia
Abrio o ferreo gume
O nome de *Termindo*; o Sol, que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume,
Elle o vê, elle inveja,
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! se da gloria vossa,
Pastores, cá me vira
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Igualmente meu nome se insculpira!
Entre a serie preclara
De *Glauceste* a memoria se guardára.

Mas onde hirá sem pejo
Collocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do patrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso cáro abrigo,
Pastores, pode tanto,
Que despertando do silencio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Com vosco está *Glauceste*,
Com vosco faz soar a flauta agreste.

Se não cantar os feitos
Do bom Pastor d'Anfriso,
Se de Jove, e de Marte entre os eleitos
Não espalhar cantando hum doce riso: —
Saberei nesta praia
A Titiro imitar junto da faia.

Em vós, ó campos, cresça
A vegetante pompa,
Cresça o verde esplendor, em vós floreça
A murta, o loiro, e na doirada trompa
Do monstro sempre errante,
O nome de *Termindo* se levante.

AO SEPULCRO DE ALEXANDRE MAGNO.

ODE.

Pelo mesmo Autor.

CERCANDO a urna d'oiro
Eu vejo os Generaes do forte Grego;
A' fria sombra me avizinho e chego,
Observo o murcho loiro
Na descorada testa:
Nada do antigo resplendor me resta,
Mal da languida mão d'industria preso
Cahe, ou pende do scéptro o inutil peso.

Se serás de Filippe
O vencedor herdeiro, aqui pergunto;
Deixa que o mundo a teu cadaver junto
Este aviso antecipe;
Elle não póde crer-te,
Se hoje, Olimpias, por ti lagrimas vérte,
Aonde estão os grandes, onde as glorias,
Com que a Patria te honrou, tantas victorias?

As Legiões distantes
Aos limites das terras verdadeiros,
Nós te vimos marchar entre guerreiros
Esquadrões triumphantes:
Té os reinos d'Aurora
Levaste o ferro, e a chamma abrazadora;
Mas desde o Indo, e desde o Idaspe cheio
Voltas de luto, a terra te ábre o seio.

E que espaço te espera
Do conquistado globo? Acaso a vasta
Extensão do Universo? Ah! não, não basta
A' Alexandre, que déra
Tanto susto ao Universo,
Que affrontando o terror de Marte adverso,
De novos mundos á conquista aspira,
Não basta o mundo todo á erguer-lhe a pyra.

Do Antarctico á Calisto
O ambito se busque; neste espaço
Se guarde o peito, e se sepulte o braço,
Que a Grecia tem já visto
De rapidas campanhas
Tinto no sangue, ó Ceos! Elle ás entranhas
Da terra desce aqui em termo breve,
Sóbe ao sepulcro, e cobre-o terra leve.

Grandes, que arrebatados
Da soberba ambição, levaes a guerra
A's mais longinquas regiões da terra,
Agora debruçados,
Se he que o pasmo o concede,
Sobre o sepulcro de Alexandre vêde
Como eloquente o seu silencio dita
Os desenganos, que a razão medita.

Philosophos de Athenas,
Os porticos deixai de Themis clara,
Lição mais digna hum morto vos prepára,
Da Acadêmia as serenas
Estudiosas horas
Abandonai; tu, que divino foras,
Sabio Platão, se esta doutrina leras,
Como tardas á vir, que mais esperas?

Mas já dizer-te escuto
A' vista do espectaculo funesto;
Este do Heroe o desgraçado resto?
Das conquistas o fructo
Outros á colher correm,
Se quentes inda da victoria morrem
Os dominantes d'Asia; oh! E quam pouco
Dista o orgulho de hum grande, ou já de hum louco!

O' sabio d'Estagira,
Deixa que entre, e registe a infausta scena,
Elle he que as honras funeraes ordena
Ao vencedor, que espira:
Eu te instrui prudente
Na temperança, diz, hoje presente,
Hoje á meus olhos, tu lição mais pura
Me intimas desde a fria sepultura.

A' tropel vem chegando
Os mais, que a Grecia nos seus fastos conta,
Aqui Demetrio, alli Metrou se aponta;
Philotes está dando
A distinguir seu rosto:
Xenofonte, Solon, Philaou posto,
Cada hum sobre o tumulo feridos
De penetrante dor lanção gemidos.

Tu, Philemon famoso,
Que de teu General honraste o lado;
Tu, que ao Thrace feroz, ao Scita ousado
Disputaste brioso,
Se te vejo este dia
Suffocar toda em luto Alexandria,
Quando cingido de abrazadas luzes
Do Augusto Chefe o feretro conduzes:

Tu só por derradeiro
Deves alçar a voz ao giro em roda,
Que cévão já teus olhos, pende toda
Junto ao morto guerreiro
A officiosa assembléa,
Das humanas grandezas huma idéa,
Principes, vos atterre; estes spectros
Fallão só c' os diademas, e c' os sceptros.

Ah! possa hum déstro ingenho
Sobre a campa do Heróe deixar gravado
Sabio letreiro á idade encomendado:
De o consultar eu venho
Nas Atticas fadigas:
" Caminhante aqui jaz, mais não prosigas,
„ Quem o mundo á si todo vio sujeito,
„ Para occupar do mundo hum campo estreito. „

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

SE sou pobre pastor, se não govérno
Reinos, Nações, Provincias, Mundo, e Gentes;
Se em frio, calma, e chuvas inclementes
Passo o Verão, Outono, Estio, Inverno:

Nem por isso trocára o abrigo terno
Desta chossa, em que vivo, co' as enchentes
Dessa grande fortuna: assaz presentes
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,
Ouvir dos lastimosos o gemido,
Passar afflicto o dia, o mez, e o anno;

Seja embora prazer, que á meo ouvido
Sôa melhor a voz do desengano,
Que da torpe lisonja o infame ruido.

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

NIZE? Nize? onde estás? Aonde espera
Achar-te huma alma, que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gyra,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudéra
Entre esta aura suave, que respira!
Nize, cuido que diz; mas he mentira;
Nize cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meo bem, se a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o écho me responde!
Ah! como he certa a minha desventura!
Nize? Nize? onde estás? aonde? aonde?

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

APRESSA-SE á tocar o caminhante
O pouso, que lhe marca a luz do dia;
E da sua esperança se confia,
Que chegue á entrar no porto o navegante.

Nem aquelle sem termo passa avante
Na longa, duvidosa, e incerta via;
Nem este atravessando a região fria
Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que hum breve tempo houver passado,
Hum se verá sobre a segura arêa,
Chegará o outro ao sitio desejado.

Eu só, tendo de penas a alma chêa,
Não tenho que esperar; que o meu cuidado
Faz, que gyre sem norte a minha idéa.

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

AI! Nize amada! se este meu tormento,
Se estes meus sentidissimos gemidos
Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos
Achar podessem brando acolhimento;

Como alegre em servir-te, como attento
Meus votos tributára agradecidos!
Por seculos de males bem sofridos
Trocára todo o meu contentamento.

Mas se na incontrastavel pedra dura
De teu rigor, não ha correspondencia
Para os doces affectos de ternura;

Cesse de meus suspiros a vehemencia;
Que he fazer mais soberba a formosura
Adorar o rigor da resistencia.

SONETO.

Do mesmo.

ESTES os olhos são da minha amada:
Que bellos, que gentis, e que formosos!
Não são para os mortaes tão preciosos
Os doces fructos da estação dourada.

Por elles a alegria derramada,
Tornão se os campos de prazer gostosos;
Em zefiros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada.

Vinde, olhos bellos, vinde; e em fim trazendo
Do rosto do meu bem as prendas bellas,
Dai allivios ao mal, que estou gemendo.

Mas ah! delirio meu, que me atropellas!
Os olhos, que eu cuidei que estava vendo,
Erão (quem crera tal!) duas estrellas.

SONETO.

Do mesmo.

AQUELLE, que enfermou de desgraçado,
Não espere encontrar ventura alguma:
Que o Ceo ninguem consente que presuma,
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gyre o espirito cansado
Atraz de algum prazer, por mais em summa,
Que porfie, trabalhe, e se consuma,
Mudança não verá do triste estado.

Não basta algum valor, arte, ou engenho
A' suspender o ardor, com que se move
A infausta róda do fatal despenho.

E bem que o peito humano as forças próve,
Que ha de fazer o temerario empenho,
Onde o raio he do Ceo, a mão de Jove!

SONETO.

Do mesmo.

Injusto amor, se de teu jugo isento
Eu vira respirar a liberdade:
Se eu podesse da tua Divindade
Cantar hum dia alegre o vencimento;

Não lográras, Amor, que o meu tormento
Victima ardesse á tanta crueldade;
Nem se cobrira o campo da vaidade
Desses trofeos, que paga o rendimento.

Mas, se fugir não pude ao golpe activo,
Buscando por meu gosto tanto estrago,
Por que te encontro, Amor, tão vingativo?

Se hum tal despojo á teus altares trago,
Siga a quem te despresa, o raio esquivo;
Alente a quem te busca, o doce affago.

SONETO.

Do mesmo.

ALTAS Serras, que ao Ceo estaes servindo
De muralhas, que o tempo não profana,
Se Gigantes não sois, que a fórma humana
Em duras penhas forão confundindo;

Já sobre o vósso cume se está rindo
O Monarca da luz, que esta alma engana;
Pois na face, que ostenta, soberana,
O rosto de meu bem me vai fingindo.

Que alegre, que mimoso, que brilhante
Elle se me affigura! Ah! qual effeito
Em minha alma se sente neste instante!

Mas ai! á que delirios me sujeito!
Se quando no Sol vejo o seu semblante,
Em vós descubro, ó penhas, o seu peito?

SONETO.

Do mesmo.

POLIR na guerra o barbaro Gentio,
Que as Leis quasi ignorou da Natureza,
Romper de altos penhascos a rudeza,
Desentranhar o monte, abrir o rio:

Esta a virtude, a gloria, o esforço, o brio
Do Russiano Heróe, esta a grandeza,
Que igualou de Alexandre a fortaleza,
Que venceo as desgraças de Dario.

Mas se a lei do Heroismo se procura,
Se da virtude o espirito se attende,
Outra idéa, outra maxima o segura:

Lá vive, onde no ferro não se accende;
Vive na paz dos povos, na brandura:
Vós a ensinaes, ó Rei, em vós se aprende.

SONETO.

Por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga.

A' inauguração da Estatua Equestre.

VENCER Dragão, que as Furias desenterra;
Co' ás Artes adornar Sceptro, e Coroa;
Da triste cinza erguer aos Ceos Lisboa;
Pôr freio ás ondas, e dar Leis á Terra;

Tudo JOSE' na heroica Mão encerra.
O Bronze se levanta: o prazer voa;
E o seu Nome immortal a fama entoa
Entre cantos da Paz, e sons da Guerra.

Oh Rainha do Téjo, neste Dia
Ao Pai da Patria o Tempo vê com susto,
E a adorar a sua Imagem principia.

Ouço acclamar o Grande, o Pio, o Justo.
Quanto ostentais brilhantes á porfia
Vós a gloria de Roma, Elle a d'Augusto!

SONETO.

Por Bernardo, natural da Villa de Santos, celebre Pintor na Capital de Minas Geraes.

DEBAIXXO de hum Pinheiro alubantado
Huma sesta passei muito á savôri,
Pois nos vraços da Minha Liônori
Bia comer a erba, e andal-o gado.

Ella puxxando do chapeo vordado
Mobia o bento contra o meu calori,
E eu por responder-lhe á aquelle amori
Lançaba-lhe ao pescoço o meo cajado.

Mas nun sei porque monta, ou que descuido
Deixxou-me a mim, por s'hir botar á Alexxo,
Começando á esdenhar-me des-lo entruido.

Já se bê que com bem sovras me queixxo;
E quando considero em seu repudio
Da-me bontade de esvarrar-me á hum sêxxo.

SONETO.

Do mesmo Author.

HA muito, Lionor, que fiz mil juras
De te não assumar mais em meus bérsos:
Mas como tibe agora controbérsos
Com obelheiros, tórno á taes loucuras.

Q'al seja a causa, se mo tu procuras,
Sáve qu' há nesta Aldea huns taes prebersos
Que com genios malbados e dibersos
Lebantão contra mim muitas figuras.

Dizem que eu furto bersos Castelhanos,
E qne não he furor que me tu deste;
Tu, Lionor, me conheces há bem d'annos,

Que nun sou com' a elles, entendeste?
Que andão repetindo muito ufanos
Bersos furtados ao Pastor Glauceste.

SONETO.

Por J. B. da Gama.

JA', Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas com migo de cautellas,
Qu' inda te espero ver, por causa d'ellas,
Arrependida de ter sido ingrata.

Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrellas;
Verás murchar no rosto as faces bellas,
E as tranças d'oiro converter-se em prata.

Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de soffrer da idade os damnos,
Porque me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, em quanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos annos.

SONETO.

Em resposta pelos mesmos consoantes, por huma Senhora natural do Rio de Janeiro.

TERMINDO, se Marfisa vos maltrata,
He porque conheceo vossas cautellas;
Porém ficai bem certo que por ellas
Nunca lhe pesará de ser ingrata.

Posto que o tempo tudo desbarata,
Em Marfisa são fixas as Estrellas,
Que as deidades não deixão de ser bellas,
Inda que o oiro se converta em prata.

Se tivesseis poder na formosura,
Eu receára então maiores damnos,
E desgraça seria o que he ventura.

A' tempo vos envio os desenganos,
Que fora para mim pena mui dura
Ver tão mal empregada a flor dos annos.

ODE.

AOS

GREGOS

POR

J. B. DE A. E S.

O' Musa do Brasil, tempera a Lyra,
Dirige o canto meu, vem inspirar-me:
Accende-me na mente estro divino
De heroico assumpto digno!

Se com migo choraste os negros males,
Que a saudosa cara Patria opprimem,
Da Grecia renascida altas façanhas
As lagrimas te sequem.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente
Politica malvada a Grecia vende;
As bandeiras da Cruz, da Liberdade,
Farpadas inda ondeão.

As baionetas, que os servis amestrão,
Carnagem, fogo, não assustem peitos,
Que amão a Liberdade, amão a patria,
E do Helenos se presão.

Como as gotas da chuva o sangue ensópa
Arido pó de campos devastados:
Como do funeral lugubre sino,
Gemidos mil retumbão.

Creancinhas, matronas, virgens puras,
Que á apostasia, que á deshonra vota
O feroz Moslemim, filho do inferno,
Como martires morrem.

E consentis, oh Deos! Que os tristes filhos
Da redemptora Cruz, Arabes, Turcos,
Exterminem do sólo antigo e Santo
Da abandonada Grecia?

Contra Algozes os miseros combatem;
Contra barbaros Cruz, honra e justiça —
A Europa geme: só tyrannos frios
Com taes horrores fólgão.

Rivalidades, ambição, temores,
Sujo interesse a inerte espada prendem;
E o sangue de Christãos, que lagos fórma,
Hum ai lhes não arranca!

Perecerás, ó Grecia, mas comtigo
Murcharão de Albion honra e renome:
O sordido egoismo, que a devóra,
He já do mundo espanto!

Não desmaies porém, a Divindade
Roborará teu braço; e na memoria
Gravará para exemplo os altos feitos
Dos illustres passados.

Eis os mirrados ossos já se animão
De Mélciades; já da campa fria
Ergue a cabeça, e grito dá tremendo
Para acordar os netos.

Hélenos, brada, ó vós, próle divina,
Basta de escravidão; não mais opprobrios!
He tempo de quebrar grilhão pesado,
E de vingar infamias.

Se arrazastes de Troia os altos muros
Para o crime punir, que amor causara,
Então porque soffreis há largos annos
Estupros e adulterios?

Forão assento e berço ás doutas Musas
O sagrado Helicón, Parnazo e Pindo:
Moral, Sabedoria, Humanidade
Fez vecejar a Lyra.

Ante Helenicas proas se acamava
Euxino, Egéo, — e mil Colonias hião
Levar Artes e Leis ás rudes plagas
E da Libya, e da Europa.

Hum punhado de Heróes então podia
Tingir de sangue Persa o vasto Ponto; —
Montões de corpos inda palpitantes
Estrumavão os campos.

Ah! porque não sereis o que já fostes?
Mudou-se o vosso Ceo, e o vosso sólo?
E não são inda os mesmos estes montes,
Estes mares e portos?

Se Esparta ambiciosa, Athenas, Thebas
O fratricida braço não tivessem
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
Curvára o collo á Roma.

E se de Constantino a infame prôle
Do fanatismo cégo não houvera
Aguçado o punhal, ah! Nunca as Luas
Tremularão ufanas.

Depois que foste, ó Grecia miseranda,
De despotas brutaes brutal escrava. —
Em a esquerda o *Koram*, na dextra a espada,
Barbarie prega o Turco.

Assaz sorveste já milhões de insultos:
Já longa escravidão pagou teus crimes;
O Ceo tem perdoado. — Eia, já cumpre
Ser Helenos, ser homens.

Eia, Gregos, jurai, mostrai ao mundo
Que sois dignos de ser quaes fostes d'antes:
Eia, morrei de todo, ou sêde livres; —
Assim fallou, — callou-se.

E qual ligeira nevoa sacudida
Pelo tufão do Norte, a sombra augusta
Desapparece. A Grecia inteira brada:
Ou Liberdade, ou Morte.

ADVERTENCIA.

OFFERECEMOS ao Publico os seguintes versos de huma Senhora Brasileira, que se recomenda á estimação dos amadores da Poesia, não só pelas suas excellentes producções, como tambem pelas circunstancias da sua vida, que nos descobrem a grandeza e raridade do seu brilhante genio. Ella talvez fosse bem superior ás Poetizas, de que se honrão as mais celebres Nações, se podesse pelo estudo, e leitura das melhores obras aperfeiçoar hum talento raro, de que a dotára a Natureza, e que se não póde esconder nos pensamentos philosophicos, e rasgos verdadeiramente poeticos, que se admirão em seus versos. Fallamos da Senhora D. Delfina Benigna da Cunha, cujas producções, não só honrão o Parnazo Brasileiro, como tambem provão que as nossas patricias são dotadas de genio sublime, e muito se distinguem, quando se dedicão aos encantos da Litteratura. Se por hora não apparecem em maior numero Escriptoras dignas da publica attenção, deve isso attribuir-se á huma educação acanhada, que no Brasil reduzia huma Senhora á curta esphera do manejo domestico, como se as Bellas Letras fossem vedadas ao seu séxo. Mas a civilisação vai já fazendo desapparecer esses prejuizos, e esse acanhamento, que privava as nossas patricias de encantos, que tanto se casão com a sua natural sensibilidade, e viveza de genio; e a Imprensa tirando á luz muitos escriptos de Senhoras Brasileiras, hora sepultados no esquecimento do mundo, servirá de estimular a emulação de outras muitas, que hoje mais desembaraçadas cultivão com aproveitamento as Bellas Letras.

Nasceu a Senhora D. Delfina Benigna da Cunha na Provincia do Rio Grande do Sul no anno do 1791, e logo em 1796 perdeo a vista em consequencia de enfermidade. As suas idéas principiando á reluzir na primavera dos seus dias, descobrirão nella hum genio rarissimo; e a sua intelligencia já superior ao que se devia esperar em tão verdes annos, ajudando-se de huma prodigiosa memoria, fazia esperar que á despeito do soccorro da vista, ella seria huma Musa digna de honrar a Poesia Brasileira. Ouvindo ler e recitar, ella estudava e reflectia; a sua memoria guardava-lhe em seguro deposito, o que assim

colhia para riqueza do seu espirito, sendo tão pronta em ministrar-lhe o cabedal de idéas, que fazia suas, e augmentava consideravelmente por meio de huma continua meditação, que não só repetia com fidelidade qualquer Soneto, que se lhe recitava, mas ainda o conservava de cór sem perder hum só nome ou letra. O fogo da sua imaginação aparecia em muitos improvisos, em que exercia o seu estro, e não he para esquecer-se a gloza, que repentinamente fez da seguinte colxea, quando ápenas contava 12 annos.

A Natureza e Amor
Combatem minha razão.

GLOZA.

Até Jupiter, Senhor
De tudo quanto ha creado,
Estreitamente he ligado
A' Natureza e Amor.

Se este Deos, que he superior,
Vive sujeito á paixão:
Como ha de o meu coração
Libertar-se deste mal,
Se Amor com arma fatal
Combate a minha razão?

Huma Senhora, céga desde a idade de dous annos, versejando na de 12, com bastantes conhecimentos sobre a Historia, e outros ramos philologicos, he sem duvida hum assombro. A Natureza parece que assim quiz indemnisal-a do que a enfermidade lhe roubára com a vista. Ella continúa a viver na conversação das Musas; e a sua alma, á proporção que se enriquece de novas e mais brilhantes idéas, manifesta-se captivando a estimação dos que a ouvem, ou improvisando no circulo de honrados parentes e conhecidos, ou discorrendo com acerto sobre as principaes bellezas dos Poetas, e Historiadores. Nós publicamos alguns dos seus versos, que tem chegado ao nosso conhecimento, seguros de que he justiça trazel-os á luz publica, em honra das Senhoras Brasileiras, e em agrado dos nossos Litteratos e sensiveis Leitores.

QUADRA.

Na fragancia delcitosa
Que une á huma flôr outra flor,
Os consortes reconhecem
Da simpathia o calor.

GLOZA.

I.

SENTE o reino vegetal
De Amor a doce influencia,
Por que da sua existencia
He a causa principal;
Ante Amor tudo he igual
Em união amorosa;
Cresce o jasmim, cresce a roza,
E em zephiros transformado
Vôa Amor de prado em prado
Na fragancia deleitosa.

II.

Como he rica a Natureza!
Quantos prodigios encerra!
Em toda a extensão da terra
Brilha a celeste belleza:
Por lei de immensa grandeza
Do Supremo Architector,
Quem he pois senão Amor
Que desenvolve a harmonia,
Que huma planta, e outra cria,
Que une á huma flor outra flor?

III.

Meigo Amor, porção da vida,
E do universo prazer
Sem ti não podia ser,
A natura enriquecida;
Avesinha enternecida
Quando as campinas florecem:
Busca hum consorte, e ambos tecem
O seu ninho melindroso,
E o thalamo venturoso
Os consortes reconhecem.

IV.

Se em tão perfeita união
Vivem as plantas, e aves
Porque razão tão suaves,
Os nossos laços não são?
Ha de a humana geração
Viver cercada de horror!
Nos homens he crime Amor,
N'elles seu brilho se ofusca
E extinguir cada qual busca:
Da simpathia o calor.

Por D. Delfina Benigna da Cunha.

QUADRA.

Sobre mim, tyranna Morte,
Descarrega o golpe teu,
Não he justo que mais pene
Hum infeliz como eu.

GLOZA.

I.

INCERTO vagava hum dia
Por hum bosque espêsso e feio,
Eis que me sinto no seio
De huma gruta erma, e sombria;
Ouço huma voz, que dizia: —
„ Commigo termina a sorte;
„ Mas sobre que peito forte
„ O meo ferro empregarei? „ —
Intrepido eu lhe gritei
„ Sobre mim, tiranna Morte „

II.

Clama ella „ Oh Ceos que escuto:
„ He homem quem me não teme?
Eu lhe torno „ He sim quem geme,
„ Sou eu que com males luto;
„ Pagar o commum tributo
„ He só o desejo meo;
„ Da ingrata que me offendeo
„ Esquecer procuro a offensa;
„ Neste peito sem detença
„ Descarrega o golpe teu.

III.

„ Sempre de penas cercado
„ Tégora tenho vivido,
„ E tem Amor fementido
„ Meus dias envenenado;
„ Assim passo amargurado
„ Suspirando por Pirenne,
„ Por mais que brade, e que accene,
„ Nega-me sempre attenção!
„ Oh Morte, meo coração
„ Não hé justo que mais pene.

IV.

„ Extingue a paixão com a vida,
„ Triunfa do Deos de Amor,
„ Do teo calis o amargor
„ De certo não me intimida. „
Nisto a Morte endurecida
De compaixão signaes deo;
Do seu rigor se esqueceo,
Por cumprir-se a lei da sorte,
Porque em vão implora a Morte
Hum infeliz como eu.

Da mesma Authora.

QUADRA.

Que muito que nos Extractos
Sejas, Bomtempo hum primor,
Quando de *Estampas* tu fallas,
Es hum Extracto de Amor.

GLOZA.

I.

QUE de Orfeo roubaste a Lira,
Bomtempo, eu ouso affirmar;
Pois tu pudeste abrandar
Do vendado Deos a ira.
Ouvindo-te Amor, suspira...
E aos Mortaes não dá máos tratos;
O mesmo Orfeo sons tão gratos
Extrahir ah! não sabia;
E se o vences na harmonia,
Que muito que nos Extractos!

II.

Deo-te a sabia Naturéza
Hum dom tão sublime e raro,
Que não pode o tempo avaro
Destruir sua belleza.
Do teo merito a grandeza
Tem Divinal esplendor;
Quem da harmonia o valor
Observa attento, e cisudo,
Jamais duvida, que em tudo
Sejas, Bomtempo, hum primor.

III.

Que importa que os invejosos
Murmurem de ti em vão?
Tu podes ter o brazão
De os deixares mentirosos.
Mesmo em lances amorosos
Se acaso hum suspiro exhalas,
Se o doce effeito não callas,
Que Amor em ti tem causado,
Não podes ser imitado,
Quando de Estampas tu fallas.

IV.

Quando assim as Nimphas chamas,
Que encantão tua alma pura,
Patentêas a ternura,
Desse amor, em que t' inflammas.
Se os ardentes sons derramas
De teo plectro encantador,
Brilha em todos almo ardor,
Exclamão — Ente Benigno,
Não es humano, es Divino,
Es hum Extracto de Amor.

Da mesma Authora.

QUADRA.

Os momentos, que nos restaõ,
Linda Marcia, aproveitemos;
Momentos tão venturosos
Sabe o Ceo quando teremos.

GLOZA.

I.

TU não vês como emmurchece
A roza, que á pouco abrira?
Não sentes como suspira
Rola, que o bosque intrestece?
Que tudo, ó Marcia fenece,
Flores, prados, manifestão;
Em quanto se não funestão
Os meos dias, e os teos,
Passarás nos braços meos
Os momentos, que nos restão.

II.

Não te esquives, doce amada,
Ao meo amor excessivo,
Vê por ti n'hum fogo activo
Minha alma pura abrazada.
Se foges, prenda adorada,
Desgraçados viveremos;
Estes momentos que temos
De liberdade, e de amor,
Dá nos o Ceo por favor,
Linda Marcia, aproveitemos.

III.

Não te deixes succumbir
Ao temor, que as almas gela;
Attende só, Marcia bella,
Ao que Amor nos faz sentir;
Vamos ternamente unir
Nossos peitos amorozos,
Sejamos ambos ditozos,
De amor vivas provas dando,
Felizmente em paz gozando
Momentos tão venturozos.

IV.

Não te demores, querida,
Completa a minha ventura,
No regaço da ternura
He doce passar a vida;
Ah! Marcia, não te intimida
Esse Fado, a quem tememos?
Ai de nós, que não sabemos
O que a sorte nos destina!
Dias táes, Marcia Divina,
Sabe o Ceo quando teremos!

Da mesma Authora.

SONETO.

Aos annos do Sr. Antonio José de Araujo, Tenente do Imperial Corpo de Engenheiros.

TU, dos amores suspirado encanto,
Aonio divinal, vate sublime,
Escuta o louvor meu, que mal exprime
Da Sagrada amizade o fogo santo.

Teu dia natalicio, Aonio, eu canto;
Tão alto assumpto, me arrebate, e anime
E o Delio côro, que jamais se exime
De louvar-te, fará que eu possa tanto.

Suaves Musas, affagai meu plectro,
Para que eu possa tão faustoso dia
Dignamente cantar em doce metro.

Aonio, Apollo que meus passos guia
Me franquêa tambem o Delo Sceptro:
Vê qual he teu poder, tua valia.

Pela mesma Authora.

SONETO.

Em resposta; Por Antonio José de Araujo, natural do Rio de Janeiro.

VICTIMA triste de amoroso encanto
Tu me chamas Felinda em som sublime;
Em som que a meu pesar assás exprime
Da verdade o fulgor mais puro e santo.

Ternas mágoas de amor em doce canto,
Pertendes que a sofrer audás me anime;
Porém dellas o peito não se exime,
Vê qual he meu pesar que pode tanto.

Redobra esforços mil ao mago plectro,
Torna medonha noite, em claro dia;
Meus males affagai em brando metro.

Vencer a minha dor seja teu guia
Pois ter do Delio côro, a palma, o Sceptro.
Hum triumpho não he de mais valia.

SONETO.

Ao Excellentissimo e Reverendissimo Sr. Bispo Capellão Mór.

SENHOR, de quem a Fama ha muito canta
Memoraveis acções de san piedade,
Pondera qual será minha orfandade
Em tão misero estado, em magoa tanta.

Tua alma bemfazeja, pura, e santa,
Attenta escuta a voz da humanidade,
E a força da cruel mendicidade
Tua Benificencia assaz quebranta.

Tornas feliz o Mundo desgraçado,
Oh Numen Tutelar dos Homens Guia!
Tu es copia fiel do Ceo sagrado.

He teu renome qual astro do dia,
Sem que possa jamais ser eclipsado,
Porque teus dotes são d'alta valia.

Pela mesma Authora.

SONETO.

AO

FAUSTO NATALICIO

DE

SUA MAGESTADE O IMPERADOR.

TEUS Feitos, ó Grão Rei d'eterna Fama,
Te erguem Padrões, e Estatuas permanentes;
Conta Tuas Acções altipotentes
A voz que pelo mundo se derrama.

A' bem dos Teus o Teu Valor s'inflamma,
E os torna, Senhor, independentes,
E ao Brasil dando Luzes refulgentes
Por seu Imperador eis que Te aclama.

Oh Pedro Invicto! Tua gloria he vasta,
Não a deslumbra o tempo, nem a altera:
Estatuas, e Padrões o tempo gasta.

Curvo Porvir o Nome Teu venera,
E para encher de gloria ao mundo basta
Que este Dia immortal brilhe na esfera.

Pela mesma Authora.

SONETO.

A'

CHEGADA DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

A

SENHORA D. MARIA DA GLORIA.

ALÇA Neptuno a fronte coroada
De verde musgo, e de coral ramoso,
E ao Nitheroy saudando respeitoso,
Bemdiz do Rio a sorte afortunada.

Estava, diz, por Jove destinada
A gloria tua, ó Nitheroy famoso,
No egregio Imperador, que justiçoso
Sancciona as Leis, está mui bem firmada.

Assim disse do Mar o Deos potente,
E ouvindo a sua voz edificante,
Das Ondas surge Apollo refulgente.

Ao mundo traz o dia fulgurante,
Que marca deste Imperio a gloria ingente,
De ter hum Semi-Deos por Imperante.

Pela mesma Authora.

SONETO.

A

SUA MAGESTADE IMPERIAL

POR OCCASIÃO DE SEGUNDA VEZ TER CHEGADO AO RIO DE JANEIRO.

A Ti corro, Senhor, porque vivia
Saudosa por Beijar-Te a Mão Augusta;
O tumido Oceano não me assusta,
Nem me assusta de Eólo a valentia.

Desprézo seu furor com ousadia,
Porque longe de Ti viver me custa;
Tua Presença amavel, e venusta
Novo Estro me dá, nova harmonia.

Vê, Senhor, como vem de varias terras
Correndo a Ti mil gentes sem ventura;
He porque alta virtude em Ti encerras.

Tua Alma Bemfazeja, doce e pura
Evita as tôrpes intestinas guerras,
E a gloria dos Teus torna segura.

Da mesma Authora.

SONETO.

A'

SUA MAGESTADE O IMPERADOR.

O SENHOR DOM PEDRO I.

POR OCCASIAÕ DA INFAUSTA MORTE DE SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ.

O Que vejo? O que escuto! A sorte austera
Ao melhor dos Monarchas tiranisa,
O pranto, que em seus olhos se divisa,
He prova da expressão, que n'alma impera.

Heróe, prole de Heróes, sofre, tolera;
A constancia aos humanos divinisa;
Vê que a Tua Consorte os Astros pisa
Por justa Lei do Ceo, que não se altera.

Não mais o pranto Teu corra apressado:
Modera Tua dor, Tua saudade
De impulso divinal reanimado.

Pois Tua Esposa gósa na verdade
O premio, que á virtude he destinado,
No seio da brilhante Eternidade.

Pela mesma Authora.

SONETO.

A

SENTIDISSIMA MORTE

DE

SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ.

A FOITA pisa o Regio Pavimento
A Morte austera cruelmente armada,
Ai de nós! Ella só vem conspirada
Contra quem de virtudes he Portento.

Emprega o golpe teu, monstro cruento,
No vicio rude, na traição malvada,
E deixa-nos gosar a Prenda Amada,
Que para nós baixou do Etereo assento.

Mas que digo?.. Ai de mim!.. O geral pranto
Me annuncia do mal toda a fereza,
Vejo sobre o Universo escuro manto.

Suspira e chora a madre natureza...
A sabia Imperatriz do Mundo encanto
Volveo ao Ceo, deixando a Redondeza.

Pela mesma Authora.

SONETO.

A' SAHIDA DO BRASIL

DE

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

A

SENHORA D. MARIA DA GLORIA.

PARA sempre! Ai de nós! Rainha Augusta,
Deixas os Patrios lares tão queridos?
A gloria, que vais dar a Povos fidos,
Aos fidos Brasileiros quanto custa!

Do mar, do vento a ira nos assusta;
Mas já por Ti não somos Attendidos!
Soão daqui, dali, tristes gemidos...
Nossa dor, e saudade, ah como he justa!

O Patrio Rio, que vaidoso ondeava
Ufano com teus dous; queixoso agora
A margem triste com seu pranto lava.

Do excelso Pai o Rosto se Descora,
E o Brasil, que contente Te Encarava,
Triste, e saudoso, Te Suspira, e chora.

Pela mesma Authora.

SONETO.

A

SUA ALTEZA IMPERIAL

O

SENHOR DOM PEDRO DE ALCANTARA

No Dia 2 de Dezembro de 1829.

BENIGNOS Fados com risonho aspecto
Destinão ao Brasil Faustosa sorte,
E absortos em magico transporte
Chamão a Pedro o Grande Seu Dilecto.

Amplitude cabal dando ao projecto,
Que tinhão de o salvar á dura morte,
Daõ a este Monarcha Pio, e Forte,
Terno Filho, penhor do Seu Affecto.

Exulta o Pai, e o Brasil todo exulta,
Contemplando no Filho outro segundo
Heróe, que entre os Heróes Seu Nome avulta.

Principe excelso, o Teu Natal jucundo
He Obra prima de huma mão occulta,
Que ennobrece, que encanta, ao Novo Mundo.

SONETO.

A

SUA MAGESTADE IMPERIAL

POR OCCASIÃO DE REQUERER AO MESMO AUGUSTO SENHOR.

QUEM te falla, Senhor, quem te saûda,
Não vê raiar de Phebo a luz brilhante;
Da-lhe pio agasalho hum breve instante,
Seu Fado imigo em brando Fado muda.

A sustentar o peso assaz lhe ajuda
De huma vida, que á morte he similhante;
Não chegue a ser aflicta mendigante,
Quem a hum tal Protector roga, lhe acuda.

He por ti, que eu espero ser contente,
E supponho, Senhor, que não me illudo:
Da tua Alma a piedade está patente.

Que tenho em Pedro o Grande hum forte escudo,
Creio, folgo, e afirmo afoitamente,
Que és Pai, és Bemfeitor, és Nume, és Tudo.

Da mesma Authora.

SONETO.

AO

MESMO AUGUSTO SENHOR.

QUE he isto, coração? Quanta ventura
Desfructo neste dia aurifulgente?
Vejo o sabio Imperante affavelmente
Acolher teus suspiros de amargura.

Seu Nobre Coração, Sua Alma pura
Me anima, me promette gloria ingente;
Qual éra já não sou, quão de repente
Se mudou minha sorte infausta, e dura!

Benigno rosto para mim voltando
O excelso, o Immortal Pedro Primeiro
Me vai da vida as magoas adoçando.

Tu és Monarcha o Genio Brasileiro,
E aos Mundos dous, prudentes leis dictando,
Assombro causas ao Universo inteiro.

Pela mesma Authora.

SONETO.

AGRADECENDO AO MESMO AUGUSTO SENHOR O DESPACHO, QUE OBTEVE.

O' Inclito Imperante, eis me prostrada
A teus Pés, submissa, e respeitosa,
Beijando a Divinal Mão dadivosa,
Que a vida me tornou menos pesada.

Tua alma de virtudes adornada
Commigo se ha mostrado tão piedosa,
Que bem posso zombar da sorte irosa,
Tendo minha esperança em Ti fundada.

Apenas o meo triste mal soubeste,
Egregio Imperador d'Alta Memoria,
Tornar-me venturosa em fim quizeste.

Tua Fama, Senhor, hé já notoria,
O teu Nome immortal fazer pudeste,
Dando nome ao Brasil, ao Mundo Gloria.

Da mesma Authora.

SONETO.

AO

MESMO AUGUSTO SENHOR

ABRAZADA, Senhor, em fogo intenso
Minha alma exulta, e de prazer se inflamma;
E o gozo, que nas vozes se derrama,
A todos conta Teu Favor extenso.

A Ti da gratidão vôa o incenso,
Por mim lançado na mais pura chamma,
Esmalte do Brasil, honra da Fama,
Maravilha do Ceo, Numen immenso.

Se eu do Thracio cantor tivera a Lira,
Cantára os Feitos Teus, em Delio verso;
Porém meu Estro em vão a tanto aspira.

Foi vencido por Ti meu fado adverso,
Completa páz minha alma hoje respira,
E tu, Senhor, sem par és no Universo.

Da mesma Authora.

A SUA MAGESTADE O IMPERADOR,

COMO

PERPETUO DEFENSOR DO BRASIL,

No Dia 13 de Maio de 1828.

SONETO.

C'ROAS sem conto de virentes Louros,
Que o Tempo estragador murchar não possa,
Perpetuo Defensor da cauza nossa,
Ornem Teu Busto em seculos vindouros.

Sem Temerdes phalanges nem pelouros
Promettestes expor a Vida Vossa;
E o Dedo Teu Omnipotente esbóça
Da nossa Liberdade aureos thesouros.

O modelo dos Reis em Ti se observa,
O' Grande, ó Immortal Pedro Primeiro!
Jove T'escuda, illustra-Te Minerva.

Tu Cimentaste o Solio Brasileiro;
Para Teu Nome a Gloria se reserva
De encher de grande assombro o Mundo inteiro.

Da mesma Authora.

SONETO.

A' par de hum coração como o de Pedro,
Os Diademas que são? que vale o Mundo?

Nova Castro.

IMPERIO vasto, rico, e florescente
Incentivo não he d'alta valia,
Perante huma Alma, Generosa, e Pia,
Que de virtudes Tem dom eminente.

Excelsa AMELIA, o encanto refulgente,
Que aos Teos formosos olhos Alicia,
He dadiva do Ceo, que o Ceo Te envia,
Sublime, e Pura, de valor ingente;

Almos prazeres Te prepara a Sorte,
O Facho do Himineo se accende ao lume
De mais ardente amor, do amor mais forte;

Tocaste, AMELIA, da Grandeza o Cume,
O Heróe, que o Ceo Te Deo para Consorte,
He mais que Imperador, He Pai, He Nume.

Da mesma Authora.

A PRIMAVERA,

IDILIO

TRADUZIDO DO GREGO EM PORTUGUEZ

POR

J. B. A. S.

JA' do Ether fugio ventoso Inverno,
E da florida Primavera a hora
Purpurea rio: de verde herva mimosa
A terra denegrida se corôa.
Bebem os prados já liquido orvalho,
Com que medrão as plantas, e festejão
Os abertos botões das novas rosas.
Com os asperos sons da frauta rude
Folga o serrano, o Pegureiro folga
Com os alvos recentes cabritinhos.
Já sulcão nautas estendidas ondas;
E Favonio innocente as vélas boja.
As Menades, cubertas as cabeças
Da flor d'hera, tres vezes enrolada,
Do uvifero Baccho Orgias celebrão:
A geração bovina das abelhas
Seus trabalhos completa; já produzem
Formoso mel; nos favos repousadas
Candida cera multiplicão. Cantão
Por toda a parte as sonorosas Aves;
Nas ondas o Alcyão, em torno aos tectos
Canta a Andorinha; canta o branco Cysne
Na ribanceira, e o Rouxinol no bosque.
Se pois as plantas ledas reverdecem;
Florece a Terra; o Guardador a frauta
Tange, e folga co' as maçans folhudas;
Se Aves gorgeião; se as Abelhas crião;
Navegão Nautas; Baccho guia os choros:
Porque não cantará tambem o Vate
A risonha, a formosa Primavera?

CANÇÃO

NO DIA 8 DE OUTUBRO DE 1785

AO

EXCELLENTISSIMO LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA

POR

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

EGREGIA flor da Lusitana Gente,
Nobre inveja da estranha,
D'antigos Reis preclaro deseendente, (1)
Luiz, a quem se humilha quanto banha
Do Grão Tridente o largo Senhorio,
Desd'o Amazonio, até o Argenteo Rio. (2)

Em quanto concedeis repouso breve
A's redeas do Governo,
Ouvi a Musa, que a levar se atreve,
Ao som da Lyra de ouro, em canto eterno,
O Nome vosso a ser brilhante Estrella,
Onde habita immortal a Gloria bella.

Só ás Filhas do Ceo foi concedido
Do Lethes frio, e lasso
Os Heróes libertar; calca atrevido
Tempo devorador, com lento passo,
Tudo quanto os mortaes edificárão;
Nem deixa os ecos das acções, que obrárão.

Receba o vasto Mar no curvo seio (3)
Os marmores talhados;
O amoroso Delfim, o Tristão feio
Respeitem temerosos, e admirados
A Muralha, onde Thetis quebra a furia;
Do maritimo Jove eterna injúria.

Ao ar se eleve Torre magestosa, (4)
Thesouro amplo, e profundo
Das riquezas, que envia a populosa
Europa, e Asia grande ao Novo Mundo;
Por quem soberbo, ó Rio, ao mar te assomas,
Tu, que do Mez primeiro o nome tomas. (5)

Lago triste, e mortal, no abysmo esconda (6)
Pestiferos venenos;
E o leito, onde dormia a esteril onda,
Produza os Bosques, e os Jardins amenos,
Que adornando os fresquissimos lugares,
Dem sombra á terra, e dem perfume aos ares.

O vosso invicto Braço os bons proteja,
E os soberbos opprima:
Modêlo sempre illustre em Vós se veja
De alma grande, a quem bella gloria anima;
Regendo o Sceptro respeitado, e brando;
Digno da Mão, que Vos confia o Mando.

Os justos premios de emula Virtude
Da vossa mão excitem
Ao nobre, ao generoso, ao fraco, e rude:
As Artes venturosas resuscitem;
E achando em Vós hum inclito Mecenas,
Nada invejem de Roma, nem de Athenas.

A Paz, a doce Paz contemple alegre
As Marciaes bandeiras:
Prudente, e justo o vosso Arbitrio regre,
E firme a sorte de Nações inteiras;
Derramando por tantos meios novos
A ditosa abundancia sobre os Póvos.

Cresça a próspera Industria, que alimenta
Os solidos thesouros:
O Ocio torpe, e a Ambição violenta
Fujão com funestissimos agouros;
Fuja a céga Impiedade; e por castigo
Negue-lhe o Mar, negue-lhe a Terra abrigo.

Acções famosas de louvor mais dignas,
Que as de Cesar, e Mario!
Vós não sereis ludibrio das malignas
Revoluções do Tempo iniquo, e vario:
Que as bellas Musas, para eterno exemplo,
Já vos consagrão no Apollineo Templo.

Lá se erigo mais solida columna,
Que o marmore de Paros;
E longe dos teus golpes, ó Fortuna,
Lá vive a imagem dos Heróes preclaros:
Assim respeita o tempo os nomes bellos
De Scipiões, de Emilios, de Marcellos.

Entre estes vejo o Achilles Lusitano, (7)
Que prodigo da vida,
Foi o açoute do barbaro Africano,
E exemplo raro d'alma esclarecida,
De que são testemunhas nunca mortas
D'Ourique o campo, de Lisboa as portas.

O grande Vasconcellos vejo armado, (8)
Que arranca, e despedaça
O alheio ferreo jugo ensanguentado;
E os soberbos Leões forte ameaça;
Da guerra o raio foi, da paz o leme;
America inda o chora, Hespanha o teme.

Quem he o que entre todos se assinála
No próvido conselho,
E no valor, e na prudencia iguala
Da antiga Pylos o famoso velho? (9)
He Pedro, que com hombros de diamante (10)
Foi d'hum, e d'outro Ceo robusto Atlante.

Mas que lugar glorioso Vos espera
A par de taes Maiores,
Inclyto Heroe, na scintillante esfera?
Eu vejo o Busto, que entre resplendores
As Virtudes, e as Musas vos levantão
Ao som dos hymnos, que alternadas cantão.

Luiz, Luiz a abobedá celeste
Por toda a parte soa;
E tu, ó Clio, tu que lhe teceste
Co' a propria mão a nitida coroa,
A voz levantas, entornando as Graças
O nectar generoso em aureas taças.

Delicia dos humanos, clara fonte
De Justiça, e Piedade,
Não sentirás do pallido Acheronte
Ferreo somno, nem densa escuridade.
Cantou a Musa: a Inveja se devora,
E o Tempo quebra a fouce cortadora.

Então, d'entre segredos tenebrosos
Erguendo o braço augusto,
Que vio nascer os Orbes luminosos,
Dá vida a Eternidade ao novo Busto.
Hum chuveiro de luz sobre elle desce,
E nova Estrella aos homens apparece.

Astro benigno! Eu te offereço a Lyra
De louros enramada:
Recebe.... ella já voa, e sóbe, e gira,
Rompendo os ares de esplendor cercada;
Já Satellite adorna o Firmamento,
E te acompanha lá no Ethereo Assento.

Canção, quanto te invejo!
Vai, e ao feliz Habitador do Téjo
Conta que a nova Estrella,
Banhada em luzes da Rainha Augusta,
Reflecte ao Novo Mundo a Imagem della.

(1) Para verificar-se Real a Ascendencia desta Excellentissima Familia, basta notar que, sendo a sua varonia de Vasconcellos, e tendo principio no Conde D. Osorio, este casou com D. Rufa, Neta da El-Rei D. Fernando; e igualmente que o Excellentissimo Sr. Affonso de Vasconcellos, setimo Conde de Calheta, casou com a Princeza Pelagia Senfronia de Rohan, de quem nasceo o Illustrissimo e Excellentissimo Sr. José de Vasconcellos e Sousa, quarto Conde de Castello-Melhor.

(2) Desde o Rio das Amazonas até o da Prata estão as Provincias, que fórmão o Estado do Brasil.

(3) O novo Caes na Marinha da Cidade.

(4) O Magnifico edificio da Alfandega, que tem na frente esta Inscripção:

En, Maria Prima regnante, è pulvere surgit,
Et Vasconcelli stat domus ista manu.

(5) O Rio de Janeiro.

(6) O Passeio publico no lugar, onde houve huma Lagôa, que infeccionava a vizinha Cidade. Este sitio he delicioso, pela sombra, e boa ordem das arvores, plantas aromaticas, e crystalinas fontes.

(7) Martim Moniz, Filho de D. Moninho Osorio, e Neto do Conde D. Osorio, governou huma das linhas da batalha do Campo de Ourique, onde deo grandes provas do seu valor; e depois no anno de 1147, quando El-Rei D. Affonso I. sitiou, e ganhou Lisboa, morreo valerosamente nas portas do Castello, que ainda conservão o seu nome.

(8) D. João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, segundo Conde de Castello-Melhor: na guerra da Acclamação ganhou muitas victorias, e governou as Armas das Provincias de Trás os Montes, do Minho, o Exercito do Alem-Téjo, e depois o Estado do Brasil.

(9) Nestor o mais prudente dos Gregos.

(10) Pedro de Vasconcellos e Souza, Filho de Simão de Vasconcellos e Souza, Neto de D. João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, foi Mestre de Campo General com o Governo das Armas do Minho, Beira, e Alem-Téjo, Governador, e Capitão General do Estado do Brasil, Embaixador extraordinario á Corte de Madrid, do Conselho de Guerra, Estribeiro Mór da Princeza do Brasil, &c.

SONETO.

Do mesmo.

EU vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querel-a;
Mas vi depois a Nize, e he tão bella,
Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
Não posso distinguir Nize d'Estella?
Se Nize vir aqui, morro por ella;
Se Estella agora vir, fico abrazado.

Mas ah! Que aquella me despreza amante;
Pois sabe, que estou preso em outros braços,
E Esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me d'estes laços,
Ou faz de dois semblantes hum semblante,
Ou divide o meu peito em dois pedaços.

SONETO.

Do mesmo.

NÃO cedas, coração; pois n'esta empreza
O brio só domina; o cego mando
Do ingrato amor seguir não deves, quando
Já não podes amar sem vil baixeza:

Rompa-se o forte laço, que he fraqueza
Ceder a amor, o brio deslustrando;
Vença-te o brio pelo amor cortando,
Que he honra, que he valor, que he fortaleza;

Foge de ver Altéa; mais se a vires,
Porque não venhas outra vez a ama-la,
Apaga o fogo, assim que o presentires;

E se inda assim o teo valor se abala,
Não lh' o mostres no rosto; ah! Não suspires!
Calado geme, soffre, morre, estala.

SONETO.

A' RAINHA D. MARIA I.

Pelo mesmo Author.

EXPOEM Thereza (1) acerbas magoas cruas,
E á briosa Nação de furor tincta
Faz arrancar da generosa cinta
O reflexo de mil espadas nuas.

Arrasta, e piza as Ottomanas Luas,
E por mais que Neptuno o não consinta,
A Heroina do Norte (2) faz, que sinta
O pezo o mar Egeo das quilhas suas.

Seos nomes no aureo Templo a Fama ajunta;
Mas pintar seos estragos não se atreve,
Ao seo Danubio, ao mar negro o pergunta:

Lusitania aos Ceos muito mais deve:
Que a rege, como aos povos d'Amathunta,
Freio de rosas posto em mãos de neve.

---

(1) Maria Thereza d'Allemanha.
(2) Catharina da Russia.

SONETO.

A' Mesma. Pelo mesmo Author.

A Paz, a doce May das alegrias
O pranto, o lucto, o dissabor desterra;
Faz que s'esconda a criminosa guerra,
E traz ao mundo os venturosos dias:

Desce, cumprindo eternas prophecias,
A nova geração dos Ceos á terra;
O claustro virginal se desencerra,
Nasce o filho de Deos, chega o Messias:

Busca hum Presepio, cahe no pobre feno
A mão omnipotente, a quem não custa
Crear mil mundos ao primeiro aceno.

Bemdita sejas, Lusitania Augusta!
Cobre o mar, cobre a terra hum Ceo sereno,
Graças ati, ó Grande, ó Sabia, ó Justa.

SONETO.

A' sonhada Republica do Equador, por hum Brasileiro.
1824.

Os meninos de escolla Quinta feira,
E Domingo na rua se ajuntavão;
E n'hu' forte de arêa, que formavão,
Punhão por pavilhão palha de esteira.

Fingindo-lhe a redor cava e trincheira,
Taquari, como peças, lhe montavão,
E em bexiga de boi tambor tocavão,
Gastando n'este brinco a tarde inteira.

Hum sendo Capitão, outro Sargento,
Canudo de mamão sopra o trombêta;
E a noite a pés desfaz-se o novo invento.

Assim gente com barba, e que he pateta,
N'hum feriado giza sóbre o vento
A pueril Republica de pêta.

LYRA.

Pelo Padre Caldas.

O Homem não pode ser
Surdo ás Leis da Natureza;
Porque o iman da belleza
Tem mais força, mais vigor:
Meiga Anarda, corre aos braços
Do teu sincero amador.

Olha, se amor fora crime,
O homem não fora o réo;
Porém sim o sacro Ceo:
Porque, sendo o seu author,
O homem formou mais fraco,
Do que o doce, e terno amor.

Deu-te o Ceo nos lindos olhos
Attractivo meigo, e doce,
E, se amar-te hum crime fosse,
Eu me confundo, que horror!
Condemnava a creatura
O seu mesmo creador.

Olha se amor fora crime, &c.

Amor he base da vida,
He quem nos doira a existencia;
Nesta essencia, e n'outra essencia
He hum Deos dominador:
A seus pés se curva o sabio
O cafre, o Rei, o pastor.

Olha se amor fora crime, &c.

O terno pombo rulando
Não anima a doce amada?
Não ama n'agua salgada
O peixinho nadador!
O Ceo reparte com todos
Este instinto abrazador.

Olha se amor fora crime, &c.

Minha Anarda, se he delicto
Ser Leal, ser puro, e terno;
Porque não tragou o Averno,
Com fogo consumidor,
Quando foi buscar a esposa
Da Tracia o doce cantor?

Olha se amor fora crime, &c.

Os homens homens produzem
Por effeitos da ternura,
A corporea constructura
Acha nisso alto sabor:
Quando não, dormira o mundo
Do nada ainda no horror.

Olha se amor fora crime, &c.

E se acaso te assaltar
Atroz, bifronte illusão,
Não lhe prestes attenção,
Por ser monstro seductor,
Que os nossos olhos deslumbra
Com brilhantismo impostor.

Olha se amor fora crime, &c.

Eu, que amante entrego toda
A discursiva razão,
Extingo o falso clarão
Desse monstro malfeitor,
E concedo á natureza
Hum nectar d'alto sabor.

Olha se amor fora crime, &c.

Jove, que he pai dos celicolas,
Em seu seio amor gerou;
Depois á terra o mandou
Como hum Deos consolador;
Deos, que dá iguaes delicias
Tanto ao Rei, como ao Pastor.

Olha, Anarda, se não pode
Errar hum Deos, porque he Deos,
Como havemos nós ser réos
Por seguir o Deos de amor?
Ah! Voa, voa á meus braços,
O' bella, deixa o temor.

AOS ANNOS DE HUMA SENHORA.

RONDO'.

Por Jose' Pereira.

Natural do Rio de Janeiro.

Dá-me, Appollo, a lyra d'oiro,
Que hum thesoiro de belleza,
Alta empreza exige e manda
Terna e brauda a voz alçar.

EU não canto heroe cruento,
Que de estragos faz alarde,
Taes façanhas, cedo ou tarde,
Qual o vento haõ de passar.

Soando a lyra divina
Já de inveja córa Orfeo,
He divino o canto meo
Se de Ulina vou cantar.

Da-me Apollo, &c.

Tem lindo e longo cabello,
Com que Amor as almas prende:
E qual mortal se defende
De seo bello e terno olhar?

Na branca frente fagueija
De continuo o pejo a rosa,
A breve boca mimosa
Amor beija sem cessar.

Da-me Apollo, &c.

Querendo pintar-lhe o peito
De ternura a voz se afraca,
A harmonia não aplaca
Doce effeito de adorar:

Fugi, sensiveis humanos,
D'esse sitio que ella habita,
Onde Amor hoje por dita
Vai seus annos festejar.

RONDO'.

Já o inverno foge, Alcina,
Da campina, e d'alta serra;
Já não berra o Norte irado,
N'este prado gira Amor.

BRANCA neve, gelo frio
Já não cobre esta collina;
Corre a fonte cristallina,
Corre o rio bramidor.

A agradavel Primavera
Veste o campo de mil flores,
O Sol lança vivas cores,
Recupera o resplandor.

Já o Inverno foge, &c.

A andorinha rastejando
Na Lagoa prateada
Com ligeira aza apressada
Vai tocando o seu licor:

Pela umbrosa e verde selva
Errar vejo o manso gado,
Co' a charrua já curvado
Corta a relva o agricultor.

Já o Inverno, &c. &c.

Torna a abelha ao seu serviço,
Zune, e beija a flor mimosa,
Volta alegre, e cuidadosa
Ao cortiço o mel compor;

Que prazeres, que recreio?
Oiço já nestes raminhos
Dos alegres passarinhos
O gorgeio encantador:

Já o Inverno, &c.

Vem, pastora, tu formosa,
De jasmim huma capella,
Vem cingir a fronte bella
E da roza linda flor:

Junto a ti... que feliz sorte!
Ah! Não posso a alegria
Exprimir, nem qual seria
Meu transporte, e terno ardor.

Já o Inverno foge, &c. &c.

Pelo mesmo Author.

QUINTILHAS.

A LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA.

Por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga.

I.

MUSA, não sabes louvar,
E por isso neste dia,
Entre as vozes d'alegria,
Não pertendo misturar
Tua rustica armonia.

II.

Tens razão, mas não escuto
Os teus argumentos bellos:
Por mostrar novos disvellos
Demos o annual tributo
Ao illustre Vasconcellos.

III.

Vamos pois a preparar,
Que eu te darei as lições;
Folheando no Camões,
Bem podemos remendar
Odes, Sonetos, Canções.

IV.

Podemos fingir hum sonho
Por methodo tal e qual,
Se o furto for natural,
Eu delle não me envergonho,
Todos furtão, bem ou mal.

V.

Vê se lhe podes grudar
Huma bella madrugada,
Que muita gente barbada
Aplaude sem lhe importar
A razão, por que lhe agrada.

VI.

Feita assim a introducção,
Passemos ao elogio,
Não te escape o patrio Rio
Sahindo nesta occasião
Lá de algum lugar sombrio.

VII.

Coroado de mil flores
Venha a torto e a direito;
E se fizer hum tregeito,
Clamarão logo os leitores:
Viva, bravo, isto he bem feito.

VIII.

Co' as virtudes, co' as acções
Do nosso Heroe não te mates;
Basta que a obra dilates,
Dividida em pelotões,
Por sonoros disparates.

IX.

Quero ver a mão robusta
D' Alcides, encaixe, ou não,
E alguma comparação,
Ainda que seja á custa
D' Anibal, ou Scipião.

X.

Hão de vir de Jove as filhas,
Marte horrendo e furibundo,
E com saber mais profundo,
Traze as sete maravilhas,
Que ninguem achou no mundo.

XI.

Se acaso a Ode te agrada,
Para atterrar teus rivaes,
Tece em versos desiguaes,
Crespa frase entortilhada,
Palavras sesquipedaes.

XII.

Crepitantes, denodadas,
Enchem bem de hum verso as linhas,
E eu me lembro que já tinhas
N'outro tempo bem guardadas,
Muitas destas palavrinhas.

XIII.

Se de Soneto es amante,
Seja sempre pastoril,
Que sem cajado e rabil,
O Soneto mais galante
Não tem valor de hum ceitil.

XIV.

Venha sempre o adejar,
Que he verbinho, de que gosto,
E já me sinto disposto
Para o querer engastar
N'hum Idilio de bom gosto.

XV.

E pois que aqui nos achamos,
Tão longe de humano trato,
Que inda o velho Peripato
Por toda a parte encontramos,
Com respeito, e apparato:

XVI.

Dois trocadilhos formemos
Sobre o nome de Luiz,
Seja Luz, ou seja Liz,
O epigramma feito temos,
E só lhe falta o nariz.

XVII.

Acrosticos! Isso he flor
D'hum engenho singular;
Quem os soubera formar,
Que certo tinha o penhor
Para a muitos agradar!

XVIII.

Agudissimos Poetas,
Gente bem aventurada,
Que estudando pouco, ou nada,
Tem na cabeça essas petas,
E outra muita farfalhada!..

XIX.

Mas, oh Musa, o meo desgosto
He tal que já tenho pejo
De ti mesma, quando vejo
O teu animo indisposto
Para cumprir meu dezejo.

XX.

Não tive dias bastantes.. —
Basta, basta, isso he engano,
Sobeja o tempo de hum anno,
E he muito seis estudantes
Para hum só Quintilianno.

XXI.

Sei que ha nesta occasião
Poetas, filhos, e Paes;
Porém sejão taes ou quaes,
Cumpre tua obrigação,
Deixa cumprir os demais.

XXII.

Vinte quintilhas já são,
Nos annos não se fallou;
Mas á margem vendo estou,
Ler no Livro da razão
— Foi omisso, não pagou.—

XXIII.

Eis aqui como se ganha
O labéo de caloteiro,
Mas eu não sou o primeiro
Que tive esta boa manha,
Nem serei o derradeiro.

RETRATO DE AMIRA.

POR

DOMINGOS CALDAS BARBOZA.

SE as bellezas, virtudes, e graças
Em versos se podem cantar e exprimir,
Vou cantar atractivos de Amira,
Venhão escutar-me, que há muito que ouvir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Eu não digo que os louros cabellos
Aos raios de Phebo podem competir,
Que assim bellos, quaes são, não precisão
Para os seus louvores qu' eu queira mentir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Nem direi que são duas estrellas
Os olhos d'Amira, qu' eu sempre segui,
Basta só que confesse a verdade
Que huns olhos tão lindos jamais nunca eu vi.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Pouco faço, se as faces comparo
Com rosa purpurea, com branco jasmim,
Que os jasmins misturados co' as rosas
A cor animada não fazem assim.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Os poetas, que pintão as bocas
Com perolas dentro, por fora rubim,
Vejão beiços e dentes de Amira
Mais rico que tudo quanto ha para mim.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Eu não sei o que vejo no seio,
Quando elle respira, mover-se e bolir,
He simpatico o seu movimento
Que faz os dezejos aos olhos subir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Não se encontra figura mais bella
Nem corpo mais lindo formoso e gentil,
Se me prostro aos seus pés, e se os beijo
Eu devo fazel-o mil vezes e mil.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

RETRATO.

Pelo mesmo Author.

POIS que o lindo original
Meus tristes olhos não vem,
Quero ao menos consolar-me
Co' o retrato de meu bem.

Mas quem há de retratal-a?
Quem se atreve á tanto, quem?
Quem ha que possa pintar
As perfeições do meu bem?

Pinte a minha fantasia,
Só á ella isso convem,
Qu' ella sempre anda occupada
Nas idéas de meu bem.

As suas formosas tranças
Se tão linda graça tem,
He que as graças enfeitarão
Os cabellos do meu bem.

Os olhos da minha amada
Cativão quantos os vêm;
Ninguem fica em liberdade
Vendo os olhos de meu bem.

As faces, as lindas faces,
Em que neve e rosas tem,
São mimos da natureza,
Que se apurou no meu bem.

Por entre hum rubim partido
As perolas todos vêm,
Que adórnão a graciosa
Linda boca do meu bem.

Quem verá seu niveo seio
Sem sentir amores, quem,
Se os amores se recolhem
Entre o seio do meu bem?

Ah! Ninguem se chegue á elle,
Que hum fatal encanto tem;
Parece neve, e tem fogo,
Com que me abraza o meu bem.

Não posso dizer do mais
Que nunca os meus olhos vêm;
Que digão só meus dezejos
O que suppoem no meu bem.

Outra assim tão linda e bella
Todo este campo não tem,
Nem que possa comparar-se
Co' as bellezas do meu bem.

Não quero dizer o nome,
Que dizel o não convem;
Basta só qu' este segredo
Saiba-o eu, saiba-o meu bem.

MADRIGAES.

AMOR COM AS QUATO ESTAÇÕES.

AMOR tentou zombar da Primavera,
E escarneceo o louco
Das suas flores, que duravão pouco:
Mas a bella estação lhe respondia,
— Dize, as tuas finezas preciosas
Acaso durão mais, que as minhas rosas? —

O Estio suava, e tressuava,
Amor co' a venda o rosto lhe limpava;
Com isto, que hum favor só parecia,
O Estio languidez maior sentia,
Té que lhe respondeo: — Deixa-me em paz;
Que a tua compaixão peior me faz;
Teus soccorros, Amor,
Aos cançados não dão, tirão vigor. —

Ao Outono se offereceo o Deos frexeiro
Para ser vendimeiro;
Mas da vinha foi logo elle expulsado;
Por que dos caxos doces, que espremia,
O succo sempre amargo se fazia.

„ Fuge do lume, e busca as minhas chamas,
„ Terás mais doce natural calor. „
Disse ao Inverno Amor:
Mas o velho lhe torna: — em paz me deixa,
A quem te não conhece te destina;
Que eu sei que dos mortaes hés a ruina;
Tu destróes a Velhice,
Tu estragas a propria mocidade:
E que fará teu fogo
A' minha debil decadente idade? —

(*Anonimo.*)

CONSELHOS DE ALVALENGA PEIXOTO, A' SEUS FILHOS.

I.

Meninos, eu vou dictar
As regras do bem viver;
Não basta somente ler,
He preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sabios he o pensar.

II.

Neste tormentoso mar
D' ondas de contradicções,
Ninguem soletre feições,
Que sempre se ha de enganar;
De caras á corações
Ha muitas legoas, que andar.

III.

Applicai ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes tem ouvidos,
E tambem podem fallar:
Ha bixinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.

IV.

Quem quer males evitar
Evite-lhe a occasião,
Que os males por si virão,
Sem ninguem os procurar;
E antes que ronque o trovão,
Manda a prudencia ferrar.

V.

Não vos deixeis enganar
Por amigos, nem amigas;
Rapazes, e raparigas
Não sabem mais, que asnear;
As conversas, e as intrigas
Servem de precipitar.

VI.

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem. que ratos velhos
Não ha modo de os caçar:
Não batão ferros vermelhos,
Deixem hum pouco esfriar.

VII.

Se he tempo de professar
De taful o quarto voto,
Procurai capote roto
Pé de banco de hum bilhar,
Que seja sabio piloto
Nas regras de calcular.

VIII.

Se vos mandarem chamar
Para ver huma função,
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão
Quem está bem, deixa-se estar.

IX.

Deveis-vos acautelar
Em jogos de paro e topo,
Prontos em passar o copo
Nas angolinas do azar:
Taes as fabulas de Esopo,
Que vós deveis estudar.

X.

Quem falla, escreve no ar,
Sem pôr virgulas nem pontos,
E pode quem conta os contos,
Mil pontos acrescentar;
Fica hum rebanho de tontos
Sem nenhum adevinhar.

XI.

Com Deos, e o Rei não brincar,
He servir, e obedecer,
Amar por muito temer,
Mas temer por muito amar,
Santo temor de offender
A quem se deve adorar!

XII.

Até aqui pode bastar,
Mais havia que dizer;
Mas eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Pode o resto adevinhar.

Fim do I. Volume.

INDICE

Do 1.º *Numero.*

Sonho, por Alvarenga Peixoto..... 5
——— por Cordovil..... 43
Odes á Rainha D. Maria I. por Alvarenga Peixoto... 6
—— Ao Marquez do Pombal, idem..... 9
—— Ao Vice-Rei Vasconcellos, por Cordovil..... 42
—— A' Affonso de Albuquerque, por Vidal de Barboza..... 51
—— de Author Anonimo; (parece que não he Brasileiro)..... 57
Canto Epico, em Oitavas, por Alvarenga Peixoto, baptisando-se em Minas D. José de Menezes 12
——— Os Campos Elisios, por J. B. da Gama..... 25
——— Epithalamio do mesmo, á D. Maria Amalia... 27
——— Ao Marquez do Pombal, idem..... 31
A Gruta Americana, por Silva Alvarenga..... 22
Protheo, por Cordovil..... 34
Carnaval, pelo Conego João Pereira..... 59
Epistola, de Cordovil, aos Arcades do Rio de Janeiro. 38
Dythirambo, pelo mesmo, á huns annos..... 48
Oitava de Camões — Deu signal, &c. glosada por José Eloy Ottoni..... 54
Sonetos — de Alvarenga Peixoto. Nas azas do valor em Accio vinha — improvisado..... 17
——— Se armada a Macedonia ao Indo assoma..... 18
——— A mão, que aterra de Nemeo a garra..... 19
——— Por mais que os alvos cornos curve a Lua.... 19
——— Do claro Tejo á escura foz do Nilo..... 20
——— Honradas sombras dos maiores nossos..... il.
——— Nem fizera a discordia o desatino..... 21
——— Peitos que amor da Patria predomina..... 63
——— Nas louras tranças da gentil Tircéa, pelo Padre Antonio Pereira Caldas..... 58

INDICE.

Do 2.º Numero,

A Declamação Tragica — Poema por J. B. da Gama.. 3
Epistola de Silva Alvarenga, á J. B. da Gama..... 9
——— Theseo á Ariadna, pelo mesmo Alvarenga... 12
Idilio de Francisco José de Sales (de Minas) — ou Fabula de Orpheo e Euridice..... 17
Elegia de Ovidio, traduzida por Soares de Meirelles.. 29
Retrato, por Alvarenga Peixoto..... 34
Cançoneta de Metastasio, traduzida por Alexandre de Gusmão..... 38
Palinodia, do mesmo — traduzida por Araujo Guimarães (Elmano Bahiense)..... 43
Lira por Vilella Barboza..... 47
—— pelo mesmo..... 49
Cantata, a Primavera, pelo mesmo..... 53

INDICE.

Do 3.o Numero,

Quitubia, Poema por J. B. da Gama..... 3
Templo de Neptuno; Idilio por Silva Alvarenga..... 9
Ode sobre a Restauração do Recolhimento de N. Senhora do Parto, ao Vice-Rei Vasconcellos, por Silva Alvarenga..... 18
Ode ao mesmo por Vidal de Barboza..... 22
Ode á Mocidade Portugueza, por occasião da Reforma de Coimbra, por Alvarenga..... 28
Oitavas — Discripção do Pão do Assucar, pelo Conego João Pereira (extrahida da Estolaida).... 17
Oitava á Estatua Equestre, por Seixas Brandão (Medico das Caldas)..... 31
——— de Camões — Estavas linda Ignez, &c. glosada pelo dito Seixas..... 33

Sonetos de J. B. da Gama
——— Não sintas, não, Marquez, que o povo injusto 13
——— Ergue de jaspe hum globo alvo e rotundo.... 14
——— Se eu beijo a praia, e vos penduro o voto.. 15
——— Em quanto o Potemkim o Turco aterra..... 16
——— Já do lenho as prisões se desatarão..... 25
——— Fundou co' a forte espada a Monarquia..... 68
De Alexandre de Gusmão.
——— Isto não he vaidade, he desengano..... 66
De Luiz Paulino.
——— Eis já dos Mausoleos silencio horrendo..... 67
De Custodio Gonçalves Ledo.
——— Que importa meu Doutor, tenha defeitos..... 26
——— Quam doce he meu Doutor, na estação fria.. 27
De Seixas Brandão.
——— Parece-me que véjo a grossa enchente..... 32
De Joaquim José da Silva (o Çapateiro.)
——— Eu queria, mas eu tenho vergonha..... 42
——— As Rimas de João Xavier de Mattos..... 43
——— Senhor Mestre Alfaiate, este calção..... 43
——— Se quizer tomar lá o seu codorio..... 44
——— Não se enfade, menina, dessa sorte..... 44
——— Hum batuque se fez em São Gonçalo..... 45
——— Grande festa, Senhores, lá se fez..... 45
——— Mais bulha mais estrondo e mais aballo..... 46
8 Quadras glozadas do mesmo Çapateiro, desde pagina 47, até 62.
Fabula do Morro do Ramos, em quadras pelo Padre Silverio da Paraopeba..... 63

INDICE.

Do 4.º Numero.

Fabula do Ribeirão do Carmo, por Claudio Manoel da Costa (Glauceste)..... 3
Ode, Saudação á Arcadia, pelo mesmo..... 10
—— Ao sepulcro de Alexandre Magno, dito..... 12
—— Aos Gregos, por J. B. de A. e S..... 22
Canção, á Vasconcellos, por Silva Alvarenga..... 52
Idilio — a Primavera, traduzido do Grego, por J. B. de A. e S..... 51
Lira — pelo Padre Domingos Caldas Barboza..... 60
Quintilhas á Vasconcellos, por Silva Alvarenga..... 65
Retrato de Amira, por Caldas Barboza..... 69
———————— pelo mesmo..... 71
Rondó por, José Pereira, á huns annos..... 62
——— —— pelo mesmo á Primavera..... 63
Sextinas, conselhos á seus filhos por Alvarenga Peixoto 74
Madrigaes, Amor com as quatro Estações..... 73
Sonetos de Claudio Manoel da Costa; de pagina 15 á 19
De Silva Alvarenga á Estatua Equestre
Soneto Vencer Dragão, que as furias desenterra..... 19
De Bernardo, Pintor em Minas
——— Debaixxo de hum Pinheiro alubantado..... 20
——— Há muito, Lêonori, fiz mil juras..... 20
De José Basilio da Gama
——— Já, Marfiza cruel, me não maltrata..... 21
Em resposta, pelos mesmos consoantes, e por huma Senhora do Rio de Janeiro
——— Termindo, se Marfiza vos maltrata..... 21
De D. Delfina Benigna da Cunha, de pagina 35 á 50
De Alvarenga Peixoto
——— Eu vi a linda Estella, e namorado..... 57
——— Não cedas, coração; pois nesta empreza..... 57
——— Expõe Thereza acérbas magoas cruas..... 58
——— A Paz, a doce Mãe das alegrias..... 59
Por hum Brasileiro
——— Os meninos da escolla Quinta feira..... 59
Advertencia sobre a S.nra D. Delfina Benigna da Cunha 25
Quadras glosadas pela mesma Senhora, de pagina 27 á 33

ADVERTENCIA.

APESAR de grandes cuidados na publicação das Poezias deste 1.o volume do *Parnazo Brasileiro*, escaparão ainda assim muitos erros, dos quaes huns se podem atribuir á descuidos Typographicos, e outros á erros de copias. Apressamo-nos pois a emendar huns e outros, para que assim melhor sirvão á reimpressão, que talvez se faça, quando publicarmos o 2.o volume em melhor letra, e formato; advertindo, que não fomos temerarios nas emendas das copias, e sim condescendentes com os concelhos de pessoas possuidoras de copias mais exactas, ou que tiverão amizade aos nossos Poetas, e por isso ainda se lembrão das suas composições para bem corrigirem os defeitos introduzidos depois.

ERRATAS

Do 1.° Numero.

Pag.	*Versos.*	*Erros.*	*Emendas.*
5	2	e socegada	socegada.
	13	activo	altivo
	31	e sou	sou
6	8	A quem	Que á quem
	21	cofre	cafre
	27	vistosas	diversas
7	4	o instavel	instavel
	23	Do Cabo ao mar	Ao Cabo, ao mar
	33	e constantes	mas constantes
8	2	Honrar	Honrai
	8	De mãos	A' mãos
8	29	Do pão	No pão
	34	mares	ares
9	12	Que vem	E vem
	23	Os furores	Dos furores
10	17	Provincias e Cidades	Cidades e Provincias
	26	honroso	honrado

Pag.	*Versos.*	*Erros.*	*Emendas.*
11	9	no gabinete	do gabinete
12	7	E o vosso sangue &c.	E esta terra que o vosso sangue &c.
	16	que produzio	o que produz
	19	Henrique	Henriques
13	2	o mando	o Sceptro
	6	experimentareis	o vereis então
	7	louvar	hourar
	18	de delicias	das delicias
15	25	te fallo	te chamo
17	17	a Grecia	a Guerra
19	8	mostras	apontas
	12	em oiro, em ferro	d'oiro e ferro
	25	Para ás	Pelas
20	13	hé	hés
21	10	E os dons sublimes &c.	Ella só os sublimes dons encerra
	17	as ruinas	a ruina
	23	co' a mão que erguia	a mão que erguera
	24	Confundir	Desmentir
	27	o seu	em seu
25	6	por quem a	por que' a
28	12	e o que	o que alcanças
29	30	novo	nova
31	11	do Pae	só Paes
	6	reclinado	recostado
	18	troncos ... muros	os troncos ... os muros
	21	novo	louco
	22	nos seculos	dos seculos
32	1	recostado	reclinado
	5	E hum	C' hum
	6	Os braços	E os braços
	11	innocencia	innocencia,
	12	Na terra, e o crime	Na terra o crime, &c.
	16	cuidavas	suppunhas
	29	Consagrar	Consagrou-se
	30	depois ferir	ferir depois
33	2	Vomita essas injurias	E vomita as injurias, &c.
	12	he toda tua	toda he tua
	16	As mãos, e os olhos.	E as mãos e os olhos &c.
	21	vista	voz
	31	perolas	as perolas
	32	Arbitro	Tributo
34	1	Formoso	Famoso

Pag.	*Versos.*	*Erros.*	*Emendas.*
34	13	Conta-lhe .... a viste.	Pinta-lhe ... viste
	18	os desgrenhados	as desgrenhadas
37	32	dão pomos	dão os pomos
39	27	louros	louro.
42	10	mil escravos montes e	sordidos escravos as Campinas
	11	Sertões, &c.	Em busca
	12	Em busca, &c.	Sertões ignotos, &c.
	18	Ouvir	De ouvir
	24	Recolhe em seu celeiro o loiro trigo	Recolhe alegre no celeiro o trigo
43	27	os diamantes	o diamante
47	25	Felix	Filis
54	21	rebombo	ribombo
55	21	rebomba	ribomba
57	ultimo	quem	á quem
58	9	Que teo nome o	Que teo nome he o nome, &c.
59	29	fauce	fouce.
63	no fim	J. B. da Gama.	Ignacio José de Alvarenga Peixoto.

ERRATAS

Do 2.o Numero

Pag.	*Versos.*	*Erros.*	*Emendas.*
6	16	e saudosa	de saudosa
20	16	....tu, que a viste	....tu, que o viste
21	30	..somnolente Lethe	....somnolento Lethe;
28	19	....mas ainda	....mas inda
35	6	Da Silva	Da Selva
36	17	Entr' alvos dentes	D' entr' alvos dentes
38	6	Que as Graças nuas;	Que as Graças nuas
40	15	....não te acho	....não te julgo
46	7	Nas êeas	Nas veias
47	1	A hum peito	Ao peito
47	2	A hum amante	Ao amante
52	3	seu, passo	seo passo
52	5	me apertas	me prendes
52	7	ou se prendes	ou se passeas

ERRATAS

Do 3.o Numero.

Pag.	*Versos.*	*Erros.*	*Emendas.*
6	10	Hé timido	Hé temido
7	24	Thé ver fugir	Thé ver surgir
10	11	N' huma mão	N' ũa mão
13	1	Não temas	Não sintas
ib.	8	Teo nome excelso	Teo genio claro
16	5	..lamenta a guerra	..contempla a guerra
23	21	..o quente eixo	..o eixo quente
31	11	..com a mão erguida	..já co' a dextra erguida
ib.	12	..mas attenta para	..mas suspensa pára
ib.	13	Vendo que ficaria	Por não querer ficasse.

ERRATAS

Do 4.o Numero.

Pag.	*Versos.*	*Erros.*	*Emendas.*
5	24	Que o menor mal	Que o mal menor
5	36	corrente	correntes
7	1	Então já da paciencia	Então da paciencia
7	23	que exalei	que esparzi
19	25	adorar a sua	adorar sua
20	15	Lionor, que fiz	Lionori, fiz
20	25	conheces há	conheces de há
20	26	Que, &c	Olha, e num sou com' elles, entendeste?
20	27	Que, &c.	Que cantão nestes montes muito ufanos
20	28	ao Pastor	do Pastor
24	27	o Ceo tom	o Ceo tem
57		do mesmo	por Alvarenga Peixoto.
57	23	mais se a vires	mas se a vires.
71	22	Em que rosas, &c.	Que rosas e neve tem
72	6	amores, quem,	amores, quem?
72	8	do meu bem?	do meu bem.

Rio de Janeiro. Na Typographia Imperial e Nacional. 1830.

PARNASO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO

DAS

MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INÉDITAS, COMO JÁ IMPRESSAS.

VOLUME 2.°

RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1831.

AVISO.

O Bom acolhimento, que tem merecido o 1.º Volume do *Parnaso Brasileiro*, anima o seo Edictor *Januario da Cunha Barboza* á proseguir nesta empreza de gloria Nacional, publicando o 2.º Volume, tambem dividido em 4 N.os de 8 folhas de impressão; cada hum dos quaes será annunciado logo que esteja pronto na Typographia.

Subscreve-se para esta obra nas casas dos Srs. *Veiga*, Rua da Quitanda esquina da de S. Pedro; *E. S. Plancher*, Rua do Ouvidor N.º 95, e na Typographia Nacional. O preço da subscripção he de 2$000 rs. pelo Volume, pagos adiantados; e o de cada hum dos 4 N.os avulsos, he de 600 rs., quando não contenhão mais de 8 folhas de impressão.

Achão-se á venda nas mencionadas casas os N.os do 1.º Volume, e se vendem pelos preços annunciados.

Os Srs., que subscreverem, poderão mandar receber esta obra nas casas em que fizerem a assignatura, logo que pelos Diarios se annuncie a publicação de cada hum dos N.os do *Parnazo Brasileiro*.

Rio de Janeiro 17 de Outubro de 1831.

Breve noticia sobre o Doutor Fr. José de S. Rita Durão.

NASCEO este nosso Poeta Epico no Arraial de *Inficionado*, da Provincia de Minas Geraes. A sua Familia he distincta pelos raros talentos de muitos dos seos membros; e não pequeno elogio se lhe faz nesta parte dizendo-se que á ella pertencerão os illustres Naturalistas — Doutor *Joaquim Velloso de Miranda*, e Coroneis *Antonio Velloso de Miranda*, e *João Velloso de Miranda*, sobrinhos do nosso Doutor *Durão*, que ainda por muitos annos conservarão o credito Litterario do nosso Poeta, entregando-se ás mesmas fadigas scientificas, e seguindo a mesma estrada de gloria, por onde elle chegára á tão illustre celebridade.

Em seos primeiros annos deo provas de que a Natureza o criára com todas as proporções para honrar o genio Brasileiro; e concluidos com muito aproveitamento os estudos preliminares, que podia fazer em sua Patria, passou esta planta á ser cultivada em terreno distante mas onde os orvalhos da sabedoria, e os disvellos de mais habeis agricultores a farião medrar, vicejar, e florecer, como seos paes desejavão, consolando-se em sua ausencia por esta idéa lisongeira aos que presão a gloria das Letras, e por isso a procurão de tão longe. *Durão* chegando á Portugal escolheo hum retiro para mais folgadamente applicar-se ao estudo das sciencias, que fazião o objecto de seos ardentes desejos; entrou na Communidade dos Religiosos Agostinhos movido pelo conceito, qne gozavão de muita e profunda Litteratura; e desenvolvendo o seo Genio nos estudos á que se dera, passou a frequentar a Universidade de Coimbra, donde por fim voltou depois de recebido o gráo de Doutor em Theologia. Mas o homem que aspira ser sabio não pára na

carreira em que se distingue, ainda que os seos loiros o advirtão que tem deixado após si muitos Genios, ou menos favorecidos pela Natureza, ou mais timidos á vista de trabalhos difficeis, porém honrosos. As sciencias florecião na Italia, e *Durão* anhelava visitar o paiz classico da Litteratura, onde se salvarão os thesouros da Grecia, e onde tantos e tão illustres Romanos escreverão e fallarão para todo o mundo, e para todos os seculos. Elle se passou á Roma; e depois de huma residencia de alguns annos, regressou á Lisboa rico de erudição, e realisando todas as esperanças de seos primeiros annos, pelos seos não vulgares talentos, e constante applicação.

A sua linguagem era classica, porque a tinha dos Auctores puritanos. Fallava muitas linguas vivas; sabia com perfeição a Latina, Grega, e Hebraica, do que ainda existem bastantes monumentos em alguns dos seos escriptos. Concebeo o plano do seo Poema *Caramorú* (do qual agora damos alguns extractos), e o concluio no brevissimo espaço de tres mezes. Ainda que esta circunstancia não interesse muito aos Leitores, por quanto só lhes importa a bondade da obra, quer seja longo, quer breve o periodo em que se compozera, todavia, ella serve de algum modo para fazer conhecidos os grandes talentos do Doutor *Durão*. Se o seo *Caramorú* não he huma perfeita Epopéa, nem por isso deixa de ser muito estimado pelos grandes rasgos de imaginação, e quadros de mão habil, iguaes aos melhores de *Camões*, de *Mausinho*, de *Corte Real* &c. Alguns Estrangeiros lhe dão por isso mesmo elogios; *Ferdinand Deniz* faz delle honrosa menção no seo Resumo da Historia Litteraria do Brasil, analisando muitas das suas bellezas; e nós nos gloriamos de possuir huma Epopéa Brasileira unida á outras de menor extensão, de igual merecimento, como por exemplo o *Uraguay* de *J. B. da Gama*.

O Doutor Fr. *José de S. Rita Durão* deixou, além do seo Poema *Caramorú*, outras composições em prosa, que fazem honra á sua memoria.

PARNASO BRASILEIRO.

EXTRACTOS DO POEMA CARAMORU'.

Descripção do Naufragio.

CANTO 1.°

9.

DA nova Lusitania o vasto espaço
Hia a povoar Diogo, a quem bisonho
Chama o Brasil, temendo o forte braço,
Horrivel filho do trovão medonho:
Quando do abysmo, por cortar-lhe o passo,
Essa Furia sahio, como supponho,
A' quem do Inferno o Paganismo aluno,
Dando o Imperio das agoas, fez Neptuno.

10.

O grão Tridente, com que o mar commove,
Cravou dos Orgãos na montanha horrenda,
E na escura caverna, adonde Jove
(Outro espirito) espalha a luz tremenda,
Relampagos mil faz, coriscos chove;
Bate-se o vento em horrida contenda,
Arde o Ceo, zune o ar, treme a montanha,
E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

11.

O Filho do trovão, que em baixel hia
Por passadas tormentas ruinoso,
Vê que do grosso mar na travessia
Se sórve o lenho pelo pégo undoso;
Bem que, constante, a morte não temia,
Invoca no perigo o Ceo piedoso,
Ao ver que a furia horrivel da procélla
Rompe a náo, quebra o leme, e arranca a vélla.

12.

Lança-se ao fundo o ignivomo instrumento,
Todo o peso se alija; o passageiro,
Para nadar no tumido Elemento,
A taboa abraça, que encontrou primeiro:
Quem se arroja no mar, temendo o vento;
Qual se fia á hum batel, quem á hum madeiro;
Até que sobre a penha, que a embaraça,
A quilha bate, e a náo se despedaça.

13.

Sete sómente no batel perdido
Vem á praia cruel, luctando á nado;
Offerece-lhe hum soccorro fementido
Barbara multidão, que acóde ao brado;
E ao ver na praia o Bemfeitor fingido,
Rende-lhe as mãos o naufrago enganado:
Tristes! que a ver algum qual fim o espera,
Com quanta sêde a morte não bebêra!

14.

Já estava em terra o infausto naufragante,
Rodeado da turba Americana;
Vêm-se com pasmo, ao porem-se diante,
E huns aos outros não crem da especie humana;
Os cabellos, a cor, barba, e semblante
Fazião crer aquella Gente insana,
Que alguma especie de animal seria
Desses, que no seo seio o mar trazia.

15.

Algum, chegando aos miseros, que á arêa
O mar arroja extinctos, nota o vulto,
Ora o tenta despir, e ora receia
Não seja astucia, com que o assalte occulto;
Outros do Jacaré tomando a idéa,
Temem que acorde com violento insulto;
Ou que, o somno fingindo, os arrebate,
E entre as presas crueis no fundo os mate.

16.

Mas vendo a Sancho, hum naufrago que expira,
Rota a cabeça n'huma penha aguda,
Que hia tremulo a erguer-se, e que cahira,
Que com voz lastimosa implora ajuda;
E vendo os olhos, que elle em branco vira,
Cadaverica a face, a boca muda,
Pela experiencia da commua sorte
Reconhecem tambem que aquillo he morte.

17.

Correm, depois de crello, ao pasto horrendo,
E retalhando o corpo em mil pedaços,
Vai cada hum famelico trazendo
Qual hum pé, qual a mão, qual outro os braços:
Outros na crua carne hião comendo,
Tanto na infame gula erão devassos!
Taes ha que os assão nos ardentes fóssos,
Alguns torrando estão na chamma os ossos.

Descripção de huma Aldêa de Selvagens do Reconcavo, &c.

CANTO 2.º

58.

No Reconcavo ameno hum posto havia
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia
A quem quer penetral-o a entrada toda:
Hum plano vasto no seo centro abria,
Aonde, edificando á patria moda,
De troncos, varas, ramos, vimes, canas,
Formarão, como em quadro, oito cabanas.

59.

Qualquer dellas com móle volumosa
Corre direita em linhas parallelas;
E mais comprida aos lados, que espaçosa,
Não tem paredes, ou columnas bellas:
Hum angulo no cume a faz vistosa,
E coberta de palmas amarellas
Sobre arvores se estriba altas, e boas,
De seiscentas capaz, ou mil pessoas.

60.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes provido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita:
Tal o rude Tapuia na grande arca,
Alli dorme, alli come, alli medita,
Alli se faz humano, e de amor molle,
Alimenta a mulher, e afaga a prole.

61.

Dentro da grã choupana á cada passo
Pende de lenho a lenho á rede extensa,
Alli descanço toma o corpo lasso,
Alli se esconde a marital licença:
Repousa a filha no materno abraço
Em rede especial, que tem suspensa:
Nenhum se vê (que he raro) em tal vivenda,
Que a mulher de outrem, nem que a filha offenda.

62.

Alli, chegando a esposa fecundada
A' termo ja feliz, nunca se omite
De pôr na rede o pai a prole amada,
Onde o amigo, e parente o felicite;
E como se a mulher sofrera nada,
Tudo ao pai reclinado então se admitte,
Qual fora, tendo sido em modo serio
Seo proprio, e não das mãis o puerperio.

63.

Quando na rede encosta o tenro infante,
Pinta-o de negro todo, e de vermelho,
Hum pequeno arco põe, frecha volante,
E hum bom cutello ao lado: e em tom de velho.
Com discurso pathetico, e zelante
Vai-lhe inspirando o paternal conselho;
Que seja forte diz, (como se o ouvisse)
Que se saiba vingar, que não fugisse.

64.

Da-lhe depois o nome, que apropria
Por similhança, que ao infante iguala,
Ou com que o espera celebre algum dia,
Se não he por defeito que o assinala:
A algum na fronte o nome se imprimia;
Ou pintão no verniz, que tem por gala,
E segundo a figura se lhe observa,
Dão-lhe o nome de féra, fructo, ou herva.

65.

Trabalha em tanto a mãi sem nova cura,
Quando o parto conclue, e em tempo breve,
Sem mais arte que a provida natura,
Sente-se lesta, e sã, robusta, e leve:
Feliz gente, se unisse com Fé pura
A sóbria educação, que simples teve!
Que o que a nós nos faz fracos, sempre estimo,
Que he mais, que pena ou dor, melindre e mimo.

66.

Vai com o adulto filho á caça, ou pésca
O solicito pai pelo alimento;
O peixe á mulher traz, e a carne fresca,
E á tenra prole a fructa por sustento;
A nova provisão sempre refresca,
E dá nesta fadiga hum documento,
Que quem nega o sustento á quem deo vida,
Quiz ser pai, por fazer-se hum parricida.

67.

Que, se acontece que a enfermar-se venha,
Concorre com piedade a turba amiga;
E por dar-lhe hum remedio, que convenha,
Consultão-no entre si com gente antiga:
Buscão quem de herva saiba, ou cura tenha,
Que possa dar alivio ao que periga;
Ou talvez sangrão n'huma febre ardente,
Servindo de lanceta hum fino dente.

68.

Mas vendo-se o mortal ja na agonia,
Sem ter para o remedio outra esperança,
Estima a bruta gente acção mui pia
Tirar-lhe a vida com a maça ou lança:
Se morre o tenro filho, a mãi seria
Estimada cruel, quando a criança,
Que pouco antes ao Mundo della veio,
Não torna ao seo lugar no proprio seio.

69.

Tal era o povo rude, e tal usança
Se lhe vê praticar no vicio illuso:
Tudo nota Diogo, na esperança
De corrigir por fim tão cego abuso.
No lugar da cabana, em que descança
Menos da gente, e multidão confuso,
Põe-lhe a rede Gupéva, que o convida,
De rica e mole pluma entretecida.

Primeira intrevista de Diogo e de Paraguaçú.

CANTO 2.°

77.

. . . . . .

. . . . . .

Acaso soube, que a Gupéva viera
Certa Dama gentil Brasiliana,
Que em Taparica hum dia comprendera
Boa parte da lingua Lusitana;
Que Portuguez escravo alli tratara,
De quem a lingua, pelo ouvir, tomara.

78.

Paraguaçú gentil (tal nome teve)
Bem diversa de gente tão nojosa;
De cor tão alva, como a branca neve;
E donde não he neve, era de rosa:
O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bella cor, testa espaçosa;
De algodão tudo o mais com manto espesso,
Quanto honesta encobrio, fez ver-lhe o preço.

79.

Hum Principal das terras do contorno
A' bella Americana tem por filha,
Nobre sem fasto, amavel sem adorno,
Sem gala encanta, e sem concerto brilha:
Servia aos Carijós, que tinha em torno,
Mais que de amor, de objecto a maravilha;
De hum desdem tão gentil, que á quem a olhava,
Se mirava immodesto, horror causava.

80.

Foi destinada de seos paes valentes
Esposa de Gupéva: mas a Dama
Fugia de seos olhos impacientes,
Nem prenda lhe aceitou, porque o não ama:
Nada sabem de amor barbaras gentes,
Nem arde em peito rude a amante chamma;
Gupéva, que não sente o seo despeito,
Tratava-a sem amor, mas com respeito.

81.

Deseja vel-a o forte Lusitano;
Porque interpréte a lingua, que entendia,
E toma por mercê do Ceo sob'rano
Ter como entenda o idioma da Bahia:
Mas quando esse prodigio a vista humano,
Contempla no semblante ao Iouçania,
Pára hum, vendo o outro; mudo e quedo,
Qual junto de hum penedo outro penedo.

82.

Só tu, Tutelar Anjo, que o acompanhas,
Sabes quanto a virtude alli se arrisca,
E as furias da paixão, que accende estranhas
Essa de insano amor doce faisca:
Ansias no coração sentio tamanhas,
(Ansias, que nem na morte o tempo risca)
Que houvera do perder-se naquell'ora,
Se não fora Christão, se Heroe não fora.

. . . . . .

85.

« Bella (lhe disse então) gentil Menina,
(Tornando em si do pasmo, em que estivera)
Sorte humana não he, mas he Divina,
Ver-me a mim, ver-te a ti na nova esfera;
Ella a frase, em que fallo, aqui te ensina:
Ella, se não me engana o que a alma espera,
Hum fogo em nós accende, que de resto
Ser-se perder honesto

86.

" Desde hoje, se a meos olhos corresponde
O meigo olhar das lucidas pupilas;
Se amor he; .... porque amor quem he que o esconde?
Se por elle essas lagrimas distillas;
Com que chamas meo peito te responde
Com mão de esposa poderás sentillas ,, :
Disse, e estendendo a mão, offereceo-lha:
Ella, que nada diz, sorrio-se, e deo-lha.

87.

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixara;
E ou de amante, ou tambem de vergonhosa,
Hum tão bello rubor lhe tinge a cara,
Como quando entre os lirios nasce a rosa:
Tres vezes quiz fallar, tres se calara;
E ficou de soçobro tão formosa,
Quanto elle ficou cego; e em tal porfia
Nem hum, nem outro então de si sabia.

88.

Mas reflectindo logo o Heroe prudente,
Fixou no coração com fé segura
Não cumprir as promessas de presente,
Antes que lhe entre n'alma a formosura:
Rende-lhe o seo amor, mas innocente;
E faz-lhe prometter, que com fé pura,
Em quanto se não lava, e regenera,
Em continencia viveráõ sincera.

89.

" Esta fé, (diz-lhe) Esposa em Deos querida,
Guardar-te hoje prometto em laço eterno,
Até banhar-te n'agoa promettida,
Por candida affeição de amor fraterno:
Amor, que sobreviva á propria vida,
Amor, que preso em laço sempiterno,
Arda depois da morte em maior chamma;
Que assim trata de amor, quem por Deos ama. ,,

90.

" Esposo (a Bella diz) teo nome ignoro,
Mas não teo coração, que no meo peito
Desde o momento, em que te vi, que o adoro:
Não sei se era amor já, se era respeito;
Mas sei do que então vi, do que hoje exploro,
Que de dous corações hum só foi feito.
Quero o Baptismo teo, quero a tua Igreja,
Meo povo seja o teo, teo Deos meo seja.

91.

" Ter-me-has, caro, ter-me-has sempre a teo lado;
Vigia tua, se te occupa o somno;
Armada sahirei, vendo-te armado;
Tão fiel nas prisões, como n'hum throno:
Outrem não temas, que me seja amado,
Tu só serás Senhor, tu só meu dono: "
Tanto lhe diz Diogo, e ambos jurarão,
E em fé do juramento as mãos tocarão.

Bellissima pintura da desesperação das Jovens Selvagens por occasião da volta de Diogo para a Europa.

CANTO 6.º

34.

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa náo de Gallica bandeira,
Que a terra ao parecer vinha buscando,
E a proa mette sobre a propria esteira:
Vem seguindo a canoa, e sinaes dando,
Até que aborda a embarcação veleira;
E de paz dando a mostra conhecida,
A's praias da Bahia a náo convida.

35.

A *Gupéva* entretanto, e Taparica
Dava o ultimo abraço; e á forte Esposa
A intenção de levalla significa
A ver da Europa a região famosa:
Suspensa entre alvoroço, e pena fica
Paraguaçú contente, mas saudosa;
E quando o pranto na sentida fuga
Começava a saudade, amor lho enxuga.

36.

He fama então que a multidão formosa
Das Damas, que Diogo pertendião,
Vendo avançar-se a náo na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdião:
Entre as ondas com ansia furiosa
Nadando o Esposo pelo mar seguião;
E nem tanta agoa, que fluctua vaga,
O ardor, que o peito tem, banhando apaga.

37.

Copiosa multidão da náo Franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada;
E ignorando a occasião da estranha empresa,
Pasma da turba feminil que nada:
Huma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinga menos bella, do que irada;
Era *Moema*, que de inveja geme,
E já visinha á náo se apega ao leme.

38.

" Barbaro (a Bella diz) tigre, e não homem....
Porem o tigre por cruel que brame,
Acha forças amor, que em fim o domem;
Só a ti não domou, por mais que te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio, e asco....
Ah! que o corisco hes tu.... raio.... penhasco.

39.

Bem poderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teo engano;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que he favor, dado á tempo, hum desengano:
Porem deixando o coração cativo
Com fazer-te á meos rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meo fino amor tão crua morte?

40.

Tão dura iugratidão menos sentira,
E esse fogo cruel doce me fora,
Se á meo despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguira,
Se não temera de chamar Senhora
A vil *Paraguaçú*, que sem que o creia,
Sobre ser-me inf'rior, he nescia e feia.

41.

Em fim tens coração de ver-me afflicta
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teo peito incita
A hum ai sómente, com que aos meos respondas:
Barbaro, se esta fé teo peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir) ah não te escondas,
Dispara sobre mim teo cruel raio .... ,,
E indo á dizer o mais, cahe n'hum desmaio.

42.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
Palida a cor, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor soltando o leme,
Entre as salsas espumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo,
— Ah Diogo cruel! — disse com magoa,
E sem mais vista ser, sorveo-se n'agoa

43.

Chorarão da Bahia as Nynfas bellas,
Que nadando a *Moema* acompanhavão,
E vendo que sem dor navegão dellas,
A' branca praia com furor tornavão:
Nem pode o claro Heroe sem pena vellas
Com tantas provas, que de amor lhe davão;
Nem mais lhe lembra o nome de *Moema*,
Sem que ou amante a chore, ou grato a gema.

Descripção da tomada do Forte de Villegaignon aos Francezes, por Mendo de Sá, e seo sobrinho Estacio de Sá.

CANTO 8.°

39.

Mais não tolera a Lusa Monarquia;
Que ao Rei Christianissimo adherente,
Contra a rebelde heretica porfia
Armada põe na America potente:
Chefe Estacio de Sá prudente envia
De válidos galeões com forte gente,
Que o Herege expulsando da enseada,
Deixe nova Cidade alli fundada.

40.

Obzequioso abraçava o claro Mendo
O valeroso Chefe seo conjuncto,
As forças da Bahia unido tendo
A's que trouxera sobre o mesmo assumpto:
Contra os esforços do Tamoio horrendo
Accommette o rebelde em liga junto,
Incorporando á Armada Lusitana
Vasto esquadrão da turba Americana.

41.

Chama-se Pão de Assucar o penedo,
Em pyramide ás nuvens levantado,
Onde de hum salto tinha ja sem medo
A turba militar desembarcado:
Nadava pelo mar vasto arvoredo
Do Gentio em canoas habitado,
E do ardente Francez luzida tropa,
Que habil n'arte da Guerra fez a Europa.

42.

Destes o Luso campo accommettido
De dardos, frechas, balas se embaraça;
Em sombra o seio todo escurecido,
As náos occultão nuvens de fumaça:
E ao echo dos canhões entre o ruido
Tudo está cego, e surdo em campo, e praça,
E no horrivel relampago das peças
Cahem por terra os bustos sem cabeças.

43.

Voão as náos de chammas occupadas,
Enchendo a enseada do infernal estrondo,
As canoas dos nossos abordadas,
E os galeões, que em linha se vão pondo:
Os golpes, que retinem das espadas,
O golfo que arde em chammas em redondo,
Erão na terra, e mar em sangue tinto,
Hum abysmo, hum inferno, hum labyrintho.

44.

Depois que largo tempo em Marcio jogo
Dura a batalha com commum perigo,
Cessando o impulso do contrario fogo,
Todo o estrago apparece do inimigo:
Tinha cedido da contenda logo,
Receoso o Tamoio do castigo;
E os Francezes, que as náos mal sustentavão,
Entre as penhas o asylo procuravão.

45.

Não céssa o bravo Sá contra o Gentio,
E a forte tropa pelo mato avança;
Por que abatendo o orgulho, e insano brio,
Se apartasse o Sertão da infame alliança:
Nem receia o Tamoio o desafio,
Tendo no seu valor tanta confiança,
Que fugindo da aldea ao mato, e gruta,
A liberdade ao Portuguez disputa.

46.

Era aspero o combate, e lenta a guerra,
E sem effeito o assedio ao Francez posto:
E o barbaro embrenhado dentro a terra
Tinha emboscada ao Portuguez disposto:
Mendo que n'alma o grão cuidado encerra,
Tendo de Estacio soccorrer proposto,
Faz levas, busca náos, e a gente incita,
E em auxilio dos seus partir medita.

47.

Já dobra o frio Cabo a esquadra ingente,
E a vista do penhasco lança a amarra,
Pasma o rebelde, vendo a armada á frente
Occupar numerosa a estreita barra:
Une-se a frota alli da Lusa gente.
E os mutuos casos vanglorioso narra
Irmão á irmãos, e o filho ao pai festivo
Por ter chegado sam, e achado vivo.

48.

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo,
E por festiva salva estrepitosa
Faz que vomite o bronze o fogo horrendo
Contra a Ilha, que avistão, penhascosa:
E largamente consultado havendo
Os dous Chefes da empreza gloriosa,
Contra o penedo tentão no mais alto
A peito descuberto hum fero assalto,

49.

Vem-se entre as penhas formidaveis bocas
De canhões, e mosquetes trovejando,
E nas quebradas espantosas rócas
Do barbaro Tamoio o immenso bando:
Muitos alli das asperas barrocas
Vão os nossos fuzís precipitando,
Outros da rota penha em meio ás gretas
Cobrião contra nós todo o ar de settas.

50.

Não cessava o rebelde bellicoso
Com vivo fogo o assalto rebatendo,
Em quanto sobe o Luso valeroso,
Trepando em furia no penedo horrendo;
Quem no meio do impulso impetuoso
Cahe, na ruina o proximo involvendo;
Quem, ferido da frecha, ou veloz bala,
Do mais alto da penha ao mar resvala.

51.

Todo o penhasco em fogo se fundia,
Em quanto o mar em roda em chammas ferve,
Entre o fracasso, e fumo que sahia,
De nada o ouvido vale, e a vista serve:
A terra toda em roda estremecia,
E sem que a agoa do incendio se preserve,
Parecia ferver do fogo insano,
Escondendo a cabeça, o Padre Oceano.

52.

Qual do Vesuvio a boca pavorosa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuosa
Parte do vasto monte involta em chamma:
A cinza cobre o Ceo caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal espantado, e tremebundo,
Crê que o Ceo caia, e que se funda o Mundo.

53.

Tal de Villegaignon na penha dura
Do horrifico trovão freme a tormenta,
E a chamma entre a fumaça horrenda e escura
Do infernal lago as furnas representa:
Porem do proprio fumo na espessura
A pontaria, que o rebelde intenta,
Evita o Portuguez, que ataca incerto
A' escala vista, e á peito descuberto.

54.

E já no grão penedo tremulavão
As Lusas Quinas pelo forte Estacio,
E as Lises do penhasco se arrancavão,
Donde a Villegaignon se ergue hum palacio:
Pela roca os Tamoios se arrojavão;
E o valor Luso, dando inveja ao Lacio,
A guarnição Franceza investe á espada,
E obriga em duro choque á retirada.

55.

O valente Francez, que a bellica arte
Já com valor na Europa professara,
O peito á fuga oppõe por toda a parte,
E faz que volte o fugitivo a cara:
E vendo Estacio só junto ao Estandarte,
Que por Chefe dos Lusos se declara,
Cuida de hum golpe terminar a empreza
No General da gente Portugueza.

56.

Não desfalece o Capitão valente,
E de hum e de outro lado accommettido,
Rebate as ballas sobre o escudo ingente,
E arroja-se ao rebelde ensurecido:
Lebrun despoja do mosquete ardente,
Com que muitos de hum golpe tem ferido,
Outros de ingreme posto ao mar despenha,
E alguns expulsa da soberba penha.

57.

E já fugia a timida caterva,
Quando Rochefocó, que a pugna iguala,
Donde a viseira descoberta observa
Lhe aponta desde longe ardente bala:
Cahindo o Heroe, na espada que conserva
Adora humilde a Cruz, e perde a falla;
Banha-se em sangue o chão, e em tanta gloria
Regada a terra produzio victoria.

58.

Porque em quanto em seguillo divertido
Abandona o Francez a fortaleza,
Tinha parte do exercito subido
A dar fim com victoria á forte empreza:
Admira Mendo o braço esclarecido;
E bem que do sobrinho o valor préza,
No juvenil ardor notou magoado
O tomar Chefe as partes de Soldado.

59.

" A' Patria (o nobre Sá diz lagrimando)
Victima irás da fé, da liberdade,
Vigor no sangue heroico á terra dando,
Donde se erga immortal nova Cidade:
O caso acerbo aos posteros contando,
Tenhão seos Cidadãos da heroicidade
Clara lição no Fundador primeiro,
Gloria eterna do Rio de Janeiro. "

60.

Tal nome deo á enseada no recordo
Do mez, que illustre foi por caso tanto,
E a Cidade deixou com justo acordo
A clara invocação de hum Martyr Santo:
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Breve noticia sobre a Senhora D. Beatriz Francisca de Assiz Brandão.

Os Amantes da Litteratura acharão nas seguintes Poesias de huma Brasileira, da Provincia de Minas Geraes, huma prova de que tambem o bello séxo; entre nós, he capaz de sentir e de expressar as bellezas que acendem o estro, e pungem a imaginação, ainda quando obstaculos, até hoje poderosos, parecião reduzil-o aos cuidados internos da familia. A Senhora *D. Beatriz Francisca de Assiz Brandão*, annuindo aos desejos, que lhe havia-mos manifestado, de publicar algumas das suas excellentes producções, faz ver por isso mesmo quanto anhella concorrer para a gloria da Patria, chamando pelo seu exemplo as nossas patricias á celebridade da carreira Litteraria, que lhes não he vedada, e em que muitas se terião feito honrosamente conhecidas, se huma modestia mal entendida as não acanhasse na publicação de seus escriptos. Se nos fosse dado offerecer á luz publica algumas cartas, em que esta erudita Brasileira nos descobre o patriotico ardor, com que deseja ver florentes as bellas Artes, que tanto se casão com o nosso genio, e especialmente n'esta época, em que a Independencia, e a Liberdade desencolhem as suas azas, á vista de objectos, que devem ser cantados por Vates, que ja respirão hum ar mais saudavel, que o dos annos antecedentes, verião os nossos Leitores, quanto pode o amor das Lettras unido á hum talento como o da Senhora *D. Beatriz*, de quem podemos dizer, que aprendeo por si mesma, no silencio do seu gabinete, as regras de poetisar, e de escrever com gosto, e depurada critica, sobre materias, que parecião vedadas á delicadeza do seu séxo. O Parnaso Brasileiro enriquecendo-se cada vez mais com as

Poesias, que se nos tem remettido de varias Provincias, he huma prova de que o gosto das bellas Lettras por ellas se propaga; e quando lhe accrescentamos as produções de huma Senhora, em que brilhão estro, natureza, e philosophia, regosijamo-nos de que a sua gloria se communique á muitas Senhoras Brasileiras, que reconhecemos dotadas de tão bellas qualidades. A Provincia de Minas Geraes, tão abundante sempre d'esses genios, que aformoseão a nossa Litteratura, deve vangloriar-se de possuir no bello séxo talentos tão dignos da estimação publica, como os da Senhora *D. Beatriz*. Sabemos que elles se cultivão hoje em honra, e proveito Nacional; e que as luzes colhidas á pouco, e com grande trabalho no retiro do gabinete, começão á diffundir-se pela mocidade de ambos os séxos, com incrivel aproveitamento. E para prova de que as pessoas Litteratas se empenhão em fazel-as proficuas em gloria sua, e dos nossos patricios, sabemos, e declaramos que a Senhora *D. Beatriz*, na Capital da sua Provincia, rege hum Collegio de educação de Meninas Brasileiras, que sem duvida muito se adiantaráõ em conhecimentos, e virtudes domesticas, por isso mesmo que o merito da sua illustre Directora não se limita ás brilhantes produções do seo espirito, que agora offerecemos aos nossos Leitores.

SONETO.

A's suas Patricias, por D. B. F. A. Brandão tendo de idade 18 *annos.*

Estas, que o meu Amor vos offerece,
Não tardas produções de fraco engenho,
Amadas Nacionaes, sirvão de empenho
A' talentos, que o vulgo desconhece.
Hum exemplo talvez vos apparece,
Em que brilheis nos traços, que desenho:
De excessivo louvor gloria não tenho,
E se algum merecer de vós coméce.
Raros dotes talvez vivem occultos,
Que o receio de expor faz ignorados;
Sirvão de guia meus humildes cultos.
Mandai ao Pindo os vôos elevados,
E tanto sejão vossos versos cultos,
Que os meus nas trevas fiquem sepultados.

SONETO.

Da mesma Senhora.

Vôa', suspiro meu, vai diligente,
Busca os Lares ditosos onde móra
O terno objecto, que minha alma adóra,
Por quem tanta aflição meu peito sente.
Ao meu bem te avisinha docemente;
Não perturbes seu sono: nesta hora,
Em que a Amante fiel saudosa chora,
Durma talvez pacifico e contente.
C'os ares, que respira, te mistura;
Seu coração penetra; nelle inspira
Sonhos de amor, imagens de ternura.
Apresenta-lhe a Amante, que delira;
Em seu candido peito amor procura;
Ve se tambem por mim terno suspira.

SONETO.

Da mesma Senhora.

Que tens, meo coração? Porque ancioso
Te sinto palpitar continuamente?
Ora te abrazas em desejo ardente,
Outr'ora gélas triste e duvidoso?
Huma vez te abalanças valeroso
A' supportar da ausencia o mal vehemente;
Mas logo esmorecido, descontente,
Abandonas o passo perigoso?
Meo terno coração, eia, resiste,
Não desmaies, não tremas; pode hum dia
Inda o Fado mudar o tempo triste.
Supporta da saudade a tyrannia,
Qu'inda verás feliz, como já viste,
Raiar a linda face da alegria.

SONETO.

Da mesma Senhora.

De longo suspirar atenuados
Os meos fracos sentidos vacilavão;
Meos olhos brandamente se cerravão
De lisongeiros sonos afagados.
Em refulgente nuvem collocados
Vi Fortuna e Amor, que me buscavão,
E entre os raios de luz, que dardejavão,
Ella mostra a riqueza, elle os agrados.
No aureo cofre seo a Deosa errante
Os mais raros thesouros me offerecia
Por que anhella a gente delirante:
Amor entre as mãos ambas suspendia
Hum terno coração, puro, e constante:
Esta joia aceitei, que Amor trazia.

SONETO.

Da mesma Senhora.

De violentos contrastes embatido
Meu terno coração ja mal resiste:
Triste o dia amanhece, e a noite triste,
Inda mais negra faz meu mal crescido.
Trago á memoria o tempo decorrido,
Memoria, que em minha alma sempre existe,
Doce, terna lembrança, que persiste
Para maior pesar em meu sentido.
Recórdo, caro bem, os claros dias,
Em que amantes, unidos, e contentes,
Eu os teus, tu meus votos recebias.
Tudo o tempo mudou: tristes e ausentes,
Sugeitos á violentas leis impias,
Zombão de nós os Fados inclementes.

SONETO.

Da mesma Senhora.

Sólta embora, ó Fortuna, aurea madeixa:
Não me enlevão teus dotes singulares;
Trovejem contra mim nuvens de azares,
Não alcanças de mim gloria nem queixa.
Benigna abre o teu cofre, avara o feixa,
Não me inspiras praseres nem pesares;
Prodígue incensos sobre teus altares
Baixa caterva, que ambição enfeixa.
Inabalavel he minha alma amante,
Não te adóra, nem teme: hum nobre instincto
Despresar sabe teu favor volante.
Meu peito sente affecto mais distincto;
Hum instante de amor, hum doce instante,
Vale mais que os thesouros de Corintho,

SONETO.

Da mesma Senhora.

Meu coração palpita accelerado,
Exulta de praser, de amor delira,
Novo alento meu peito ja respira,
He mil vezes feliz o meu cuidado.
O meu Tirce de mim vive lembrado,
Saúdoso, como eu, por mim suspira;
Que selecto praser á est'alma inspira
A amorosa espressão do bem amado!
Doce prenda dos meus ternos amores,
Amada, suavissima escritura,
Que em meu peito desterras vãos temores;
Em igneos caracteres n'alma pura
Grava, Amor, c'os farpões abrasadores
Estes doces penhores da ternura.

EPIGRAMMA.

A sabia Ulina se aflige
De me ver metrificar;
Teme que possa eu chegar
Por Poeta á enloquecer;
E eu temo que ella enloqueça
Com os desejos de o ser.

OUTRO.

A hum quadro muito mal copiado.

Por mão da bella Ulina desenhada
Ve-se a próle gentil de Cassiopéa,
Não ja na prima forma delicada
Mais em *môna* infernal, hirsuta, e feia.
O joven simi-deos, o heróe prestante
(O'vil metamorphose, ingrata idea!)
Transformado em *Lagarto* petulante, (1)
Sobre hum *Cabrito* (2) *allado* hum porco caça,
E com agudo espeto (3) o ameaça.
Com tudo, errar Ulina eu uunca crera;
O que julgo daqui he que Perseo
C'a maldita cabeça, que troxera,
Em vez de converter em rócha a fera,
Monstrificou-se, e a tudo o que era seu.

---

(1) A armadura parecião escamas.

(2) O Pegazo.

(3) Perseo devia petrificar a fera, e vencer o resto á espada; mas no quadro a pintora teve a habilidade de apresentar a fera como hum porco, e a espada como hum espeto.

Quadras da mesma Senhora.

Fulgente estrella influio
No instante de meu ser,
Apollo, e o Coro Aonio
Presidirão meu nascer.

Na mais tenra puericia
Com as Musas m' intretinha,
Muitas vezes de meus brincos
Erato apartar-me vinha.

Em pequena eburnea lira
Debeis dedos ensaiando,
Paixões, que não conhecia
Innocente hia cantando.

Minha propensão foi crime
Aos olhos, que me observavão,
E para della apartar-me
Ler Poetas me vedavão.

Novo e Velho Testamento
Me fazião estudar,
E o tremendo *Flos Sanctorum*
Cheguei mesmo a decorar.

Eu soube os milagres todos
Dos heroes da Sanctidade,
Revelações, Penitencias,
Martirios d' antiguidade.

Em tanto *Camões*, *Bernardes*,
Que com cautella guardava,
Nas horas do meu repouso
Anciosa meditava.

Adoçou-se o cativeiro,
Obtive mais liberdade,
Estendeo meu genio as azas
Nos annos da puberdade.

Alçou-se então contra mim
Da inveja a lingoa ferina;
Meu estro foi reputado
Por fruto d' impia doctrina.

Nunca frivola vaidade
Em meus versos influia,
Nem torpe maledicencia
Da minha penna sahia.

A' face do Universo
Admirando a natureza,
Hum Ente Eterno venero,
Que a criou, e a embeleza.

Este principio em minh'alma
Jamais apagar poderão
As razões aparatosas
Dos genios, que o combaterão.

Adóro hum Deos infinito,
Hum Deos em bondade immenso;
Mas acreditar não posso
Que seja á paixões propenso.

Suas Leis elle me ha dado,
Dentro de minha alma as tenho;
Amando-o em meus semelhantes
Seus preceitos desempenho.

A' jejuns e disciplinas,
Ah! não posso acommodar-me;
Deos me dá força e saude,
Assim devo conservar-me.

He ir contra seus preceitos
Suas obras alterar?
P'ra outros fins certamente
Elle me quiz animar.

Se só cardos e cebollas
Deve ser o meu sustento,
Se de pão e agua da fonte
Que me nutra he seu intento:

Logo por occiosidade
Creou tantos animaes,
Tantos fructos exquisitos,
Tantas Vinhas e Olivaes.

Por que nos deu os sentidos
Se nos he o uso vedado?
Pode acaso hum Deos benigno
Ter-nos esse laço armado?

Acaso os bens, que criou
São para os irracionaes?
Estes limitão-se á hum ponto;
Nós somos universaes.

Só o ente, que discorre,
He capaz dos seus louvores;
E se aos brutos o igualamos,
Para quem fez Deos as flores?

Os brutos não aprecião
Delicias da vista e olfato;
Colher, cheirar huma flor
Eu nunca vi cão nem gato.

Meu Deos, meu Pai, eu sou grata,
Os teus bens conheço e preso;
Sei que o ente, que illustraste
Não merece o teu despreso.

Podem sim minhas paixões
Da tua lei apartar-me;
Porem dentro de minh'alma
Tua voz sinto chamar-me

Adorar-te, ser sensivel,
Partir c'o pobre o meu pão,
Confessar os beneficios,
Estes teus preceitos são.

Nesta base estão firmadas
Minha crença, e minha fé;
No Livro da Natureza
Tuas Leis minha alma lê.

Quadras da mesma Senhora.

Vem surgindo a rubra aurora
Nos braços da madrugada;
De seu pranto borrifada
Vejo a planta, vejo a flor.

Aligero bando entôa
Doces hymnos innocentes,
E em seus gorgeios cadentes
Respirão prazer e amor.

Suave murmura a fonte
Os brandos ramos se movem,
Ao longe as vozes se ouvem
Da Serrana e do Pastor.

Abre a roza matutina
O virgineo rubro seio,
Do Zefiro doce enleio
Meiga negaça de Amor.

Doces perfumes exhalla
A assucena pudibunda,
E co' a angelica jocunda
Compete em cheiro e candor.

Ternas rôlas, fidas aves,
Em reciprocos carinhos,
Unem rozados biquinhos,
Participão mutuo ardor,

Ah! só eu beijar não posso
O meo bem, o idolo meo?
Amor fieis nos prendeo;
E he crime em nós amor!

Que lei dura assim condemna
A mais justa das paixões?
Ah! quem pode aos corações
Tão austeras leis impor?

Justo Deos, quando creaste
A sensivel raça humana,
Huma sorte tão tyranna
Lhe destinou teo amor?

Quando no Eden misterioso
Os nossos paes collocaste,
Quando o pomo lhes vedaste,
Vedaste tambem o amor?

A maior das tuas obras,
O Senhor da natureza,
Simb'lo da tua grandeza:
Objecto do teo rancor!...

Como, ó Deos, combinar posso
Tão féra contradição?
Se he crime a doce paixão,
Não hes deste crime o author?

Tu os sentidos nos deste,
Tu nos fizeste sensiveis:
E de paixões invenciveis
Nos entregaste ao furor?

Ah! perdoa, eu me confundo:
Tu queres nossa ventura;
Tu prescreveste á ternura
Laço de virtude e amor.

Leis humanas atropellão
Tuas santas leis augustas:
Formalidades injustas
Nos regem á seo sabor.

Ambição, vil interesse,
Caprixos, preocupações,
Escravisão corações,
Que nascerão para amor.

Sem união de vontades
Eterna união persiste,
E onde amor não existe
Manda a lei, serve o temor.

Tirce.... ó Tirce, porque temes?
Decedida he nossa sorte;
Desatar só póde a morte
Os laços do nosso amor.

Embora á nossa união
Se opponha bruta avareza:
He mais forte a natureza,
He mais poderoso amor.

Mão cruel, mão vigorosa
Te separa dos meos braços;
Mas não quebra nossos laços,
Mas não vence nosso amor.

Discripção de hum Naufragio, por Luiz Paulino, (da Bahia.)

Do vento açoutado
O Oceano geme;
Desarvóra o mastro
E nos rouba o leme

Já rasgada a vélla
Pelos ares vôa;
Nas ondas mergulha
Soçôbrada a próa.

Materia inflamada
Do ar se despéga,
Clarão cor de enxôfre
A vista nos cégá.

Raio combustivel
Nosso barco arromba,
No bojo dos mares
O écho ribomba.

Tres vezes Neptuno
Com ancia implorámos;
Neptuno está surdo,
Em vão o chamamos.

O terror e o susto
De nós se apodéra,
O medo da morte
Só em nós impéra.

Montões d'infelices
Nas ondas sorvidos
Intentão salvar-se
Por entre alaridos.

Hum disputa ao outro
A taboa partida,
E qual mais ligeiro
Vai perdendo a vida.

Acaba a contenda,
A taboa fogio,
Ao longo dos mares
Boiando se vio.

Feliz o que vive
Na solida terra,
Que negra borrasca
Jámais lhe faz guerra!

SONETO.

Pelo mesmo, em Coimbra, ao Retrato de D. Affonso Henriques, desarmando-se os Portuguezes por ordem do General Junot.

A' teus Pés, Fundador da Monarchia,
Vai sêr a Lusa gente desarmada;
Hoje rende á traição a forte espada,
Que jamais se rendeo á valentia.
O' Rei, se minha dor, minha agonia
Penetrar podem sepulcral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada
Corre á vingar a afronta d'este dia.
Eu fiel, qual tefoi Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei: grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem;
E as lagrimas, que a dor aos olhos lança,
Recebe, Grande Rei, por vassalagem,
Aceita-as em protesto da vingança.

SONETO.

Por Alvarenga Peixoto, no dia em que sua filha completava 7 annos.

Amada filha, he ja chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha acêsa,
Vem conduzir a simples natureza,
He hoje que o teu mundo principia.
A mão, que te gerou, teus passos guia,
Despresa offertas de huma vã belleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
A's santas leis do Filho de Maria.
Estampa na tu'alma a Charidade,
Que amar a Deos, amar aos semelhntes
São eternos preceitos da verdade;
Tudo o mais são ideas delirantes,
Procura ser feliz na eternidade
Que o mundo são brevissimos instantes.

DESCRIPÇÃO.

Extrahida da vida Maritima, composta pelo Padre José Gomes Gadelha (de Pernambuco)

Já sei, dividiste em vão
Os Povos que o mundo encerra:
Do mar triunfa a ambição:
Não ha mais que huma Nação:
Todo o mundo he huma terra.

Tu, cuja alta intelligencia
Jámais se póde enganar,
Não previste a consequencia,
Que desta infame sciencia
Poderia resultar.

Vidas postas em leilões,
Perdas de Fazenda, e d'honra,
Roubos, incendios, traições,
Coroados os Ladrões,
Entronisada a deshonra:

Tanta mulher sem marido,
Tantos pupilos sem pais,
Teu altar prostituido,
Novo Deos reconhecido,
E...ó Jupiter, que mais?

Alto: não passe á loucura
A paixão, que me domina.
A minha fé me assegura
Que não póde a creatura
Entrar na mente divina.

Salvo porém seu direito,
Continúo a ponderar
Por desafogo do peito,
O damno, á que está sujeito
Quem se aventura no mar

Mostra o tempo alegre rosto,
Apparece o vento amigo,
Solta-se o panno com gosto;
Porém não tarda o desgosto,
Quando está perto o perigo

De repente a embarcação
Por parte occulta se arromba.
Que triste situação!
Pedem todos confissão,
Grita o mestre, á bomba, á bomba!

Huns na bomba a repuxar,
Outros a brécha buscando,
O licor a borbulhar,
O navio a se agachar,
E á morte caminhando.

Já falla o Piloto frio
Ao Capitão sem discurso:
De balde intenta o desvio,
Engole o mar o navio;
Morrem todos sem recurso.

Ao fenomeno, que ouviste,
O do incendio he similhante;
E sabei (se em terra o viste)
Que no mar tanto he mais triste,
Quanto mais he crepitante.

Inteira a composição
Do navio he combustivel:
Madeira, estopa, alcatrão,
Linho, polv'ra, em conclusão
Todo elle he fogo invisivel.

Se huma faisca se atêa,
E logo não se occorreo;
De improviso se incendêa,
E cada hum na chamma fêa
Prova a pena do Judeo.

Mas se nada disto sente
E vai com vento feliz,
Toca o baixo de repente;
Obriga o resto da gente
A ver a costa infeliz.

Outra vez sem precaução
Tópa o Maurisco baixel;
Lá vai em risco o Christão
De ler no torpe Alcorão
Em Berberia, ou Argel.

Se deste perigo escapa,
Cahe nas podres calmarias:
E seja Rei, seja Papa,
Alli fica posto á capa
Oito, quinze, ou vinte dias.

Nas demoras da viagem
Consomem-se os mantimentos:
O mar não tem estalagem.
Mas ah! que eu já pinto a imagem
Da guerra dos elementos.

Ver o Ceo subitamente
Cobrir-se de noite escura;
Retalhar o raio ardente
O ar, que sofre impaciente
Do seu Imperio a rotura;

D'Eolo o poder tremendo
Encrespando os largos mares
Ao fundo cáos descendo,
As areas revolvendo
Sacudindo-as pelos ares;

Roucos Aquilões berrando
Pelas insarsias zunindo,
Muras, escotas quebrando.
Duras vergas arrancando,
Rotas véllas engolindo;

O mar convulso da ira
Meneando a verde trança
Contra todos se conspira,
Ao abysmo aqui se atira,
A's nuvens alli se avança.

Entre o bom, e entre o máo
Não descobre meio alguem:
E a desmastreada náo
Gemendo dentro do váo
Por quantas juncturas tem.

O Capitão macilento
O governo desampara;
Corre, salta, cobra alento,
Agasta-se contra o vento,
Faz votos á Santa Clara.

Voão das lúbricas bordas
Marujos rijos, ou fracos
Para as tremulantes cordas,
Mais ensopados que sordas,
Mais ligeiros que macacos.

Entesa o Piloto o rabo
D'albernós e solideo;
E arrimando-se á hum cabo,
Enche a boca de diábo,
E põe os Olhos no Céo.

Da bosina a voz escura
Confundida co' o tropel,
Que lá nos mastos murmura,
Mostra imperfeita figura
Da confusão de Babel.

Até do beliche salta
Com agua benta n'um cópo
O Capellão, que não falta,
E a trémula voz exálta,
Dizendo: *Asperges me hysopo.*

Rompe a marítima escolta
N'um triste clamor vehemente:
Cada qual as costas volta
Ao seu posto, vendo solta
A morte em braços c' a gente.

Estas as causas primárias
D'hum vario acerbo destino:
Deixo as outras secundárias,
Que são quasi necessárias
No mar que he móto contino.

Quadro resumido da vida de Gregorio de Mattos Guerra.

NASCEO *Gregorio de Mattos* na Cidade da Bahia, em 7 de Abril de 1623. Forão seus pais, *Pedro Gonçalves de Mattos*, natural da Villa dos Arcos de Valdevez, em Portugal, e *Maria da Guerra*, Senhora de muito respeito e *Bahiana*, Baptisou-se na Cathedral com o nome de João, que depois á instancias do Prelado *D. Pedro da Silva e S. Paio* lhe foi mudado no chrisma pelo de *Gregorio*.

Seus Pais possuião, alem de outras Fazendas, hum grande e bello Canavial na Patatiba, onde havião quasi 130 escravos de serviço repartidos por 2 Engenhos.

Gregorio foi o terceiro filho deste matrimonio; e feitos os seus primeiros estudos na Bahia, passou-se á Coimbra, onde principiou á manifestar os seus talentos, e com especialidade os da Poesia Satyrica, que mais cultivou por natural inclinação. Existe hum testemunho do seo merito, neste ramo da Litteratura, em huma carta escripta de Coimbra para Lisboa pelo Desembargador *Belchior da Cunha Brochado*, na qual se lê: — anda aqui hum estudante Brasileiro tão refinado na Satyra, que com suas imagens, e seus trópos, parece que baila Momo as cançonetas de Apollo. —

Doutorou-se na faculdade de Leis; e passando-se á Corte á praticar com hum dos melhores Letrados, adquirio grandes creditos em difficultosos Arrazoados; servio depois o lugar de Juiz do Crime, e tambem o de Orphãos, como se colhe de huma douta sentença por elle proferida em 2 de Novembro de 1671, que traz *Pegas* no Tomo 7. á ordenação Liv. 1.° tit. 87, §. 24. *Gregorio* mereceo a attenção do Rei D. Pedro II. então Principe Regente.

Com promessa de hum lugar na Supplicação o mandavão ao Rio de Janeiro, para devassar dos crimes de *Salvador Correia de Sá e Benavides*; mas elle se escusou; e como quer que fosse, perdeo desde então a graça do Regente. Em seu descontentamento deixou a Corte; regressou á Patria em companhia do celebre *Thomas Pinto Brandão*, provido na Dignidade de Thesoureiro Mór da Cahtedral. D. *Gaspar Barata de Mendonça*, primeiro Arcebispo da Bahia, o nomeou tambem Vigario Geral.

Em 1681, entrou á exercer, de Ordens Menores, os Cargos, que troxera da Corte, trajando porem habito secular em todo o tempo, que lhe ficava livre das obrigações Ecclesiasticas, o que deo lugar á sua ruina na estimação dos Governadores do Arcebispado, talvez ja indispostos contra elle por outros motivos.

O Arcebispo *D. João da Madre de Deos*, successor daquelle, que lhe confiára a vara de Vigario Geral, com fingida piedade, quiz persuadir á *Gregorio* que devia receber as Ordens Sacras, para se conservar nos Cargos Ecclesiasticos; e o nosso Poeta se recusou, respondendo. — que não podia votar á Deos aquillo, que lhe era impossivel cumprir, por fragilidade da sua natureza. Da sua falta de condescendencia nasceo o pretexto para se lhe tirar a murça e a vara, pretexto que se não achára até então, mais que a vingança de alguns offendidos fez valer em seu desafôgo.

Gregorio de Mattos casou-se então com *Maria de Povos*, viúva honestissima, e formosa, mais tão pobre, que seu Tio *Vicente da Costa Cordeiro* lhe fez doação de humas terras, para não hir totalmente sem dote aos braços de hum Esposo, á quem o deleixo e prodigalidade tinhão quasi consumido ja a herança paterna. Voltou *Gregorio* á sua primeira occupação da Advocacia, sempre com feliz sucesso pelo peso dos seus argumentos, clareza e laconismo de expressões; mas acompanhadas tão bellas qualidades de tantas extravagancias, originalidades, e satyras, que por fim nem por este meio podia haver a indes-

pensavel subssitencia. São tantas as anedoctas que á este respeito delle se contão, que deixamos de as transcrever só por evitarmos a maior extensão deste resumo da sua vida. Nem a sua Esposa escapou ao seu genio extravagante, pois que desesperada pelo seu desmaselo, e pelas suas desenvolturas, bem faceis de se notar em quasi todas as suas composições poeticas, sahio para a casa de seu Tio. Este querendo restabelecel-a na amisade de seu marido, o achou bem disposto, só com a condição de que a receberia das mãos de hum Capitão do Matto, como escrava fugitiva. A dureza desta condição abrandou-se, tanto pelo empenho de se reconciliarem estes consortes, como pela certeza de que isto não passava de huma extravagante originalidade, mas de hum genio teimoso. Executou-se o acto pela fórma mais decorosa, que foi possivel. *Gregorio* pagou generosamente ao Capitão do Matto, e protestou, que todos os filhos que tivesse de tal matrimonio se chamarião *Gonçalos*, porque se dissesse que a sua casa era *de Gonçalo*.

No ocio em que se vio, por lhe desertarem os pleiteantes assombrados da sua penna ferina, e faltando-lhe a companhia de muitos amigos, que evitarão prudentes o comprometterem-se para com infinitas pessoas de respeito, grandemente feridas pelas suas satyras, nem sempre disparadas sobre vicios, mas tão artificiosas, que se procuravão e se lião por todos, *Gregorio* resolveu-se á perigrinar pelo reconcavo, até mesmo para pôr em mais segurança os seus dias, que ja perigavão em meio de tantos offendidos. A sua Musa desinquieta continuou á converter em inimigos a aquelles que achára prontos em acolhel-o na desgraça; e era tal o seu genio satyrico, que não duvidava perder o bom agasalho, que se lhe franqueava, com tanto que lhe não escapasse a occasião de fazer publicas as faltas que observava, ou que sómente se contavão, ataviando-as elle de côres tão engraçadas, que os innocentes se tornavão ridiculos, ainda conhecida a injustiça do maligno Poeta.

Governava então a Bahia *D. João de Alemcastre*, secreto admirador das valentias poeticas de *Gregorio*, o qual com toda a diligencia fazia colher e copiar em livros para isso destinados, os versos, que quasi todos os dias sahião da sua penna. Mas porque tivesse em suas mãos o poder despotico daquelles tempos, e o seu amor proprio se doesse por algumas satyras do nosso Poeta, resolveo-se á pol-o fóra da Bahia, valendo-se para isto de hum engano, em que *Gregorio* cahio de muito boa fé. Elle foi convidado por carta do Secretario do Governo *Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque*, á certo logar, para lhe communicar em amisade cousas de seu pessoal interesse; e obedecendo ao chamado de hum amigo, cahio na prisão, que lhe estava armada, e desta no exterminio para Angola.

Os conselhos prudentes, que lhe dera o Governador na hora do embarque, a decencia com que o tratára, e as recommendações, que á sua vista fizera ao Commandante do Navio, que o transportava, e em cartas dirigidas ao Governador de Angola *Pedro Jaques de Magalhães*, não desarmarão o seu genio, muito mais irritado pelo seu desterro, e perfidia da sua prisão; a sua dor nesta forçada viagem só era mitigada, ou pela musica, que elle insignemente professava, tangendo com especial gosto huma viola, que sempre o acompanhava, ou pelas satyras, que habitualmente fazia, até mesmo nas conversações mais innocentes.

Desembaraçado em Angola deo-se outra vez á advogar; e por alguns serviços, que prestára ao Governador em huma rebelião da tropa, não forão embaraçados os seus desejos de passar-se á Pernambuco. Posto naquella Capitania, governada então por *Caetano de Mello de Castro*, demandou logo a presença deste fidalgo, o qual lastimado de o ver tão perseguido e pobre, lhe fez presente de huma bolça bem provida; e com palavras hum pouco sevéras, lhe intimou, que naquella Capitania cuidasse muito em cortar os bicos da penna, se o

queria ter por amigo. *Gregorio de Mattos* prometteo desempenhar este conselho, e não faltarão occasiões, em que deo provas de quẽ estava violentado por tal empenho. Seja huma dellas o seguinte caso.

Picadas de ciúmes duas pardas de máo trato, encontrarão-se junto da porta do nosso Poeta; e avivadas as paixões de huma e outra parte, descompunhão-se em vozes petulantes. Passarão-se das palavras ás mãos; e atracadas tenazmente, vierão á terra em bem ridicula attitude. Avisado pela grita sahio á vel-as o nosso Poeta, e dando com os olhos naquelle espectaculo deshonesto, rompeo á bradar: — *ah que de El-Rei contra o Senhor Caetano de Mello*! — Perguntado pelos circunstantes, que queixa tinha do Governador, respondeo: —*prohibio-me fazer versos quando se me offerecem taes assumptos.* — Este argumento de respeito seria valioso? se *Gregorio de Mattos* o não ataviasse de malignidade, e delle senão esquecesse depois em varias satyras, que fizera á despeito da sua promessa.

Gregorio de Mattos cahio em fim mortalmente enfermo de febres; e apparecendo-lhe o Padre *Francisco da Fonseca Rego*, Vigario do Corpo Santo, para o dispor á morte, elle com o seu genio jovial e satyrico, dospresou os seus avisos, talvez não convencido do grave perigo, em que se achava. Esta noticia chegou logo ao conhecimento do Illm.º Prelado D. *Fr. Francico de Lima*, o qual como bom Pastor, promptamente se arrojou de huma legoa de distancia á procurar esta ovelha, que se dizia perdida do verdadeiro aprisco. Elle encontrou *Gregorio* muito docil aos seus conselhos; e para maior convencimento de que esta mudança era mais filha de reflexão, do que de respeito humano, achou o Prelado em huma folha de papel, e escrito com lettras ja mui tremidas, hum Soneto, em que o seu genio se manifestava arrependido das extravagancias de toda a sua vida.

Morreo por fim nos braços deste charidoso Prelado, e no meio de muitos amigos, que fazião grande apreço

dos seus rarissimos talentos. O seu corpo foi sepultado com muita honra no Hospicio de Nossa Senhora da Penha, dos Capochinhos Francezes, no mesmo dia, em que chegavão as noticias da Restauração do famoso Palmar á Pernambnco. Admira que delle não fallasse *Pitta*, Autor moderno, sendo o seu merito tão conhecido, e o seu nome tão respeitado pelos escritos, que todos ambicionavão possuir. A sua morte foi no anno de 1696, aos 73 annos de seu nascimento, deixando do seu consorcio hum só filho — *Gonçalo de Mattos*, que não herdou o estro de seu Pai, antes o sepultou em hum esquecimento indigno de tão abalisado Brasileiro.

As suas Poesias correm manuscriptas em 6 grossos volumes de 4.° alguns dos quaes possuimos; mas he tal a sua desenvoltura, que não nos animamos á publicar mais do que as peças seguintes, podendo assegurar que foi unico nos rasgos satyricos, de que recheava todas as suas composições, e com tanta graça, que era temido por esta arma, e muitos em seu tempo se dizião seus amigos só para não incorrerem na sua Apolinea indignação.

A tres enforcados, dous negros e hum mulato. — por Gregorio de Mattos, natural da Bahia.

DECIMAS.

Jogarão á espadilha
Tres Cansarrões co'a Justiça;
E como o Demo os inguiça,
Hião sempre á cascarrilha.
Não acharão na cartilha
Cartas de geito e feitio
Para trunfarem com brio
Jogo fizerão nefando,
Que hum quarto d'hora jogando
Perderão seis mãos á fio.

Não sendo de perder fartos,
Pareceo total destrôço;
Perdido o dinheiro grosso,
Perderão tambem os *quartos.*
Mas depois de azares artos
Virão os tres jogadores,
Que a Justiça destra em flores,
Em jogando com maráos,
Sempre ganha com *tres páos*
Aos maiores *matadores.*

Ao tempo que os tres sentirão,
Que o tal jôgo os embarranca,
Todos se virão sem branca
Mas sem *alva* não se virão:
Do jogo se despedirão
Sentidos do espalhafato;
Mas tão núa do esfólagato,
Que de pura compaixão
Lhes veio da Relação
Huma fralda de barato.

Tanto alli se entristecerão,
E tanto se traspassarão,
Que a todos nos admirárão,
Quando assim se *suspenderão*.
Finalmente os tres morrerão
Huma morte tão veloz,
Que ao veneno mais atroz,
Nenhuns tão presto acabarão,
Como estes, quando cheirarão
As entre pernas do *algoz*.

Jogar sobre mesa raza
Com seis Desembargadores,
Isso não que aos *matadores*,
Nunca deixão fazer vaza.
Se aos tres escaldou a braza,
Aos mais sirvão de exemplar,
E quando queirão jôgar,
Joguem mas o truque não,
Que os *tres páos* da Relação
Sempre he truque de ganhar.

Com Bécas qualquer joguilho
Sempre he mui prejudicial;
Pois com jôgo tal ou qual
A mão levão de codilho;
Tem cartas de *garrotilho*,
Por que tem cartas de *agarro*,
E os que cuidando que he barro,
Jogão com Ministro inteiro,
Se esperão rodar dinheiro;
Hão de rodar sobre hum *carro*,

Os que na Cidade vistes
Tantos *quartos*, e tão artos,
Entendei, que tão máos quartos
Resultão d'horas tão tristes:
E os que de vel-os fugistes
Crede, que a hora não tarda
A' quem, a má sorte aguarda
Antes deveis entender,
Que toda a casa ha de arder
A' quem seus quartos não guarda.

Alérta, pardos do trato,
A' quem a soberba embórca,
Que póde ser hoje forca
O, que foi hontem mulato:
Alérta, que o aparato
D'aquelle *pendente pé*,
Que na parede se vê,
Vos prégа com voz sincera
Que se sois o, que elle era,
Podeis ser o, que elle he.

Retrato de hum personagem pelo mesmo Autor.

Va de retrato
Por consoantes,
Que sou Timantes
De hum nariz de Tucano cor de pato.

Pelo cabello
Coméça a obra,
Que o tempo sóbra
Para pintar a giba do Camelo.

Causa-me engulho
O pellô untado,
Que de molhado
Parece que sahe sempre de mergulho.

Não pinto as faltas
Dos olhos baios,
Que versos raios
Nunca ferem senão em cousas altas.

Mas a fachada
Da sobrancelha,
Se me assemelha
A' huma negra vassoura esparramada.

Nariz de embono
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz, que falla
Longe do rosto,
Que na Sé posto
Na Praça manda pôr a guarda em ala.

Membro de olfatos,
Mas tão quadradó,
Que hum Rei coroado
O pode ter por cópa de cem pratos.

Tão temerario
He o tal nariz,
Que por hum triz
Não ficou cantareira de hum armario.

Você perdôe,
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda fica nariz em que se assôe.

Ao pé da altura
Do nazo oiteiro
Tem o Sendeiro
O, que boca nasceo, e he rasgadura.

Na gargantona
Membro do gosto
Está composto
O orgão mui subtil da voz fanhona.

Vamos á giba....
Mas eu que intento,
Se não sou vento
Para poder trepar lá tanto á riba?

Sempre eu ensisto
Que no Orisonte
Deste alto monte
Foi tentar o Diabo a Jesu Christo.

Chamão-lhe Autores,
Por fallar fresco,
Dórso burlesco,
No qual *fabricaverunt peccatores.*

Havendo apostas
Se he gente ou fera,
Se assentou que era
Hum caracol, que traz a casa ás costas.

De grande arriba
Tanto se entona,
Que ja blasona
Que enjeitou ser canastra por ser giba.

O' pico alçado,
Quem la sobira,
Para que vira,
Se he Etna abrasador, se Alpe nevado!

Dos Santos Passos
Na bruta cinta
Huma Cruz pinta;
A espada he o pé da Cruz, e elle os braços.

Vamos voltando
A dianteira,
Que na trazeira
Vejo o assento açoitado por nefando.

Se bem se infere
Outro fracaso,
Que em tal caso
Não se açoita quem toma o *Miserere*.

Pois que seria
Que eu vi vergões?
Serão chupões
Que o bruxo do muchaço lhe daria?

Seguem-se as pernas;
Sigão-se embora,
Por que eu por hora
Não me quero embarcar em taes cavernas.

Se bem assento
Nos meus miolos,
Que são dois rolos
De tabaco ja podre, e fedorento.

Os pés são figas
A' mór grandeza,
Por cuja empreza
Tomarão tanto pé tantas cantigas.

Velha coitada
Cuja figura
Na architectura
Da popa da Náo nova está entalhada.

Boa viagem,
Senhor Tucano,
Que para o anno
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

SATIRA.

Aos costumes da Bahia pelo mesmo Autor.

Destes, que campão no mundo
Sem ter ingenho profundo,
E entre os gabos dos amigos
Os vemos em papa-figos
Sem tempestade, nem vento;
Anjo bento!

De quem com secretas lettras
Tudo o que alcança he por tretas
Bacolejando sem pejo
Por matar o seu desejo
Desde amanhã até a tarde,
Deos me guarde!

Quem passeia tão farfante,
Todo presado de amante,
Por fóra luvas, botões,
Insignias, armas, galões,
Por dentro pão bolorento;
Anjo bento!

Destes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fataes maganos
Sendo nas caras huns Janos
Fazem dos vicios alarde,
Deos me guarde!

Que vejamos têso andar,
Quem mal sabe engatinhar,
Muito inteiro, e presumido,
Ficando o outro abatido
Com maior merecimento,
Anjo bento!

Destes avaros mofinos,
Que põe á mesa pepinos,
De toda a iguaria isenta
Com seu limão e pimenta
Por que diz, que queima, e arde,
Deos me guarde!

Que pregue hum douto Sermão
Hum alarve, hum asneirão,
E que esgrima em demasia
Quem nunca lá na *Sophia*
Soube pôr hum argumento;
Anjo bento!

Deste Santo emmascarado,
Que falla do meu peccado,
E se tem por Santo Antonio,
Mas em lutas com o demonio
Se mostra sempre cobarde;
Deos me guarde!

Que atropellando a Justiça
Só com virtude postiça
Se premêe o delinquente,
Castigando o innocente
Por hum leve pensamento;
Anjo bento!

SONETO

do mesmo Autor.

Neste mundo he mais rico o que mais rapa,
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa,
Com sua lingua ao nobre o vil decépa,
O velhaco maior sempre tem capa.
Mostra o patife da nobreza o mapa,
Quem tem mão, com que pegue, melhor trepa,
Quem menos fallar póde mais increpa,
Quem dinheiro tiver, póde ser Papa.
A flor baixa se inculca por tulipa,
Bengala hoje na mão, hontem garlópa,
Mais isento se mostra o que mais chupa;
Terá a tropa de trapo, vaso, e tripa,
E mais não digo, por que a Musa tópa
Em apa, epa, ipa, opa, e upa.

Em louvor da Laranja.

SONETO.

do mesmo Autor.

Neste pomo, que a China agradecida
A' Portugal tributa transplantado,
Logra a vista o thesouro mais presado,
Acha o gosto a delicia mais crescida.
Rico e suave em gloria competida
Se faz no mundo todo venerado;
Ouro o pomo nos dá, quando admirado,
A fruta nectar he, quando comida.
Aos dois sentidos com gentil destreza
Igual suavidade e formosura
Reparte na Laranja a Natureza:
Porque por excellencia da ventura
A vista nella tem toda a riqueza,
O gosto nella tem toda a doçura.

MOTE.

A mais formosa, que Deos.

GLOSA.

Do mesmo Autor.

Eu com duas Damas vim
Hontem de huma Romaria;
Huma feia em demasia,
Outra que era hum Serafim.
E vendo-as eu vir assim
Sós, e sem amantes seus,
Lhes perguntei: Anjos meos,
Quem vos pôs em tal estado?
Disse a feia, que o peccado,
A mais formosa, que Deos.

A' hum Livreiro, que havia comido hum canteiro de alfaces, com vinagre.

DECIMA.

Do mesmo Autor.

Levou hum Livreiro á dente
De Alfaces todo hum canteiro,
E comeo, sendo Livreiro,
Desencadernadamente.
Porem eu digo, que mente,
A' quem disso o quer taxar,
Antes he para notar,
Que trabalhou, como hum Mouro,
Pois metter folhas no couro
Tambem he encadernar.

A' humas pancadas em hum Musico.

DECIMA.

Do mesmo Autor.

Huma grave entoação
Vos cantarão Braz Luiz,
Segundo se conta e diz
Por sólfa de Fa-bordão:
Pelo compasso da mão
Onde a valia se apura,
Parecia sólfa escura:
Por que a mão nunca parava,
Nem no ar, nem no chão dava,
Sempre em cima da figura.

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1831.

PARNASO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO

DAS

MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INÉDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

CADERNO 6.°

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1831.

PARNASO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO

DAS

MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JÁ IMPRESSAS.

CADERNO 6.º

RIO DE JANEIRO,

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1831.

EPISTOLA AOS PISÕES

OU

ARTE POETICA DE Q. HORACIO FLACO.

TRADUZIDA EM VERSO RIMADO.

Esta Epistola, que foi impressa em Coimbra no anno de 1781, he de Bartholomeo Cordovil, natural do Rio de Janeiro, então estudante ali; e a publicou como traduzida por sua Esposa D. Rita Clara Freire de Andrada.

ARTE POETICA.

1.º

Sobre a simplicidade, e unidade da materia.

SE hum Pintor á cabeça humana unisse
Pescoço de Cavallo; e revestisse
Membros de toda especie de viventes,
Com pennas de mil cores differentes,
De sorte que mulher de linda face
Em tórpe, e negro peixe rematasse;
Não rerieis, Amigos, por ventura
Chamados para ver esta pintura?
Crede, Pisões, que muito propriamente
Hum quadro tal o livro represente,
Onde, quaes sonhos de hum enfermo, estejão
Vãs especies fingidas, e se vejão
Os pés desimilhantes da cabeça,
Sem que o todo confórme se pareça.

Ao Pintor, e Poeta, em toda á idade
Foi dada de ousar tudo a liberdade.
Temos esta licença certamente,
Que damos, e pedimos mutuamente;
Mas com tal condição, que não liguemos
Dois oppostos contrarios, nem juntemos
Tigre á cordeiro, nem Serpente ás aves.
As mais das vezes em principios graves,
Que tratar grandes coisas nos promettem,
Dois romendos de purpura se metem,
Que ao longe brilhão, quando de Diana
Ou Sacro bosque, ou Sacro altar s'explana,
Ou quando se descrevem de hum Ribeiro
As claras agoas, com as quaes ligeiro
Vai discorrendo pelo Campo ameno,
Ou arco pluvial, ou rio Rheno.
Mas disto o lugar proprio não he este:
Que val, que pintes bem verde cypreste
Se o que a pintura quer, e faz a paga,
Só quer o pintes tu, quando se alaga
No naufragio fatal salvando a vida
Na taboa, que restou da não perdida?
Grande talha começa-se de barro,
Girando a roda porque sahe hum jarro?
Sómente observa em fim simplicidade,
Em tudo o que fizeres, e unidade
Nós dos Poetas grande parte, (ouvi-nos,
O' Pai, e de hum tal Pai, ó filhos dinos,)
C'o apparencia do bom nos enganamos
Se acaso por ser breves trabalhamos,
Fazemo-nos escuros: a alma tira,
Os nervos corta, graça não respira,
Quem polido quer ser, e delicado.
O que muito s'eleva, fica inchado:
Quem da procélla timido se afasta,
Por terra segurissimo se arrrasta.
Quem hum simples assumpto representa,

Por modo estranho, e varia-lo intenta;
Pinta com o seu prodigioso ornato,
Nas ondas javalí, delfim no mato.
O temor de hum deffeito em outro lança,
A' quem da Arte os preceitos não alcança.
Junto a Esgrima de Emilio artista habita,
Que exprime em bronze as unhas bem, e imita
Mólles cabellos; tudo o mais que resta,
He de gosto tão máo, que nada presta.
Se huma Obra similhante eu compozera,
E que o mesmo deffeito ella tivera,
Tão grande confusão teria disto,
Como teria em publico ser visto
Com disforme nariz, e os olhos bellos
De negra côr, e negros os cabellos.
Vós que escreveis, buscai conveniente
Materia ás vossas forças, e na mente
Revolvei longo tempo, qual regeitem
Vossos hombros levar, qual pezo aceitem.
Se huma Materia assim for escolhida,
Elegancia terá, e ordem luzida.
Esta seja a virtude, e seja a graça,
Ou eu me engano, que da ordem nasça;
Que aquillo, que dizer se deve agora,
Se vá dizendo já sem ter demora,
Para tempo oportuno deferindo
As coisas, que igual pressa estão pedindo.

2.º

Sobre o Estylo.

O Autor de hum Poema promettido,
Seja parco tambem, e comedido
Na escolha das palavras; esta préze,
Est'outra não receba, e a despreze.
Dirás egregiamente quando unidas

Forem duas palavras conhecidas,
Com tal sagacidade, que a que nasça,
Pareça ter de nova a mesma graça.
Se acaso he necessario, que se indiquem
Coisas novas por termos, que as expliquem,
E sejão até aqui desconhecidos;
Outros invente, ainda nunca ouvidos
Dos antigos Céthegos: porem hade
Sobriamente tomar-se a liberdade.
Palavras, que de novo se fizerem,
Pódem credito ter, se ellas vierem
Da grega fonte sempre dirivadas,
Por ligeira inflexão latinisadas.
Se licença alcançou Plauto e Cecilio,
Porque não a terá Vario e Virgilio;
Eu mesmo algum delicto executára,
Se acaso poucos termos inventára
Na minha lingoa; quando estamos vendo,
Que Ennio, e Catão primeiro isto fazendo,
O Patrio idioma tanto enriquecêrão,
Com as novas palavras, que á luz derão.
Licito foi; e sempre permittido
Será, que seja hum nome produzido,
Mas c'o reinante cunho assigualado.
Assim como das folhas despojado
O bosque fica; e aquellas que precedem,
Cahindo vão, e novas lhe succedem:
Das palavras tambem se acaba a idade;
Outras vem, que na tenra mocidade,
Com bellas graças logo resplandecem
Logo tomão vigor, logo florecem.
A morte sobre nós tem seu direito,
E sobre tudo, o que nos he sugeito.
Ou entre o mar na terra, e se fabriquem
(Obra real) os pórtos em que fiquem
Dos Aquilões as frotas abrigadas,
Ou sejão as lagôas esgotadas;

E essas terras, que nada produzião,
Onde os remos as agoas dividião,
As Cidades visinhas vão nutrindo
Ao ferreo grave arado o seio abrindo,
Ou ruinoso rio aprenda á força
Melhor curso a seguir, e as agoas torça:
Tudo, tudo são obras dos humanos,
Que vem a distruir os longos annos.
Se não queremos pois, que o tempo ultraje
As graças, e bellezas da lingoaje,
As palavras, que estão hoje esquecidas,
Tornaráõ a nascer; e as applaudidas
Terão por Lei do uso nova fórma,
Que elle dá ao fallar arbitrio, e norma.
Qual seja o verso, de que usar devemos,
Homero nos mostrou, quando escrevemos
Das tristes guerras os crues effeitos,
Dos Reis, e Capitães os grandes feitos.
De versos desiguaes era a Elegia,
Nella o pranto sómente s'exprimia:
Nos combates de Amor depois s'emprega.
Destes versos o Auctor ninguem allega.
Os Grammaticos lidão com excesso,
Mas está no Juiz inda o Processo.
He o jambo por Archiloco inventado,
De Satyrica raiva foi armado:
Os Tragicos, e Comicos usárão
Desta Casta de versos, porque achárão
Ao mutuo discorrer accommodada,
Propria em mover a acção representada,
E o ruido vencer d'Expectadores.
Deoses, Heroes, Athletas vencedores,
Os Cavallos nos jógos victoriosos,
As Bacchicas Canções, os amorosos
Cuidado juvenís á Ode intente,
Huma Musa nos fez della presente.
Se eu pois em cada genero, que escrevo,

A propria cor não dou, que dar lhe devo;
Se os proprios caractéres não conheço,
Por Poeta saudado ser mereço?
Por que vergonha tórpe antes me inclino
A seguir a ignorancia, do que ensino?
Não consente em seus versos a Tragedia
Estylo similhante ao da Comedia;
Nem o Comico estylo se reveste
Da ceia sanguinosa de Thyeste.
Cada genero tem decentemente
Lingoagem, que lhe he propria, e competente.
Com tudo alguma vez a causa he tanta,
Que a Comedia tambem a voz levanta.
O Colerico Chremes agastado
Ralha c'o filho em tom mais elevado.
As vezes a Tragedia a voz rasteja,
Se pede a occasião, que isto assim seja.
Nem Thelefo, e Pelêo ambos banidos,
A' extremosa miseria reduzidos,
Tumidas frazes, termos empolados,
Devem nunca exprimir; se magoados
Deixar pretendem aos Espectadores
C'o a triste narração das suas dores.

3.º

Dos movimentos d' alma.

Não basta em hum Poema a formosura,
He preciso, que tenha tal doçura,
Que huma tal persuação nelle se pinte,
Que as paixões, que quizer, mova ao ouvinte.
O Semblante dos homens ri, e chora,
Se vê rir, e chorar: se tu agora
Queres que eu chore, chora tu primeiro;
E então verás em mim o verdadeiro
Pezar, que causarão tuas desgraças.

Mas Thelefo, e Peleo se o tempo passas
Em mostrar hum caracter mal fingido,
A' somno, ou rizo, só serei movido.
Vozes tristes convém á rosto triste,
Expressão de ameaço ao irado assiste;
O alegre sempre diz graciosidade;
Sempre mostra o severo seriedade.
Capaz fórma a natura o nosso peito
De sentir das fortunas todo o effeito.
Ella he quem nos ajuda e impelle á ira,
Ella he quem nos abate, e nos inspira,
Que arrastre o rosto, que a tristeza opprime:
Dá palavras á lingoa, com que exprime
Do nosso coração os movimentos.
Se os discursos do Actor forem isentos
Daquelle estilo, e tom, que propriamente
Deve ser ás fortunas competente,
Nobres, Plebêos darão altas rizadas.
Sejão taes differenças ponderadas:
Se quem falla he Heróe, ou Divindade
Velho prudente, ou ignea mocidade,
Matrona auctorisada, ou ama amante,
Cultor de pobre campo; ou viajante
Mercador, que discorre pelo mundo;
Se he d' Assyria, ou de Colchos oriundo,
Se em Thebas, ou se em Argos foi creado.
Ou tu deves seguir da fama o brado
Ou fingir entre si cousa coherente.
Se o honrado Achilles torna a ser patente
Na Scena, seja activo, inexoravel,
Seja ardente, colerico, incansavel;
Não obedeça ás Leis, não as venere,
Na justiça das armas tudo espere.
Inflexivel, feroz Medea seja,
Ino banhada em lagrimas se veja;
Perfido Ixion, Ió vagabunda;
E Orestes em tristeza furibunda,

Se no Theatro introduzir te atreves
Hum novo Personagem, nunca deves
Desmintir seu caracter; qual se veja,
No principio, no fim tambem tal seja.
Sem que nunca discrepe em parte alguma
Hum ponto só: porém nota, que he huma
Grande difficuldade pretenderes
Dignamente formar os caracteres,
Que todos de inventar tem liberdade.
Será muito maior facilidade
Da Illiada argumentos deduzires,
Do que será na Scena referires
Outros nunca tratados, nem ouvidos.
Farás teos os assumptos conhecidos
Nos tragicos limites, se evitares
Episodios usados, e vulgares.
Nem servilmente traduzir procures
Palavra por palavra, nem te apures
Em ser imitador escropuloso,
Entrando em lance, donde vergonhoso
Possas sahir, a ti te deshonrando,
E as Leis do teu Poema violando.
Não cantes, como fez antigamente
Hum Ciclyco escriptor turgidamente:
— De Priamo a fortuna, e a nobre guerra,
Cantando espalharei por toda a terra —.
Póde nada cantar do que repete,
Quem tanto á boca cheia nos promette?
Para parir os montes se preparão,
Ridiculo ratinho á luz deitarão.
Quanto melhor principio aquelle ensina,
Que com nescio furor nada machina!
— Canta o Varão, ó Musa minha amada,
Que ao depois de ser Troia conquistada,
Costumes observou de muitas gentes,
E vio muitas Cidades differentes —.
Não quiz, que o fumo á chamma precedesse,

Só para que ao depois dizer podesse
Sobre o Cyclope, e Anthiphates cruentos,
Scylla, e Carybdes lucidos portentos.
A volta de Dyomedes não começa
Da morte de Meleagro, nem se apressa
Em dizer, que de Troia a guerra avára
Nos dois óvos de Leda começara.
Ao fim da sua acção ligeiro corre,
E faz com que o Leitor, de quem discorre
Que estas cousas já sabe, vá sómente
Ao meio dos successos diligente:
Despreza tudo o mais, que lhe desvia
As graças, e ornamentos da Poesia:
Na Epopeia he tão grande a magestade,
Liga tanto o fabula a verdade,
Pelo fertil engenho de que he cheio
Que une o principio ao fim, e o fim ao meio.
Attende o que eu, e o povo desejamos:
Se queres, que assentados nós te ouçamos,
Até que erguido o panno já se tenha,
E que os *vivas* o Coro a pedir venha,
Nota os costumes bem de toda a idade;
Conforme os annos pinta a variedade,
Que nas indoles faz a natureza.
Hum menino, que sabe com destreza
Fallar, e responder; que os passos guia
Seguros pelo chão, tem alegria
Em brincar com iguaes; e inconsiderado
Tão depressa está bem, como enfadado.
O moço a quem a barba ainda falta,
Do Aio livre já contente salta,
Porque gosta de cães, e de cavallos,
E de sofrer, pois são os seus regalos
No campo Marcio duros exercicios;
Como cera se dobra para os vicios,
O bom conselho he delle aborrecido;
Do que he util não cuida em ser provido,

Prodigo em gasto, altivo, e cobiçoso,
Ligeiro larga o que lhe foi gostoso.
Trocada a inclinação, que muda a idade,
O animo viril busca amizade,
Busca riquezas, só á honra serve,
Sempre commette cousa, que o preserve
De não se arrenpender. De mil cuidados
Os velhos andão sempre rodeados;
Ou seja porque lidão anciosos
Em ajuntar riqueza; e ambiciosos
Abstem-se de gastar os bens ganhados;
Ou seja porque timidos, gelados
Em tudo o medo os traz, e no negocio
Irresolutos sempre cheios de ocio,
Em conceber as esperanças lentos,
A tudo o que he inercia sempre attentos,
Só de viver amantes cobiçosos,
Intrataveis com todos, e queixosos;
Do seu passado tempo louvadores,
E dos mais moços rigidos censores.
Trazem mil bens os annos quando crescem,
Muitos males porém quando elles descem.
Olha que hum moço nunca represente
Papel, que for ao velho competente:
Nem na scena appareça algum menino
Com costume, que seja de homem dino.
Dá caracter fiél a cada idade,
Ou que tenha apparencias de verdade.

4.º

Da representação, e recitado.

Ou he no theatro a acção representada.
Ou se recita, como já passada.
As cousas que nos vem pelos ouvidos,
Os animos não deixão tão movidos,

Como aquellas, que pelos olhos entrão,
Testemunhas fiéis que mais concentrão
Em todo o Expectador por modo breve,
O que por si julgar, e aprender deve.
Não consintas, que á scena cousas venhão,
Que dentro do theatro lugar tenhão.
Dos nossos olhos muita cousa afasta,
As quaes, que Actor facundo as narre, basta.
Nunca Medea os filhos despedace
Na presença do povo; em sua face
Não coza claramente Atrêo malvado
As entranhas humanas: transformado
Não seja Cadmo em serpente, ou Progne em ave.
He tão extranho da materia grave,
O que mostras assim, e he tão alheio,
Que não só to não sofro, mais não creio.
Devem ser do teu Drama sempre os actos
Nem mais nem menos do que cinco exactos,
Se queres que elle torne a ser pedido,
E sempre dos ouvintes applaudido.
Nunca nelle algum Numen appareça
Na solução do nó salvo se desça
A dissolver o enredo a Divindade
Em sobre natural necessidade.
Nunca falle na Scena muitas vezes
O quarto Actor, mas pouco, e raras vezes.
De hum só Actor o coro faça o officio:
Entre os actos tambem tenha exercicio
Em ligar co'a materia quanto cante,
E que proprio lhe seja, e similhante.
Amizades fomente, os bons proteja,
Applaque o irado, adóce o que braveja:
Das iguarias louve a temperança;
A saudavel justiça, a segurança
Das sabias Leis; da Paz louve a doçura,
Conserve no segredo huma fé pura,
E aos Deoses rogue, que á fortuna aparte

Se os bens do altivo, aos miseraveis farte.
Não era a flauta antiga, como agora,
Ornada de latão, competidora
Da trombeta não era, mas delgada,
Simples, por poucos furos aspirada,
A acompanhar o coro assim servia,
Do pequeno theatro o espaço enchia.
O povo inda não tão multiplicado,
Mas vergonhoso, honesto, e moderado,
Em grande multidão não se ajuntava.
Depois que começou o que triunfava
Os campos, a estender com as batalhas,
E as Cidades cingir d'amplas muralhas;
Depois que foi nas festas celebrado
Com vinho o Genio, e o dia assim gastado,
Sem castigo ficou, foi mais extensa
Dos versos, e da musica a licença.
E que cousa esperar se poderia,
Se honesto Cidadão se confundia
No theatro com rustico habitante,
E o livre de trabalhos, c'o ignorante?
Assim flautista antigo aos sons modestos
Lascivia unio, requebros deshonestos,
E as roupas arrastrou pelo tablado.
O simples som da Lyra foi mudado,
No coro da Tragedia foi metido
Precipitado estilo nunca ouvido:
A hum gráo subio tão alto de eloquencia,
Que não tinha a Poesia intelligencia,
Ou por que uteis doutrinas dar quizesse,
Ou para que futuros predissesse,
Inventou-se lingoagem relevante
A' Tripode de Delfos similhante.
Aquelle, que a Tragedia compozera,
E que hum vil bode em premio recebêra,
De Satyros campestres nús hum coro,
Sobre o theatro pos, mas com decoro

Deo de picantes graças liberdade,
Sem ferir da Tragedia gravidade,
Por que era necessario hum modo novo,
Que atraisse, que contivesse o povo,
Que ao despois de acabado o Sacrificio
Ao vinho s'entregava, e a todo o vicio.
Mas convém, que estes Satyros saltantes
Na Scena graciosos, e picantes
Saibão ligar o serio com jocoso,
De sorte que hum Heroe, ou Deos pod'roso,
De oiro, ou purpura á pouco inda vestido,
Não passe deste estilo a ser ouvido
Na tabernaria comica baixeza,
Nem tambem por seguir sempre a grandeza,
A humildade evitando, ás nuvens chegue.
E ainda que nas satyras s'empregue
A Tragedia, não sofre a indignidade
De versos, que não tenhão magestade,
E ficaria muito envergonhada
Com Satyros obscenos misturada,
Do mesmo modo, qne Matrona honesta
Em os dias, que são de alegre festa,
Dançaria obrigada do preceito,
Se á Satyras, Pisões, eu fosse affeito,
O estilo simples não somente amára,
E as cousas por seo nome declarára;
Mas tambem seguiria cuidadoso
O nobre estilo, simples, e pomposo,
Que somente á Tragedia pertencesse;
De maneira que bem se percebesse,
Que havia differença conhecida,
No que diz Davo, ou Pythias atrevida,
Que a bolsa a Simo alimpa destramente,
E no que diz Sileno aio, e servente
De Bacho. Os argumentos eu tirára
De historia conhecida, e os disfarçára
De tal sorte, que todos julgarião,

Que fazer outro tanto poderião,
Mas que tentando-o sempre em vão suassem.
Tão novas graças e bellezas nascem
Da contextura, e ordem, que polidas!
Fazem ainda as fabulas sabidas
Por meo conselho em versos delicados,
Como se em Roma fossem educados,
E no seo coração fossem nascidos,
Não se exprimão os Faunos, que trazidos
Forão dos bosques, nem tambem pretendão
Usar de injurias, pelas quaes offendão
Com termos vis, infames, e grosseiros
Cidadãos, Senadores Cavalleiros,
Similhante Auditorio não recebe
Com paciencia o que aprova a baixa plebe.

5.º

Da Versificação.

Longa syllaba tem depois da breve
O Jambo pé veloz; presteza leve
Mandou que então trimetro se chamasse,
Posto que de seis pés iguaes constasse
Dos puros jambos pouco tempo dura
A uniforme primeira contextura,
Pois buscou d'Espondeos a gravidade,
Por que ha nelles mais nobre suavidade:
Mas que nunca o lugar, onde estivesse,
O pé segundo, e quarto lhe cedesse.
Nos trimetros famosos, e preclaros
Ou d'Acio, ou d'Ennio os jambos são muj raros,
Só do tardo Espondeo, que o verso opprime
No Drama usarão. Réos de torpe crime
Ou se fizerão pela nima pressa,
E ao depois não limárão cada peça,

Ou porque d'Arte as régras ignorarão.
São poucos os que o gosto fino acharão
De julgar sobre a metrica harmonia.
Por isso estes Authores de Poesia
Acharão com favor nimia indulgencia.
Fiado eu nisto então com negligencia,
Se escrever, quebrarei estes preceitos?
E devo ao mundo expor os meus defeitos
Por seguro me dando, e acautelado
De ser pelos Ouvintes perdoado?
Saber somente as regras não me serve,
Inda que eu todas com cuidado observe;
Certamente á censura evitaria,
Mas louvor só com ellas não teria.
Vós, ó Pizões, de noite, e dia lede
Os Gregos exemplares, e relede;
Mas os nossos avós admirarão
O métro, e ditos bons, que em Plauto achárão,
Se o que sabemos hoje he verdadeiro,
Que o fino distinguimos do grosseiro,
E taes ouvidos, e compasso temos,
Que a regrada harmonia percebemos,
Por bondade se admira esta elegancia
Que só merece o nome de ignorancia.

6.º

Da origem das peças Dramaticas.

De huma tragica especie inda não vista,
Diz-se que Thespis foi primeiro Artista,
E que Actores mostrou desfigurados
Pelas fezes de vinho, com que untados
Os rostos tinhão, quando recitavão,
E sobre o carro os versos seos cantavão.
Deo mais honesta mascara aos Actores,
Deo vestidos talares, e melhores

Eschylo ao depois deste, levantando
Mediano theatro, e o Drama ornando
De alto coturno, e estilo magestoso.
Torna a antiga Comedia, e copioso
Applauso se lhe deo depois que veio:
Mas das Leis mereceo o justo freio,
Quando em vicio cahio a liberdade,
Com ellas perde a vil mordacidade
De infamar torpemente o Coro a todos.
Nada no drama por diversos modos
Nossos Poetas de intentar deixárão;
Nem menos fama, e honras alcançárão,
Aos Gregos não seguindo, só louvando
Os assumptos Romanos, e inventando
As fabulas pretextas, ou togadas.
Nem do Lacio serão mais louvadas
As armas, e o valor, do que a eloquencia
Propria ao Drama, se houvesse a paciencia,
Que a nós Poetas tanto desanima,
Que he dar ás nossas obras tempo, e lima.
O' Vós de Numa estirpe descendente,
A' aquelle reprendei, que não intente
Riscar muito o poema, e sepultal-o
Em si por longos dias, e limal-o
Dez vezes finalmente, até que tenha
A melhor perfeição, que lhe convenha.
Por Democrito crer, que na Poesia
O genio muito mais, que arte valia,
E que do alto Helicon era excluido,
Quem não tivesse o cerebro ferido,
Por isso muitos nem a barba fazem,
Nem cortão unhas, escondidos jazem,
Não vão aos banhos na certeza estando,
Que logo hirão de Poetas alcançando
Conceito, e nome em tudo quanto obrarem,
Se ao barbeiro Licinio não deixarem
A cabeça rapar; cabeças loucas,

Para as quaes tres Antyciras são poucas.
Simples de mim! que em cada primavera
Quero a bile purgar, se o não fizera
Eu fôra dos Poetas o mais raro;
Mas tal não quero, que me custa caro.
Da pedra de amollar farei o officio,
Que sem ter de cortar o beneficio
Ao ferro corte dá. Nada escrevendo,
Os preceitos, que ensino hirás tu vendo.
Mostrarei as riquezas da Poesia,
Aos Poetas verás quem forma, e cria;
Verás o que he, ou não digno da Muza,
Por qual véreda o vicio te conduza,
E qual a estrada, que a virtude aponte.

7.º

Reflexões sobre a Poesia.

O BOM SENSO HE NECESSARIO AOS POETAS.

De bem escrever saber primeiro he fonte.
A moral, e Socratica doutrina
Ampla materia te descobre, e ensina;
Nunca faltão as vozes sem violencia,
Se se faz no discurso a diligencia
De bem se conceber o que s'escreve.
Quem conhece o que á Patria, á amigos deve,
Com quanto affecto o Pai ha de tratar-se,
E quanto ao irmão, e hospede mostrar-se,
Qual seja do conscripto o exercicio,
Qual do Juiz, e Capitão o officio,
Esse he que mostrará bem retratado
O caracter, que he proprio á cada estado.
Aquelle, que imitar quer doutamente,
Por meo voto ha de ter sempre presente

Da vida, e dos costumes o modelo;
E o toque lhe extrair fiel, e bello.
Tendo a Comedia quadros delicados
De expressões, de costumes bem pintados,
Inda que arte lhe falte, metro, e graça,
Com ella o povo muito mais engraça,
Do que com versos pobres de substancia,
Cheios de nada, e só de consonancia.
Engenho aos Gregos deo a Musa; aos Gregos
Deo sublime linguagem, por que cegos
Só se mostrarão em querer louvores.
Hoje porém só longos contadores
Os meninos Romanos ser pretendem,
E a libra em partes cem partir aprendem.
Diga o filho de Albino: se tiramos
De cinco huma onça só, que fica? Vamos.
Quatro. Está bem, já podes estar certo,
Que sabes os teus bens reger com acerto.
Huma onça agora ás cinco accrescentemos,
Quantas fazem? Responde. Seis fazemos,
Ora os animos sendo entorpecidos
Da vil cobiça, e della só possuidos,
Quem haverá, que versos manifeste
Dignos de cedro, dignos de Cypreste?

§.º

Da mistura do util, e agradavel.

Ou querem os Poetas dar deleite,
Ou querem dizer coisa, que aproveite,
Ou ajuntar o util ao que agrade.
Se instruires, estima a brevidade,
Para que logo a perceber-se venhão
Os preceitos, que dás e se retenhão.
Quando hum vaso está cheio, logo engeita
Todo o licor, que dentro se lhe deita.

Se divértir quizeres, só prepara
As feições verosimeis, e repara,
Que não se fie do Comico argumento
Tudo quanto elle quér por ornamento.
Vr do Ventre de Lamia, que he tirado
Vivo hum menino, sendo devorado,
Ha cousa que na Scéna se não mova.
O Corpo Senatorio não approva
Assumptos, que não sejão proveitosos.
O dos Nobres despreza os rigorosos.
Quem tecer huma acção, que instrua, e agrade,
Seo nome levará á Eternidade,
Os mares passará, e de dinheiros
Hão de ricos ficar socios livreiros.

9.º

Ha faltas nos Poetas, dignas de perdão.

Com tudo alguma falta se perdoa,
Nem sempre o tom, que a mão deseja, sôa
Quando toca na corda; antes pedindo
Hum baixo som, hum tiple está ferindo.
Nem sempre a seta fere ao que ameaça.
Por isso quando hum' obra tem bem graça,
E tem muitas virtudes, não me offendem,
As leves faltas, que da incuria pendem,
Ou da humana fraqueza não prevista.
Pois que hei de censurar? Quando hum copista
Na mesma falta cahe, de que tem sido
Já por continuas vezes advertido,
Faz sua culpa de perdão indina.
Se acaso o instrumentista desafina
Nas mesmas cordas sempre, incita a riso.
O Poeta tambem a quem diviso
Em seos versos cahir na mesma falta,

He para mim hum Chérilo, que esmalta
Em dous, ou tres lugares seos escriptos
Com passos na verdade bem descriptos,
Mas dos quaes me admiro escarnecendo.
Pelo contrario me enfureço, em vendo
Que vai Homero ás vezes dormitando;
Porem para o seo grande engenho olhando,
Como em tal obra foi tão extendido,
Nem sempre estar alerta he permittido.
A Poesia, e Pintura tem por certo
Huns pedaços, que agradão mais de perto,
E outros, que de longe são melhores.
Não receia dos olhos julgadores
A aguda perspicacia, quem conhece,
Que esta ser vista ás claras appetece,
E que pequena luz á aquella assista.
Huma agrada huma vez sómente vista,
Mas outra agradará vista dez mezes.

10.°

Não se sofre mediocridade na Poesia.

Dos Irmãos, ó mais velho, não desprezes
Estas minhas lições, inda que norma
Em teo Pai tenhas, que do bom te informa
E tenhas por ti já sabedoria.
Algumas cousas sofrem mediania.
Pode hum Jurisconsulto, hum Advogado
Não ser, como Messala, tão ornado,
Nem ser como Casselio tão sciente,
E ter com tudo applausos entre a gente.
Mas Poetas, que forem medianos,
Nem os Deoses os sofrem, nem humanos,
Nem colunas nas publicas estradas.

Assim como nas mesas delicadas
Discorde sinfonia, oleo corrupto,
E já com dormideiras dissoluto,
E sardonico mel se aborrecia,
Porque, sem coisas taes, bem se podia
Hum banquete fazer: do mesmo modo,
Se o inventado poema, que só todo
Em alivio dos animos s'emprega,
Hum pouco descahindo, elle não chega
Ao gráo mais excelente de bondade,
Hirá cahir na opposta extremidade.
Não vai ao campo Marcio, quem ignora
O jogo d'armas, quieto se demora;
Quem o trocho não sabe, a barra e a péla,
Só dever se contenta, e se acautela,
De que o povo se ria impunemente.
E só nos versos, quem não he sciente,
Atreve-se á fazel-os presumido.
E por que não? Por livre não sou tido?
Acaso não sou nobre, e rico vivo,
De máo procedimento sempre esquivo?

11.°

Socorros necessarios para formar hum bom Poeta.

Pelo que toca a ti tenho por certo,
Que não dirás as coisas sem acerto,
Nem as farás sem bom discernimento.
Tanto confio em teo entendimento!
Com tudo se algum dia compuseres,
Ao Juiz Mecio mostra o que escreveres,
Mostra á teo Pai, e eu tambem o veja.
Nove annos encerrado o livro esteja;
Estando occulto, póde ser limado;
Mas emenda não tem, se he publicado.

A palavra que sahe huma vez fóra,
Nem torna, nem se escusa a culpa agora.
O Sacro Orphêo, interprete divino
Domou da gente o animo ferino,
Que no trato, é somente cruel era,
E por isso se diz que rebatêra
Os sanhudos leões, os tigres duros,
Não menos, que Amphião fundára os muros
Da Cidade de Thébas; e levava
Após da voz da Lira, que soava,
As pedras; e que á rogos as movia
Para onde a vontade lhe pedia.
Houve esta sapiencia antigamente.
A Poesia ensinava a toda a gente
Do publico apartar o bem privado,
Distinguir o profano do Sagrado,
Enfrear as lascivas liberdades;
Regra aos casados dar, molir Cidades,
E fazer sabias Leis em taboa escritas.
Nome divino, e honras infinitas
Os Vates, e seos versos alcançarão.
O insigne Homéro com Tyrtêo chegárão
Depois destes; nos peitos accendêrão
Hum animo Mavorcio. Em versos derão
Oraculos fatidicas respostas.
Nelles forão de Natureza expostas
Occultas producções; foi alcançada
Dos Reis por verso a graça desejada.
Os dramas se inventárão finalmente,
Para alivio daquelle, que se sente
Com trabalhos continuos opprimido.
Não tenhas pejo em ser por ti seguido
O douto Apollo, e em ser a Musa amada.
Questão foi já de muitos disputada,
Se obra em verso a arte mais, se a natureza,
Huma sem outra nunca tem belleza,
Sempre será de igual necessidade,

Que com laços estreitos de amizade
Huma, e outra se ajudem mutuamente.
O Athleta, que estuda diligente
Para chegar á meta, que he prescrita,
Desde menino muito se exercita,
Sofreo muitos calores, muitos frios,
Buscou de Baccho, e Venus os desvios.
O Flautista primeiro que se adestre
Em cantar Canções Pithias, sofreo mestre
E do estudo sofreo a austeridade.
Só para ser Poeta nesta idade,
Basta que diga " nobres versos faço:
" O ultimo não sou, que venço o espaço,
" He feio para mim, se me demoro,
" E o que não aprendi, dizer que ignoro. "
Assim como o que vende apregoando,
Ao povo tenta a que lhe vá comprando;
Assim o lucro tenta ao lisongeiro,
Se o Poeta tem beus, e tem dinheiro.
Pois se tem fertil mesa, se elle fica
Por fiador de pobres, se se applica
Em valer aos vexados com litigios,
Será hum dos mais celebres prodigios;
Se souber felizmente ao lisongeiro
Destinguir do que amigo he verdadeiro.
Se algum presente a algum tiveres dado,
Ou promettido, nunca convidado
Seja pois para ouvir o teo poema;
Porque dirá com alegria extrema,
" Bravissimo, he bem dito, he bem pensado. "
Pallida a face mostrará pasmado,
Chorará de ternura, dará saltos,
Batendo o pé, fará applausos altos.
Assim como os chamados por dinheiro
A carpir nos enterros, verdadeiro
Pesar fingem, mostrando-o mais magoados,
Do que aquelle, que tem os enojados:

Assim tambem os vis aduladores
Costumão dizer inda mais louvores,
Do que diz o que tem sinceridade.
Dizem que os Reis querendo c'o amizade
Honrar alguem, primeiro o experimentavão
Com muito vinho, que á beber lhe davão,
A ver se lhe estorquião o segredo.
Tu se versos fizeres, sempre medo
Tem de enganos de ouvintes simulados,
Com pélles de Raposas disfarçados.
Se lesses a Quintilio huma Poesia,
Amigo, muda aqui, e allí, diria.
Se lhe instasses então, já o tenho feito;
Risca tudo outra vez, teimára, e torna
C'os mal torneados versos á bigorna.
E se visse porém, que apadrinhal-os
Tu antes te inclinavas, que â emendal-os;
Comtigo mais palavras não gastava,
Nem com trabalho vão se fatigava,
Deixando liberdade para amares
Tu só os teos escritos, sem achares
Rival algum, que te metesse susto.
O Critico prudente, sabio, e justo,
Reprende os versos frouxos, culpa os duros
E risca os que não tem ornatos puros:
Corta os que são de pompa ambiciosos,
Aos escuros dá luz, aos duvidosos
Tira tudo o que tem de ambiguidade;
E aponta tudo o que mudar se hade.
Outro Aristarcho em fim mostrar-se deve,
Nem diz "ao meo amigo em coisa leve
Porque hei de disgostar!" As leves faltas
Passão á ter o gráo de culpas altas,
Se huma só vez o lisongeiro engana.
Do máo Poeta, como gente insana,
O sabio só fugir sempre procura.
Da lepra, da tiricia, da loucura,

Furiosa, ou fanatica, tem medo.
O bando de rapazes sempre ledo
He só quem o persegue acompanhando.
E se acaso altos versos vomitando,
Lhe succeder cahir em cova, ou poço,
Bem como descuidado cahe n'um fosso
O Caçador nos melros embebido:
Ninguem se mostre então compadecido,
Inda que esteja em alta voz clamando
" Quem me acode ,, . Se eu visse, que lançando
A corda alguem t'ral-o pretendia,
Oppondo-me ao soccorro, lhe diria:
" Quem sabe, se elle mesmo foi disposto
" A buscar esta queda por seo gosto
" E Soccorro não quer? ,, Por prova clara
De Empedocles a morte lhe contára,
Que por Deos immortal só quiz ser tido,
O qual de hum frio horror accommettido,
Precipitar-se foi no Ethna ardente.
Seja licito pois, seja decente
Matarem-se os Poetas; dar a vida
A' aquelle á quem for ella aborrecida,
Certamente he matal-o: aquelle insano
Não foi huma só vez, que quiz tal damno.
Se do risco elle fosse então livrado,
Nem por isso o veriamos curado,
Nem ser humano só pretenderia.
Em seo peito guardado ficaria
De tão failada morte affecto activo.
Não posso atinar bem, porque motivo
De versar foi-lhe imposta a pena dura,
Se foi por profanar a sepultura,
Onde as cinzas paternas se enterrárão,
Ou se foi porque acaso o encontrárão
Em algum impio crime, commettido
No lugar onde o raio foi cahido.
Seja o que for, he louco furioso,

Que a maneira de hum Urso impetuoso,
Quando da cova as grades arrebenta,
Com versos insofriveis affugenta
Ignorantes, e doutos; c'o a leitura
Dos versos mata áquelle, á quem segura,
Qual tenaz sanguisuga não se aparta,
Sem que tenha de sangue a pélle farta.

Breve noticia sobre a vida do Douctor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Nasceo este nosso Poeta na Villa de S. João d'El-Rei, da Provincia de Minas Geraes, e desde os seus primeiros annos deu provas de que seria hum genio, que honraria a Litteratura Brasileira. Concluidos os seus estudos preparatorios, tanto em sua Patria, como no Rio de Janeiro, passou á Portugal, e na Universidade de Coimbra começou á ser respeitado pelos seus talentos, distinguindo-se no estudo da Jurisprudencia, em que se graduara. Achava-se ali estudando quando o Marquez de Pombal reformou aquella Universidade, e *Manoel Ignacio da Silva Alvarenga* publicou então excellentes Poesias, pelas quaes se conhece, que já da Patria levara grande cabedal de Litteratura, e depurado gosto, de que então se servira, e á que talvez só faltasse opportuna occasião para o seu emprego, e melhor desenvolvimento. A Ode feita á mocidade Portugueza, na reforma da Universidade, que já publicamos no 1.° Tomo do *Parnaso*: e o Poema Heroi-Comico — *o Desertor das Letras* — de que ainda daremos alguns extractos, são provas deste nosso juizo.

Recebido o grão de Bacharel Formado, regressou á Lisboa, onde o estudo das Bellas Letras, e a communicação com os homens mais grados em saber, de tal sorte pungirão a sua emulação, e arrebatarão o seu genio, que elle foi respeitado no numero dos bons Poetas, que ainda fazem conhecido na Republica das Letras o reinado de D. José, com o Ministerio de Pombal. As suas Poesias, inaugurando-se a Estatua Equéstre daquelle Rei, dão-lhe hum distincto lugar entre os bons Poetas, que então se esmerarão em suas composições. Apesar do prejuizo, que dominava a Corte Portugueza sobre o accidente da cor parda, *Silva Alvarenga* era convidado ás mais brilhantes sociedades, e nellas acolhido com a estimação e respeito, que lhe merecião as suas raras qualidades. Elle fazia o encanto e admiração dos que o communicavão, ou pelos seus discursos facétos, eruditos, e cheios de bem ajuizada critica; ou pelas suas Poesias, em que á sua fertil imaginação se juntava o desempenho dos preceitos dos melhores Mestres; ou finalmente pela dexteridade e gosto, com que na roda dos seus amigos tangia huma Rabéca, exercicio este á que se affeiçoára desde menino. Algumas das suas Poesias dirigidas á *J. B. da Gama*, então favorecido do Ministro Pombal, e empregado em seu gabinete, fazem ver, que o merito Litterario, ainda mais que a sympathia de patricios, ligava em particular estimação estes dous Poetas, que tanta honra fazem ás Musas Brasileiras.

Silva Alvarenga voltou ao Brasil, e descançou algum tempo na sua Patria, seguindo a vida de Advogado, e ensinando Rethorica aos estudantes seus patricios, cujos talentos julgou acertado aproveitar, por hum trabalho que tanto se casava com o seu amor ás Bellas Letras. Sem nunca esquecer-se do seu amigo *J. B. da Gama*, remetteu-lhe o seu *Templo de Neptuno*, (1.° Tomo do Parnaso,) como derrota da sua viagem; e depois a *Gruta Americana* (no mesmo 1.°

Tomo.) Passou-se depois ao Rio de Janeiro por ter sido despachado, da Corte, Professor Regio de Rethorica e Poetica, emprego que exerceo por toda a sua vida, com grande aproveitamento da Juventude. Elle encontrou particular estimação no Vice-Rei *Luiz de Vasconcellos e Souza*, que no Brasil protegia decididamente os Litteratos, acolhendo-os em suas partidas de Poesia e Musica, e animando-os em huma Academia Litteraria, da qual, em seu governo, alguns trabalhos uteis apparecerão, e onde tão distincto Protector foi recommendado á posteridade por muitos versos deste nosso Poeta.

Parece que a Providencia quizera contrastar o brilhante Vice-Reinado *de Vasconcellos*, com o taciturno do *Conde de Resende*, que lhe succedera; pois que á franqueza e jovialidade d'aquelle, seguio-se a desconfiança e melancolia deste. A intriga, então acastellada nos Claustros, ralando-se pela inveja de ver roubarem-se-lhe os louros das Sciencias, que os Frades ainda querião exclusivamente monopolisar, aproveitou o ensejo; e interessando em sua baixa vingança a imbecilidade de hum Vice-Rei suspeitoso, fez ver como criminosos aquelles, que por suas Letras illustravão a Patria. O despotismo Colonial folgou de achar na estupida denuncia de hum malvado Rabula, que o odio fradesco iniciára na mais vil intriga, hum pretexto para aferrolhar para mais de dous annos, e com inaudita barbaridade, não só o nosso Poeta *Silva Alvarenga*, como tambem outros muitos socios da Academia Litteraria do Rio de Janeiro, que na *Franciscana* se appelidava satyricamente *Club de Jacobinos*. Foi tal a sanha dos seus victoriosos perseguidores, que elles não poderão sahir dos seus humidos e escuros subterraneos, se não depois de se repetir mui positivamente de Lisboa a ordem de soltura.

Silva Alvarenga occupou-se de novo em ensinar Rethorica, e em advogar sempre com credito e geral estimação, até que sentindo os effeitos da vida sedentaria,

á que se habituára por huma espécie de melancolia contrahida em sua injusta prisão, terminou a sua vida no dia 1.° de Novembro de 1814.

Silva Alvrenga, voltando de Lisboa foi Coronel de Milicias dos homens pardos da sua Comarca do Rio das Mortes; era de cor e semblante carregado, de falla pausada, estatura alta, repleta, e forte. O seo gosto e delicada critica em Litteratura fazem-se conhecer em suas poesias, e sentia-se complacentemente no seo trato familiar. A estimação que elle consagrava aos seus discipulos, em quem lobrigava talentos e genio, era hum assomo do merito, em que depois apparecerião, e talvez huma recommendação respeitavel para quem sabia apreciar as raras qualidades de tão distincto Philólogo. Fôra huma honrosa empresa publicar em huma só colleção, as muitas e boas Poesias, que sahirão da penna de *Silva Alvarenga*, e que avulsas correm o mundo Litterario estampadas em diversas Epocas; mas ja que não podemos pagar este tributo de gratidão á memoria de hum Mestre e de hum amigo, á quem devemos instrução e amizade, contentamo-nos em salvar o seu nome de hum indigno esquecimento, para que seja conhecido entre os dos bons Poetas, que honrão o Parnaso Brasileiro.

SATIRA.

Aos Vicios. (*por Silva Alvarenga.*)

Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.

Horat. Lib. I. Satir. I.ª

A Satira grosseira por qual caminho novo
Deixou os feios crimes, com que assustava o povo?
Baccho enrolando a parra nos tempos da vendima,
De fézes tinto o rosto, dictou obscena rima:
Vio Thespis menos torpes os Satyros violentos
E da tragica Scena lançou os fundamentos:
Da plebe iniqua e rude já com melhor destino
A satira passou para o paiz Latino,
Quando o feroz Lucilio c'o o braço levantado
Ferio grande e pequeno c'um azorrague hervado:
Tão grande liberdade foi logo reprimida,
E, sendo mais honesta, não foi menos temida,
O espelho, que não mente, mostra a Horacio,
Fez Persio, e Juvenal tremer depois o Lacio.
Veio Regnier e veio Despreaux com artificios,
E fez que alguem se risse ao ver seos proprios vicios;
E a nossa antiga gente julgou por impiedade
Zombar dos prejuizos que reinão na Cidade;
Confundindo o Libello, que as justas Leis offende,
Com a Satira Urbana, que os vicios reprehende:
Mas esse véo grosseiro, que as luzes encobria,
Rasgou-se, e deo logar ao mais sereno dia.
Quanto se deve á Mão, que rege o Sceptro Augusto!
Cahio a Estupidez; podemos rir sem susto:
Se a querem levantar os timidos sequazes,
Já sofre piparotes, e pulhas dos rapazes.
Animo agora, oh! Musa, que as Letras tem Mecenas:
Não temos que invejar de Roma, nem de Athenas;
No meio he que a virtude tem firme o seu lugar;
Quem vai pelos extremos não a deseja achar.

Triste, cançado, e magro o sordido avarento
Harpagon as moedas ajunta cento á cento:
Não fuma a chaminé, na casa reina a fome;
Quem póde adivinhar o que, e quando come.
Conta-se que huma vez por festa do Natal
Comprou dez réis de nabos: oh! época fatal!
Quebrou-se.... oh! dia triste, dia de graves danos,
Quebrou-se-me a panella, que tinha quarenta annos?
Oh! nabos, oh! desgraça, oh! infeliz panella,
Que tão pouco duraste! ficou-me esta tigella,
E pondo-a sobre as brazas, rebenta; no estampido
Cobre de negras cinzas o Velho espavorido,
E para maior magua quiz o inimigo fado
Que de carvões volantes fosse o calção tostado.
Depois de tantas perdas fez voto, e com razão
De nunca mais gastar nem lenha, nem carvão:
De dia conta os sacos, de noite posto á vella,
Espreita, e de si mesmo recèa, e se acautella.
Treme ao leve ruido do vento, que sussurra;
Tem o seo Deos guardado na chapada burra:
E' justo o que lhe agrada, e só lhe agrada o Ouro,
Que adora, e que o faz pobre no meio do thesouro:
Mata a rabuge o cão, e o miseravel gato
Vive, por que em descuido pilha por sorte um rato.
Que usuras descaradas! que furtos, que rapina
Achou da vil trapaça na detestavel mina!
Ao triste devedor no Inverno desabrido
Despe insolente as filhas, quér tudo convertido
Em Ouro n'um leilão passado á quem dér mais;
Vê sem remorso o pranto, ouve sem pena os ais:
Menos inexoravel em seus caprichos cegos
Achiles vio morrer junto das náos os Gregos.
Escravo da riqueza, miserrimo usurario,
Inda, c'o a morte á vista, recusa o necessario:
Hum caldo de galinha restaura a Natureza;
Hum caldo! ha neste mundo quem faça tal despeza!
Moeda despendida ou tarde, ou nunca torna;

A tóce que me afflige, curo com agoa morna;
E para a ter á mão, achei hum facil meio,
Pois n'um pequeno vidro a aquento aqui no seio;
E sem carvão, nem lenha, nem outras invenções,
Dos Medicos me rio nas minhas defluxões.
Harpagon, Harpagon, trôpego, triste, e velho
Contempla o teo estado; eu te apresento o espelho;
Mas ah! que tu desmaias ao ver-te em tal figura,
Espectro descarnado n'uma caverna escura
Já para respirar te faltão os pulmões;
Vigilias, frios, fome, cuidados, e afflicções,
Nos braços te lançarão da morte enfurecida:
Responde: Que acção boa fizeste em tua vida?
Que premio conseguiste por dias tão cançados?
Enchi aquella burra de dobras, e cruzados.
Oh! que inuteis fadigas, que sordidos trabalhos,
Para ter hum capote com mais de mil retalhos!
Capote de Arco Iris, gala de todo o anno,
Que nem tu mesmo sabes qual foi o antigo pano;
E o ventre que escondido nos osssos mais trazeiros
Vio em longas dietas passar trinta Janeiros!
E que querias tu? que eu fosse hum dos casquilhos,
Que gastão o cabedal em chitas, e polvilhos;
Ou pródigo glotão, que passa o dia inteiro
Rodeado de copos, bebendo o seu dinheiro?
Que sem lançar as contas ás minhas fracas rendas,
Juntasse os caçadores de cêas, e merendas?
Não: essa boa gente comigo não faz vasa;
Eu gósto de banquetes, mas nunca em minha casa:
Os lucros vão menos, não ha ganhar vintem;
E aquillo, que se poupa, he só o que se tem
Por isso o novo herdeiro promette á boa fé
Gastar em carruagem quanto ajuntaste á pé.
Quem he este que passa vaidoso em seo caminho?
He do avaro Harpagon o pródigo sobrinho,
Que alegre vio morrer o sórdido avarento,
De forças exhaurido por falta de alimento:

Co' as chaves abraçado o Tio inda espirava,
Quando elle grandes coisas na idéa já formava:
Eis hum palacio erguido, bordados reposteiros,
Que por argolas correm á voz dos escudeiros:
Revestem-se as paredes de peregrinas côres,
Que sobre os ricos panos varrião os lavores:
Seges, bestas, lacaios, que tem seus apellidos,
Que imitão a seu amo, fazendo-se atrevidos.
Ao sumptuoso ao grande luxo o fasto iguala,
Os teus quadros, oh! Rubens, adornão esta sala;
Nest'outra que moldura não tem cada painel,
Obra da sabia mão do illustre Rafael!
Que falta mais? amigos, e amigos que vem logo
Leval-o ás Assembléas, ao lupanar, ao jôgo.
Cheira a cosinha ao longe: tres mestres occupados
Dispõe por arte as massas, os môlhos, e os assados;
Tres mestres! e são todos precisos nas funções,
Para dar os banquetes ao gosto das Nações;
Que fôra grão desar, e acção menos prosada
Pôr ao sombrio Inglez a mesa afrancezada:
Tudo que he fino, e bom aqui aos montes acho,
Como as coisas grosseiras nas vodas de Camacho: (*)
Que faz destas mulheres tão grande ajuntamento,
Que me parecem pobres á Porta de hum Convento?
Tudo he gente vadia, que tem algum direito
De arrecadar os roubos, que em casa se tem feito;
Encobrem-se huns aos outros, e furta o bolieiro,
Lacaio, comprador, mordomo, e cosinneiro.
De dia, e noite o cercão cem mil aduladores,
Que dos seus desvarios celebrão os louvores:
—Vós sois homem de bem (lhe diz, sereno o rosto,
Panurgo adulador), tendes juizo, e gosto;
Quanto os seus bellos dons com vosco o Ceo reparte!
Sois Alexandre, e Cezar, sois Hercules, e Marte,

(*) Alusão a hum gracioso episodio, que se lê na Historia do Ingenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha, Part. 2.ª Cap. 20.

Sois Adonis, Narcizo..... e que heide dizer mais?
Sois homem sem segundo, que á todos admirais:
Do vosso nome a gloria, e as inclitas acções
Celebra ao longe a fama por todas as Nações —.
Prosegue, e quando o vê bem cheio de vaidade,
Expõe-lhe a sua triste cruel necessidade;
E o ávido mancebo, que mais louvor deseja,
De cem dobras a bolsa magnanimo despeja,
Dobras por quem o tio, já macilento e fraco,
Quiz antes ver a morte que desatar-lhe o saco.
Duvída que haja frio, ou tragadora fome;
Sem pezo, nem medida tudo o que tem consome;
Que muita gente sabe vencer a sorte dura,
Mas perde as estribeiras no cume da ventura.
Esgotão-se os thesouros, torna ao estado antigo,
Todos os desconhecem, não acha hum só amigo;
E os mesmos argonautas, por mofa, e por desdouro,
Celebrão a conquista do Velocino d'ouro.
Eil-o de porta em porta; que mendigar pretende:
Que amargos fructos colhe, quem tarde se arrepende!
Infeliz! que abatido em tão adversa sorte
Até lhe faltão meios de abreviar a morte:
Huma corda deseja, mas o desejo he vão;
Porque huma corda custa metade de hum tostão.
De excessos, e desgostos na esqualida presença
Se ajuntão os algozes da palida doença:
Coberto em fim de opprobrio, com fome, e sem real,
Vai terminar seos dias á porta do Hospital:
Lá ficão as Irmãs pobres na flor da idade,
Expostas ao perigo da vil necessidade;
E Eulipio o Barregão sem fé, sem lei, sem pejo,
Soltando alegre as vélas no mar do seo desejo,
Com dadivas, com rogos, e ainda com violencia
Coge-Çofar será da misera innocencia:
E os vãos dissipadores de sua rica herança;
Tudo, e até os seus nomes apagão da lembrança;
E se alguem se recorda da pródiga loucura,

He para as insultar na sua má ventura.
Que tristes consequencias, que funebre retrato
Mostra de seus costumes o pródigo insensato!
Creonte o atrabilario compõe de sorte o rosto,
Que a todos enfastia c'o o seu mortal desgosto;
Affecta o ser sincero, e em falta de razões
Mostra o seu desprazer no gesto, e nas acções;
Encolhe o hombro ás vezes, e o modo seu me ensina
Que ha rizo mais picante, que a Satira mais fina!
Elle aborrece os Homens, mas elles com cuidado
Da sua vista fogem, como de cão damnado:
Sempre raivoso e féro, não tem mais grato estudo
Do que inventar os meios de pôr veneno em tudo:
Ao mesmo sexo amavel dirá, franzida a testa,
Que a triste Velha he bruxa, que a moça he pouco honesta:
Quem ha que escape á bilis, que o séca e que o dévora?
Se um canta, he porque canta; se um chora, he porque chora.
Lidoro observa os astros? perde seu tempo em vão:
Ticio estuda direito? será grande ladrão:
Com gosto á Medicina Biophilo se applica?
Não vale contra a morte sciencia, nem botica:
Nicandro faz bons versos? he léve de miolo:
Emilio não os faz? não tem que ver, he tolo.
Tudo vos desagrada? e que dirão de vós,
Que tudo escarneceis com vosso genio atroz?
Ainda espero ver-vos com quatro bonifrates
Reger mundo em sêco na casa dos Orates;
Lá da vossa loucura dando as mais certas provas,
Veremos fecundar vossas idéas novas.
Em tanto Atalafron, que em tudo acha bellesa,
Pretende ser distincto na graça, e gentilesa;
Tudo lhe causa gosto: que genio singular!
Até se pôe a rir de ver os mais chorar:
Sempre mordendo os beiços, estuda com cuidado
Hum vagaroso andar, hum gesto adocicado:
Conhece das pomadas o autor, e os nomes varios,
Que podem bem formar dous grossos Diccionarios:

Polindo cada dia tres vezes as fivélas,
Cuida que todo o povo só põe os olhos nellas;
Este novo Nirêo busca ao entrar na Igreja
Hum sitio descoberto, para que o mundo o veja;
Tem gosto, e para as modas dá novas eleições;
Sempre aos amigos falla, contando-lhe os botões
Quanto ouve na Assembléa, depois por seu nos vende;
Galra de préssa, e muito, mas elle nada entende:
Até, quando conversa, vós o vereis em pé
Fazer passos de dança, rosnando hum *trió — lé*:
Se tem de responder, primeiro entoará
O lindo retornéllo *Laran-ta—rá-lá—rá.*

Tartufo Jacobêo, que déstro em novas manhas,
Sabe contos de velhas, urdidos de patranhas:
Dos Santos o logar crê que não hé muito alto;
Diz c'o as contas na mão, lá quer chegar de hum salto;
Devoto beija o chão, fazendo mil tregeitos;
Os olhos põe no Ceo, bate com força os peitos:
Mas a inveja, a soberba, a intriga, e a ambição
São todas as virtudes, que tem no coração:
Para qualquer maldade hum destes se aparelha,
Lobo-Cerval coberto c'o a lã da mança ovelha;
Que vezes lhe não foi nas impias mãos achado
Fogo devorador, ou ferro ensanguentado!

Clitandro de outra parte, moço de engenho fino
He contra o Jacobêo, mas faz-se libertino:
As mais santas verdades são fábula aos seus olhos,
Quiz evitar as pedras, cahío sobre os abrólhos:
Serve-se em todo o caso do lume natural;
Nem sei se elle acredita, que tem alma immortal:
Mas longe o Libertino, longe o Devoto falso,
De rizo menos digno, que de odio, e cadafalso;
Para vicios oppostos são varios os caminhos.
Rufilo cheira á almiscar, Gregorio a raposinhos:
Deve cheirar-nos mal, quem sempre cheira bem;
Fujamos dos extremos, tudo seus meios tem:
Mas quão poucos estimão o virtuoso meio!

De cabeças vazias o Mundo está bem cheio:
Quem mais quer distinguir-se, não he quem mais repousa;
Pois juizo entre loucos he perigosa cousa.
Nascido na provincia Ergasto ainda ignora
Os affectados modos, que o vão casquilho adora:
Doma hum feroz cavallo, e sabe posto em terra
Repulsar n'um ataque todo o furor da guerra:
He justo, he moderado; mas vem servir de riso,
Porque sobre o espelho não sabe ser Narciso;
— Ignoras (lhe diz hum), como se toma o chá —;
— Nem tem este ar de Côrte — (diz outro d'acolá):
Ja cresce dos topétes a turba louca, e infame,
A quem o bom mancebo pergunta em seu vexame:
— Aristo, o sabio Aristo, que altos heroes imita,
He Espartano fórte ou fraco Sybarita? —
Elles tornão á rir, mas sem saber porque,
E o aldeão prudente, que afflicto, e só se vê,
Deixa a Cidade foge do Luxo, e desconcerto,
Para viver honrado no seu feliz deserto.

MADRIGAES.

Pelo mesmo Silva Alvarenga.

1.

Dryade, tu, que habitas amorosa
Da Mangueira no tronco áspero, e duro,
Ah! recebe piedosa
A grinalda, que terno aqui penduro;
Pela tarde calmosa
Glaura saudosa, e bella
Te busca, e vem com ella mil amores;
Mil suspiros te deixo entre estas flores.

2.

Folha por folha, e cheio de ternura
Beijarei esta Angelica mimosa,
Beijarei esta Rosa,
Que hão de adornar de Glaura a formosura.
Ah! ventura! ventura,
Comigo sempre esquiva!
Mostra-te compassiva á meus amores.
Beije Glaura estas flores,
E os encontrados beijos
Dêm novo, e puro ardor, á meus desejos.

3.

Neste áspero rochedo
A quem imitas, Glaura sempre dura,
Gravo o triste segredo
D' hum amor extremoso e sem ventura.
Os Faunos da espessura
Com sentimento agreste
Aqui meu nome cubrão de cypreste;
Ornem o teu as Nimphas amorosas
De goivos, de jasmins, lyrios, e rosas.

4.

O' sombra deleitosa,
Onde Glaura se abriga pela sésta,
Em quanto o ardor do Sol os prados crésta,
Ah! defende estes lyrios, e esta rosa.
E, se a Nimpha mimosa
Perguntar quem colheo as lindas flores,
O' sombra deleitosa,
Dize-lhe que os amores
E a tímida ternura
Do Pastor namorado, e sem ventura.

5.

O' Mangueira feliz, verde, e sombria,
Conserva estes de amor fieis tributos;
Assim no sêcco Agosto a nevoa fria
Não venha destruir teus novos fructos.
He este o fausto dia,
Que vio nascer de Glaura a formosura:
Chegue aos Ceos a ternura
Deste voto sincero:
E alegre eu ver espero
Que triumphem da sorte, e de seus damnos
A belleza, o amor, a gloria, os annos.

6.

Copada Larangeira; onde os Amores
Virão passar de Agosto os dias bellos,
Então de brancas flores
Adornaste risonha os seus cabellos.
A fortuna propicia aos teus disvellos
Annuncia feliz novos favores:
Glaura torna: ah! conserva lisongeira,
Copada Larangeira, por tributos
Na rama verde escura os aureos fructos.

7.

Não desprezes, ó Glaura, entre estas flores,
Com que os prados matiza a bella Flóra,
O *Jambo*, que os Amores
Colherão ao surgir a branca Aurora.
A Dryade suspira, geme, e chora
Afflita, e desgraçada.
Ella foi despojada.... os ais ih' escuto....
Verás neste tributo,
Que por sorte feliz nasceo primeiro,
Ou fructo, que roubou da rosa o cheiro,
Ou rosa transformada em doce fructo.

8.

Se eu conseguisse hum dia ser mudado
Em verde *Beija-flor*, oh! que ventura!
Despresára a ternura
Das bellas flores no risonho prado.
Alegre, e namorado
Me verias, ó Glaura, em novos gyros
Exhalar mil suspiros,
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

9.

Vês, Nymfa, em alva escuma o pégo irado
Que as penhas bate com furor medonho?
Inda o verás risonho, e namorado
Beijar da longa praia a ruiva arêa:
Doris, e Galatéa
Verás em concha azul sobre estas agoas.
Ah! Glaura! ai tristes magoas!
Socega o mar quando repousa o vento;
Mas quando terá fim o meu tormento?

10.

Mortal saudade, he esta a sepultura;
Ja Glaura não existe;
Ah! como vejo triste em sombra escura
O campo, que alegravão os seos olhos!
Duros espinhos, asperos abrólhos
Vejo em lugar das flores:
Chorai, ternos Amores,
Chorai commigo a infausta desventura:
He esta a sepultura:
Meu coração á magoa não resiste:
Glaura bella (ai de mim!) ja não existe!

Breve noticia sobre a vida de Alexandre de Gusmão.

Ainda que bem poucas Poesias se tenhão publicado de *Alexandre de Gusmão*, todavia sabe-se que não só por esta parte elle he digno de ser conhecido, como tambem por outras qualidades, que vamos expôr em quadro tão resumido, quanto consentem as noticias que delle podemos alcançar, e a tarefa que vamos desempenhando de escrever succintamente a vida dos Poetas Brasileiros.

Alexandre de Gusmão nasceo na Villa de Santos, da Provincia de S. Paulo, no anno de 1695. Aqui fez os seus estudos preliminares frequentando as Aulas no Collegio dos Jesuitas. Passou-se depois á Lisboa para a companhia de hum seo irmão, *Bartholomeu Lourenço*, Presbitero Secular, com quem aprendeu algumas linguas vivas, e hum Curso completo de Mathematicas.

Concluio-se por esse tempo a guerra chamada da Successão; e o Conde da Ribeira Grande então nomeado pelo Rei D. João o V. para Embaixador Extraordinario á Corte de França, fez escolha de *Alexandre de Gusmão* para seu Secretario, attendendo antes aos seus conhecimentos, do que aos annos da sua idade. Hum theatro tão brilhante como era a Corte de Luiz XIV., não podia deixar de ser proficuo ao genio deste mancebo estudioso, na idade de 20 annos; elle aqui adquirio aquellas luzes, que mais abrilhantarão os seus primeiros conhecimentos, e que depois apparecerão com tanta gloria, sua e nossa, nessas excellentes produções Litterarias, que enriquecem a colleção da Real Academia da Historia Portugueza, e tambem nas correspondencias Officiaes e Notas Diplomaticas, em que a sua Politica se deixa ver profunda, e firmada em boas idéas. Em Pariz elle se applicou mui particularmente ao estudo da Jurisprudencia, meditando sobre a marcha, em que esta

Sciencia se hia depurando das suas primeiras trevas, pelos trabalhos desses Sabios, que já então mettião hombros á huma reforma tão difficil, e cujas melhores idéas *Alexandre de Gusmão* aproveitou em beneficio da sua Nação.

Voltou a Lisboa, e no anno de 1720 foi de novo escolhido para assistir no Congresso de Cambray em companhia dos dous Embaixadores para alí mandados, e como por este tempo se tratassem tambem em Roma certos negocios Portuguezes, que parecião retardados, á pesar das diligencias do Padre *Bartholomeo Lourenço*, delles encarregado, recebeo *Alexandre de Gusmão* aviso do Governo para passar-se á aquella Corte, dando-se-lhe o prazo de 2 mezes para desembaraçar aquellas negociações; e foi tal a prudencia com que aplainou todas as difficuldades, adquirindo creditos e estimação, que foi demorado por 7 annos na Corte de Roma, conseguindo novos triumphos Diplomaticos.

Alexandre de Gusmão, á pesar dos seos bons serviços, vio com magoa retardar-se escandalosamente a carreira do seo adiantamento e fortuna, sobindo em honras e vantagens, os que sendo empregados ao mesmo tempo que elle, não derão tão boa conta de si, sem que isto se possa attribuir á outro motivo, que não seja o haver *nascido no Brasil*. Todavia, elle proseguio á adquirir hum bom nome pelos seus serviços, e admittido ao Gabinete do Rei, nem foi lisongeiro, nem advogou os seus particulares interesses, antes sustentou com dignidade a discussão de negocios importantissimos em correspondencias com as Cortes Estrangeiras, como por exemplo com Madrid por occasião de se negociar o Tratado de limites do Brasil.

Em 1742 foi despachado Ministro do Conselho Ultramarino. O seu zelo neste emprego, onde esperava prestar bons serviços ao seu pais natal, apparece em muitas consultas, em que *Alexandre de Gusmão* desenvolveo os conhecimentos bem aprofundados que tinha

deste vasto Imperio, á pesar de se haver delle ausentado em tão verdes annos. O estrago que o terremoto causára á Cidade de Lisboa extendeo-se á pequena fortuna deste honrado Brasileiro; e a sua alma sobranceira á taes golpes, por que se havia habituado á viver contente na mediocridade, não pôde resistir ao desgosto de ser privado de dous Filhos, que fazião as suas delicias; de huma Esposa, que lhe servia de conforto em tantas afflições; dos seus Livros, e de grande parte dos seus Manuscriptos, que forão devorados pelas chamas.

Alexandre de Gusmão foi de estatura ordinaria; de cabeça com menor proporção, do que se devia esperar na ordem da sua organisação; semblante redondo e respeitavel; olhos pequenos e brilhantes; côr, que degenerava para palida. No vestir foi polido sem affectação, respirando em seu trato huma dignidade, que unia o brilhante ao decoroso. Fallou a sua lingua com toda a pureza; explicava-se com propriedade em quasi todos os idiomas da Europa; soube com perfeição o Latino, e nelle havia escripto a Historia do Brasil de mandado da Academia. Foi dotado de grande eloquencia, e gozava de bons creditos como Poeta.

Morreo em Lisboa no dia 31 de Dezembro do anno de 1753.

EGLOGA

Por Alexandre de Gusmão.

Pastora a mais formosa, e deshumana,
Que fazes de matar-me alarde e gosto,
Como he possivel, que á hum tão lindo rosto
Unisse o Ceo huma alma tão tyranna?

Cruel, que te fiz eu, que me aborreces?
Tens duro coração mais que hum rochedo;
Sou Tigre, sou Leão, que meta medo,
Que a penas tu me vês desappareces?

Por ti tão esquecido ando de tudo,
Que o gado no redil deixei faminto,
O sol me fere á prumo e não, o sinto,
A ovelha está a chamar-me, e não lhe acudo.

La vai o tempo já que em baile, e canto,
Eu era no logar o mais famoso;
Agora sempre afflicto, e pesaroso,
Tudo o que sei he desfazer-me em pranto.

Ha pouco que encontrei alguns Pastores,
Que vão commigo ao monte apoz o gado,
E não me conhecerão de mudado,
Que tal me tem parado os teus rigores!

Até o rebanho meu, que hum dia viste
Tão nedio, antes que eu enloquecesse,
Não côme ja, nem medra, e se emagrece,
Por dó, que tem de ver-me andar tão triste.

Elle me guia a mim, não eu a elle,
Que vou nos meus pesares elevado:
Bem póde o Lobo vir matar-me o gado
A' minha vista, sem que eu dê fé delle.

Não sei que nuvem trago neste peito
Que tudo quanto vejo me escurece;
A flor do campo parda me parece
E até o mesmo Sol acho imperfeito.

Do alegre prado fujo, e só no escuro
Da serra me retiro entre os rochedos,
Alí pergunto as féras, e aos penedos
Se alguem ha mais que tu cruel, e duro.

Ali ouço soar rompendo o mato
Dos Ribeirinhos as saudosas agoas,
E em competencia vão as minhas magoas
Dos olhos despedindo outro regato.

O mal, que me succede, eu o mereço,
Que ingrato desprezei quem me queria;
Agora se me vê faz zombaria,
Que bem vingada está no que eu padeço.

Então não conhecia o que amor era,
Tambem me ria do tormento alheio;
Quão cedo (ainda mal!) o tempo veio,
Que ja conheço mais do que eu queria!

Não me desprezes, não, gentil Pastora,
Que igual castigo Amor talvez te guarda,
Não sejas á piedade avêssa, e tarda
Tem dó de maltratar a quem te adóra.

QUATRO ODES PINDARICAS

Por José da Natividade Saldanha, natural de Pernambuco.

1.ª

A' Andre Vidal de Negreiros, natural de Pernambuco, e seu Restaurador em 1654.

Dos nascidos direi na nossa terra.
CAMÕES. Lus. Cant. 6.

STROFE 1.

EU (mil graças ao Ceo!) se em largos campos
Não aro, não semeio
Com malhados bezerros trigo loiro,
Pedindo ao vate Argivo a lira d'oiro
Semeio nas campinas da memoria
Canções credoras de perpetua gloria

ANTISTROFE 1.

As redeas toma do cantor do Ismeno,
Musa canora, e bella,
Ignivomos Etontes atropella,
Guia a tua carroça luminosa
Ao bipartido cume;
Os Cantores do Pindo, que emudeção
Ao teu imperio os Astros obedeção,

EPÓDO 1.

E mais ligeiro
Do que o Ribeiro,
Que accelerado
Discorre o prado
Serpenteando,
Vai tu levando
O teu carro á azul esféra
Onde Fébo só impéra.

Strofe 2.

Fuja o profano vulgo inepto, e rude
Para ouvir os Misterios,
Que o altiloquo Vate patentêa,
Quando alegre bebendo a clara vêa,
Da encantadora, diva Cabalina,
Troca a vida mortal pela divina.

Antistrofe 2.

Oh monte! oh monte ao vulgo inacessivel,
Onde florêa Apollo!
Quem, do Etonte domando o bravo cóllo,
No teu cume fuzila brando canto,
Quem cinge a douta frente
Póde afoito dispor da humana sorte,
Dar vida ao sabio, dar ao necio morte.

Epódo 2.

Se o grande Homéro
De Achílles féro,
Que Heitor procura,
A paixão dura
Não arpejára,
Na linfa amára
Desse lago celebrado
Jazeria sepultado.

Strofe 3.

Se tôrvos sopesando invícta lança,
O' Musa, não podemos
No campo sanguinoso de Mavorte
Espalhar de huma vez terror, e morte,
Podemos, fulminando excelsos hymnos,
Dos humanos mortaes fazer divinos.

Antistrofe 3.

Levemos dos Heróes Pernambucanos
A rutilante gloria
Ao Templo sacrosanto da Memoria;

Não deixemos em mudo esquecimento
Tantos Varões famosos,
Que da inveja a pesar em toda a idade
Entregarão seu nome á Eternidade.

Epódo 3.

Assim de Roma
A gloria assoma,
Que do Latino
Em som divino
Relampaguêa
De graça cheia,
Quando fere a doce lira
Por quem Orion suspira.

Strofe 4.

Porém, ó Musa bella, o carro volta
Aos altos Guararápes,
Nelles procura o forte Brasileiro,
Tigres sedento, Lobo carniceiro,
Que dardejando a espada em dura guerra
Faz tremer ao seu nome o Mar, e a Terra.

Antistrofe 4.

Ante os muros de Troia fumegantes
Pélides furioso
Pela morte do amigo belicoso
Mais estragos não vibra, nem ruinas;
Nem o Aquilão fremente
Que, o pégo marulhoso revolvendo,
Vai montanhas de espuma ao Céo erguendo.

Epódo 4.

Brava procélla
Tudo atropélla;
Ao Belga forte
Fulmine a morte
E o meu Negreiros
C'os Brasileiros

Augúra cheio de gloria
Em seus brios a victoria.

Strofe 5.

Por cem bocas de fogo devorante
Volcão impetuoso,
Vomita o bronze atroador, e forte,
Por entre denso fumo a negra morte;
E o nitridor ginete atropelado
Respira fogo em sangue misturado.

Antistrofe 5.

O vibrado corisco tripartido
Pela dextra divina,
Ou subita estalando occulta mina,
Tão rapida não he, nem tão ligeira
Como o nosso Camillo,
Que leva enfurecido ao marcio jogo
Fogo no coroção, nos olhos fogo.

Epódo 5.

Prova, ó tyranno,
Pernambucano
Valor preclaro;
Negreiros caro
Consegue o loiro
De Heróes thesouro,
Conservando a invicta espada
No teo sangue inda banhada.

Strofe 6.

Será preciso, ó Musa, que sigamos
O Heróe á toda a parte?
Que ao Rio Grande vamos, e á Bahia,
Onde calcou Vidal a força impía
Do tyranno Hollandez, que ao seu aspeito
Sente o sangue gelar no duro peito?

Antistrofe 6.

Descansemos do claro Paraiba
Na margem abundante,
Onde brinca favonio susurrante;
Brilhe tambem na vasta redondeza
Esta illustre Cidade,
Patria feliz do impavido Negreiros,
Terror do Belga, amor dos Brasileiros.

Epodo 6.

Porém em tanto
Suspende o canto;
Do teu auriga
A' dextra amiga
Confia o leme;
O Cisne teme
Que do Heróe cantando a gloria,
Talvez lhe manche a memoria.

2.ª

A' D. *Antonio Filippe Camarão, natural de Pernambuco, e seu restaurador em* 1654.

Strofe 1.

Dulcisono instrumento,
Que de claros Heróes levaste o nome
Ao alto Firmamento,
Quando o Cantor do Ismeno
O Plectro audaz vibrava;
Eléva agora ao Templo da Memoria
Novo Heróe, que brilhou no Ceo da Gloria.

Antistrofe I.

De sacro enthusiasmo arrebatado
Além da humana esféra,
O Argivo Cisne em metro não ouvido
Celebra o combatente,
Que o bravo Corredor domou valente;
Ou nos Pitios combates valeroso
O triunfo colheo victorioso.

Epódo 1.

No Pégaso correndo o vasto campo
Dos nobres feitos do Brasilio Marte,
Vou colher sem demora
Flores em toda a parte,
E tecer-lhe depois em Dirce bella,
Ao brilhar do meo canto, huma capella.

Strofe 2.

D'entre larga espessura,
Ouvindo a voz da Patria, a quem opprime
A tyrannia dura,
Sai Viriato forte
Invicto Lusitano,
E clamando vingança, e liberdade,
Ressôa a voz na etéria immensidade.

Antistrofe 2.

Qual da Sicilia o monte pavoroso,
Que, chammas vomitando,
Entre nuvens de fumo tudo abrasa;
Qual Bóreas furibundo,
Que, aberta a porta ao carcere profundo,
Com estampido atroador soando,
Vai as altas montanhas abalando.

Epódo 2.

Tal Viriato, a Patria defendendo,
O Quirino soberbo desbarata;
E, Tigre furioso,

Fere, atassalha, e mata.
O Imperio Quirinal ao vêl-o geme,
De susto cheio o Capitolio treme.

Strofe 3.

O Camarão potente,
Indio famoso, illustre Brasileiro,
Negro Aquillão fremente,
He dest'arte, que busca
O Batavo em Goianna;
E, hum dia inteiro em horrida batalha,
Chovendo mortes, o inimigo espalha.

Antistrofe 3.

Tanto valor não tem, constancia tanta,
O grande Heróe Troiano,
Quando montado no veloz ginete
Pela Patria peleja;
Troveja mortes, damnos mil troveja;
Brilha o ferreo pavez auribordado,
Açoita as ancas o cocár doirado.

Epódo 3.

Patrocolo denodado, que attrevido
Ante os muros Troianos apparece
Cedendo ao braço duro,
Sucumbe, desfallece;
E o bravo Heróe, inda a pezar dos annos,
Marcha na frente dos Heróes Troianos.

Strofe 4.

O Scipião famoso,
O Belga em Santo Amaro derrotando,
Cinge o loiro ditoso,
Seu aspeito anuncia
A fugida, ou a morte
De hum lado á outro qual peloiro vôa
Sôa a victoria quando o bronze sôa.

Antistrofe 4.

Mais velozes não forão na Scicilia
De Pompêo os triunfos,
Que avassalou innumeras Cidades
Com deshumano estrago:
Nem do Heróe, que de gloria encheo Carthago;
E que, sendo o terror da invicta Roma,
Flaminio, Scipião, Marcello doma.

Epódo 4.

Não póde estar em ocio descansado
O Heróe, á quem Mavorte inflamma o peito,
Na illustre Paraiba
O Hollandez he desfeito;
Cunhaú, onde o Belga he triplicado
Vê Camarão, e o Belga subjugado.

Strofe 5.

Sobre teu alto cume,
Erguido Guararápe, altivo mente,
Qual fulgurante lume
Por Jove dardejado,
Brilhar tambem o viste
Quando todo em furor, desfeito em ira,
Vingança, e liberdade só respira.

Antistrofe 5.

Quanto he grato suster da Patria cara
A fugitiva gloria!
Deste modo se alcança no Futuro
Cubiçoso renome,
Que o tempo estragador jámais consome
He credora de inveja, he feliz sorte
Pela Patria acabar em doce morte.

Epódo 5.

Agora, Musa minha, em Porto Calvo
Colheremos a flor mais fresca, e bella,
Que ha de ornar do Guerreiro

A brilhante Capella :
Escape de huma vez o Heróe famoso
Do cégo Tempo ao ferro sanguinoso.

Strofe 6.

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do Brasilio esposo
A nobre Esposa amada.
No campo dos Troianos
Camilla furiosa,
Voando sobre a grinpa da seára
Mais triunfos á morte não perpára,

Antistrofe 6.

Assoberbão o Batavo nefando,
O quente sangue espuma;
Qual Belga foje, qual Brasilio fere;
Quem evita o Mavorte
Na espada feminil encontra a morte;
Ambos assim cobertos d'alta gloria
Alcanção do Hollandez clara victoria.

Epódo 6.

Brasilio Camarão, Indio Mavorte,
Recebe com prazer esta Capella,
Que te consagra o Vate;
Com ella adorna a frente;
E da Fama loquaz no excelso Tempio
Aos futuros Heróes dá nobre exemplo.

3.ª

A' Henrique Dias natural de Pernambuco, e seu restaurador em 1654.

Strofe 1.

NÃO posso, Egregio Henrique, em larga cópia
As lagrimas da Aurora offerecer-te;
Nem de marmor luzente
Padrões eternos contra o Tempo erguer-te;
Porém ao som do plectro, que desfiro,
Com aureo canto eternisar-te posso:
Dom de maior valia,
Que cem columnas do opulento Efiro.

Antistrofe 1.

Quando no Olimpio circo,
Não mortal, todo Nume o Argivo Cisne
Da atropelada boca
Novos vibrava audaciosos Hymnos,
Quanto a rival Corina
Raivava de escutar-lhe a voz divina!
Quanto o mesmo ginete, que a victoria
Conseguio ao Senhor, se encheo de gloria!

Epódo 1.

Nem só de Ilio bateu Neptunios muros
O indomavel Achilles,
Quando em torno correo do Argivo campo,
Largo ribeiro, o sangue de Patrocolo:
Nem o velho Nestor, que honrára Pilos,
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

Strofe 2.

Oh! mil vezes ditoso, o que da lira
Tirando sons, milagres de armonia,
Que o Patarêo inspira,

Rouba os Heróes do tempo á foice impia
Ditoso, o que n'um frio esquecimento
Não deixa sepultar a Patria gloria!
Assim Camões divino
Ergueo-te, ó Gama, eterno monumento.

Antisfrofe 2.

Asim outr'ora Elpino,
Atropellando os E'vos fugitivos,
Da immensa Eternidade
As bífores abrio formosas portas
Quanta d'ali rutila
Brilhante gloria em Azamor, e Arzila!
Viste de novo Adamastor, ferrenho
Sulcar teus mares Lusitano lenho.

Epódo 2.

Qual furor divinal de mim se apóssa!
Que sacro enthusiasmo
Em grossos turbilhões me assalta á mente!
Onde me elevas impeto divino!
Oh Passado! Oh Futuro! Eu vejo tudo,
Abrem-se os penetraes aos meus accentos.

Strofe 3.

Henrique! Lá me assoma em densa tréva
Do féro Belga a alta trincheira invicta!
Que clamor, que se eleva!
Que terror nos cercados, que se excita!
O bipene cutéllo a Parca afia
No fuzilo dos elmos, das espadas;
Trôa o bronze inflammado,
Que em chuveiros a morte despedia.

Amtistrofe 3.

Como de balde intentas,
Belga soberbo, te esquivar ao raio!
Como! .. Já se arreméssão
Altas escadas ás trincheiras altas;
Já tremúla a primeira

Sobre as muralhas Portuguez bandeira;
Já curvas, Hollandez, com Fado escasso,
Altiva fronte do Africano ao braço.

Epódo 3.

Freme na Estancia o bellico Mavorte
Fulminando ruinas.
Lá Dias apparece ... ah! quão azinha
Foje ao vel-o a Batavia atrocidade,
Assim de Heitor fugia o Grego imbélle,
Que as muralhas de Troia accommettia.

Strofe 4.

Que confusão, ó Musa, que alarido!
O Ceo se encobre de negrume horrendo!
Que estrondo nunca ouvido!
Que sangue pela terra vai correndo!
Que he isto!.. Mas lá sôa... "O Belga forte,
"Nas Salinas fugir em vão intenta;
"Henrique os atropélla,
"E á seu lado se espraia a negra morte."

Antistrofe 4.

Tal do Heróe de Carthago
Fugia á vista a Quirinal cohórte;
Quando em Tresbia valente
O Consul attrevido derrotára.
Tal foge temeroso
Do açor cruento á garra furibunda
O aerio bando de mimosas pombas.
Tanto do Heitôr Brasilio assusta o braço!

Epódo 4.

Como lá foge ao vel-o nas Tabocas
O Batavo medroso!
Como sem côr, sem vida, espavorido,
De susto cheio, no Afogado foge!
Como tresúa navegando os mortos
Na fêa Barca o sordido Charonte!

Strofe 5.

Guarárapes! abaixa o nobre cume;
O illustre Scipião lá vai sobindo,
Que nunca visto lume
Da fulgurante espada vem sahindo!
Relincha o nitridor atropellado
Sangue, e fogo no freio mastigando;
Lá sôa!.. lá começa
Dos peloiros o estrondo repetido.

Antistrofe 5.

Qual do cavallo vôa,
Qual sem cabeça corpo vai rolando
Qual decepado braço,
Inda tremendo aperta a quente espada,
Qual sem dono ginete
Pisa, e repisa galopando o campo..
Lá dá costas o Belga lá procura...
Nas densas matas o mesquinho abrigo.

Epodo 5.

Musa!.. porém ja basta descancemos
Hum pouco a lira, d'ouro;
E entretanto conheça o Mundo todo,
Que entre o remoto Povo Brasileiro
Tambem se crião peitos mais que humanos,
Que não invejão Gregos nem Romanos.

4.ª

Ao Mestre de Campo Francisco Rebello, chamado pela pequenhez de seu Corpo o Rebelinho, natural de Pernambuco, e seu Restaurador em 1654.

Strofe 1.

Brasileros!.. de novo afino a lira,
E o Nume de Patara,
Que os lisongeiros Vates não inspira
A minha mente inflamma.
Tecei-me nova corôa,
Filhas do Céo, Razão, Ingenuidade;
Pois agora acordando
A' lira Brasileira os sons Argivos,
Vou estampar o nome
De Rebello immortal na Eternidade.

Antistrofe 1.

Já da Apollinea chamma
Aceso turbilhão me désce ao peito!
Como hum tropel de idéas magestosas
A mente me confunde!
Eu vejo, eu não me engano, o Delio Nume
Que aos ouvidos me entôa altivos Hymnos:
O' Pindaro! esmorece;
Tu já tens hum rival no amor da Patria,
No canto, que aos Heróes dá nome, e vida.

Epódo 1.

Longe de mim o vulgo boquiaberta,
Que não póde escutar os sons cadentes,
Que o Vate desencerra;
Longe de mim a turma aborrecida,
Que á Lirica não sóbe, e que derrama
Versos sem alma, e só no nome versos;

Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,
Não de Filinto, Coridon, e Alfeno;
Meiga pompa ululante
Não segue os vôos da ave do tonante.

Strofe 2.

Vem, Aonio, á meu lado ouvir meus hymnos;
Vem a prestar-me a lira,
Que hoje tem de troar com sons divinos,
Quaes Diniz, que nos guia,
Outr'ora modulára;
Vem commigo cantar, deixa de parte
A arrufadiça Ulina.
Se devemos á Patria a nossa vida,
Demos-lhe a nossa fama,
Demos vida aos Heróes, que á Patria a derão.

Antistrofe 2.

O' vós sombras divinas,
Manes de Henrique, Manes de Negreiros,
As campas sacudi, erguei a frente
Para escutar o Cisne,
Que roubou vosso nome ás mãos do Lethes.
Exultai! Novo Heróe vai hombrear-vos
Sobre as azas da Fama.
Teve parte comvosco nos perigos,
Vai ter comvosco seo quinhão na gloria.

Epódo 2.

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,
Emulando de Marte a valentia,
Venceo Numancia féra,
Carthago derrotou, deo leis ao Mundo,
Foi doce á Patria, horrivel ao imigo;
Qual Condé, cujo nome portentoso
Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,
E que, quando voava ao Marcio campo,
Levava no seo braço
O augurio não fallivel da victoria;

Strofe 3.

Rebello assim desfeito em chamma, em ira,
A' toda a parte vôa,
E onde assoma valor, audacia inspira.
Treme de ouvir-lhe o brado
O Belga esmorecido.
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerme
Provocando o inimigo,
C'a espada trovejou raios de mortes,
E, Hercules imitando,
Rouba a vida á hum Antheo c'os rijos braços.

Antistrofe 3.

Foge o Belga medroso,
Foge á vista do Heróe; porém aonde
Póde escapar ao raio? O Heróe o segue,
Assoberbando tudo.
Nada lhe embarga os passos, nada o prende;
Chameja, espuma, brama, e os campos tála,
Desmorona os redutos;
E de sangue, e de gloria, e pó cuberto,
Entre impios ossos caros ossos piza.

Strofe 3.

Mazurépe! Ja vôa em teo soccorro,
Dos olhos sintilando fogo ardente,
Sedento do inimigo,
O Heroe á cuja fama he pouco o Mundo.
Ja!.. Que horror! entre fumo, entre alarido,
Chove o bronze mortifera granada;
Cruzão lanças, a hoste se derrama....
Exulta, ó Mazurépe! O Belga cede,
Ante o Brasilio raio
Tudo he pó, tudo he cinza, tudo he nada.

Epódo 4.

Novo campo de gloria se offerece
Ao Brasileiro Tigre:
Sigismundo a vingar-se lhe apparece.

O' Belga desgraçado!
Porto Calvo famoso
Por tres vezes te vio deixar-lhe o campo,
Quando Rebello forte,
A dextra o raio, o terrorismo á frente,
Impavido assomando,
Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

Antistrofe 4.

Assim o antigo Persa,
No esquadrão numeroso confiando,
Aos da Grecia guerreiros se apresenta;
Assim Flaminio bravo
A' gloria de Carthago, ao fero Annibal;
Tal em Neméa os bravos Sicilianos
A' Pericles se offerecem;
Assim nas margens ferteis do Garona
A aguia soberba foi lançada em terra.

Epódo 4.

Taparica infeliz em ti devia
Com a morte coroar tantas victorias.
Peloiro penetrante,
Rompendo o peito forte, foi beber-lhe
As fumantes entranhas inda quentes,
E envolvido em troféos do seo triunfo
Na campina Mavorcia teve a morte.
Porém quando se chega ao Ceo da gloria
A existencia he pesada:
Assim Turena sobre o campo expira.

Strofe 5.

O' Patria minha, e delle! enxuga o pranto;
Morreo; mas libertou-te,
E de novo revive no meo canto.
Inda hoje a sombra sua
Te cerca a todo o instante,
E c'os olhos em ti, assim te brada:
" Exulta, ó Pernambuco,

" Dei a vida por ti: foi doce a morte;
" Não te falta o meo braço,
" Tu genios inda tens, que me assemelhão. "

Antistrofe 5.

O' Jovens Brasileiros,
Descendentes de Heróes, Heróes vós mesmos,
Pois a raça de Heróes não degenera,
Eis o vosso modelo;
O valor paternal em vós reviva;
A Patria, que habitaes, comprou seo sangue,
Que em vossas vêas pulsa;
Imitai-os, porque elles do sepulchro
Vos chamem com prazer seos caros filhos.

Epódo 5.

Assim em Roma o brio dos Horacios
Nos recemnados filhos vegetava;
Assim o egregio sangue
Em Termopilas dura derramado
Antolhava em seos filhos vingadores:
Tomai delles o brio, a força, a manha;
Sêde sempre fieis á Patria cara;
Vós sereis Brasileiros;
Sereis Pernambucanos verdadeiros.

SONETO

Por Braz Martins Pupo, enviado á Sebastião de Aguilar Sandenabo, (natural de Minas.) Deu motivo o chegarem duas Senhoras á janella, no largo da Lapa do Desterro ao mesmo tempo em que o Sol nascia, e succedeo esconder-se logo em huma nuvem.

Ja la vaidoso o Sol resplandecente
No dourado horisonte apparecia,
Donde dar com seus raios pretendia
A costumada luz á mortal gente.

Eis que os olhos voltando de repente
Humas formosas Nimphas descobria,
De cujos rostos vê que lhes sahia
Outra luz mais que a sua refulgente.

Suspende logo os passos, conhecendo
Que devera ceder á luz mais pura,
Foi pouco e pouco os raios escondendo:

E dentro em huma nuvem densa e escura
Aflito e descontente o rosto tendo,
Chora de ver tão rara formosura.

SONETO

Por Sandenabo, em reposta ao antecedente.

O Astro grande, autor e pai do dia,
Ja vibrava os seus raios luminosos,
E nos bravos Etontes furiosos
Pela esfera Celeste discorria.

Ora á hum, ora á outro sacudia
Os doirados cordões, porque animosos
Aureos freios mordendo de raivosos,
E nivea espuma os lombos lhe cobria.

Eis que os olhos á terra debruçando.
Qual o filho, por ver a Nimpha amada,
Com as luzes, que vio, se foi cegando;

E temendo seguir do filho a estrada,
Foi n'huma escura nuvem sepultando
A escassa luz, ja tremula e cançada.

SONETO

Por José Basilio da Gama, á alma do Rei D. Sebastião entrando nos Céos

Entrava aflita nos Celestes Paços
A magnanima sombra, envolta em lutos,
Do Rei, cujo valor deixou por fructos
Na Maura terra a Patria em duros laços.

Affonso a chama, e nos invictos braços
De seu paterno amor dando tributos,
Lhe beija a face e os olhos mal enxutos,
Consolando-o dos fados seus escassos.

Por preparar, lhe diz, á lusa Gente
A idade d'oiro, que os destinos regra,
Quer qu'este mais desastres exp'rimente.

E correndo huma nuvem densa e negra,
José mostrou á Portugal contente,
E a sombra rindo, do seu mal se alegra.

PARNASO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO

DAS

MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INÉDITAS, COMO JA IMPRESSAS

CADERNO 7.°

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1832.

PARNASO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO

DAS

MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS

CADERNO 1.º

RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1829.

Breve noticia sobre a vida de Ignacio José de Alvarenga Peixoto.

HE tal o descuido, que entre nós tem havido em escrever a vida dos Brasileiros, que honrão a nossa Litteratura, que os nomes de muitos vagão como sem patria, e o que mais he, sem haver passado meio seculo sobre a sua desconhecida sepultura. Difficil tem sido por isso a empreza de darmos á luz as noticias biographicas dos nossos Poetas; mas apesar da escuridade dos passados annos, hiremos salvando do indigno esquecimento aquelles, que podermos conhecer, ou por meio de seus parentes e amigos, ou por acções e circunstancias que nos dêm o fio dos seus dias.

No primeiro volume do nosso Parnaso publicámos algumas Poesias de *Ignacio José de Alvarenga Peixoto*, e então dissemos, mal informados, que elle era natural de *Minas Geraes*. Hoje reparamos este engano, declarando, fundados em boa auctoridade, que elle nascera na Cidade do *Rio de Janeiro*, e de huma familia decente, e abastada. Passados os seus mais verdes annos no estudo das Lettras, então florentes no Collegio dos Jesuitas, transportou-se á Portugal com estes preparatorios, e na Universidade de Coimbra seguio a Faculdade de Direito Canonico, em que tomou o grão de Bacharel Formado. O seu estro sublime ali se fez por muitas vezes admirar, e a sua reputação como Poeta firmou-se em annos bem tenros, tanto que *Alvarenga Peixoto* apenas contava 14 annos da sua idade, quando improvisou o excellente Soneto sobre a nomeação de hum Bispo, que já publicámos no primeiro Tomo do Parnaso, cujo mote era.

Noméa Vice Deos o grande Augusto.

Dotado de feliz engenho, rico de conhecimentos, e fallando com nobre eloquencia, que dava maior realce aos seus pensamentos; elle fez huma brilhante leitura no Desembargo do Paço, e assim por este acto, como pelo credito de seus estudos, foi logo despachado para Juiz de Fora de *Cintra*; e deste lugar, preenchido com honra, passou para o de Ouvidor da Comarca do *Rio das Mortes*, em Minas Geraes.

No anno de 1776 (talvez fosse o trigessimo da sua idade) chegou *Alvarenga Peixoto* ao Rio de Janeiro vindo de Lisboa para hir exercer a Magistratura, que lhe foi confiada; e aqui benignamente o acolherão, tanto o Vice-Rei Marquez de Lavradio, como aquelles de seus Patricios, que sabião presar as suas brilhantes qualidades. Nesta sua estada fez elle o Soneto, que acaba:

Compete a nova escola dos costumes.

(Parnaso B. T. 1.º) servindo de dedicatoria ao Marquez, da Tragedia — *Merope* —, por elle traduzida do Italiano, e que foi representada no Theatro então fundado sob os auspicios de tão polido Vice-Rei. Tambem á seu pedido compoz, e fez representar hum excellente Drama intitulado *Eneas no Lacio*.

Chegando á Comarca *do Rio das Mortes* começou a desempenhar os seus deveres de Ouvidor, com credito seu, e aprazimento dos povos; e tanto se embellezou da Provincia de Minas Geraes, que nella casou, e teve filhos. Concluido o tempo desta Magistratura, entregou a Vara ao seu Successor, renunciando a carreira tão felizmente começada, e contentando-se com a Patente de Coronel de Cavalleria de Milicias, que obtiveraem recompensa dos seus bons serviços, só para gozar tranquillo os commodos da vida privada, nos braços de huma Esposa, e nas doçuras de huma Familia, que fazia todos os seus encantos, tendo assim mais oportunidade para se dar á communicação das Musas.

Mas o genio do mal estudava meios de infelicitar as mais distinctas Familias da Provincia de Minas Geraes; e folgou de os achar am huma calumniosa denuncia, que enlutou para sempre os praseres de *Alvarenga Peixoto*, e de alguns Mineiros, que então pelas suas luzes fazião o ornamento da sua Provincia. Elles por suas brilhantes qualidades parecião dar sombra á espiritos apoucados, que prontos tomarão baixa vingança por desavenças particulares, convertidas mui de proposito em offenças publicas, ou crimes de *lesa Magestade de primeira cabeça*. A intriga maquinou o laço á sombra da força; a desapercebida innocencia não pôde escorar-se na probidade e boa fama; *Alvarenga Peixoto* denunciado como incurso no crime de huma rebellião, que só existia no odio, que lhe tinhão os seus baixos inimigos, foi posto á ferros, e regressou á sua Patria para ser sentenciado com outras victimas ds tão negra maquinação.

Depois de grandes, mas inuteis trabalhos dos seus amigos empenhados na sua defesa, *Alvarenga Peixoto* teve de ouvir a sentença da sua morte..... Mas esta pena lhe foi perdoada por Graça da Rainha D. Maria, cujo perdão foi apresentado em Relação pelo Vice-Rei, depois de condemnados todos os réos, ficando excluido desta Graça hum infeliz, que em breve subio ao patibulo; por se julgar principal cabeça da sonhada rebelião. *Alvarenga Peixoto* foi degradado perpetuamente para o Presidio de *Ambaca* nos sertões de *Angola*, e ahi poucos annos viveo.

A sublimidade do seu estro verdadeiramente Pindarico nunca foi rebaixado pelo pezo dos seus ferros; se a consciencia do crime pode abater o espirito do homem de Lettras, a certeza de que á injustiça he só quem o persegue, dá novo calor aos seus nobres sentimentos para se manifestarem em expressões dignas da sua gloria. Em suas cadeas *Alvarenga Peixoto* era mais pungido pela saudade da sua Esposa, e filhos, que ficavão abismados nos horrores do seu infortunio, do que da lem-

brança de huma desgraça, que encurtava os seus dias, parecendo denigrir a sua brilhante reputação. Elle deu provas deste seu nobre sentimento, quando sabida a noticia da sua primeira condemnação improvisou o Soneto, que principia:

Não me aflige do potro a viva quina,

Tão eloquente, e tão elevado Poeta em seus ferros, em tenebrosa masmorra, como no socego do seu gabinete, ou no circulo dos seus illustrados amigos, elle agradeceo de improviso a Graça da Rainha, dirigindo-lhe o *Sonho* e a *Ode*, que se publicarão no principio do 1.° Tomo deste Parnaso. Os nossos Leitores podem formar juizo da sublimidade do Poeta *Alvarenga Peixoto* lendo as suas boas produções, que ainda restão, sendo já muitas perdidas por se não terem estampado em tempo competente. Nós as iremos publicando á proporção que nos chegarem ás mãos, e para isso de novo convidamos os Parentes e Amigos dos nossos bons Poetas, que sem duvida não podem querer que hum injusto esquecimento os roube á gloria do mundo Litterario.

CARTA

DE

Leandro á Héro, traduzida do Francez, e dedicada á Senhora D. Delfina Benigna da Cunha, por D. Beatriz Francisca de Assiz Brandão.

Dedicatoria.

Vê, Lucilia, no quadro lastimoso
Que á tu' alma sensivel apresento,
De amor o fructo amargo, e a pena injusta
Contra tristes amantes fulminada.
E haverá coração duro, insensivel
Que a ouvir-lhe o éco não s' esgote em sangue?
Leandro ja do mar despojo infausto
Sobre as queridas margens arrojado,
Seos desgraçados votos vê cumpridos!
Tyrannos Ceos! só nisto os escutastes?
Héro infeliz o vê, e o reconhece,
E no extremo da dor que alma lhe occupa
Hum ai, hum só suspiro não lhe escapa.
Perdido o acordo, e a razão perdida,
D' essa torre fatal se precipita,
E cingindo á seu peito o caro amante,
Quanto hum resto de vida lhe permitte,
O primeiro suspiro o ultimo exala.
A Natureza geme, Amor soluça!
O' copia desditosa! Exemplo triste
Da mais viva paixão, que o mundo vira!
Ao pintar de seo fado o duro extremo,
Quantas vezes no peito intercadente
Senti faltar-me o alento.... assim tremendo
Cahe a penna da mão, que enxuga o pranto

Almas sensiveis, que o prazer e a magoa
De Amor sabeis qual he, chorai commigo.
Desta copia fiel a sorte amarga
Vos arranque hum gemido doloroso!
Chóra tambem, Lucilia, chorai troncos,
Róchas de Abido, e vós praias de Sésto
Onde repousão, n'hum só ponto, as cinzas,
Que Amor talvez ainda aquece, e anima.

Carta.

Do teu fiel recebe hum terno adeos.
A ventura de ver-te, de abraçar-te
Faria o seu prazer; mas agitado
O mar tempestuoso não consente
Que elle possa passar de Abido á Sésto.
Se as Deidades piedosas s'interessão
A favor de hum affecto verdadeiro,
Tu sensivel serás aos desprazeres,
Que turbão meu repouso, e pesarosa
Lerás protestos de hum amor constante,
Que tão doce te fôra o escutal-os!
Mas que digo? Insensato! Os mesmos Deoses,
Que reclamo, contrarios se declarão
A minha pura chama; pois não sofrem,
Turbando o mar, que eu possa para ver-te
Empregar a destreza dos meus braços.
Bem vês o Ceo de nuvens carregado,
Pronto á brotar horrisonas borrascas.
Com medonho estampido os rijos ventos
Se arrojão sobre as ondas inquietas
Onde os Navios mal seguros jógão.
Hum Piloto somente, (e esse mesmo
De temerario e louco he arguido,)
Os furores de Boreas desprezando
O Porto deixa, e he por este meio
Que posso a minha dor participar-te,

Eu lhe entrego esta Carta, ah! praza aos Deoses
Que podesse hir eu mesmo segurar-te
O meu amante extremo; mas correndo
A embarcar-me, contando em pouco o risco,
Eu vi que toda a gente me observava
N'esta partida; como eu ousaria
Impellido do meu ardor vehemente
Manifestar a chama, que me abraza?
Os meus, á meu pesar, descobririão,
Se me vissem partir, o doce trato
Do nosso occulto amor; e escaparia
O segredo, que tende á conserva-lo.
Eu te escrevo por tanto, e beijo, e invéjo
Esta Carta feliz, que brevemente
Hirá gosar o bem, de que me privo.
Depois de ser por tuas mãos tocada
Julgo vel-a tão docemente unida
Aos labios teus, que os olhos cubiçosos
Farão que os dentes logo o sello arranquem.
Mas porque invejo o bem, que ceder devo?
Privar-me de te ver he mal sem cura,
E devo do meu barbaro destino
Sofrer a dura Lei: por tanto, ó cara,
Por minha voz a minha mão te falla.
Ah! porque não pode ella n'este instante,
Em lugar de traçar minhas idéas
Vencer nadando os alterosos mares,
E abrir-me hum caminho para Sésto,
Onde por tantas vezes me tem feito
Voar o terno amor? Bem que estas lettras
Possão provar-te o meu ardor intenso,
Que intreprete fiel de meus extremos
Seja esta mão, mais util me he seu uso
Quando fendendo as ondas me avisinha
Do meu unico bem, dos meus amores.
Ha sete noites, noites tormentosas!
Que o mar apenas franco aos navegantes

Furioso espuma, e faz mugir as vagas.
Ah! se em todo este tempo algum repouso
Meu assustado amor tem conseguido,
Possa tantó durar a tempestade
Quanto por meo tormento tem durado.
Sentado em hum rochedo ao mar visinho,
Abatida a minha alma de tristeza,
Lanço, gemendo, as vistas para Sésto,
E adorando hum lugar, que me he tão charo,
Mando meu terno coração saudoso
Onde desejo conduzir meu corpo.
Na Torre onde te dignas esperar-me
O lume vejo, que me guia e chama;
Ou ja de meus desejos illudido
No ardor de buscal-o julgo vel-o.
N' este tormento a dor, que me transporta
Me tem feito tres vezes resoluto
Minhas vestes deixar sobr' esta margem;
E tres vezes entregue ao mar em furia,
Os meios procurar do meu repouso.
Mas conseguil-o, em vão tenho tentado:
As vagas á engolir-me sempre prontas,
Contra a minha afoiteza embravecidas
Tem-me á praia arrojado por tres vezes,
Tu dos ventos o mais desapiedado
Que os ares estrugindo, furiosas
As ondas tornas, implacavel Boreas;
Que te fiz eu? Porque com rigor fero
O mar volvendo o coração me arrancas?
O sopro impetuoso, que despedes
Mais do que as ondas meos prazeres turba.
Ah! que farias tu de mais tyranno,
Contra hum misero amante, se em teo peito
Nunca Amor dominasse? Se hoje cobrem
Os gellos tuas faces, ah! recorda
Que houve tempo, em que foste ja de fogo,
E que d' hum lindo objecto surprendido

Seus amaveis encantos ja fizerão
Tua razão ceder á teus sentidos.
Na paixão vivamente resentida,
Que á roubar Orithia te obrigara,
Que desesperação seria a tua
Se te fossem os ares interditos?
Por piedade condoe-te de hum amante,
Qu t' implóra favor; suspende a furia;
Assim Eólo, de seu poder altivo,
Jamais severas ordens ouse impor-te.
Mas em vão com meos ais busco mover-te,
Pois augmentas teu horrido murmurio,
E as aguas agitadas, implacaveis
Mugem, branqueão diffundindo horrores.
Ah! por que de meus males compassivo
Não me presta, ai de mim! Dedalo as azas?
Estes mares, que de Icaro conservão
O renome da sua fatal queda
Em vão minha razão avisarião,
De seu fado o espectaculo tremendo
Desmaiar não faria a minha audacia,
Se eu podesse alcançar, que de meu corpo
Vencendo o pezo, aos ares me elevassem.
Ah! que em vez dos prazeres excessivos,
De que ha tanto me priva a tempestade,
Eu procuro acalmar a viva angustia
De meu peito agitado, memorando.
Os primeiros momentos preciosos
Da minha sem igual felicidade.
A noite.... Oh! quanto he doce esta lembrança!
Em suas gratas sombras preparava
O trepheo mais sublime á minha gloria;
Quando inflammado no maior transporte
Eu me ausentei de Abído, e fui á Sésto!
Ali, sem que o perigo balançasse
O meu valor, ja prestes á arrojar-me
A's salsas ondas, extendendo os braços

Corri afoito a humida planicie.
N'esta marcha arriscada, e inconstante,
Seos doces raios me emprestava a Lua,
Como que condoida protegesse
Quem por amor á morte se arriscava
Em meu transporte erguendo á ella os olhos,
O' Deosa encantadora, lhe dizia,
Concede o teu soccorro á hum terno amante.
Ah! lembre-te esse tempo, em que buscavas
Nos rochedos de Latmo o Pastor bello,
Que acendera em tua alma a doce chamma.
Favoravel te mostra á este extremo,
Que á tão extranhos riscos me abandona.
Para guiar-me sobre mim derrama
Os teus raios benignos. Quando amante
Tu deixavas o Ceo, e demandavas
Meigos encantos de hum amor tão terno,
Era hum mortal quem te obrigava á tanto.
No lindo objecto, que minh' alma enlêa
Eu nada busco menos, que huma Deosa....
De tão alto elogio não te offendas:
O ciúme he forçado á confessa-lo.
Que te direi dos sentimentos nobres
Que regem de su' alma os movimentos?
Que do sangue dos Deoses seja digna
Sua excelsa belleza he testemunha,
E de mil graças o gentil composto
Bem deixa ver que só huma Deidade
Tantos encantos possuir podia.
Excepto tu, e Venus, não se encontra
Outra immortal, que vendo a minha amada
A vantagem de bella ostentar possa.
Se não crês a expressão de quem a adóra,
Ah! digna-te de ve-la hum só momento.
Bem como tu em plena luz offuscas
O esplendor dos Astros, que te cercão,
Tanto a sua belleza, os seus encantos

Fazem ceder a todas as beldades;
Se da minha verdade inda duvidas,
Talvez zelosa este louvor te offende;
Ou, temendo que á ti ouse igualal-a,
Convencida em segredo, dissimulas.
He assim que vogando sobre as ondas
A aspera fadiga eu consolava,
E avançando-me á essa feliz margem,
Que meu sensivel coração prendendo,
Meus desejos, meus votos atrahia.
Da Lua a bella imagem reflectida
Sobre a agua em torno, a branqueava toda,
Tal era o resplendor, que o mesmo dia
Reproduzindo, as sombras desterrava.
Sem ouvir mais rumor, que o brando ruido,
Com que as ondas fendião os meus braços,
Em via o mar em huma paz profunda,
E o vento respeitando o seu repouso
De algum sopro importuno o não turbava.
So da triste Alcione a voz saudosa
O seu caro Ceix chamar se ouvia.
Quando ja fatigado do trabalho
Senti faltar-me a força, suspendido
Sobre as ondas, busquei algum repouso.
Foi então que de longe apercebendo
O farol, que o caminho me traçava,
E que de meus trabalhos era a méta,
He la, disse eu, he n'essa chara Torre
Que me espera a Belleza; qu' idolatro!
De tão grata lembrança afervorado
Em meos braços sentia hum vigor novo,
E as ondas, que vencer ja mal podia,
A atravessar me parecião doces.
Sua extrema frieza bem podera
Outrem gellar; mas eu levava hum fogo,
Que a podia aquecer, nem era crivel
Que penetrar podesse o ardor vehemente

De hum coração, que Amor por gloria habita.
Mais eu me aproximava á feliz margem
Onde do meu amor hia offrecer-te
O primeiro penhor, mais impaciente
Minha ardente paixão me dava esforço
Para avançar. Oh! quanto a minha audacia
Se augmentou, quando tendo-te observado
Eu pensei que podias tambem ver-me!
Se de meus braços desconfiar podesse,
Tua presença forças lhes daria.
Foi então que dobrando os meos disvellos
Procuro agradar á minha amada,
E buscando-a com ar victorioso
Parecia ostentar-lhe o meu triumpho.
Ah! que doçura exprimentou minh' alma
Quando te vi solicita, extremosa,
Vir ao mar receber tua conquista,
E á meus braços correndo á grandes passos,
Eu conheci, meu bem, que não fingias!
Trabalha então Deamíra por deter-te;
Tu vens satisfazer os teus transportes,
E, vencendo este obstaculo vão e fraco,
Para extender-me a mão n' agoa te metes.
De teus braços então toda a doçura
Me faz ver quanto em minha feliz sorte
Teu coração amante se interessa.
Por gozar tanto bem, Deoses Supremos,
Que ondas atrevessar eu recusara?..
O teu véo desatando cuidadosa,
Com elle contra o frio me soccorres;
E tuas bellas mãos, que transportado
Eu pude então tocar, de meus cabellos
Extrahem o falso humor, eu callo o resto:
Os extases suaves, os transportes,
Que empreza os nossos corações amantes
Por mil ternos cuidados Amor liga....
O' noite! O' Torre! Vós, que testemunhas

Fostes desta reciproca ventura,
Attestai vós, que o Ceo, e a Natureza,
Por nossos firmes votos respondia.
Tu me juraste fé: eu igualmente
Minha fé te jurei; fôra mais facil
As arêas contar do vasto Occeano,
Que todas as doçuras, que gozámos.
Menos tempo nós tinhamos de ver-nos,
De explicar nosso amor, nossa ternura;
Antes, meu Bem, quizeramos que todo
Se empregasse no gozo dos prazeres.
Eis raia emfim nos longos horisontes
D'Alva o clarão, e nossos doces risos,
Nossas ternuras dão lugar ás maguas.
Então ternos abraços repetindo,
Ceos! exclamámos nós, quanto são breves
Dos amantes as noites e os prazeres!
Eu me detinha sempre, e sempre, oh Deoses!
Minha alma infeitiçada em teus agrados
Procurava alongar estes momentos,
Quando Deamira em fim vem advertir-nos,
E de teus ternos braços arrancar-me.
Tristes suspiros tendo demonstrado
A nossa mutua dor, eu deixo a Torre,
E engolfado nas ondas busco ao menos
Ver-te, em quanto o permitte a visinhança.
Eu deixei lentamente essa ribeira,
E quanto de mim mesmo então mudado!
Eu nadei para ti cheio de gosto,
E agora mil temores me aterravão
Temendo naufragar; quando contente
Intentei abordar á margem tua,
Parecia que o mar livre passagem
Por si mesmo me abria; mas no instante
De deixar-te, meu Bem, só vi de entorno
Huma montanha prompta á submergir-me
Por mais poder que sobre nós conserve

A lembrança da Patria, amortecido
Vi no meu coração o amor da Patria.
Eu a-busquei com pena: ah! prasa aos Deoses
Que os ventos irritados não tornassem
Inuteis meus desejos anciosos!
Ceos! e como he forçoso que ligados
Por Amor, inda essa agua nos aparte?
E que animados de huma só vontade
Tão diversos lugares dêm motivo
A' ternas ancias, á suspiros tristes?
Ah! deixa que em seus muros para sempre
Sésto me encerre, ou faze, doce amada,
Que co'a minha se troque a Patria tua:
Abído, que por mim tanto interessa
Em tua estima, menos agradavel
Não te hade ser, que Sésto ao teu amante.
Quanto eu sou desgraçado! Justos Deoses!
A menor tempestade me horrorisa
Se se agitão as ondas, agitado
Sinto o meu coração! Não sópra o vento
Que minh'alma assustada não suspire!
Não he nada esse sopro, e elle me perde!
Os Delfins, que vaguêão sobre as ondas
Meus desejos conhecem, tantas vezes
Já me virão sulcar essa passagem,
Que seguem junto á mim no mesmo giro:
Jamais algum dos mares transitado
Tantas vezes tem sido: já traçada
He a rota, que sigo, sobre as aguas,
Como se vêem impressas sobre a terra
Esses sulcos, que as rodas tem formado.
Ah! quanto eu tenho-me doído sempre
De não ter outros meios de buscar-te!
E he para meu amor duro tormento
Que inda esse mesmo á meus desejos falte.
Todo o Helesponto branquejando freme
Seos silvos bravamente retimindo

Abrir fazem voragens tragadoras
Que até no porto os nautas ameação.
Quando sobre este mar, *Hele* perdida
Lhe deo por seu desastre o nome infausto,
Taes, sem duvida, os ventos furibundos
Rovolvião o mar encapellado.
Ah! que ja este sitio memoravel
Assaz he por seu fado lastimoso,
Sem que o meu inda o faça mais funesto.
Mas inda que por ti meus dias poupe,
He sempre infausto o nome, que conserva.
Quanto a sorte de Phrixo invejar devo?
Huma injusta Madrasta deshumana
Sua innocente vida perseguia;
Elle foge, e sobr' estas mesmas ondas
Hum carneiro em seus hombros o sustenta.
Mas ah! por ver o Bem, que terno aspiro,
Eu não quero hum carneiro, ou hum navio,
Nem me verão jamais para reger-me
Fitar meus olhos n' huma, ou n' outra Ursa.
Astros communs, que á todos tem servido
Serião para mim fraco soccorro.
Que outro qualquer, se a precisão o ordena,
Ancioso busque a *Cróa de Ariadne*:
Que *Andromeda* procure cuidadoso,
E o Pólo gelado de *Calisto*;
Calisto, o Pólo, *Areadne*, *Andromeda*
Cedem á tua luz: e seu brilhante,
A' tantos Passageiros necessario,
De guia não me serve sobre as aguas.
Ha huma luz mais viva, mais segura,
Que não me deixa errar: nas mesmas trevas
Meu amor esclarece, nem percisa
Para mim he a luz d' hum fulgor vago.
Com tanto que eu a veja, hirei seguro
E cheio de valor, té onde extende
Esse Scítico mar as margens frias,

E passarei sem susto, onde o famoso
Heróe de *Colchos*, d'outros escoltado
Do aureo vêllo a conquista perpetrára.
Em vão *Palemon* sobre o mar se adextra;
Desta estrella guiado hei de excedel-o,
E farei que me ceda aquelle mesmo
Que hum suco misterioso em Deos tornara.
Se acaso ja da lida e do cançaço
Meus braços desfallecem, e recusão
A' meu ardor o esforço, que precisa,
Eu para os animar n'esta fadiga
Tão rude, tão penosa, lhes presento
Qual he de seu trabalho o doce premio,
E que hum feliz destino os recompensa,
Dando-lhes á apertar teu niveo seio.
Logo desta esperança reanimados
Renovão seu vigor, recobrão forças,
E essas margens demandão mais ligeiros
Que o vencedor no jogo da careira.
Tu hes a minha luz, meu Norte, e guia,
O' Belleza incantavel, que te aprazes
Para mim so luzir: inda na terra
Digna de incensos, e de altares digna,
E de sentar-te á par das Divindades.
O Ceo, donde derivão tantos dotes,
He só o digno assento, que te cumpre;
Mas não te apresses, não, á bandonar-me,
Ou com tigo, meu Bem, sofre que eu suba.
Ah! que os Deoses na terra te conservão;
E olhos, sem ser os meus, te vêem, te gozão!
Tal he dos males meus o duro extremo,
Que apenas me concede Amor tyranno,
Hum momento de ver-te entre mil riscos!
Ah! que vale ser pouca essa distancia,
Que oppõe ao nosso amor fatal barreira,
Se mostra á meus desejos anciosos
Igual obstaculo á mais longinqua plaga?

Quantas vezes ás ondas empoladas
Frustrando os gostos meus, cheio de furia,
Me fazem desejar que os dous extremos
Do Universo, ou dos mares nos apartem!
Este obstaculo invencivel, moderando
O ardor de te ver, não agitara
De huma esperança inutil a minha alma.
Mas visinho de ti, sempre imflammado
Sinto crescer o ardor de meus desejos,
A esperança me mata, e não se extingue:
Tão visinhos, meu Bem, tão perto estamos
Que da minha ribeira a tua avisto,
A pequena distancia lisongea
Meus ávidos desejos, e isto mesmo
Redobra a minha dor e o meu tormento.
Que tem de mais cruel a pena infanda
De *Tantalo* infeliz? Aguas, que fogem
Dos labios á avidez, não representão
De meu prazer a privação severa.
Que? Não poderei ver-te, ó minha amada,
Senão quando tranquillo o mar consinta
Que possão os meus braços transital-o?
E em quanto irado os votos meus assusta,
He forçoso que eu viva desgraçado?
Nada sendo mais vario que a ventura,
Que se funda nos ventos, e nas ondas,
Sou condemnado á ver frequentemente
Pender meu bem das ondas e dos ventos?
Tremendo escuto o seu murmurio horrendo,
E se hoje seus debates me desólão,
Como não tremerei nos crueis tempos,
Em que o mar he sugeito á astros chuvosos?
Ah! que o meu coração não soube nunca,
Antes de amar, quanto hum amor sincero
Faz emprehender pelo querido objecto!
Abrazado em desejos, e ancioso
Por gozar teus encantos, não ha risco

Que eu não queira afrontar por conseguil-o.
Não julgues, não, amada, que fingido
Seja o valor, que ostento, ou que illudindo,
Deixe para mais longe o seu effeito.
Eu saberei mostrar-te promptamente
Que faltar nunca soube ao que prometto.
Poucas noites que dure a tempestade,
A' afrontar o perigo ja se apresta
Minha ardente paixão, e o vento em furia
O mar bramindo, e as nuvens inflammadas,
Não poderáõ sustar os meus esforços.
Qu c'rôe hum fim ditoso a minha audacia,
Unico bem por que minh'alma anhela,
Ou a Parca inflexivel corte o fio
Desta vida, e termine os meus martirios.
Tudo o que ouso pedir neste naufragio,
He, que as ondas piedosas me conduzão
A' essa praia feliz, onde abraçado
Seja meu corpo frio por aquella,
Que faz doces os dias, que respiro;
Pois tu, meu Bem, nesse momento extremo,
Não poderás calar a magua tua.
Tu patente farás o misterioso
Segredo de hum amor tão desgraçado.
Mas á este passo estremecer te vejo:
Tu não podes sofrer que hum vão pressagio
Do caro amante a perda te apresente;
Esperemos melhor do Ceo piedoso:
Eu o approvo, meu Bem, por teu respeito;
Mas ah! que aplaque o mar os seus furores,
Procura por teus votos, doce amada,
O que em vão lhe supplico: eu não pretendo
Que de todo serene a tempestade;
Basta só que huma calma me permitta
Ganhar nadando essa feliz ribeira.
Quando a tiver tocado, aos bravos ventos
Sejão em preza ás ondas agitadas:

Para o mar revolver, toda a violencia
Empreguem de seus sopros bramidores.
Esse feliz lugar aos meus desejos
Fôra o mais bello, o mais segure porto
Que para demorar-me o infesto Boreas
Faça ao mar huma guerra duradora.
Então tímido, e froxo, em face ao risco,
Eu mesmo farei gloria de assustar-me.
Não me hão de ver jamais triste, e ancioso,
As ondas accusar de inexoraveis;
E verei succeder a noite ao dia.
Sem temor que a tormenta me detenha.....
Mas he pouco que o vento embravecido
Me suspenda: procura tu deter-me
Por mais doces prisões: sejão teus braços,
Teus agrados, meu Bem, rémoras sejão,
Que o meu regresso privem para sempre.
Tão depressa suspenda o vento irado
Os furores do mar, me verás prompto
Tudo arriscar por ti, por teus encantos.
Toma tu só cuidado, ó minha amada,
De acender esse lume bem fazejo,
Que á teus braços fieis deve guiar-me.
Por acalmar com tudo os teus cuidados,
Minha Carta por mim vai explicar-te
O meu ardente amor; e praza aos Deoses
Conceder-me, apezar do cruel fado,
Que perturba, e combate os meus dezejos,
Que eu a siga, e te veja brevemente.

CARTA

DE

Héro a Leandro, pela mesma Senhora D. B. F. de A. Brandão.

Tantas noites sem ver-te tem corrido!
Ah! querido Leandro! torna, torna
A calma á meus sentidos desolados!
Que novo obstac'lo te suspende agora?
Tudo me assusta... eu tremo! ah! quanto he fraca,
Quanto digna de lastima huma Amante!
Tu pódes por mil jógos differentes
Variar teu prazer; e desterrando
A tristeza, enganar o longo tempo.
Tu pódes sem ouvir os meus suspiros,
No ardor que te arrebata, sobre a arena
Conduzir, e fazer vôar hum carro;
Ou armado de dardos passadores,
Qual Endemion errar pelas florestas.
Mas eu de longo tempo á amor sugeito,
A' esse Deos consagrei a minha vida;
Suas chammas crepitão em meu peito:
Eu não sei, eu não quero, eu não desejo,
Eu não posso, meu bem, senão amar-te.
Apenas luz o dia, est'alma cheia
Da tua bella imagem, fujo ao sono,
E voando á ribeira, com transporte
Vistas feroces sobre os mares lanço
E os ventos accusando, e os mesmos Deoses,
Eu tremo, e julgo ver em meu dilirio
Cada onda, que se eleva submirgir-te
Mas logo que huma calma sobre as agoas
Eu vejo renascer, grito gemendo,
A travez de suspiros, e soluços
Porque não vem? que faz? quem o suspende?

Talvez espera que a ferós borrasca
De novo agite o mar? Ceos! que tormento!
Onde existe, cruel, aquelle tempo
Em que o teu coração terno, amoroso,
Parecia nos riscos acender-se
De novo ardor? ah! quantas vezes, quantas,
Mesmo ápesar das ondas irritadas,
A' despeito dos sustos de huma Amante,
Sob hum Ceo corruscante, e irados ventos,
Eu te vi temerario, audacioso
Desafiar as horridas tormentas,
E correr á meus braços triunfantes?
A'caso teme amor algum perigo?
Não tem os seus Heróes como Mavorte?
Ah! que amor te guiava nesse tempo!
Que funesta mudança? tu receas
Té no seio da calma vãos perigos,
E ás queixas de hum' Amante hes duro, hes surdo.
Nesta praia onde sei que não existes,
Eu procuro os vestigios dos teus passos;
Se acaso chega alguem dessa ribeira
Em vão busca fugir á minha instancia,
Já não vê, não encontra, não escuta,
Senão á mim: desse universo inteiro
Eu quizera inquirir noticias tuas.
Inda he pouco: os teus habitos que guardo,
Quando o dia te chama á opposta margem,
De hum caro Amante véos encantadores,
Cingindo-os á meu seio, transportada,
Eu os cubro de lagrimas, e beijos....
Desculpa o meu transporte, elle te pinta.
Minha viva ternura, e amor não sabe
Nunca desta fraqueza envergonhar-se.
Mas se a noite á meus fógos favoravel
Extende o manto seu sobre o Orisonte,
Minha fiel Deamira a mim chamando,
Com ella subo a Torre: tremebunda

Acendendo o farol, ao Deos das Ondas
Te imploro lacrimosa; e contemplando
A medonha profunda escuridade
Que tolda o vasto mar, eu quereria
Qu'esse Deos cujos ferros arrastamos
Hum astro novo para ti criasse.
O' tu, de meus pesares confidente,
Companheira querida, falla, torna
A esperança á minh'alma esmorecida.
Virá elle? tu pensas que partido
Elle terá talvez? Ceos! enganado
Ter-se-ha meu coração? não, não me engano;
Eu o ouço, eu o vejo, elle ja chega:
Eu vou ver, e abraçar o bem que adoro.
Entrai em vossos carceres sombrios,
O' negros Aquillões, he Amor, he hum Nume
Que vedes transitar o Pego undoso.
Neste momento applico attento o ouvido,
E sempre minhas vistas estão firmes
Sobre as praias: o ruido mais distante,
O mais leve rumor me sobresalta,
Me agita, me annuncia o Amante charo.
Se em fim sucumbo ao sono, que me abate,
Hum sonho á meus desejos te figura;
Creio abraçar-te, e não hes ja culpado.
Ornada a frente de viçosas canas,
Ver-te sahir das Ondas me parece
E á meus braços voar em hum momento.
Fugi prestigios vãos que o susto, seguem;
As illusões de amor não tem encantos
Sobre os sentidos meus: gostos, prazeres,
Que tu não gozas, eu gozar não quero;
Eu só creio a ventura quando unidos,
Sobre meu coração, palpitar sinto
Teo terno coração.... Que então os ventos
Com horrido estampido as ondas volvão:
Que o raio crepitante a terra abále:

Que o universo inteiro se confunda,
E o mar lançando-se á Celleste esfera,
Por eternas barreiras impossivel
Torne tua partida: os seus furores
Eu despresára placida, e tranquilla:
Fôra teu seio meu seguro asilo.
Que digo? separada do Universo,
Pensando em ti sómente, poderia
Essa horrivel desordem enquietar-me?
Porque me deixas pois triste, anciosa
Desfallecer distante de teus olhos?
Vem acalmar desejos de hum' Amante,
De hum coração por ti sempre agitado.
Tantas noites, meu bem correr devião
Em lagrimas, e dor? falla, responde,
Quem te detém? que queres que eu presuma?
Temes por teu regresso? eis-me aqui prompta:
Eu hirei, charo bem, lançar-me ás ondas;
Não duvides, Amor ha de ensinar-me
A atravessar os mares, despresando
Perigos que o meu sexo tanto teme.
Para voar á ti, meus debeis braços
Hum caminho hão de abrir: e á meu encontro
Temerás tu voar? os bravos mares,
Os ventos poderáõ inda turbar-te?
Eu me unirei a ti no centro frio
Do liquido elemento, e Amor piedoso
As ondas inflammando a nós d'entorno
Com seu brilhante véo, aos invejosos
Occultos tornará nossos prazeres.
Desgraçada! que digo? o amor infausto
Deve de gosto embriagar-se tanto?
Hum coração em presa ao sentimento
De Imagens de prazer deve occupar-se?
Ah! que da tua ausencia eu vejo a causa.
Huma rival se opõe á minha dita,
E teos culpaveis votos inconstantes
Te aterrão mais que as ondas, e que os ventos.

Tu trahido me tens .... Ceos! eu deliro!
Eu não o posso crer: á tua gloria
Esta afronta não faz minha ternura...
Por premio de hum amor tão excessivo
Quererias traçar a minha morte?
Victima desgraçada Héro seria
Da tua ingratidão? tu me tens dito
Que he hum crime a inconstancia: os teus discursos
Recorda, e esses momentos preciosos,
Em que o mesmo prazer, teus juramentos
Tem dictado: são esses, que tremendo
Hoje reclamo, sim, sobre tu'alma
Meus atractivos tem justos direitos.
Se ostental-os eu ouso, permittido
Me he este orgulho, eu só de ti os tenho
Tu hes quem me embellésa; similhante
A essa flor, que parece inda sensivel
Ao astro que a cólera; assim meus olhos
Sobre ti fitos, d' esses teus recebem
O esplendor, e as graças: tu penetras
A minh' alma, e qual astro me alumias;
Hes o Nume que adoro, a luz que sigo.
Que agradavel desordem! que harmonia
Encantadora! huma secreta calma
Torna ao meu coração! Ja despojada
A feia noite de seus véos sombrios,
Extende o manto azul, e o oiro brilha
Das estrellas: Morfeo tem suspendido
Os malles do Universo: Como, oh Deoses!
Huma calma, hum prazer vuluptuoso
Sobre os ares se espalha! estes carvalhos,
Que tão frequentemente se agitavão,
Aos Céos elevão sua sombra immovel!
A terra exala ao longe hum doce aroma:
O álito do zefiro, os perfumes
Das flores, este mar tão socegado,
Esta calma profunda, este silencio,

Esta noite mais bella, mais brilhante
Que hum bello dia, tudo aos meus amores
Annuncía o praser: caro Leandro!
Eu aceito por ti tão grato agouro:
He tua visinhança que embeléce
A Natureza: vem, vôa á meus braços,
Meu doce bem.... mas que funesto ruido
Tem o silencio, e a noite perturbado!
Armado o Ceo de funebres fulgores
Hum dia ameaçador rasga nas trevas.
Esta nuvem opáca, que impelida ....
Do Tyranno do Norte, furibunda
Dos inflammados flancos raios vibra
Me traz talvez a morte! Os elementos
Se tem reunido para confundir-me!
O' tu, que o Sceptro impunhas do Oceano,
Que odio funesto contra nós te anima?
A Laumedonte foi Leandro conjuncto,
Ou nas fraudes de Ullisses teve parte?
D'onde vém teu rancor? Tu, que amor punes
Acaso nunca amaste? Ou porque causa
O crime poupas? A ambição altiva,
O interesse; os projectos dos Tyrannos,
Cujas leis tuas ondas tem calcado,
Contr'estes arma o mar, o vento, o raio;
Mas ah! salva hum mortal cheio de encantos,
Salva o meu bem, e a minha dor respeita.
Teme ultrajar Amor, e sobre tudo
Pensa que o mesmo Amor póde vingar-se;
Ah! guarda-te, Leandro, Héro te roga:
Minha esperança ás ondas não confies:
Fica, eu to ordeno; e tu, Filha das aguas,
Do prazer produzida, para encanto
Do Universo, tu qu'entre o horror da guerra
Do Tyranno de Tracia o furor domas:
Tu, que em teu coração o ardor sentiste
Das chammas de teu filho, e ao bello Adonis

Cedeste de tu'alma o livre imperio,
Condemnte de meu barbaro tormento.
He commum nossa causa: ambos ardemos
No mesmo fogo: o meu amor protege
Contra Eólo, e Neptuno: destes Numes
Tão altivos, as furias já domaste;
Manda, O' Deosa, e serás obedecida.
Mas se Leandro... O' Deoses! illudido
De huma perfida calma... se animoso
As ondas se arrojou.... que dia horrivel!
Se o raio.... O' Ceos! que luz sanguinea, obscura
Rasga a nuvem espessa, que me cerca!
Eu ouço, ou penso ouvir, sobre a ribeira
Os tristes écos de huma vós em pranto....
De que horror meus sentidos estão cheios!
Quem me chama? He Leandro? eu ja te sigo
Ah! neste mesmo instante submergido
Elle expira, e he meu crime a morte sua!
Tumulo do meu bem, jazigo horrendo!
Restitue-me o meu bem qual o roubaste:
Os meus beijos ardentes, meus afagos
Lhe hão de restituir da vida os germes,
Ou ligados n'um doce, e eterno abraço
Expirar, e seguil-o ao fundo abismo.
Onde estou? eu sucumbo á imagem triste...
Foge o Ceo... a ribeira... o mar não vejo...
Leandro, eu morro... as forças me abandonão,
E da tremula mão... me foge a penna.

Breve noticia sobre a vida de Claudio Manoel da Costa.

NASCEO este nosso Poeta na Cidade de Marianna, de huma illustre Familia Paulista, das que descobrirão e povoarão em principio a Provincia de Minas Geraes. Feitos os seus estudos preliminares com Mestres Jesuitas, como era então costume, e destinguindo-se por seus raros talentos entre os seus condiscipulos, passou á Portugal, e na Universidade de Coimbra formou-se na Faculdade de Leis, em que se matriculára, fazendo rapidos progressos, tanto nas sciencias positivas, como em Litteratura, á que era arrastrado por hum genio favorecido das Musas. Voltando ao Brasil com bem fundados creditos de Litterato, de que dera na Europa provas sufficientes em muitas composições, que ainda correm impressas, e de que faz honrosa menção o *Abbade Barboza*, em sua Bibliotheca Lusitana, *Claudio Manoel da Costa*, foi empregado no exercicio de Secretario do Governo de Minas Geraes, e advogou com grande reputação na Villa do Ouro Preto, ou Villa Rica, assento do Governo. O seu estro poetico sem nunca esfriar em meio dos fastidiosos trabalhos da sua occupação principal, deixou-se ver sempre sublime em muitas composições Portuguezas, Italianas, e Latinas, que ainda nos restão impressas, ou manuscritas, para eternos monumentos da sua gloria Litteraria. *Claudio Manoel* foi hum Philologo de vastissima erudição, tanto na Litteratura antiga, como na moderna. Encontrão-se em seus Manuscritos citações de *Voltaire*, *Rousseau*, e outros Autores, apenas no Brasil conhecidos naquelle tempo pelos seos nomes, e sempre perseguidos pelos que nem ao menos delles havião lido huma só linha; tal era o prejuizo que então reinava! mas as suas sombras servem de realçar a gloria dos nossos Litteratos, que ainda hum injusto indeferentismo deixa sepultados em vergonhoso esquecimento. *Claudio Manoel* foi talvez o primeiro

Brasileiro, que em Minas leo, e citou doctrinas de A. *Smith* bebidas na sua obra *sobre a Riqueza das Nações*; e esta circunstancia não he de pequena monta em época de tanta obscuridade, e perigosa, pela novidade dos conhecimentos, que não se querião propagados no Brasil.

O resentimento de algumas pessoas, á quem ou ferira com as suas satiras, ou assombrára com o merito das suas luzes, não se esqueceo de o involver na mesma horrorosa intriga, de que foi victima *Alvarenga Peixoto*, como em seo lugar explicámos. Preso por isso no anno de 1789, contando ja mais de 60 annos de sua idade, se não passou pelo desgosto de ouvir huma sentença de morte, expirou em seos ferros na prisão da mesma Capital, em que fôra Secretario do Governo, e Advogado de muito conceito. Ha quem diga que os seos dias forão abreviados com violencia, por que *Claudio Manoel* em sua oppressão clamava contra a injustiça, e ameaçava os seus calumniadores; mas quem póde penetrar os arcanos dos seus rancorosos perseguidores, e em tempo de tanto terror!

Claudio Manoel foi Arcade mui distinto com o nome de *Glauceste Saturnio*, que se acha em muitas das suas Poesias; dellas existe hum tomo impresso em Coimbra no anno de 1751, donde extrahimos algumas das que forão ja publicadas no 1.° Tomo deste Parnaso. Tambem corre em seu nome hum Poema intitulado *Villa Rica*, que merece a estima dos Litteratos, não só pelos excellentes episodios, que nelles se encontrão, como tambem pelas requissimas Notas historicas, que lhe fizera, e nas quaes prova o nosso Poeta quanto estava senhor da historia do descobrimento, e progressos da civilisação da sua Provincia; e isto nos merece grande credito, porque á auctoridade de hum Litterato como *Claudio Monoel da Costa*, accrescenta-se a certeza de que escreve em razão dos documentos, que examinára como Secretario do Governo.

VIDA DO CAMPO.

Egloga XIX.

Por Claudio Manoel da Costa.

Oh doce soledade!
Oh patria do descanço!
Da paz, e da concordia
Grosseira habitação, tosco palacio!
Quantos a meus dilirios
Tu dictas deseganos,
Oraculos fazendo
Das arvores, dos troncos dos penhascos!
Não fere os meus ouvidos
O estrondo cançado,
Que levanta a lisonja!
Junto aos porticos d'ouro em regio Paço:
A macilenta inveja
Não derrama o contagio
Nas innocentes almas,
Que são de seu furor misero estrago
Dos olhos se retira
O objecto sempre ingrato
Dos que suspirão mudos,
Em vez do premio, as sem razões do damno.
Aqui tem a virtude
Erguido o seu theatro;
E nas rusticas scenas
Aqui mostra a pobreza os aparatos.
As mal seguras canas,
Que move o vento brando,
Da pobre rede tecem
Ao misero Pastor o abrigo caro.

Cólhida a tenra fruta
Vem de seu proprio ramo,
A adornar a choupana,
Em vez dos altos capiteis dourados.
Oh sitio venturoso!
Quanto te invejo, quanto!
Ditoso quem possue
O suave prazer de teu descanço!
Se tu bem alcançaras,
Pastor, hum bem tão raro,
Não cessára o teu culto
De consagrar obsequios á teu fado.
Infeliz, o que envolto
No trafego humano
Da aborrecida côrte,
Só vê da confusão o rosto infausto!
Imagina do amigo
Seguir os doces laços;
E a torpe aleivosia
Lhe abre o sepulchro, onde buscou o amparo.
Se o valimento encontra,
Teme com justo espanto,
Quanto he grande a subida,
Que o despenho tambem seja mais alto.
Não ha fronte segura,
Que em fim dissimulando
Não veja os seus affectos;
Como a flor entre os aspides ingratos.
Ah! mede, Pastor bello,
O bem, que alcanças: tanto
Dar-te não póde a côrte;
Só póde a soledade deste campo.

A LIRA.

Ecloga xx.

Aqui deste salgueiro
Pendente ficarás, ó lira minha!
Tu que foste primeiro,
Em quanto á Amor convinha,
Allivio de meus males,
Ferindo os montes, abalando os valles,

De todo ja deixada,
Nem se quer nas imagens da memoria
Vivirás retratada;
De tanta antiga gloria
Se consultada fores,
As dilicias aponta nos horrores.

Será lingoa eloquente
A mesma face macilenta: o rosto
De meu mal inclemente,
Pela voz do disgosto,
Com a muda harmonia
Poderá declarar minha agonia.

De Arachne o enredo escuro,
Em ti as debeis linhas estendendo,
Cubra teu centro impuro,
Que acorde respondendo
Do verso ás consonancias,
Tantas vezes ouvio as minhas ancias.

Genio funesto inspire
Sempre em teu damno, por maior tristeza
De ti não se retire
A funebre aspereza,
Daquelle horror malino,
Que os passos acompanha a meu destino.

Ludibrio sejas feio
De todos os Pastores deste monte:
O meu infausto enleio
Teu mudo gesto conte,
De hum triste, e desgraçado
Tosco instrumento, inutil, desprezado.

E se lá quando o dia
Desmaiando-se o Sol ao mar se ausenta,
Lá na tarde sombria,
Lizarda, que se ostenta
Destes campos senhora,
Baixar acaso, dando inveja á Flóra;

Seu vestigio dourado,
Mais bello do que os goivos, e açucenas,
Se inclinar seu cuidado
A' este centro de penas;
E aqui te achar pendente,
Triste lira, deixada e descontente;

Quando chegue curiosa,
Sem horror de te ver, ao tronco duro
A Ninfa mais formosa,
Lêa o epitafio escuro
Que em funebre letreiro
Guardará para sempre este salgueiro,

Breves vozes a historia
Explicaráõ da minha desventura;
Quanto empenhe a memoria
Dessa tão impia, e dura
Belleza em vão amada,
Em vão de meus extremos contrastada.

Aqui vivo (este o lema,
Que no funebre tronco fique escrito)
Para que sempre gema
O tormento infinito
De perder huma ingrata,
Que perjura, e cruel me offende, e mata.

A' LIRA

DESPREZO.

I.

QUE busco infausta Lira,
Que busco no teu canto,
Se ao mal, que cresce tanto
Allivio me não dás?
A alma, que suspira,
Já foge de escutar-te:
Que tu tambem hés parte
De meu saudoso mal

II.

Tu foste (eu não o nego)
Tu foste em outra idade
Aquella suavidade,
Que amor soube adorar;
De meu perdido emprego
Tu foste o engano amado:
Deixou-me o meu cuidado;
Tambem te hei de deixar.

III.

Ah! De minha ancia ardente
Perdeste o caro imperio;
Que já n'outro emisferio
Me vejo respirar.
O peito já não sente
Aquelle ardor antigo:
Porque outro norte sigo,
Que fino Amor me dá.

A' LIRA

PALINODIA.

I.

VEM, adorada Lira,
Inspira-me o teu canto:
Só tu á impulso tanto
Todo o prazer me dás.
Já a alma não suspira
Pois chega a escutar-te:
De todo, ou já em parte
Vai-se ausentando o mal.

II.

Não cuides, que te nego
Tributos de outra idade:
A tua suavidade
Eu sei inda adorar;
Desse perdido emprego
Eu busco o encanto amado:
Amando o meu cuidado,
Já mais te hei de deixar,

III.

Vê, de meu fogo ardente,
Qual he o activo imperio:
Que em todo este emisferio
Se attende respirar.
O coração, que sente
Aquelle incendio antigo,
No mesmo mal, que sigo
Todo o favor me dá.

IV.

Amei-te (eu o confesso)
E fosse noite, ou dia,
Jámais tua harmonia
Me viste abandonar.
Qualquer penoso excesso,
Que atormentasse esta alma,
A' teu obsequio em calma
Eu pude serenar.

V.

Ah! Quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Doce instrumento brando,
Te pude temperar!
Só tu (disse) me encantas;
Tu só, bello instrumento,
Tu és o meu alento,
Tu o meu bem serás.

VI.

Vai-te; que ja não quero,
Que devas á meu peito
Aquelle doce effeito,
Que me deveste já.
Comtigo já mais féro
Só trato de quebrar-te:
Tambem has de ter parte
No estrago do meu mal.

VII.

Não saberás desta alma
Segredos, que sabias,
Naquelles doces dias,
Que Amor soube alentar.
Se aquella ingrata calma
Foi só tormenta escura,
Na minha desventura
Tambem naufragarás.

IV.

Se tanto bem confesso,
Ou seja noite, ou dia,
Já mais essa harmonia
Espero abandonar.
Não hade, a tanto excesso,
Não hade, não, minha alma
Desta amorosa calma
Meus olhos serenar.

V.

Ah! Quantas ancias, quantas
Agora despertando,
A teu impulso brando
Eu venho attemperar!
No gosto, em que me encantas
Suavissimo instrumento,
Em ti só busco o alento;
Que eterno me serás.

VI.

Comtigo partir quero
As magoas de meu peito;
Quanto diverso effeito,
Do que provaste já!
Não cuides, que sou féro;
Porque já quiz quebrar-te:
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.

VII.

Se tu só de minha alma
O caro amor sabias,
Comigo só meus dias
Eterno hei de alentar.
Bem que ameace a calma
Fatal tormenta escura,
Na minha desventura
Já mais naufragarás.

VIII.

Nize, que á cada instante
Teus numeros ouvia,
Ou fosse noite; ou dia,
Já mais não te ouvirá.
Cançado o peito amante
Sómente ao desengano
O culto soberano
Pretende tributar.

IX.

De todo em fim deixada
No horror deste arvoredo,
Em ti seu tosco enredo
Arachne tecerá.
Em paz se fique a amada
Por quem teu canto inspiras;
E tu, que a paz me tiras,
Tambem te fica em paz.

VIII.

Clamar a cada instante
O nome, que me ouvia,
Ou seja noite, ou dia,
O bosque me ouvirá.
Bem, que a meu culto amante
Resista o desengano,
O voto soberano
Te espero tributar.

IX.

Não temas, que deixada
Te occupe este arvoredo,
Onde meu triste enredo
O fado tecerá;
Conhece, ó Lira amada
O affecto, que me inspiras;
Na mesma paz, que tiras,
Me dás a melhor paz.

FILENO A' NIZE.

Despedida de Glauceste Saturnio, Pastor Arcade, Romano, Ultramarino.

I.

ADEOS, Idolo amado,
Adeos; que o meu destino
Me leva peregrino
A não te ver já mais.
Sei, que he tormento ingrato
Deixar teu fino trato:
Mas quando he, que tu vistes
Hum triste
Respirar!

II.

Tu ficas; eu me ausento;
E nesta despedida
Se não se acaba a vida,
He só por mais penar.
De tanto mal, e tanto
Alivio he só o pranto:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respiar!

III.

Quantas memorias, quantas
Agora despertando,
Me vem acompanhando
Por mais me atormentar!
Faria o esquecimento
Menor o meu tormento:
Mas quando, he que tu viste
Hum triste,
Respirar!

NIZE A' FILENO.

Reposta de Eureste Fenicio, Pastor Arcade, Romano, Ultramarino.

I.

EM vão, Fileno amado,
Accusas teu destino;
Se fojes peregrino
Por me não ver já mais.
Viste-me, falso, ingrato,
Presa á teu doce trato:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

II.

Dizias: eu me ausento.
Foi esta a despedida,
Que toda a minha vida
Me ha de fazer penar.
Entre martyrio tanto
Eu me desfiz em pranto;
E tu, que assim me viste,
Partiste
A Respirar!

III

Oh quantas vezes, quantas
Do somno despertando,
Te vou acompanhando,
Por não me atormentar!
Não ha esquecimento,
Que abrande o meu tormento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A Respirar!

IV.

Girando esta montanha,
Os sitios estou vendo,
Aonde Amor tecendo
Seu doce enredo está.
Aqui me occorre a fonte,
Alli me lembra o monte:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste,
Respirar!

V.

Sentado junto ao rio,
Me lembro, fiel Pastora,
Daquella feliz hora,
Que n' alma impressa está.
Que triste eu tinha estado,
Ao ver teu rosto irado!
Mas quando he, que tu viste,
Hum triste
Respirar!

VI.

De Filis, de Lisarda
Aqui entre disvelos,
Me pede amantes zelos
A causa de meu mal.
Alegre o seu semblante
Se muda á cada instante:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

IV.

No prado, e na montanha,
Saudosa hoje estou vendo
O engano, que tecendo
A minha idéa está.
Baixei comtigo á fonte;
Subí comtigo ao monte:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A Respirar

V.

Ao som do manso rio,
Nise, fiel Pastora,
Chorando á toda a hora
A tua ausencia está
Afflicta neste estado
Accuso o Ceo irado:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar.

VI.

Nem Filis, nem Lisarda
Que forão teus disvelos,
Me pódem já dar zelos,
Nem já me fazem mal.
Só teu cruel semblante
Me lembra á cada instante:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar.

VII.

Aqui colhendo flores
Mimosa a Ninfa cara,
Hum ramo me prepara,
Talvez por me agradar:
Anarda alli se agasta;
Dalizo aqui se afasta:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

VIII.

Tudo isto na memoria
(Oh barbara crueldade!)
A' força da saudade
Amor me pinta já.
Rendido desfaleço
De tanta dor no excesso:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

IX.

O mais, que augmenta a magoa,
He ter sempre o receio,
De que outro amado enleio
Teu peito encontrará.
Amante nos teus braços,
Quem sabe, se outros laços..!
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

VII.

Fileno as bellas flores
A' Nize amada, e chara,
Já agora não prepara;
Já não quer agradar,
Commigo Amor se agasta;
O meu Pastor se afasta:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

VIII.

Conservo na memoria
A tua crueldade;
Nem sei, como a saudade
Me não tem morta já.
Mas ah! que desfaleço,
Chorando em tal excesso:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

IX.

Crescendo a minha magoa,
Se augmenta o meu receio;
Que entregue á novo enleio
Talvez te encontrará.
Que vezes nos meus braços
Eu te formei os laços!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

X.

Por onde quer, que gires,
Desta alma, que te adora,
Ah lembra-te Pastora,
Que já te soube amar.
Verás em meu tormento
Perpetuo o sentimento.
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

XI.

Lá desde o meu desterro,
Verás, que esta corrente
Te vem fazer presente
A ancia de meu mal.
Verás, que em meu retiro
Só gemo, só suspiro:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

XII.

As Ninfas, que te escondem
Lá dentro do seu seio,
De meu querido enleio
O nome hão de escutar.
No bem desta lembrança
Allivio a alma alcança:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

X.

Por mais, que ausente gires
De Nise, que te adora,
Não has de achar Pastora,
Que mais te saiba amar.
Ve bem, á que tormento
Me obriga o sentimento:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XI.

Aqui posta em desterro,
Ao som desta corrente,
Sempre terei presente
A causa de meu mal.
E tu nesse retiro
Desprezas meu suspiro:
E tu, que assim me vistes,
Partiste
A respirar!

XII.

Até de mim se escondem
As Ninfas no seu seio;
Pois teu fingido enleio
Não querem escutar.
E nem esta lembrança
Se quer minha alma alcança:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XIII.

Ah! Deva-te meu pranto
Em tão fatal delirio,
Que pagues meu martyrio
Em premio de amor tal.
Mereça hum mal sem cura
Lograr esta ventura:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

XIV.

E se por fim, Pastora,
Duvidas de minha ancia,
Se em ti não ha constancia,
Minha alma o vingará.
Farei, que o Céo se abrande
Aos ais de huma ancia grande:
Mas quando he, que tu viste,
Hum iriste
Respirar!

XV.

Terás em minha pena,
Com passo vigilante,
A minha sombra errante,
Sem nunca te deixar.
Terás.... ah bello emprego!
Não temas: eu socégo:
Mas quando he, que tu viste
Hum triste
Respirar!

XIII.

Conheço, que o meu pranto
Passou á ser dilirio:
Pois meu cruel martyrio
Chega á extremo tal.
Mas como ha de ter cura,
Quem nasce sem ventura!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XIV.

Talvez outra Pastora,
Zombando da tua ancia,
Da falta de constancia
Em ti me vingará.
Mal feito, que se abrande,
Vendo rigor tão grande:
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XV.

Verás na minha pena,
Que sempre vigilante,
Por todo o campo errante,
Jámais te hei de deixar.
E tu... ah louco emprego
De quem não tem socego!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

NISE.

Cantata V.

NÃO vejas, Nise amada,
A tua gentileza
No cristal dessa fonte. Ella te engana:
Pois retrata o suave,
E encobre o rigoroso. Os olhos bellos
Volta, volta á meu peito:
Verás, tyranna, em mil pedaços feito
Gemer hum coração: verás huma alma
Anciosa suspirar: verás hum rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.
Observa bem, contempla
Toda a misera estampa. Retratada
Em huma copia viva
Verás distincta, e pura,
Nise cruel, a tua formosura.

Não te engane, ó bella Nise,
O cristal da fonte amena:
Que essa fonte he mui serena,
He mui brando esse cristal.
Se assim como vês teu rosto,
Viras, Nise, os seus effeitos,
Póde ser, que em nossos peitos
O tormento fosse igual.

PALEMO, E NISE.

CANTATA VI.

Epythalamica.

OH quanto, Nise, oh quanto,
Quanto alentão teus olhos
Ao misero Palemo! Já tres dias
O mar anda girando. Em tua ausencia
Saudoso tem movido as bravas ondas.
Aos peixes tem chegado
O clamor de seus ais. Ah! Se tu viras,
Qual foi o seu lamento,
Não fôras mais cruel, que o mar, que o vento.
Eu o vi (não te engano)
Sem acordo entregar o fragil barco
Ao arbitrio das ondas. Poucos passos
De huma rocha fatal já se apartava;
A' morrer se apressava;
Quando eu, que no seu rumo hia seguindo,
Palemo? (lhe gritei) olha Palemo;
Desvia dessa penha a vela o remo.
Mas fosse providencia, acaso fosse,
A outra parte a onda
O seu barco voltou. Já perguntando
Me torna o Pastor caro: eu entendia;
Que a penha, em que Nicandro me fallava,
Era Nise sómente, que eu buscava.

Nise a rocha deshumana,
Nise o bem, que tanto adoro;
Por quem vivo, por quem choro;
Por quem ando a suspiar.

Ah! Se corro a morrer nella,
Venha a barbara ferida;
Que esta morte só he vida;
Porque he Lise, quem a dá.

Mas não he isto engano! O inafusto agouro
De todo se apartou. Tornou-se em calma
O mar tempestuoso: o vento irado
Já suave respira: esta ribeira
De alegria se veste: hum doce encanto
Nos álamos, nos freixos,
Que estão fazendo sombra ás verdes ondas
Communica a harmonia
Dos passaros, que cantão. Que gostosa
Manêa as brandas folhas
A aura lisongeira! D'entre as ramas
Ah como fere o raio sobre as aguas,
Tornando prateadas
As cristallinas vêas! Finge a sombra
Outro bosque nas ondas; e parece;
Que outras aves no mar em competencia
Formando estão suavissima cadencia.
E que alegre entre tanto
Esta praia se vê! Que grande copia
De redes se derrama! Em cada parte
Se senta hum Pescador: bailes e jogos
Se attendem na ribeira: ao doce aviso
Das visinhas Aldêas
Vem o povo chegando. He grande o dia;
Grande annuncio he de gosto. Mas que muito,
Se neste feliz dia
De Lise, e de Palemo
Se premea a virtude! Hum terno laço
Ao Pescador amante
A Ninfa delicada

Neste dia assegura. Ah! queira o Fado
Propicio queira o Ceo
A chama fecundar deste hymeneo.

Forme das almas bellas
Amor o seu thesouro;
E com as settas d'ouro,
Se veja triunfar.
De perolas tributo
Lhe renda a fertil onda;
O mar lhe não esconda
A rama do coral.

Breve noticia sobre a vida do Padre Miguel Eugenio, (natural de Minas Geraes.)

O Padre Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, nasceo em S. Luzia do Sabará; a natureza o dotou de grandes talentos, como acontece á quasi todos os filhos de Amor. Fez seus primeiros estudos com o famoso Professor de Latinidade José Felis, e os de Philosophia, e Rhetorica na Cidade de Marianna, e nesta do Rio de Janeiro, admirando em toda a parte a sublimidade de seu genio. Paulo Fernandes Vianna, que esteve em Sabará 9 annos por Intendente do Ouro, o agasalhou, como fazia a todas as pessoas de talentos, lhe facilitou, e annunciou a lição dos melhores livros, com os quaes no seu gabinete o Padre Miguel Eugenio se fez consummado em Bellas Letras Latinas, Portuguezas, Francezas, e Italianas; apresentando admiraveis traducções em verso, de lugares escolhidos dos Poetas Latinos, Corneille, Racine, Voltaire, Ariosto, Tasso, e Methastasio. O sobredito Paulo Fernandes, e o Ouvidor, que então era, Francisco de Souza Guerra Araujo Godinho, o persuadirão, e quasi obrigarão á ser Orador sagrado, sendo o primeiro Sermão que fez o das grandes Festas celebradas em Sabará pelo nascimento do Principe D. Antonio; e com tanto desempenho, que desde então se acreditou pelo primeiro Orador da Provincia. Teve a desgraça de perder a cabeça, e acabou no fim de 3 annos de demencia; enfermidade que causou a perda de seus manuscriptos com grande lastima de seus admiradores.

SEQUENCIA DA MISSA DE DEFUNTOS

PARAFRASEADA

PELO

Padre Miguel Eugenio (natural de Minas Geraes.)

I.

Deos Sancto, Deos immortal!
A' tua presença vem
Quem deixou do Ceo o bem,
Quem deixou do Inferno o mal.
Esqueceo-me que o final
Dies iræ, dies illa
Solvet seculum in favilla,
Dia pela fé dictado,
Dia em fim prophetisado
Teste David cum sibilla:

II.

Lembrou-me, fiquei rendido,
Pois este dia lembrado
Faz d'hum peito obstinado
Hum coração compungido.
Qual será o alarido
Quantus tremor est futurus
Quando judex est venturus!
Com o livro da lembrança,
Com espada, e com balança
Cuncta stricte discussurus.

III.

Se este dia faz horror
Ainda ao homem mais justo,
Como não causará susto
A' mim, que sou peccador?
Ouvirei, e com terror
Tuba mira spargens sonum
Per sepulchra regionum:
E que esta voz quando sôa,
Sem excepção de pessoa,
Coget omnes ante Thronum.

IV.

O Ceo, com sinal de magoa,
E a terra em desafogo,
Mudarão a agua em fogo,
Mudarão o fogo em agua,
Entre tão terrivel fragoa
Mors stupebit et Natura
Cum resurget creatura;
Pois nessa hora temida
Trocar-se-ha a morte em vida
Judicanti responsura.

V.

Tu verás em esta acção
Deos Supremo, e verdadeiro,
Não como manso cordeiro,
Mas como bravo Leão.
Logo sem mais dilação
Liber scriptus proferetur
In quo totum continetur;
E neste todo acharás
As obras boas, e más,
Unde mundus judicetur.

VI.

O Anjo com voz fatal
Dessa trombeta tremenda,
Não me proporá emenda,
Mas juizo universal.
Nesse Throno de christal
Judex ergo cum sedebit
Quidquid latet apparebit,
Seja do Rei, ou do escravo,
Sem apello nem aggravo
Nil inultum remanebit.

VII.

Perderá em termos taes
A natureza os seus trilhos;
Não haverão paes por filhos,
Nem tambem filhos por paes.
Eu espalhando mil ais
Qui sum miser tum dicturus
Quem patronum rogaturus,
Se não á ti, Deos Supremo,
Pois como peccador tremo
Cum vix justus sit securus.

VIII.

Das culpas a multidão
Alguma desculpa leva,
Por eu ter nascido d'Eva
E por ser filho de Adão.
Tem tu de mim compaixão
Rex tremendæ magistatis
Qui salvandos salvas gratis;
Feixa-me as portas do Inferno,
E desse naufragio eterno
Salva me fons pietatis.

IX.

Tu, meu Deos, tens por officio
Pagares por compaixão
As afrontas com perdão,
Offenças com beneficio.
D'este costume propicio
Recordare, Jesu pie,
Quod sum causa tuæ viæ;
Vê que esta expressão he fórte,
Se por mim sofreste a morte,
Ne me perdas illa die

X.

Sejão meus crimes riscados
Desse livro tão temido,
Pois que o teu sangue esparsido
Vale mais que os meus peccados.
Para serem perdoados
Quærens me sedisti lassus,
Redemisti crucem passus;
Por isso, Senhor, agora
Em chegando a final hora
Tantus labor non sit cassus.

XI.

Tu, meu Redemptor, bem vês
Que cheio de confusão
Te estou pedindo o perdão
Todo prostrado aos teus pés;
Esquece-te, Senhor, qu'hes
Justus judex ultionis,
Donum fac remissionis:
Lembra-te que hes piedoso,
E que te busco choroso
Ante diem rationis.

XII.

Nesse dia do juizo
Tudo se ha de acabar;
E nem eu devo esperar
Mais qu' Inferno, ou Paraizo.
Movido pois deste aviso
Ingemisco tanquam reus,
Culpa rubet vultus meus;
Eu só devo supplicar,
E se tu só perdoar,
Supplicanti parce Deus.

XIII.

Este pedido favor
Não he primeiro ou segundo;
Outros maiores no mundo
Teve qualquer peccador.
Sim, tu hes o Salvador,
Qui Mariam absolvisti
Et latronem exaudisti:
Com gostos eu os contemplo,
Pois, meu Deos, com este exemplo
Mihi quoque spem dedisti.

XIV.

Se valia necessito
P'ra esta supplica minha,
A tua Mãi por madrinha
Tomo por estar contricto.
A' vista do meu delicto
Preces meæ non sunt dignæ,
Bone Jesu, fac benigne:
Que por ser tal afilhado
Seja de ti perdoado
Ne perenni cremer igne,

XV.

Tu nos mereces mais palmas
Que o Santo Pastor Moisés,
Por seres só como hes
Benigno Pastor das almas.
Livra-me de tantas calmas,
Inter oves locum præsta
Et ex hædis me sequestra.
Faze qu'entre taes gemidos
Eu seja dos escolhidos
Statuens in parte dextra.

XVI.

Eu imploro o teu perdão
Com toda ancia, meu Deos,
Para qu'esteja entre os teos
No dia da selecção.
Da-me a tua dextra mão,
Confutatis maledictis
Flammis acribus addictis,
Sendo tu minha defensa
Quando deres a sentença
Voca me cum benedictis.

XVII.

Os meus olhos são huns mares,
Vesuvios meus pensamentos;
Eu derramo ais aos centos,
Dou suspiros á milhares:
Para tu me perdoares
Oro supplex et acclinis
Cor contrictum, quasi cinis.
Emfim, Senhor, isto baste:
Se o meu principio causaste
Gere curam mei finis.

XVIII.

Vestido do teu amor
Santo, Divino, e Supremo,
Confortado estou, nem temo
Todo o infernal clamor
Naquelle dia de horror
Quando o mais forte vacilla;
Lacrimosa dies illa,
Pois tendo-te a ti por guia
Não posso temer o dia
Qua resurget ex favilla.

XIX.

Nessa final audiencia,
Nessa hora tão remissa,
Os máos acharáõ justiça
Os bons acharáõ clemencia.
Sem duvida, sem falencia
Serás tu Juiz, *Deus meus*,
Judicandus homo reus,
Se eu entre os réos for mettido,
Vê que estou arrependido,
Huic ergo parce Deus.

XX.

Rasga, Senhor, esse véo,
Que o teu esplendor encerra;
Tira-me da amarga terra,
E leva-me ao doce Ceo.
Concede-me por tropheo
Cujo outro igual não tem,
Que passando, como he bem,
Desta vida transitoria,
Eu te vá louvar na Gloria,
Pie Jesu Domine Amen.

XVIII.

Vestido do teu amor
Santo, Divino, e Supremo,
Confortado estou, meu tesmo
Todo o infernal clamor
Naquelle dia de horror
Quando o mais forte vacilla;
Lacrimosa dies illa,
Pois tendo-te a ti por guia
Não posso temer o dia
Que resurget ex favilla.

XIX.

Nessa final audiencia,
Nessa hora tão remissa,
Os meus aduarei justos
Os bons aduarão clemencia,
Sem duvida, sem falencia,
Serás tu Juiz, Deus meu,
Judicandus homo reus,
Se eu entre os réos for mettido,
Vê que estou arrependido,
Huic ergo parce Deus.

XX.

Basta, Senhor, esse véo,
Que o teu esplendor encerra;
Tira-me da amarga terra,
E leva-me ao doce Ceo.
Concede-mo por trophéo
Celo outro igual não tem,
Que passando, como vem,
Desta vida transitoria,
Eu te vá louvar na gloria,
Per Jesu Domine Amen.

PARNASO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO

DAS

MELHORES POESIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INÉDITAS, COMO JÁ IMPRESSAS

CADERNO 8.º

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1832.

CANTO SEGUNDO

DE

TASSO,

QUE CONTEM A HISTORIA

DE

SOFRONIA, E OLINDO.

(Traduzido, oitava por oitava, do Original Italiano, pelo Padre Luiz Antonio da Silva e Souza, natural de Minas Novas, e offerecido ao Excellentissimo D. Francisco de Assis Mascarenhas, hoje Marquez de S. João da Palma, e então Capitão General de Goyaz.)

1.

A Tempo, em que o Tyranno aprompta a guerra,
Ante elle se apresenta Ismeno hum dia,
Ismeno, que animado desenterra
O Cadaver, que jaz na campa fria:
Ismeno, que a Plutão assusta, e aterra
No seo throno, dos filtros co' a magía:
Que a seo mando fatal, quando pretende,
As Furias infernaes desata, e prende.

2.

Este, que foi Christão, e he Mahometano
As cerimonias sabe antes ouvidas,
E mil vezes em uso impio, e profano
Confunde as duas Leis mal percebidas:
Da gruta, onde se esconde ao tracto humano,
Sahe á exercer as artes fementidas:
O que he peior, aconselhar pretende
Ao cruel Rei, que a seo conselho attende.

3.

" Senhor, lhe diz, já vem, já vem chegando
" A formidavel, victoriosa armada:
" Do Ceo, da terra auxilios esperando
" Prosigamos na impresa meditada:
" Bom Rei, bom Capitão desempenhando
" Teo dever, tua gloria he dilatada:
" Se seguir teo exemplo se procura,
" Aqui os teos rivaes tem sepultura.

4.

" No mal, que te ameaça, trazer venho
" O soccorro, que está da minha parte:
" A prudencia, que dão as cãs, eu tenho,
" Tenho todo o poder da infernal arte:
" Os Anjos, que das nuvens no despenho
" Cahirão, forçarei para ajudar-te:
" Das traças, dos encantos, que medito,
" Antes que tudo a ordem te repito.

5.

" No templo dos Christãos existe occulto
" Hum subterraneo altar, que he consagrado
" A' que Mãi intitula o povo inculto,
" Do Deos nascido, morto, e sepultado:
" Sem cessar arde hum cirio ao sacro volto,
" Que he do véo, que o rodêa, resguardado;
" Em torno ao Simulachro os votos pendem,
" Que os credulos devotos lhe suspendem.

6.

" Ora, esta Imagem delles respeitada
" Por tua propria mão roubada quero
" Dentro em tua Mesquita collocada:
" Taes encantos depois fazer espero,
" Que em quanto ella estiver ali guardada,
" Illesas estas portas considero,
" E pelos meos misterios, e conjuros,
" Ficaráõ sempre intactos os teos muros.

7.

Disse, e persuadio: logo impaciente
Ao templo corre o Rei accelerado
Violenta os Sacerdotes imprudente,
E o casto simulachro foi roubado:
Colloca-se em lugar menos decente,
Onde impio culto irrita o Ceo sagrado;
Põe-se na ara profana a Imagem pura,
Mil blasfemias o Mago então murmura.

8.

Porem mal resurgio o novo dia
Observando de hum lado, e de outro lado
O Ministro do templo, que o vigia,
Vio o sacro deposito roubado:
A pressa corre ao Rei, que se angustía
Mostrando o rosto tristemente irado,
Suppondo nesta acção em seo conceito,
Que algum Christão o roubo lhe tem feito.

9.

Ou fosse que isto obrasse mão piedosa,
Ou que o Ceo, a que offende a gente insana
Quizesse separar de huma ara odiosa
Aquella, que he dos Anjos soberana:
A fama ainda fica duvidosa,
Se mão celeste o fez, se força humana;
Inda que mais piedoso se imagina,
Que esta mudança foi obra divina.

10.

Casas, e templos inquirir ordena
O Rei com importuna diligencia;
Destina ao roubador terrivel pena,
E premio ao que accusar tanta imprudencia.
O Mago, a que temor tambem condemna,
Em vão emprega a força da sciencia,
Que o Ceo, ou seja, ou não participante
Encobre tudo á Ismeno delirante.

11.

E vendo então o Rei, que em vão se cansa,
Ser crime dos fieis logo presume:
Conjura-se contr'elles, não descança,
Sentindo aceso na alma infernal lume:
Ultrajado se julga, quer vingança
Solta o freio á paixão, que he de costume
" Não ficarão impunes, diz raivoso,
" Morrendo todos, morre o criminoso.

12.

Com tanto que o Reo morra, o innocente
Pereça muito embora. Mas que digo?
Innocente! Qual he da infame gente
Que se deve julgar de nós amigo?
Bem que do crime novo algum se isente,
He justo pague agora o crime antigo:
Ferro, e fogo trazei, amigos, logo
Esta Nação acabe a ferro, e fogo.

13.

Assim a turba falla, e em continente
Aos fieis lhe notoria esta desgraça,
Que se confundem vendo já pendente
Duro ferro, que as vidas ameaça:
Sem que a defesa, e a fuga tente,
Espera que o furor se satisfaça
Quando neste momento atribulado
Hum socorro lhe chega inopinado.

14.

Huma donzella então perfeita havia
De alma sublime, e rara gentileza,
Que só com a modestia se atavia,
E que os outros encantos menospreza:
Que entre os muros da estancia, em que vivia,
Esconde os atractivos da belleza,
Occultando-se ás vistas, aos louvores,
E furtando-se ás settas dos amores.

15.

Mas como huma belleza se defende,
Que attrahe a vista, os corações captiva,
Amor não o consente, antes pretende
N'hum mancebo acender a chamma activa:
Amor he cego, he Argos: ora estende
A vista ao longe, e ora a vista esquiva,
Toda a cautella vence, e tem sciencia
De penetrar o asilo da innocencia.

16.

Este Olindo se diz, Sofronia aquella
Na mesma patria, e lei delle criada:
Elle tão modesto he, quanto a vê bella,
Ama assaz, pouco espera, e pede nada:
Elle amor nem encobre, nem revélla:
Ella vive sem vel-o socegada:
Assim serve este amante desgraçado,
Ou não visto, ou bem mal recompensado.

17.

Então se escuta a voz formidolosa,
Que a mortandade proxima annuncia;
Sofronia tão honesta, quão briosa
Quer seo povo livrar da tyrannia;
Virginal pejo a prende receosa,
Seo valor ao projecto a desafia,
E triunfa o valor esclarecido
Ficando ao mesmo tempo ao pejo unido.

18.

Ao Campo a Virgem sahe, e os seos descobre:
Nem occulta, nem mostra que he formosa:
A vista inclina, hum denso véo a cobre
De huma maneira esquiva, e generosa:
Se se vê no seo rosto hum garbo nobre,
He do acaso? Ou he de arte industriosa?
Ceo, natureza, amor, da sua parte
Aos seos descuidos dão a força d'arte.

19.

Por entre o povo, que a contempla attento,
Indifferente vai, chega ao Tyranno:
Nem por lhe ver o rosto truculento
Suspende o passo, nem receia o damno:
" Perdoa ao povo, diz neste momento,
" Senhor, suspende o teo furor insano:
" Minha mão entregar-te já pretende
" O que buscas cruel, o que te offende.

20.

Ao repentino assalto da belleza,
Que a vista fere a hum tempo honesta, e altiva,
Confuso fica o Rei, deixa a braveza,
Modera o rosto, que o furor aviva:
N'alma elle, ella no rosto sem fereza:
Elle ama, porque a julga nada esquiva;
Porem as graças fogem dos rigores,
E só ternuras nutrem os amores.

21.

Quer fosse de prazer, quer de ternura
O coração do impio se vê prezo;
" Nada me ocultes, diz, e está segura,
" Que esse povo, que estimas fica illezo:
" Aqui tens, lhe diz ella, a quem procura
" Para o suplicio o teo furor acezo:
" Esta mão, que aqui vez, foi a culpada,
" Eu sómente ser devo a castigada.

22.

Assim quer libertar da crueldade
O seo povo, e sofrer todo o castigo:
(Generosa mentira, que verdade
Ha tão bella, que iguale hoje, comtigo!)
Ao Tyranno confunde a heroicidade,
Não cobra logo o seo furor antigo:
Quaes forão do delicto os companheiros
Saber pretende, quaes os conselheiros.

23.

« Do projecto, que occulto n'alma tinha
« A gloria só me toca, lhe diz ella;
« De outrem força, e conselho não convinha:
« Tudo deve occultar sabia cautella: „
« Logo em ti só recaia a furia minha,
Torna o Tiranno, á quem o pasmo gella;
« Sim, diz ella tranquilla no perigo,
« Foi minha a gloria, meu seja o castigo.

24.

Inquire ainda o Rei enfurecido,
Aonde aquelle roubo está guardado;
Mas ella diz, que á cinzas reduzido
Ja fora pelos ventos espalhado
Que com prazer o tinha assim remido
De hum sacrilego povo exasperado;
Que se o roubo procura, em vão procura,
Se quem o fez ser ella lhe assegura.

25.

« Não fui na acção, que fiz, usurpadora,
« Que he justiça cobrar o que he roubado: „
Mal isto ouve o Tiranno, na mesma hora
Solta o freio ao rancor desatinado:
Nem mais, virtude, graça encantadora,
Vós podeis ver o impio subjugado;
Pois em vão contra hum peito assim sanhudo
Os encantos de amor fazem escudo.

26.

Sofronia bella he presa, e o Tyranno
Quer que no fogo morra atormentada;
Nos braços põe cadêas deshumano,
Do casto corpo a roupa lhe he tirada:
Ella emudece, e mostra hum ar ufano,
Bem que de ideias tristes perturbada,
Do rosto vai fugindo a formusura
Fica não palidez, mas neve pura.

27.

Este acto heroico em toda a parte sôa:
Em confusão o povo ali concorre;
He certo o facto, incerta he a pessoa
E vacillando Olindo tambem corre:
Mal vio, que impia cadêas as mãos magôa
Da bella prisioneira, por quem morre,
Vendo que a execução o algoz intenta,
A multidão, que a cerca, violenta,

28.

" Esta, diz elle ao Rei, não he culpada
" Do crime, que se arroga por loucura:
" Não emprehende Virgem delicada,
" Não executa só tanta aventura.
" Como enganou a guarda acautellada!
" Como roubou no altar a Imagem pura!
" Diga se o fez. Eu fui o deliquente. "
Tanto ama aquella que ainda amor não sente.

29.

Inda diz mais — " Por onde o ar, e o dia
" Na soberda Mesquita tem entrada,
" No silencio desci da noite fria
" Pella abertura estreita, e não tocada:
" Da morte a honra, que me competia,
" Em vão Sofronia quer lhe seja dada:
" Se eu commetti o crime, meus são logo
" Estes ferros que a prendem, este fogo. "

30.

Sofronia, que isto escuta brandamente
Ergue o rosto, e tão nobre esforço admira;
" Que fazes lhe diz, misero innocente!
" Quem tal conselho, ou tal furor te inspira?
" Julgas, que só não sou sufficiente
" Para sofrer do meu Tyranno a ira?
" Eu tenho para a morte que ja vejo,
" Sem teu exemplo coração subejo.

31.

Assim falla ao amante, que brioso
Perziste no projecto concebido
Que espetaculo heroico, e generoso,
Onde amor, onde o esforço he combatido!
Onde a morte he coroa ao victorioso,
Onde a vida he a pena do vencido!
Mas o Rei tanto mais se desatina,
Quanto mais elle, e ella se crimina.

32.

No despreso da morte, e do tormento
Julga o Rei seu decóro injuriado:
" De ambos se creia, diz, o atrevimento:
" Ambos tenhão o premio desejado: "
Aos Ministros acena, e n'um momento
Na columna hum, e outro he maniatado:
Ao seu furor a idéa corresponde;
As costas une, o rosto ao rosto esconde.

33.

Ja se vê fumegar a pira ardente,
Que extinga tão heroicos sentimentos:
Quando o amante preso juntamente
Estas vozes soltou entre lamentos:
" São estas as prisões, em que eu contente
" Esperava gosar doces momentos!
" Acaso he esta a chama appetecida,
" Que devia abrasar-nos toda a vida!

34.

" Outras chamas amor nos promettia,
" Outras prisões; mas estas quiz a sorte,
" Que até agora cruel nos dividia,
" E que agora nos une em dura morte:
" Ah! pois deves sofrer a tyrannia,
" Se no Leito não fui o teu consorte,
" Sobre a pira o serei. Sinto o teu fado,
" Não o meu; pois feliz morro á teu lado.

35.

" E fico em meu tormento satisfeito,
" E por certo feliz acabo a vida,
" Se ao expirar, unidos peito á peito
" For minha alma em teus labios recolhida:
" Feliz se for na minha boca aceito
" O teu suspiro extremo .... interrompida.
A voz lhe foi então da magoa forte
E ella o aconselha desta sorte.

36.

" Não te podem convir na fatal hora,
" Oh! charo, taes idéas, taes lamentos:
" Tgmos seguro premio: os erros chora,
" A Deos dirige só teus pensamentos:
" Suporta por aquelle, que avigóra
" A nossa alma no meio dos tormentos:
" Vê do Sol, e do Ceo a formosura,
" Que alivio á tanto mal nos assegura.

37.

Nisto o povo pagão todo suspira,
O fiel tambem geme occultamente:
Ao Rei no fundo da alma contra a ira
Não sei que voz lhe falla, e elle sente:
Luta contra si mesmo, e se retira
Não cedendo ao estimulo pungente:
Só tu, Sofronia, a dor commum, supéras
E chorada de todos não te alteras.

38.

Neste instante fatal chega hum guerreiro
(Que o parece) de bello alto semblante:
Nas armas, nos vestidos extrangeiro,
Que se crê de hum paiz chega distante:
O Tigre, que sustenta lisongeiro,
Como insignia, no alto do turbante,
Inculca ser Clorinda sempre ufana,
E quem assim presume não se engana.

39.

Esta, desde a primeira idade, altiva
Cuidados, e usos feminis despresa:
Da agulha, e fuso a mão soberba esquiva,
Aos Lavores de Aranchnes não se avésa;
Quer que entre as armas seu decoro viva:
Aborrece os ornatos da molleza:
Arma de ira o semblante, que defende,
Que ainda armado, e severo as almas rende.

40.

A mão tem desd'a infancia costumada
A' dobrar o ginete bravo ao freio:
Sabe a lança brandir, mover a espada,
Foi a luta, a carreira seu recreio:
Corre no monte, e selva emaranhada,
Onde feras crueis á domar veio:
Como homem aos Leões primeiro aterra,
Faz depois qual Leão aos homens guerra.

41.

Contra os Christãos da Persia vem chegando,
A quem mais de huma vez tem perseguido,
Os campos de cadaveres juncando,
Tendo as aguas em sangue convertido.
As victimas ligadas encontrando,
Que o furor tem á morte conduzido,
O cavallo contem, saber querendo
A causa de castigo tão horrendo.

42.

Chega perto, (e o povo se retira,)
A' ver os dous, que prendem juntamente:
Hum dissimula a dor, outro suspira,
Sem que o sexo mais fragil se lamente:
Olindo chora, não que tema a ira,
Chora sobre esta victima innocente;
Ella muda observa o Ceo sereno,
Como quem ja deixou quanto he terreno.

43.

Clorinda se internece, e chora, em quanto
Dos dous observa a scena, á que se aballa;
Mas o silencio a move mais que o pranto,
E mais se compadece de quem calla:
Sem que muito a demore o seu espanto,
Assim á hum ancião, que encontra, falla: —
" Ah! dize-me quem são estes, que a sorte,
" Ou que o crime conduz á cruel morte?

44.

Mal escuta esta tragica aventura,
De que o velho deu clara inteligencia,
Pasma de ouvir, e logo conjectura
De ambos os presioneiros a innocencia:
Liberta-los da morte ja procura
(Ou o rógo o consiga, ou a violencia)
Depressa corre, e faz conter a chamma,
Que ja se apronta, e aos Ministro clama.

45.

" Que nenhum d'entre vós emprehenda duro
" Dar á triste sentença cumprimento,
" Sem que eu ao Rei procure, vos conjuro:
" Nem será crime a falta de hum momento.,
Tudo obedece, e admira o ar seguro,
Com que falla, e gentil comportamento:
Volta logo, e veloz ao Rei caminha,
Que a seu encontro ao mesmo tempo vinha.

46.

" Clorinda eu sou lhe diz (se tem chegado
" O nome de Clorinda ao teu ouvido,)
" Que defender, Senhor, junto á teu lado
" A fé comum, e o throno não duvido:
" Manda, e prompta me tens ao teu mandado,
" Ou seja em livre campo, ou muro erguido;
" Não temo altas empresas, e as pequenas
" Não as despresarei, se tu me ordenas.

47.

" Que terra (o Rei lhe diz) tão apartada
" D'Asia está, e de donde Febo gira,
" Em que teu nome, Virgem celebrada,
" Sobre as azas da gloria inda não gira?
" E pois se ajunta a minha á tua espada,
" Todo o temor, toda a incerteza tira:
" Se grande armada em meu favor viera
" Huma esperança igual eu näo tivera.

48.

" E quanto ja Gofredo se demora!....
" E tu queres aqui ser empregada?
" Conheço, que só digna de ti fôra
" Impresa memoravel, e arriscada:
" General te nomeio desd'agora,
" E tu podes mandar a minha armada.
" Clorinda este louvor agradecia,
" E depois respeitosa lhe dizia. —

49.

Pedir, sem merecer, premio, conheço
" Não convem; mas he tal tua bondade,
" Que em refém de serviços, que offereço,
" Destes presos supplico a liberdade:
" Como graça, e mercê isto te peço,
" Sem lembrar do castigo a crueldade,
" Nem do crime a incerteza, e claro indicio
" De sofrer a innocencia este suplicio.

50.

" Bem que todos concordem firmemente,
" Que dos Christãos a Imagem foi roubada,
" A minha opinião he differente,
" Que sem razão não deve ser mudada:
" A' Lei de Mahomet não foi decente
" Esta acção por Ismeno aconselhada:
" Não convinha á Mesquita sacro vulto,
" Muito menos de differente culto.

51.

" He pois esse prodigio, que admiramos
" Obra de Mahomet: elle o tem feito,
" Por condemnar o insulto, que observamos
" E para regular nosso respeito:
" As impresas de Ismeno, em que esperamos
" São inuteis, e vãas, em meu conceito:
" Só defende aos Guerreiros forte espada,
" Esta só lhe convem, só esta agrada.

52.

Disse, e callou. O Rei bem que a piedade
O coração difficilmente inclina,
Annuir á razão, e auctoridade
De tal Intercessor logo imagina:
" Devão-te (diz) a vida, e liberdade:
" A graça, ou a justiça o determina:
" Ou sejão innocentes, ou culpados,
" Absolvidos estão, e perdoados.

53.

Das prisões ficão livres. Venturoso
Por certo vem á ser de Olindo o fado,
E mostra, que o amor, que he generoso
Vem á ser cedo, ou tarde compensado:
Da pira ao Leito vai, e vê-se esposo
O que era Réo, o que era amante amado.
Quiz com ella morrer: e ella consente,
Pois não morrem, que vivão juntamente.

Breve noticia sobre a vida de Domingos Caldas Barboza.

« MEU Tio (assim nos informou hum parente ainda vivo deste nosso Poeta) nem era Preto nem branco, nem d' Africa nem d' America; mas era hum homem de muitos talentos e de virtudes sociaes,, Explique-mos estes ditos. O Pai de *Domingos Caldas Barboza*, depois de muitos annos de residencia em Angola, retirava-se para o Rio de Janeiro, e em sua familia vinha huma preta gravida, que na viagem deu á luz o nosso *Caldas*; seu Pai apenas desembarcado o reconheceo, e o fez baptisar, não despresando a sua educação litteraria, por isso que lhe reconhecia huma viveza e penetração, que lhe auguravão bons resultados dos estudos, á que o fez applicar. Nas Aulas Jesuitas começou o moço *Caldas* a desenvolver os seus talentos, hombreando com os melhores estudantes; mas o seu genio desinquieto e picante brilhava sobremaneira em algumas satiras, que, como era natural, lhe grangeavão inimigos. O Poeta *Caldas* sofreo por isso, alem de outros desgostos, hum golpe da arbitrariedade, bem usual no tempo do Governo antigo. O Conde de Bobadella, então Capitão General no Rio de Janeiro, quiz dar huma satisfação á algumas pessoas poderosas offendidas pelas satiras do moço *Caldas Barboza*. Constrangeo-o á ser soldado, e o fez destacar para a Praça da Colonia, em cujo serviço esteve até ser invadida pelos Hespanhoes no anno de 1762. *Caldas Barboza* regressou á Patria com o resto da Guarnição ali destacada; mas conhecendo que não progrederia na carreira Militar, apesar dos seus bons creditos litterarios, por que o accidente da sua cor era então hum embaraço ainda mais forte, do que o haver nascido fora de Portugal, deu baixa, e passou-se á Europa. Aqui correo diversas fortunas, faltando-lhe ja os an-

xilios de seu Pai; até que por felicidade sua succedeo ser apreciado no Porto pelos dois Amantes da litteratura *José*, e *Luiz de Vasconcellos*, então Desembargadores na Relação daquella Cidade, os quaes fazendo justiça aos seus talentos Poeticos e Musicos, o acolherão em sua casa, e o fizerão entrar no conhecimento e estimação das pessoas mais gradas daquella Cidade.

Caldas Barboza passou-se do Porto á Lisboa em companhia dos seus Protectores, e os seus talentos se fizerão logo conhecidos em muitas sociedades, á que fora admittido. Na Casa de Vasconcellos encontrou sempre o arrimo, que lhe faltara na morte de seu Pai, e até foi provido em hum beneficio de sua apresentação, tomando para isso Ordens Menores. O seu genio era admirado principalmente quando improvisava com muito acerto e graça, tangendo huma viola, e cantando as glosas que fazia á qualquer assumpto lirico, que se lhe dava. Já no 1.º Tomo deste *Parnaso* expuzemos alguns dos seus bellos improvisos para assim darmos huma ligeira ideia de seu merito nesta parte; agora continuaremos á publicar aquellas de suas poesias, que nos parecem mais dignas desta Collecção. Elle foi socio da *Arcadia Lisbonense*, e nella algumas vezes lauréado pelas suas composições Poeticas. Conservou sempre a reputação de litterato, e por isso gozou de muita estimação entre os Grandes de Portugal; e o que mais he, nunca abusou da protecção que encontrava, antes foi agradecido quanto pôde aos beneficios, que recebera dos Vasconcellos, fazendo-os, não poucas vezes, recahir tambem sobre alguns litteratos desvalidos, por quem intercedia confiado na bondade dos seus patronos.

Domingos Caldas Barboza morreo com mais de 60 annos; existem delle muitas Poesias Impressas e a sua Memoria em honra das Musas Brasileiras.

A FEIRA DA LUZ

CANTO.

Librado sobre as azas
O Deos de Amor eu vi girar tres dias:
Desce ao Campo da Luz entra nas Casas;
Com elle as inquietas Alegrias,
Os traveços Prazeres,
Desasocegão homens, e mulheres.

Ora pousava em ouriçadas tranças,
Ora se vê á fúrto em olhos bellos
Semeando esperanças,
Que dão por triste fruto horriveis zelos;
Ora em peitos se esconde,
E ali existe, e não se sabe aonde.

No lugar em que o Povo compra e vende,
Ali pretende Amor ter lucro grande,
Subtís laços extende,
Nem algum ha que alli seguro ande,
Dão-se arriscados passos,
E eu vi a mais de cem cahir nos laços.

Destra belleza ufana passeava,
Turba immensa a seguia:
Com estudados gestos captivava,
E nunca se rendia,
A' seus grilhões já presos,
Vi muitos corações em vão acesos.

Martezia, que de livre assim blasona,
E que tantos captiva
Por entre as ruas de baeta, e lona,
Faz rabear a escrava comitiva,
E vai ao torpe bando
Desgraçados rivaes accrescentando.

Pendem d'hum lado matizadas fitas,
Bordadas coifas, lenços mil galantes,
Varias plumas bonitas
Lindas caixas, anneis extravagantes,
Com que o déstro caixeiro
Faz do que pouco val muito dinheiro.

De preparada concha á hum lado alvejão
Pequenos corações com letras d'oiro
Lem-se ali expressões, que se desejão.
Hum acha o seu agoiro;
E numero infinito
Poupa em curto letreiro hum longo escrito.

De hum amfibio animal malhada casca
Dera os subtis anneis, que vende aos fios,
Graciosa tarasca,
E os grosseiros bonecos d'assobios,
E as azues, e encarnadas chamarelas,
E os mólhos de perpetuas amarellas.

Ja Martezia lá vai á recostar-se
Em certo mostrador, defronte eu fico;
Basta ella chegar-se,
O pobre vendedor se torna rico:
Qual virtude eu conheço
Do que á ella lhe agrade sóbe o preço.

Vãos peraltas lá vão em competencia,
Qual offertar-lhe a fita primorosa,
Q' aceita por decencia:
Qual leva por offrenda graciosa
Hum coração bem feito,
Tão fragil como o que lh'esconde o peito.

Esta volante, e frouxa bateria
Não póde inda rendel-a;
E he falso amor, amor de zombaria,
O que se lê nos lindos olhos della:
E já Cupido irado
Tem digno vencimento destinado.

As magras bolsas dão o ultimo alento,
E esta belleza invicta
Bem livre canta o proprio vencimento:
Fria isenção terriveis leis lhe dita,
E astuta resistindo
Os deixou hir chorando, e ficou rindo.

Mas não zombes, cruel, que pouco tarda
A vingança d' Amor,
A' quem tua isenção não acobarda;
Teme o teu vencedor,
Mil settas despontaste, mas espera
A que de Acrizio a prole já rendera.

Fogosos brutos entr'espuma envoltos
Duro freio raivosos mastigando
Parão onde os Amorinhos soltos
Os virtuosos corações tentando
Escrivião attentos
A lista de futuros casamentos.

Desce o moço Frondelio, então retine
O som das algibeiras
Não tarda que Martezia não se encline
A's vozes lisongeiras
D' oiro sempre suave,
Que ao peito sem virtude he propria e have.

Venceste, astuto Amor, em fim venceste;
Já Martezia delira,
Não fazem todos o que fez só este,
A cruel já suspira;
Mas seu vil interesse he despresado
Alviçaras, Amor, estás vingado.

Incautos moços, conhecei o engano,
E nelle contemplai o que eu contemplo,
E para o outro anno,
Lembrando o conto, que vos dou d' exemplo,
Ninguem fiar se queira
Em achadiços corações da feira.

Breve noticia sobre a vida de João Pereira da Silva (natural do Rio de Janeiro)

JOÃO Pereira da Silva, filho de pais pobres, naturaes desta Cidade, estudou Grammatica, e Latinidade com os Jesuitas, onde passou por hum dos melhores estudantes na intelligencia dos classicos, fazendo muito bons Versos, tanto Latinos como Portuguezes, e muito boas traducções em prosa e verso: sentou praça de soldado no Regimento Novo, quando sentarão praça outros muitos estudantes das aulas Jesuiticas: servio de balisa no dito Regimento, e desgostando-se com o chefe do mesmo desertou com seis vintens na algibeira. Esteve omisiado no Convento da Penha, da Capitania, onde era Guardião Fr. João Pinto, Frade Franciscano desta Provincia, com quem tinha estreita amisade: passou-se para a Cidade da Bahia, e foi acolhido pelo Governador daquella Cidade, que o teve no seu Palacio, fazendo delle muita estimação pelos seus talentos em Poesia, e o levou comsigo para Portugal: passou de Lisboa para Coimbra, onde estudou Rhetorica, Filosophia, Grego: Matriculou-se para se formar em Theologia: e no fim de dous annos tornou para Lisboa, por falta de meios para a continuação dos estudos: fez na Univercidade excellentes Versos, a Satira aos Vicios, e a Procissão dos Nús, que naquella Cidade se fazia pela Quaresma, a qual Satira corre impressa: foi na vinda de Coimbra acolhido em casa do Almotacel mór, onde viveo algum tempo sempre estimado, a pesar do acidente da côr, que entre os Fidalgos não era estimada: communicou-se em Lisboa com todos os Poetas daquelle tempo, como v. g. Diniz, Garção, Azedo, &c. Era socio de huma Academia particular de Bellas Letras em casa do Marquez de Nisa, onde produzio excellentes obras em Poesia, que girão manuscriptas por nunca querer imprimir obras

suas: passou á Ilha da Madeira, e desta Ilha tornou á Lisboa; foi á Roma ordenar-se, e vindo ordenado, tornou para aquella Ilha com a Cadeira de Mestre Regio de Grammatica Latina; e depois de ensinar alguns annos passou para a Cadeira de Rhetorica; em huma e outra Cadeira esteve ensinando quasi trinta annos: manejou com perfeição a lingoa Portugueza, por haver feito nella particular estudo: foi hum bom Orador Sagrado: tinha hum grande fundo em bellas Letras. Deitou muitos bons Discipulos, e muitos bons Poetas. Teve muita estima do Bispo da Madeira o Vilares, e de todos os homens de talentos, que ali vivião, assim como dos Governadores. Largou a Cadeira de Rhetorica veio a Lisboa, em tempo do Visconde de Anadia, requereo a sua Jubilação, e quando a esperava, hindo ao Pateo das Vaccas (Secretaria de Estado) achou-se Despachado Conego da Sé desta Cidade.

Os seus excellentes Versos, e traducções das Lingoas Latina, Franceza, Italianna, e Ingleza, perderão-se por sua morte em mãos de quem as não sabia apreciar assim como os seus Sermões pregados na Ilha da Madeira, na Capella da Ajuda em Lisboa pela paz Geral, e os desta Cidade, e a penas nos resta algum como o da chegada da Familia Real. Foi nesta Cidade Pregador Regio, e Juiz Theologo da Nunciatura; morreo com perto de 70 annos no dia 7 de Março de 1818, e estava despachado Monsenhor da Imperial Capella, de que não tomou posse, por enfermo.

PROBLEMA

Qual deixa o gosto mais satisfeito: se o beber pelo *Porongo* de huma India, ou: se comer o *Inhame* de huma Ilhôa.

Defende-se a primeira parte nas seguintes

DECIMAS.

Por João Pereira da Silva, natural do Rio de Janeiro.

1.

Meus Senhores Academicos,
Que estes assumptos doutissimos
Defendeis sapientissimos
Nestes discursos poemicos;
Bem sei que os ditos problemicos
De vossa idea alegorica;
São de mais sutil Rhetorica,
Mas eu sempre não mui serio
Neste assumpto jocoserio
Quero expor minha theorica.

2.

Essa comida Ilhoatica,
Esse Inhame celeberrimo,
Em que com discurso acerrimo
Se dá questão problematica,
Parece sarna boubatica,
Cascuda, viscosa, esqualida,
He raiz de todo invalida,
Em tudo he fructa pestifera,
E só comida porquifera,
Malefica, rustica, e palida.

3.

He para coser-se indomito,
He para assar-se diabolico,
Para enxugar-se estrambolico,
E só aos Ilhéos he domito:
A' outro qualquer faz vomito,
E o forma thisico ou ethico;
Tem amargor tão acético
Que este sustento tyrannico
Cuido usou algum Britannico
Silvano, Satyro ou Getico.

4.

Sempre barbado espectaculo,
Sempre estafermo venereo,
Foje das luzes do ethereo,
Busca da lama o cenaculo:
Não lhe faz o sujo obstaculo
Nem o fedor mais acerrimo,
Porque no pantano asperrimo,
E no lameiro horrorifico,
He que se sustenta magnifico
E se faz mais celeberrimo.

5.

Tem tal caraca horendissima
Tem tal esterco podrifero,
Que póde em tempo frutifero
Ter huma hórta belissima,
Em fim a forma he feissima,
A materia assas ridicula:
E como não tem particula,
Que não seja em tudo asnatica?
Não tem da mais gente pratica,
Só tem dos Ilhéos matricula.

6.

Pelo contrario benefico
He o Porongo especifico
Sumptuoso e magnifico,
Limpo, formoso, e espanefico;
Nada tem em si malefico
Na Primavera frutifero
Se ostenta, e todo odorifero,
Todo na vista pulcherrimo,
Sendo no aceio integerrimo
Lustroso, liso, e lucifero.

7.

Purango he nome generico,
Cabaça entre nós he pratico,
Cuja fruta ou fruto ovatico
Honra a todo o Orbe esferico,
He louça do mundo Americo,
Bulle do paiz Brasilico:
Nelle se bebe o melifico,
Nelle se come o mais placido,
Que he pucaro e cantaro flacido,
He prato, e vaso gentilico.

8.

Na cor he ouro honorifico;
Na forma hum globo geometrico,
Que com esplendor phebetico
Luz como espelho clarifico;
Ja com pinturas magnifico
Se ostenta cuia matatica,
Merecendo assim magnatica
Louvor em obra elogiaca
Por ser fazenda Chiniaca
Tetéa, ou cousa Indiatica.

9.

Por toda a Nação he pratico
Por toda a gente politica,
E assim não merece a critica
De algum nescio problematico;
Que o mesmo Ilhéo sorombatico,
Todo de calças breaticas,
Tem nas palhoças brutaticas
Muitos Porongos clarificos,
Muitos cabaços magnificos,
Muitas cuias esquipaticas.

10

Se pois o Inhame ridiculo
Que para nada tem prestimo,
Implora ao Porongo emprestimo,
Não deve ser offendiculo;
Não deve por-se em articulo
Com elle hum porco feissimo,
Pois he o dizer certissimo,
Que para o gosto especifico,
Porongo he vaso honorifico,
Inhame he fructo vilissimo.

PROBLEMA.

Qual causa mais afflicção: se o despreso de quem ama, se o amor de quem despresa.

Defende-se a primeira parte nas seguintes.

OUTAVAS.

Pelo mesmo Autor.

1.

Doutos Heróes, Varões esclarecidos,
Se acaso em vossos peitos esforçados
São os éccos de Amor tristes ouvidos,
São os golpes da guerra experimentados:
Ouvi daquelle effeitos resentidos,
Que são as forças desta comparados;
Pois tem o coração, que Amor enserra,
Peleja mais cruel, mais dura guerra.

2.

Valoroso guerreiro, igual Mavorte
He hum peito, que ama o que despreza,
Que contra o seu amor se ostenta forte,
E do querido bem contra a firmeza;
No desprezo porem encontra a morte,
Porque tem de Cupido a vida presa,
Vindo á ser, quando cuida que está vivo,
Mais morto, mais amante, e mais cativo.

3.

Não experimenta assim tão forte damno
O que querendo bem he despresado,
Que o remedio efficaz de hum desengano
He destroço ás fadigas de hum cuidado.
A' aquelle que conhece o alheio engano
Não he proprio querer ser enganado,
Antes se vê em fim que nada alcança,
Perde o bem, perde o amor, perde a esperança.

4.

Pelo contrario o que ama despresando
Não póde em si caber, e em seo tormento,
Ja no bem, ja no mal imaginando,
Tem funesto pesar, triste lamento.
Como louco insensato anda banzando,
Sem alivio encontrar ao sentimento,
E na dor, que experimenta á cada instante
Se vê confuso, afflicto, e delirante.

5.

Incitado de amor procura a dama:
Mas lembrado da offensa não lhe falla,
O incendio se augmenta, cresce a chamma,
O sentimento encobre, a angustia cála;
E quanto mais no féro ardor se inflamma,
Mais morre de paixão, com dor estála,
Porque deve com grande desafôgo
Mostrar que não se abraza ardendo em fogo.

6.

Quantas vezes por serras levantadas,
Por tremedaes crueis, lagos estigios,
De seu amado bem busca as pisadas,
De seu querido mal segue os vistigios?
Quantas vezes por selvas intrincadas,
Cantos, bêcos, buracos, escondrigios,
Examina, modéra, e alivia
O ciume, a saudade, e a agonia?

7.

Ja presumindo acaso que o caminho
De seu amor á outro está agradando,
Logo diz: que fará o meu bemzinho,
E com quem estará hoje brincando?
Finalmente de amor tão forte alinho
Marterisa ao que ama despresando,
Que eu julgo, que motiva com certeza
Maior damno ao amor de quem despreza.

8.

Tenho dito, Senhores Problematicos,
Mavortinos Heróes, Varões scientes;
Agora disfarçai erros provaticos,
Dizer tosco, e conceitos negligentes;
Vós que nesses discursos sois mais praticos,
Direis melhor em métros excellentes,
Que cada huma qui dizer pretende
Pelo menos, que sabe o mais, que entende.

Breve noticia sobre a vida de Thomaz Antonio Gonzaga, (natural de Pernambuco.)

JOÃO Bernardo Gonzaga, filho do Rio de Janeiro, servia o lugar de Ouvidor em Pernambuco, quando lhe naseeo o nosso Poeta. Passando-se á Bahia como Desembargador da Relação, começou alli a educação Litteraria de seu filho, em mui verdes annos. A desgraça, em que encorrera implicando-se com seos collegas em hum desacato feito ao Chanceller, por occasião de vagar o Governo, morrendo quem o exercia, foi causa de suspender-se por algum tempo a carreira dos estudos do joven *Thomaz Antonio Gonzaga*; mas isto só durou em quanto o Desembargador *João Bernardo*, seu Pae se justificava para proseguir na mesma carreira da Magistratura, á que foi restituido. *Gonzaga* pôde então seguir os estudos Academicos na Universidade de Coimbra; doctorou-se em Direito Civil, e foi logo despachado Ouvidor para *Villa-Rica*, hoje Cidade do *Ouro-Preto*.

Passou-se então de Lisboa ao Rio de Janeiro, e daqui á sua Comarca, onde administrou boa justiça. Recebeo o Despacho de Desembargador para a Relação da Bahia, e não se deo pressa, por esperar concluir o seo casamento com huma Sra. Mineira de muita honestidade e formosura, á quem *Gonzaga*, apellidando-se *Dirceo* a chamou *Marilia*, e lhe consagrou muitas Liras, que correm impressas com grande nomeada. Mas o nosso Poeta esperando o complemento de tão nobres desejos, deu motivo á desgraça em que foi abismado; a intriga interpretou esta sua demora como cumplicidade na sonhada conspiração, em que soube implicar *Alvarenga Peixoto*, e *Claudio Manoel*, como em proprio lugar dissemos. *Gonzaga* foi preso, remettido ao Rio de Janeiro, e sentenciado para o degredo de Moçambique, onde terminou os seos dias.

A collecção dos seos Poemas Eroticos, que correm impressos debaixo do titulo *Marilia de Dirceo* convenceo-nos do seu merecimento em Poesia; e a pesar de que mão extranha em alguns pontos os tenha alterado, e mesmo accrescentado novas Liras, como he facil de notar-se, principalmente na segunda parte da sua obra, todavia, a sua gloria como hum dos melhores Poetas Brasisleiros não fica obscurecida por essa temeridade.

LIRA XXIV.

Encheo, minha Marilia, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
As terras, e os ares,
O grande espaço dos salóbres rios,
Dos negros fundos mares.
Para sua defesa
A' todos dêo as armas, que convinhà
A' sabia Natureza.

Dêo as azás aos passaros ligeiros;
Dêo ao peixe escamoso as barbatanas;
Dêo veneno á serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba,
E ao javali o dente.
Coube ao leão a garra:
Com leve pé saltando o cervo foge:
E o bravo touro marra.

Ao homem deo as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas;
Dêo-lhe dedos ligeiros,
Que pódem converter em seu serviço
Os ferros e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjão raios, com que aos brutos córtão
Os vôos, mais os passos.

A's timidas donzellas pertencerão
Outras armas, que tem dobrada força:
Dêo-lhes a Natureza
Além de entendimento, aiêm das graças,
As armas da belleza.
Só ella ao Ceo se atreve;
Só ella mudar póde o gello em fogo,
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura,
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto,
Quem pôz em campo armada
Toda a força da Grecia.
E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
Só foi só foi Lucrecia.

Se pódem lindos rostos, mal suspirão,
O braço desarmar do mesmo Achilles;
Se estes rostos irados;
Pódem soprar o fogo da discordia
Em povos alliados;
Hes árbitra da terra;
Tu pódes dar, Marilia, a todo mundo
A paz, e a dura guerra.

LYRA XXVI.

TU não verás, Marilia cem captivos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudolos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa area,
E já brilharem as granetas de oiro
Nofundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeira ainda novas,
Servir de adubo á terra fertil cinza,
Lançar os grãos nas côva.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo:
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o çumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredabos feitos;
Vêrme-ás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consulto,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sabia historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cançado processo.

Se encontrares louvada huma belleza,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

LYRA XXVIII

Alexandre, Marilia, qual o rio,
Que, engrossando no Inverno, tudo arrasta,
Na frente das cohortes
Cérca, vence, abraza
As Cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro,
Morreo na flor dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata,
Foi, Marilia, sómente
Hum ditoso pirata,
Hum salteador valente;
Se não tem huma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
A sua mesma patria a fé quebranta,
Na mão a espada tóma,
Opprimi-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.
Consegue ser heróe por hum delicto;
Se acaso não vencesse, então seria
Hum vil traidor proscripto,

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os Imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o máo tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo;
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada.
Ganhei, ganhei hum throno,
Ah! não manchei a espada,
Não o roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito, e nos tens braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Huns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores
Atormentão remorsos, e cuidados;
Nem descanção seguros
Nos palacios cercados
De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabia historia,
A quem mudou o fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanço, e mais do gosto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto
De graças adornado;
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sóbe
A mais o meu desejo.

LYRA III.

Esprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios: no meu rosto
Não has dever, Marilia, o medo escrito:
O medo perturbado,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito,
As furias infernaes, que Pluto move;
Mais póde mais que todas
Hum só dedo de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,
A quem seu nome derão, a Narciso:
Fez de muitos os Astros,
Qu'inda no Ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Ceos por fins occultos
Em tão, tyranno mal me não socorrem,
Verás então, que os sabios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
Hum coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

LYRA XII.

SE acaso não estou no fundo Averno,
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,
As afflicções tyrannas, que aos Precitos.
Arbitra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes; rangendo os dentes.
Com a mão descarnada não me applicão
As raivosas serpentes.
Mas cercão-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha;
Ou em mover a roda;
Mas tenho ainda mais cruel tormento:
Por cousas que affligem, roda, e gira,
Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
A's tépidas entranhas não me come
Hum abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retirão, quando busco
Fartar o meu desejo:
Mas quer, Marilia, o meu distino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Estou no inferno, estou, Marilia bella;
E n'huma cousa só he mais humana
A minha dura estrella.
Huns não pódem mover do inferno os passos:
Eu pretendo vôar, e vôar cedo
A' gloria de teus baaços.

LYRA XVI.

ALma digna de mil Avôs Augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao vêr cahir os justos;
Honras as santas leis da humanidade:
E os teus exemplos deve
Gravar com letras de oiro no seu templo
A candida amisade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
Que vê com rosto enxuto
No seu igual a morte:
Não he tambem de Heróe hum peito duro,
Que a sua gloria firma,
Em que lhe não resiste o ferro, fogo
Nem legião nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!
He grande para mim, quem move os passos
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar podera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma Cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai, a quem detinha
A mão da longa idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chammas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira:
Inda por elle muito mais obrára:
E se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste,
Gêmera e suspirára.

Oh! quanto são duraveis as cadêas
De huma amizade, quando,
Se dão iguaes idéias!
Se apesar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha

Se o cháro amigo te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu fallo, hés tu, Marilia bella.
Ah! sim, honrado Amigo,
Se enxugar não poderes os seus olhos,
Prantêa então com ella.

LYRA XX.

Dirceo te deixa, ó bella,
De padecer cançado:
Frio suor já banha
Seo rosto descorado:
O sangue já não gyra pela vêa;
Seos pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se bacêa:
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seo espirito chega
Onde se pune o erro:
Late o cão, e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se apresenta,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa:
Enche-se de ternura, e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho,

Abre hum pasmado a bôca,
E a pedra não despede;
Outro já não se lembra
Da fome, e mais da sêde:
Descança o curvo bico, e a garra impia
Negro abutre esfaimado:
Nem na róca medonha a Parca fia.
Até as mesmas Furias inclementes
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes:
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio, em que ficão
Almas dignas de pena.
Já sahe do escuro Reino, e da memoria
Lhe passa tudo quanto
Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria.
Só, bem que o gôsto as turvas agoas tome,
Inda, Marilia, inda diz teo nome.

Entra já nos Elysios,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortão,
Que cobrem sempre rozas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as agoas puras,

Que o mel, e do que o leite mais suaves.
Aqui, diz elle, *espero a minha bella*;
Aqui contente viverei com ella.

Aqui... porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão desta alma;
Jove inda quer que eu viva:
Eu devo sim gozar teos doces laços;
E em paga dos meos males
Devo morrer, Marilia, nos teos braços.
Então eu passarei ao Reino amigo,
E tu hirás depois lá ter comigo.

LYRA XXVII.

EU vou, Marilia, vou brigar co' as feras?
Huma soltárão, eu lhe sinto os passos;
Aqui, aqui a espero
Nestes despidos braços.
He hum malhado tigre; á mim já corre,
Ao peito o aperto, estallão-lhe as costelas,
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora hum Leão: sacode a grenha,
Com faminta paixão á mim se lança;
Venha embora; que o pulso
Ainda não se cança.
Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraquêa, os olhos inchão,
Açoita o chão convulso, arqueja, e espira.

Mas que vejo, Marilia! Tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
Expoem a minha vida

No cêrco dos Ramanos?
Com ursos, e com onças eu não luto.
Luto c'o bravo monstro, que me accusa,
Que os tigres, e leões mais féro, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada;
Huma alma, qual eu tenho,
Não se rêcea á nada.
Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pizar-lhe o negro côllo, abrir-lhe o peito
C' as armas invenciveis da innocencia.

Ah! quando imaginar, que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo,
Hei de com mão honrada
Ergue-lhe o corpo immundo.
Eu então lhe direi: *Infame, indino,*
Obras como costuma o vil humano;
Faço, o que faz hum coração divino.

LYRA XXXVIII.

EU vejo aquella Deosa,
Astréa pelos Sabios nomeada;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada:
O vêl-a não me causa hum leve aballo
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe fallo:

Qual he o povo, dize,
Que comigo concorre no attentado?
O Americano Povo!
O Povo mais fiel, e mais honrado!

Tira as Praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do Luso Throno.

Eu vejo nas historias
Rendido Pernambuco aos Hollandezes;
Eu vejo saqueada
Esta illustre Cidade, dos Francezes;
Lá se derrama o sangue Brasileiro;
Aqui não basta, supre
Das roubadas familias o dinheiro...

Em quanto assim fallava,
Mostrava a Deosa não me ouvir com gosto;
Punha-me a vista teza,
Enrugava o severo, e acceso rosto:
Não suspendo com tudo no que digo,
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo, e assim prosigo.

Acabou-se, tyranna,
A honra, o zelo deste nobre Povo?
Não he aquelle mesmo,
Que estas acções obrou: he outro novo?
E póde haver direito, que te mova
A suppor-nos culpados,
Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas hum homem,
Ou por seo nascimento, ou seo thesouro,
Que aos outros mover possa
A' força de respeito, á força d'oiro?
Os bens, de quantos julgas rebelados,
Podem manter na guerra,
Por hum anno se quer, a cem Soldados?

Ama a gente assisada
A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
Que ponha huma acção destas
Nas mãos d'hum pobre, sem respeito, e louco?
E quando a commissão lhe confiasse,
Não tinha pobre somma,
Que por paga, ou esmola lhe mandasse?

Nos limites de Minas,
A quem se convidasse não havia;
Hir-se-hião buscar socios
Na Colonia tambem, ou na Bahia?
Está voltada a Côrte Brasileira
Na terra dos Suissos,
Onde as Potencias vão erguer bandeira?

O mesmo autor do insulto
Mais á riso, do que á terror me move;
Deo-lhe nesta loucura,
Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
A prudencia he tratal-o por demente;
Ou prendel-o, e entregal-o,
Para delle zombar a moça gente.

Aqui, aqui a Deosa,
Hum extenso suspiro aos ares sólta;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta:
Tu te irritas! Lhe digo; quem te offende?
Ainda nada ouviste
Do que respeita á mim, socega, attende.

E tinha que offertar-me
Hum pequeno abatido, e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Co' as suas proprias armas consternado!

Achas tambem, que sou tão pouco esperto,
Que hum bem tão contingente
Me obrigasse á perder hum bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,
Que a extinção do debito pedia?
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Hum direito arriscado eu busco, e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do iusulto, e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha,
A' mais formosos campos me convida?
Não me uníra, se houvesse, aos vís traidores;
Daqui nem oiro quero;
Quero levar sómente os meos amores.

Eu, ó céga, não tenho
Hum grosso cabedal dos pais herdados;
Não recebi no emprêgo,
Nem tenho as intrucções d'hum bom Soldado.
Far-me-hião os rebeldes o primeiro
No Imperio, que se erguia
A' custa do seo sangue, e seo dinheiro?

Aqui, [illegible]

A D[illegible]

SONETO,

Por

GONZAGA,

Despedindo-se para a Bahia, quando foi despachado Desembargador daquella Relação.

OBREI quanto o discurso me ditava;
Ouvia aos Sabios, quando errar temeia;
Aos bons no gabinete o peito abria;
Na rua á todos; como iguaes, honrava.

Julgando crimes, nunca o vôto dava
Mais pio, ou duro, do que a Lei pedia;
Devendo de salvar ao justo, ria;
Devendo de punir ao réo, chorava.

Não forão, Villa-Rica, os meos projectos
Metêr no férreo cofre copia d'oiro;
Que sóbre aos filhos, e que chegue aos nétos: